

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

LEONARDO BRENO MARTINS

*“Contatos imediatos”: investigando personalidade, transtornos
mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas
com óvnis e alienígenas*

(Versão corrigida)

**São Paulo
2011**

LEONARDO BRENO MARTINS

“Contatos imediatos”: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas
(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de mestre em psicologia.

Área de Concentração:

Psicologia Social

Orientador:

Prof. Dr. Wellington Zangari

SÃO PAULO
2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catologação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Martins, Leonardo Breno.

Contatos imediatos: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas. / Leonardo Breno Martins; orientador Wellington Zangari. -- São Paulo, 2011.

330 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Personalidade 2. Psicopatologia 3. Atribuição de causalidade
4. Experiências anômalas I. Título.

BF698

FOLHA DE APROVAÇÃO

Leonardo Breno Martins

“Contatos Imediatos”: Investigando Personalidade, Transtornos Mentais e Atribuição de Causalidade em Experiências Subjetivas com Óvnis e Alienígenas

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Aprovado em: ____/____/____

Orientador

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*A meus pais, pilares sem os quais nenhum
esforço meu poderia ser erguido.*

*Aos curiosos que buscam equilíbrio
entre o ceticismo e a admiração.*

Agradecimentos

A gratidão não é mera formalidade, mas um lembrete do quanto cada empreitada é construção de muitos. Assim, agradeço da forma mais profunda:

Ao Prof. Dr. Wellington Zangari, orientador e amigo dedicado, tanto pelos ensinamentos imprescindíveis quanto pelo encorajamento em forma de acolhida e exemplo.

À Profa. Dra. Fátima Regina Machado, por oferecer apoio e pelas opiniões precisas.

Aos Profs. Drs. Geraldo José de Paiva e Altay Lino de Souza pelos importantes comentários e sugestões feitos no Exame de Qualificação desta dissertação.

Aos participantes desta pesquisa, voluntários que doaram não apenas tempo, mas fragmentos de sua vida que lhes são muito caros. E o fizeram, muitas vezes, à custa de coragem. Sem eles, além de não ter sido realizada, esta pesquisa perderia sentido.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil) pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

Aos meus parentes José Geraldo, Andréa, Rublo, Pablo, Thales e Maria Paula, que me abriram as portas como se, na verdade, eu tivesse nascido em sua casa.

À estaticista e amiga Nayara Gonçalves, que doou tempo e conhecimento para ampliar minhas noções sobre estatística e tornar possível a concretização deste trabalho.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Nalva, Cecília e Rosângela, pelo cuidado, disponibilidade, paciência, interesse e afeto.

Aos grandes amigos do Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (Inter Psi-USP) Everton, Maciel, Alessandro, Livea, Vanessa, Fábio, Mônica, Vera, Suely e Fernanda, que estiveram ao meu lado na caminhada e me mostraram, com palavras e exemplos, o quanto a construção do conhecimento é dura, mas também divertida.

Aos amigos Ubirajara Rodrigues, Carlos Alberto Reis, Gilda Moura, Rafael Cury, Mário Rangel e Carlos Alberto Machado pelo auxílio na obtenção de participantes e/ou pelas valiosas opiniões.

Aos demais amigos que, de uma maneira ou outra, auxiliaram na realização deste trabalho. Alguns de vocês nem suspeitam que ajudaram...

E, novamente, aos meus pais Sônia e José Alberto, pois não há agradecimentos que bastem. Sob a mesma ótica (e também inspiração das palavras do pesquisador e amigo Alessandro Shimabucuro, já citado), agradeço também a meus queridos avós, tios, irmã, sobrinho, primos e demais parentes, próximos ou distantes no tempo, que, muitas vezes sob condições adversas, desempenharam um papel crucial para que eu pudesse viver e realizar este trabalho.

*O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.*

*Como pode existir, pensou consigo, um ser
que, no existir, põe tamanha anulação de existência?*

*Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.
Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.*

E fiquei só em mim, de mim ausente.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Martins, L. B. (2011). *“Contatos imediatos”*: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas. Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa compara pessoas que alegam experiências anômalas e que não as alegam quanto aos cinco grandes fatores da personalidade, indicadores de transtornos mentais e atribuições de causalidade. O recorte incide sobre experiências caracteristicamente contemporâneas, que mencionam objetos voadores não-identificados (óvnis) e eventos correlatos, como alegadas visões de alienígenas. As variáveis foram escolhidas para o estudo devido ao seu papel teórico na edificação das experiências e aos achados contraditórios da literatura a respeito. O tema foi escolhido por se tratar de uma das categorias menos investigadas de experiências anômalas, especialmente no Brasil, mas cuja elevada prevalência e conotações psicossociológicas são particularmente relevantes na contemporaneidade. As variáveis são investigadas pelo uso de instrumentos apropriados para o contexto brasileiro e por roteiros de entrevista semi-abertos que possibilitaram abordar as experiências e atribuições de causalidade. Concluo que as experiências não podem ser prontamente explicadas enquanto resultantes de tendências de personalidade como dificuldades emocionais no enfrentamento da realidade e busca por estimulação e fantasia, tampouco como consequentes a transtornos mentais formais. Contudo, outras características de personalidade e discutíveis indicadores pré-mórbidos sinalizam possibilidades para novos estudos. Finalmente, as atribuições causais revelam complexas relações entre variáveis psicossociais e biológicas sem as quais as experiências óvni e seus protagonistas não podem ser contextualizados e compreendidos.

Palavras-chave: Personalidade. Psicopatologia. Atribuição de causalidade. Experiências anômalas.

ABSTRACT

Martins, L. B. (2011). *“Close encounters”*: investigating personality, mental disorders and attribution of causality in subjective UFO and alien experiences. Thesis (Master), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This research compares people who claim to have had anomalous experiences and those who do not, in what refers to the Big Five personality factors, indicators of mental disorder and causal attributions. The delimitation focuses on the typical contemporary experiences of unidentified flying objects (UFOs), and related events such as alleged visions of aliens. The variables were chosen because of their theoretical role in building the experience and the contradictory findings about them found in literature. The theme was chosen because it is one of the less investigated anomalous experiences, especially in Brazil, but its high prevalence and psycho-sociological connotations are particularly relevant in contemporary context. The variables are investigated by using instruments appropriate for the Brazilian context and scripts for semi-open interviews that allow to explore the experiences and causal attributions. I conclude that the experiences can not be readily explained as resulting from personality traits as emotional difficulties facing reality and search for stimulation and fantasy, nor as resulting from formal mental disorders. However, other personality characteristics and possible premorbid indicators suggest possibilities for further research. Finally, causal attributions reveal complex relationships between biological and psychosocial variables without which the protagonists and their UFO experiences cannot be contextualized and understood.

Keywords: Personality. Psychopathology. Attribution of causality. Anomalous experience.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Equivalência das amostras quanto aos dados demográficos principais.....	117
Tabela 2 – Resumo das estatísticas descritivas dos grupos quanto à idade.....	117
Tabela 3 – Tabela de frequências absolutas e relativas dos dados demográficos.....	129
Tabela 4 – Testes de proporção para achados demográficos.....	135
Tabela 5 – Resultados dos testes de proporção para “terapia holística”.....	135
Tabela 6 – Resultados dos testes de proporção para crenças religiosas.....	136
Tabela 7 – Resultados dos testes de proporção para fontes de informação.....	137
Tabela 8 – Resultados dos testes de proporção para experiências anômalas.....	138
Tabela 9 – Tabela de médias dos escores T nos fatores e facetas da personalidade.....	139
Tabela 10 – Tabela dos valores p para fatores e facetas nos testes de normalidade.....	140
Tabela 11 – Resultados dos testes t-student para os fatores e facetas E1xC1.....	142
Tabela 12 – Resultados dos testes t-student para os fatores e facetas E2xC2.....	143
Tabela 13 – Resultados dos testes de Mann-Whitney para facetas da personalidade...	144
Tabela 14 – Tabela de frequências absolutas e relativas de transtornos mentais.....	145
Tabela 15 – Testes de proporção para transtornos mentais.....	150
Tabela 16 – Testes de proporção para transtornos mentais.....	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo E1	119
Gráfico 2 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo C1.....	119
Gráfico 3 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo E2.....	120
Gráfico 4 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo C2.....	120
Gráfico 5 – Referenciais religiosos conforme os grupos	136
Gráfico 6 – Fontes de informação sobre óvnis no grupo E1.....	137
Gráfico 7 – Proporção de EAs no histórico de vida conforme grupo.....	138
Gráfico 8 – Tipos de Experiência Anômala por grupo.....	139
Gráfico 9 – Prevalência de transtornos mentais por grupo.....	151
Gráfico 10 – Proporção de indicadores no grupo E2.....	151

SUMÁRIO

Apresentação	13
 PARTE 1 – Revisão bibliográfica e referenciais teóricos	
Capítulo 1 - Introdução.....	15
Capítulo 2 - Relevância.....	22
Capítulo 3 - Justificativa.....	33
Capítulo 4 - Experiências anômalas: uma breve introdução.....	39
Capítulo 5 - Experiências óvni: uma breve introdução.....	47
Capítulo 6 – O modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade.....	75
Capítulo 7 - Psicopatologia fenomenológica.....	86
Capítulo 8 - Teoria da atribuição de causalidade.....	92
Capítulo 9 - “Causos” e lendas urbanas.....	102
 PARTE 2- Métodos, resultados e discussões	
Capítulo 10 – Estrutura da pesquisa.....	110
10.1. Objetivos gerais.....	110
10.2. Objetivos específicos	111
10.3. Amostras.....	111
10.4. Materiais (NEO PI-R, MINI PLUS, roteiro de entrevista, equipamentos).....	121
10.5. Hipóteses iniciais.....	124
10.6. Plano de trabalho.....	125
10.7. Questões éticas.....	126
10.8. Questões de ordem financeira e prática.....	127
Capítulo 11 - Resultados quantitativos.....	128

11.1. Achados demográficos.....	128
11.2. Fatores e facetas da personalidade	139
11.3. Saúde mental.....	145
Capítulo 12 – Resultados qualitativos	153
12.1. Padrões de descrição e narrativa.....	154
12.2. Saúde mental e organização vital.....	159
12.3. Atribuição de causalidade.....	171
12.4. Alguns acréscimos do diário de campo.....	188
Capítulo 13 – Discussão.....	193
13.1. Achados demográficos.....	193
13.2. Personalidade.....	203
13.3. Saúde mental.....	216
13.4. Atribuição de causalidade e outras questões psicossociais.....	225
13.5. Ressalvas, críticas e sugestões.....	249
Capítulo 14 – Conclusões.....	255
Referências Bibliográficas.....	258
Apêndices.....	268
Anexos.....	319

Apresentação

Esta dissertação de mestrado apresenta uma pesquisa quantitativa e qualitativa acerca do perfil psicológico de pessoas que alegam experiências em primeira mão com objetos voadores não-identificados (óvnis) e/ou entidades por elas consideradas alienígenas, extraterrestres ou denominações semelhantes. Com intuito complementar, as experiências subjetivas foram, em si mesmas, investigadas qualitativamente através da averiguação e discussão de seus padrões e de variáveis intra e intersubjetivas que as contextualizam.

Dividi o texto em duas partes. A primeira, *Revisão Bibliográfica e Referenciais Teóricos*, contextualiza o tema da pesquisa no âmbito da psicologia anomalística e da psicologia social, apresentando sua relevância, justificativas para a realização do trabalho e uma síntese da literatura de referência. A segunda parte, *Métodos, Resultados e Discussões*, apresenta objetivos, métodos, questões éticas e práticas, plano de trabalho, hipóteses testadas, os dados colhidos, as análises quantitativas e qualitativas, ressalvas e conclusões.

Em função de sua natureza quantitativa e qualitativa, e em face aos desafios impostos pelo complexo objeto de estudo sobre o qual se debruça, o trabalho se sustenta em variados referenciais teóricos. Alguns constituem abordagens específicas (Modelo Big Five da personalidade, Teoria da Atribuição de Causalidade, Psicopatologia Fenomenológica), enquanto outros são sistematizações de diferentes contribuições em torno de um objeto de estudo específico (experiências anômalas, experiências óvni, causos, lendas urbanas). Pretendo, dessa forma, que as diferentes perspectivas se dinamizem mutuamente e compensem pontos fracos umas das outras, para que o objeto de estudo não seja compreendido de modo atomizado, fragmentado, e sim sob uma tentativa de integração.

Finalmente, em concordância com as opiniões de Ribeiro (2003), decidi utilizar a primeira pessoa em alguns momentos, evitando o abuso da voz passiva. Isso não apenas é uma questão estilística, mas um lembrete de minha implicação pessoal em cada idéia.

Parte 1

Revisão Bibliográfica e

Referenciais Teóricos

Capítulo 1: Introdução

Ao penetrar tantos segredos, deixamos de acreditar no desconhecido. No entanto, lá ele permanece, lambendo suas feridas.

H. L. Mencken

A partir da década de 1970, a psicologia tem resgatado temas de pesquisa que, a despeito de sua aparente heterodoxia e posterior marginalização, estiveram intimamente relacionados com o próprio surgimento da disciplina enquanto ciência. Ao longo do século XIX e início do século XX, nomes influentes na história da psicologia como William James, Carl Jung e Wilhelm Wundt, entre outros, explicitaram grande interesse por temas como estados alterados de consciência e fenômenos ditos paranormais. A investigação direta de experiências relacionadas a esses temas chegou a ser determinante na edificação de teorias psicológicas influentes. Entre os melhores exemplos estão formulações sobre dissociação, psicopatologia e inconsciente a partir do estudo de experiências mediúnicas, ligadas ao espiritismo, e hipnóticas, relacionadas ao mesmerismo, por autores como Frederic Myers, Pierre Janet, Théodore Flournoy, Jean-Martin Charcot e Sigmund Freud (cf. revisão de indícios históricos em Alvarado, Machado, Zangari e Zingrone, 2007; Cardeña, Lynn & Krippner, 2000; Keeley, 2002; Neubern, 2009).

Em anos recentes, cunhou-se o termo “experiências anômalas” para designar experiências em algo divergentes das experiências habituais ou do consenso cultural ou científico sobre o que é possível ocorrer, embora não haja relação obrigatória com patologia ou anormalidade (Cardeña et al., 2000). Entre as experiências anômalas mais investigadas na literatura científica atual estão aquelas em estados alterados de consciência, alucinações em

populações não-clínicas, mediunidade, experiências de quase-morte, fenômenos psi (i.e., percepção extrassensorial, psicocinese), sonhos lúcidos, visões de entidades peculiares (e.g., anjos, santos, demônios, espíritos dos mortos, alienígenas, personagens folclóricos) e memórias de supostas vidas passadas (cf. ampla revisão em Cardeña et al., 2000).

Em face da heterodoxia desses temas e de sua frequente associação com referenciais religiosos, esotéricos e pseudocientíficos em geral, convém mencionar que o estudo psicológico das experiências anômalas não necessita compartilhar ou rejeitar crenças que possam acompanhá-las ou mesmo fundamentá-las no cotidiano cultural. Tampouco tal estudo necessita crer ou descrer na realidade objetiva ou externa da experiência. Ao considerar as experiências anômalas como realidades vividas (o que, no mínimo, são), os dados relacionados podem ser estudados pela psicologia como quaisquer outros de ordem subjetiva (Almeida & Lotufo, 2003).

Dentre as numerosas classes de anomalias referidas na literatura, o recorte para o presente estudo incide sobre a categoria discutida como possivelmente a mais importante de experiências anômalas tipicamente contemporâneas, em termos de mobilização social e revitalização de elementos mitológicos (Bullard, 1989; Dewan, 2006b), a saber, visões de objetos voadores não-identificados (óvnis), entidades tidas como extraterrestres e experiências afins. Ao longo do texto, episódios do gênero serão chamados simplesmente de “experiências óvni”, exceto quando houver necessidade de maior especificação.

Desde a década de 1940, as experiências óvni aumentam em número, complexidade e notoriedade nos meios urbanos e rurais em todo o mundo, com respeito apenas relativo por fronteiras culturais e com grande disseminação no Brasil (e.g., Suenaga, 1999), embora se careça de dados formais sobre a prevalência nacional. Quanto à sua prevalência global, pesquisas majoritariamente encontraram índices de 10% (cf. predominância em Schuessler, 2000), com extremos de 5% e 25% (Dewan, 2006a; Hough & Rogers, 2007-2008; Schuessler, 2000) de protagonistas entre a população em vários países. Em muitos episódios,

especialmente os mais complexos (e.g., alegados sequestros por alienígenas), os protagonistas podem apresentar extenso leque de patologias físicas e psíquicas aparentemente posteriores e não raro graves (Appelle, Lynn & Newman, 2000; Bullard, 1989; McLeod, Corbisier & Mack, 1996; Suenaga, 1999). Com frequência, são também estigmatizadas como loucos, endemoninhados ou charlatães. Podem ainda ser veneradas como líderes religiosos e figuras messiânicas (Lewis, 1995; Suenaga, 1999). A coletividade também é atingida, na forma de agitação popular, comoção religiosa e mesmo pânico generalizado (Lewis, 1995; Suenaga, 1999).

O acrônimo óvni (tal como seus equivalentes idiomáticos) designa, em diversas culturas, luzes e objetos incomuns, alegadamente vistos no céu e mesmo no solo, com frequência (embora não exclusivamente) entendidos como veículos espaciais pilotados por seres extraterrestres. Conotações menos populares os definem como formas de vida em si mesmos (terrestres ou não), veículos sobrenaturais que transportam espíritos, demônios ou anjos, armas secretas militares, entre outras possibilidades.

Assim, esta dissertação apresenta minha pesquisa de mestrado, na qual investiguei quantitativamente o perfil psicológico de pessoas que alegam experiências óvni, das mais “simples” (i.e., visões de objetos ou luzes distantes e fugidias) às mais “complexas” e delongadas (i.e., sequestros, contatos amistosos, orientações de cunho espiritual). Tal perfil psicológico abrange características de personalidade e saúde mental, investigados com instrumentos psicológicos adequados ao contexto brasileiro e sob referenciais teóricos adiante explicitados. Complementarmente, investiguei as experiências óvni em si mesmas, a partir de um enfoque qualitativo que procurou atrelar uma compreensão dos episódios e seus significados tal como vivenciados, processos pelos quais cada voluntário concluiu pela origem extraordinária das experiências e a contextualização cultural das mesmas. Portanto, almejo abordar dimensões fenomenológicas e ontológicas das experiências óvni, tanto ao investigar variáveis que são objeto de controvérsia na literatura enquanto possíveis causas,

como ao buscar compreender a perspectiva dos protagonistas inseridos em dinâmicas culturais e mesmo biológicas.

Escolhi o termo óvni para esta dissertação por ser ele mais inclusivo que outros comuns no Brasil para nomear eventos semelhantes ou associados, entre os quais cito alguns que encontrei em incursões de campo¹: Mãe do Ouro, Fogo Corredor, Alamoia, Mboi-guaçu, Disco Voador, Moema, Boitatá, Chupa-chupa, Alma Penada, João Galafuz, Carro-fantasma, entre outros tantos que sugerem a riqueza cultural ligada a essas experiências. A razão para se agrupar tão extenso leque de entidades folclóricas sob o mesmo rótulo está tanto na similaridade de aparência e comportamento apreendida pelos protagonistas (detectável via redução fenomenológica²) quanto no comum uso de dois ou mais desses termos, em um mesmo contexto cultural, para descrever um mesmo episódio. Logo, tal aproximação já é exercida no cotidiano, justificando sua pertinência.

Como fenômeno correlato, um número significativo de protagonistas alega a presença associada de entidades de aparência viva, rotuladas por eles, conforme referenciais culturais prévios, enquanto extraterrestres, ultraterrestres (i.e., seres de outras dimensões), intraterrestres (i.e., seres oriundos de civilizações avançadas que viveriam no interior do planeta Terra), militares, demônios, anjos, robôs e entidades folclóricas e religiosas em geral. O termo *alienígena*, além de também frequente, parece mais inclusivo ao abarcar, pela acepção original da palavra, aquilo que é estranho ou estrangeiro, o que me motiva a usá-lo

¹ São termos mencionados por protagonistas de experiências diretas e não apenas em reproduções de “causos” ou lendas urbanas que se propagam muitas vezes sem a necessidade de relatos em primeira mão.

² Deste modo, as experiências alcunhadas dos mais diferentes modos, de acordo com a cultura local, descrevem quase invariavelmente luzes anômalas de dimensões similares (ou pequenas, do tamanho de uma bola de basquete ou menores, ou, quando no outro extremo, tipicamente de dimensões próximas às de um automóvel ou maiores), voo errático e silencioso (ou com sutil barulho, costumeiramente comparado a um chiado). Embora as descrições sejam aproximadas, as interpretações variam drasticamente. Deste modo, como exemplo, enquanto a Mãe do Ouro surgiria para revelar locais com ouro escondido, o Chupa-chupa desejaria drenar sangue e fluídos vitais de suas vítimas. Por sua vez, redução fenomenológica é o processo pelo qual se suspende temporariamente os juízos teóricos sobre o objeto de interesse, em prol da busca por sua essência tal como experienciada pelo sujeito do conhecimento (Forghieri, 1993).

com frequência. Trechos breves, retirados de entrevistas concedidas a mim durante a coleta de dados, fornecem ilustrações de experiências óvni, aqui a título meramente introdutório:

Era um objeto brilhante, em forma de charuto, bem grande... bem luminosa, uma luz amarelada... com movimentos de pulsação.... Depois de um tempo, essa luz lança uns feixes pra baixo... uns quatro feixes, em direção à terra.... Isso gerou um misto de pânico e atenção das pessoas que estavam comigo, uma menina que estava [no local] começa a chorar (participante E1.5).

Tinham dois seres cinza me olhando e que faziam um som estranho... que parecia [som de] abelhas [tenta reproduzir o som, à semelhança de um zumbido grave].... Eles eram cinza, um cinza claro, olhos pretos grandes, eles olhavam um para o outro lentamente.... hoje eu sei que... eram seres extraterrestres mesmo (participante E2.10).

Eu vi um objeto bem grande... com as luzes acesas.... Era em forma de disco.... Aí eu vi um jato que parecia que ia descer em Confins [Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Minas Gerais].... Na hora que o jato aproximou dele [do óvni], ele apagou as luzes... ficou tipo uma estrela.... O jato passou e as luzes acenderam de novo (participante E1.4).

Por quatro oportunidades, eu estive fora do planeta a bordo de naves espaciais alienígenas.... plenamente consciente, acordado.... A primeira viagem a bordo de uma espaçonave... nós [os alienígenas e ele] fomos até a Lua; houve uma alunissagem.... Havia algumas janelas [na nave], que,

de dentro pra fora, dava a nítida impressão de que era vidro. Agora, de fora pra dentro, era metal.... A terceira vez que eu estive fora do planeta, eu fui até Marte... eu tive que vestir um traje espacial adequado porque houve um pouso... eu caminhei por Marte (participante E2.4).

Desse modo, dado se tratar de uma pesquisa em psicologia, não almejo investigar os alegados óvnis e entidades “em si”, mas as dimensões intra e intersubjetivas que edificam as intrincadas experiências humanas agrupadas sob esses rótulos. Dado que a experiência existe, no mínimo, enquanto subjetiva, e que este estudo primeiramente assim as considera, não se poderia acusá-lo enquanto “paranormófilo”³, ou seja, um esforço aprioristicamente orientado à defesa da realidade objetiva ou externa da experiência anômala em questão, i.e, os popularmente chamados “contatos imediatos” com alienígenas. Tampouco, resgatando a epígrafe que inicia este capítulo, não pretendo esgotar o mistério do tema, fornecer explicações definitivas, ignorar a possibilidade de um eventual substrato externo para alguns episódios ou “matar o mito”. Ao contrário, os mitos⁴ apenas persistem em face das mudanças sócio-históricas se eles mesmos sofrerem alterações, adotarem novas roupagens e linguagens. Espero, pois, que cumulativas abordagens científicas do tema, desde que atentas à complexidade em jogo, possam contribuir para dinamizar o mito óvni, dando-lhe feições complementares àquelas já arraigadas. Portanto, igualmente não procederia acusar este estudo enquanto “paranormofóbico”⁵, ou seja, aprioristicamente avesso à importância do tema e à possibilidade das experiências remeterem a um fenômeno efetivamente anômalo.

Ainda quanto aos delineamentos iniciais, o foco do estudo incide sobre experiências diretas e seus protagonistas, e não àqueles relatos difundidos na cultura sem que haja um

³ Cf. discussão do termo em Machado (2009, p. 245-246).

⁴ Aproveitando-me de uma obra que discute o termo em relação às experiências óvni, assumo “mito” não enquanto sinônimo de falsidade ou engano, mas ícone que, independente de sua natureza última, cumpre funções intra e intersubjetivas como personificar e manter viva a dimensão do mistério, validar ordens sociais, significar a vida e a morte (Reis & Rodrigues, 2009).

⁵ Cf. discussão do termo em Machado (2009, p. 245-246).

narrador original identificado, à semelhança do que ocorre com lendas urbanas e boatos vagos. Assim, exceto quando expresso o contrário, todas as próximas menções a relatos dizem respeito a narrativas de primeira mão. Embora os gêneros “causo” e lenda urbana sejam aqui discutidos, esses emergem apenas para permitir abordar dimensões sociológicas que nutrem experiências e relatos diretos, não sendo, portanto, o foco.

As áreas fundamentais abrangidas pela pesquisa são a psicologia social, devido aos processos de atribuição de causalidade e às demais discussões de cunho psicossocial, a psicologia anomalística, definida como o estudo psicológico das experiências anômalas, a psicopatologia, pelo estudo de indicadores de transtornos mentais dos voluntários, e a avaliação psicológica, devido ao uso de instrumentos psicológicos e análises estatísticas.

Capítulo 2: Relevância

*Se, a princípio, a idéia não é absurda,
então não há esperança para ela.*

Albert Einstein

Dada a heterodoxia do tema óvni e sua aparente ausência de importância na vida de muitas pessoas, a questão da relevância de uma pesquisa de mestrado a respeito logo se ergue. Embora diversos aspectos de minha defesa quanto à relevância estejam distribuídos pelo texto, cumpre fornecer argumentos iniciais.

O estudo das experiências óvni pode se inserir em diversas áreas maiores, agregando suas respectivas relevâncias. De início, esta pesquisa adentra a Psicologia Social pelo uso do referencial teórico da atribuição de causalidade (Dela-Coleta & Dela-Coleta, 2006; Heider, 1958; Spilka, Shaver & Kirkpatrick, 1985) e de discussões sociológicas sobre os gêneros narrativos “causo” (Câmara, 2007; Dantas, 2005; Hartmann, 2000, 2005) e “lenda urbana” (Dion, 2008; Lopes, 2008), além das implicações psicossociais que motivam a pesquisa e lhe conferem sentido.

De modo mais específico, o estudo se insere na subárea da psicologia social de fenômenos histórico-culturais específicos⁶ por investigar uma categoria de experiências humanas tipicamente contemporâneas em termos de suas amplas dimensões psicossociais, edificadas ao longo dos últimos quase setenta anos. Desde a década de 1940, a partir de quando os relatos sobre óvnis começaram a se difundir maciçamente pelo mundo e se convencionou inaugurada a “Era Moderna dos Discos Voadores” (e.g.,

⁶ Trata-se de uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Suenaga, 1999), as experiências se tornaram altamente recorrentes e repletas de significados vivos no cotidiano coletivo. Tal como sugeriu Dewan (2006b), os relatos sobre óvnis compõem a categoria mais importante de narrativas sobre luzes anômalas em termos de mobilização social, abarcando crenças e experiências diversas, episódios de variados níveis de profundidade, teorias conspiratórias, interesse coletivo por ciência e vida extraterrestre, entre outros temas potencialmente interessantes à psicologia social. Considerando as experiências enquanto uma manifestação moderna de dimensões folclóricas tradicionais, Bullard (1989) conclui ser o ícone óvni a quintessência das lendas modernas. Assim, o relevante estudo da interdependência entre intra e intersubjetividade possui nas experiências óvni um privilegiado objeto, potencialmente descortinador de fenômenos obscuros e pouco conhecidos.

Ainda em termos culturais potencialmente interessantes à psicologia social, as experiências óvni brasileiras apresentam conotações intrusivas e exóticas distintivas em relação àquelas descritas em outros países. As experiências estrangeiras mencionam majoritariamente visões simples de luzes e objetos, contatos egossintônicos com entidades benevolentes bastante semelhantes entre si e experiências de sequestro com padrões que se tornaram clássicos (e.g., Appelle et al., 2000; Lewis, 1995; Mack, 1994). Por sua vez, além dos referidos tipos de episódios, as experiências brasileiras são repletas de alegadas perseguições em locais isolados, diálogos exóticos, confrontos físicos intensos e diretos (i.e., brigas corporais) com pretensos alienígenas, entidades de aparências muito diversas, agressivos feixes de luz atribuídos aos óvnis, queimaduras e outros sinais e sintomas que parecem contribuir para o desenvolvimento de vários quadros ansiosos em protagonistas, entre outros (e.g., Moura, 1996; Suenaga, 1999).

Como exemplo, talvez as experiências óvni intrusivas mais notórias no mundo tenham ocorrido no final da década de 1970 no norte do Estado do Pará. À ocasião, as experiências altamente recorrentes se associaram a pânico coletivo, debandada populacional, fervor religioso, vigílias armadas, uso de fogos de artifício para tentar afugentar os alegados

óvnis, trinta e cinco internações de protagonistas queimados e com indícios de anemia no hospital municipal de Colares e a morte de três alegados protagonistas. Houve a necessidade de presença de um grupo da Aeronáutica Brasileira no local, para acalmar a população (e.g., Suenaga, 1999), e os episódios paraenses ainda são amiúde lembrados pela mídia televisiva e escrita. Agitações coletivas semelhantes ainda ocorrem com frequência no interior do país e mesmo em alguns centros urbanos, caracterizando um fenômeno cultural plenamente atual, como também já tive oportunidade de confirmar em diversas incursões de campo.

Assim, não apenas a quantidade, mas a especificidade das experiências brasileiras carece de enfoque científico, dado que quase toda a literatura acadêmica acerca das experiências óvni, como se verá no próximo capítulo, foi produzida em outros países. Finalmente, estudos transculturais são importantes, tendo em vista as elevadas complexidade e frequência de tais experiências em diferentes culturas, para se investigar quais características são invariáveis e quais são moldadas pelo ambiente e crenças individuais (Almeida & Lotufo, 2003; Appelle et al., 2000; Hough & Rogers, 2007-2008). Aqui se insere parte da relevância social de se estudar personalidade e eventuais indícios de transtornos mentais entre protagonistas brasileiros, para se delinear a importância de tais variáveis e o quanto se ajustam aos achados em outras culturas, com vistas em possibilitar uma compreensão ampla dessas experiências anômalas tipicamente contemporâneas e os arranjos sociais nos quais se inserem.

A pesquisa busca fundar alicerces elementares sobre os quais poderão ser implementadas investigações futuras mais profundas sobre o tema, proporcionais às incógnitas que se fundam diante dos achados e discussões ao redor das elementares hipóteses descritas no capítulo 10. Assim, abrem-se precedentes para maiores investigações acerca de interfaces entre cotidiano cultural, saúde mental, personalidade e experiências anômalas. Ademais, os achados pretendem ter implicações psicossociais e clínicas imediatas, ao contribuir para a compreensão de fenômenos intra e

intersubjetivos importantes e abrir precedentes para intervenções atentas às demandas altamente específicas de numerosas pessoas e grupos envolvidos em experiências que mencionam pretensos óvnis e alienígenas.

Por sua vez, as experiências óvni agregam a relevância das experiências anômalas em geral, que pode ser sintetizada em três direções. Primeiramente, as experiências são pessoal e culturalmente relevantes, de modo que muitas pessoas as vivenciam e outras tantas também são impactadas por elas de modo religioso, por proximidade com protagonistas, na construção social da realidade etc. (Cardeña et al., 2000). Como se verá adiante, o impacto das experiências diretas ou protagonizadas por membros dos círculos sociais próximos atinge vários níveis, entre os quais organização familiar, trabalho, crenças e práticas religiosas, entre outros. Apenas como ilustração adicional desse ponto para além das experiências imediatas, alienígenas se apresentam como tema de imenso interesse popular, o que pode ser vislumbrado por inúmeras, culturalmente impactantes e rentáveis obras de ficção (Kuhn, 1990; Lucanio, 1987), entre as quais o filme de maior bilheteria da história do cinema, *Avatar*, lançado em 2009.

Segundo, as teorias científicas permanecem bastante incompletas ao pouco atentar para estas experiências, dado que podem sinalizar lacunas de conhecimento sobre o funcionamento psicológico humano (Cardeña et al., 2000). Como exemplo, dados epidemiológicos há mais de um século sugerem que mais de 10% da população geral apresenta alucinações ao longo da vida (Sidgwick, 1894, citado por Berrios, 1996). Porém, há pouco conhecimento sobre alucinações na população não-clínica, de modo a ressaltar a relevância de se conhecer os mecanismos dessas alucinações e suas distinções e semelhanças com os episódios experimentados por portadores de transtornos mentais (Bentall, 2000). A esse respeito, Cardeña et al. (2000) parafraseiam William James, ao apontar que

a psicologia não pode se dizer abrangente se falhar em dar conta das variedades das experiências distintas daquelas consideradas normais. Para compreendermos completamente a totalidade da experiência humana, precisamos fornecer explicações razoáveis para fenômenos que, embora incomuns... ou aparentemente inverossímeis ... são uma parte importante da totalidade da experiência humana⁷ (p. 16).

Finalmente, desenha-se uma relevância clínica, dado que muitos protagonistas recebem diagnósticos equivocados de profissionais de saúde despreparados para lidar as experiências (Almeida & Lotufo, 2003; Cardeña et al., 2000). Ademais, ainda no cerne das implicações clínicas, as experiências anômalas podem prover benefícios à saúde e bem-estar psicológicos improváveis nas experiências ordinárias, como uma acelerada, positiva, radical e estável reestruturação da vida do protagonista após a experiência (Cardeña et al., 2000; Menezes Júnior & Moreira-Almeida, 2009). Portanto, cabe compreender essas experiências tanto para aproveitar seu potencial positivo quanto para evitar diagnósticos e tratamentos imprecisos e negativamente impactantes na vida do protagonista.

William James (1902/1991) sugeria que o estudo de manifestações extremadas de um fenômeno poderia facilitar a compreensão de alguns de seus aspectos essenciais, pois suas características e nuances poderiam se apresentar em moldes superlativos e de mais fácil visualização. O conselho seria especialmente válido para o estudo de fenômenos novos ou ainda pouco conhecidos, como as experiências religiosas que então investigara e as experiências anômalas, progressivamente de interesse científico. Caso se tome o conselho de James como premissa, o caráter extremo de muitas experiências

⁷ Tradução livre a partir do original: psychology cannot claim to be comprehensive if it fails to account for varieties of experiences distinct from those considered normal. To fully understand the totality of human experience, we need to provide reasonable accounts of phenomena that, although unusual... or apparently far-fetched... are an important part of the totality of human experience.

anômalas poderia fornecer às ciências interessadas elementos novos e diferenciados para a compreensão das manifestações humanas. French (2001) fornece perspectiva semelhante ao sugerir que

um entendimento completo da psicologia das experiências anômalas pode nos dizer muito sobre a experiência humana mais típica, da mesma forma que entender os processos subjacentes às ilusões visuais pode nos dizer muito sobre a percepção visual normal⁸ (p. 357).

De modo análogo, as experiências óvni poderiam constituir, em diversas medidas, formas extremadas e particularmente elucidativas de experiências anômalas em particular e humanas em geral, devido à sua intensidade (e.g., “*foi muito intenso... a gente não parava de chorar*”; participante E1.31), à duração (e.g., abduções⁹), à alteridade que frequentemente representam na cultura (Bullard, 1989; McLeod et al., 1996; Suenaga, 1999) e a suas mencionadas dimensões enquanto a quintessência das lendas modernas (Bullard, 1989) e a categoria socialmente mais importante de experiências anômalas contemporâneas a envolver luzes (Dewan, 2006b).

Apenas como ilustração das contribuições potenciais das superlativas experiências óvni para a psicologia, a clássica teoria da dissonância cognitiva (Festinger, Riecken & Schachter, 1956) foi construída a partir do estudo de um grupo de contatados (pessoas que alegam contatos positivos com extraterrestres espiritualmente evoluídos¹⁰) e respectivos crentes. Igualmente, Saliba (1995) considera as experiências óvni como exemplos extremos de fenômenos religiosos diretos e indiretos, repletas de potencial

⁸ Livre tradução a partir do original “A full understanding of the psychology of anomalous experiences may tell us a great deal about more typical human experience in the same way that understanding the processes underlying visual illusions can tell us a great deal about normal visual perception”.

⁹ A maioria das experiências de abdução parece durar, na perspectiva dos protagonistas, entre uma e três horas; algumas vezes, durariam mais (cf. capítulo 5).

¹⁰ Cf. grupo experimental E2, capítulo 10.

para a compreensão de aspectos da experiência religiosa, das relações entre tradições religiosas e a modernidade e das necessidades e conflitos internos humanos. Saliba não sugere um esgotamento do tema religião via estudo das experiências óvni; apenas salienta, à semelhança de William James (1902/1991), o quanto um fenômeno extremo (no caso, as experiências óvni) pode contribuir de modo destacado para a compreensão de uma categoria maior de fenômeno (no caso, a experiência religiosa) no qual pode ser ao menos parcialmente inserido.

As comparações entre experiências óvni e outras anomalias podem ser produtivas e relevantes não apenas pelo compartilhado rótulo de experiências anômalas, mas porque costumeiramente os protagonistas das primeiras as correlacionam a crenças/experiências espirituais e a alegados fenômenos parapsicológicos (e.g., Suenaga, 1999). Como exemplos, protagonistas de experiências de abdução ou de episódios mais simples que mencionam alienígenas tendem a relatar que a comunicação com as entidades é predominantemente telepática. Tal aptidão, em alguns protagonistas, chegaria a permanecer ao longo dos dias imediatamente posteriores à experiência. Desse modo, alegam poder “ler pensamentos” de familiares e amigos durante os dois ou três dias subsequentes, quando então a aptidão se esvairia gradualmente e desapareceria. Ademais, outros fenômenos tendem a ser mencionados durante as experiências óvni e mesmo ao longo da vida do protagonista, como outras formas de percepção extrassensorial e psicocinese. Muitos protagonistas defendem uma conexão causal entre as experiências, de modo que as inteligências responsáveis pelos óvnis os teriam escolhido por possuírem tais aptidões ou os “presentearam” com elas. Por fim, recentemente, alguns abduzidos têm mencionado lembranças de tais sequestros paralelamente a lembranças de “vidas passadas”, de modo coerente com a crença de que as abduções constituiriam um programa de monitoramento que perfaria múltiplas vidas do protagonista. Assim, o estudo das experiências óvni possui diversas conexões, tanto

potenciais quanto efetivas, com as experiências anômalas em geral e aquelas relativas à “paranormalidade” e à hipótese da sobrevivência após a morte, podendo contribuir para sua compreensão geral.

Quanto à psicopatologia, embora a literatura tipicamente não aponte correlações entre as experiências óvni e as entidades nosológicas clássicas, as pesquisas são repletas de achados contraditórios quanto a traços isolados, o que demanda novos estudos (Appelle et al., 2000; French, Santomauro, Hamilton, Fox & Thalbourne, 2008; Hough & Rogers, 2007-2008; McLeod et al., 1996). Já patologias e sintomas isolados pretensamente posteriores e derivados das experiências óvni (cf. Appelle et al., 2000; Bullard, 1989; McLeod et al., 1996; Suenaga, 1999) também constituem objetos de estudo interessantes, devido à incerteza sobre como e porque ocorrem. Assim, embora persista uma noção cultural de causalidade interna (e.g., mentiras, alucinações), perdura na literatura a ausência de respaldo sólido para tal noção e de explicações satisfatórias para as experiências.

Outro campo emergente e relacionado é o estudo psicológico da interface entre o natural e o sobrenatural enquanto significação (Marçolla & Mahfoud, 2002), pois as experiências remetem a eventos cotidianos, físicos, muitas vezes associados à natureza, ao mesmo tempo em que parecem originárias de um “outro mundo”, demoníaco, celestial, espiritual, mágico, com paralelos na religião, no folclore e no misticismo (Bullard, 1989; Dewan, 2006b; Jung, 1988; Marçolla & Mahfoud, 2002; Suenaga, 1999). Tais narrativas anômalas parecem, pois, demarcar uma ríspida passagem da dimensão sobrenatural para o plano concreto do indivíduo (corpo e psiquismo) e da coletividade (efeitos em massa) imediatamente confrontados, agredidos, abençoados, desafiados, caracterizando uma espécie mais radical de experiência e significação que demandam compreensão.

Adicionalmente, McLeod et al. (1996) sugerem benefícios à psicologia no estudo de narrativas de sequestro por óvnis, conhecidos na cultura como abduções, no que tange à

intersubjetividade na construção de realidades complexas, à memória em situações de emoção extrema e a estados alterados de consciência, assim como se beneficiaria substancial número de pessoas que passam por tais experiências e recebem diagnósticos e tratamentos equivocados de profissionais de saúde. E, em sintonia com Appelle et al. (2000), alertam que o pouco conhecimento sobre os mecanismos associados às experiências óvni, como aqueles a serem investigados na presente pesquisa, conduz ao risco de que terapeutas endossem a produção de falsas memórias em seus clientes. É importante destacar tal possibilidade através de técnicas controversas e/ou reforço subjetivo, com implicações relevantes no curso de vida ulterior daquele que passa a se identificar como um abduzido. É cada vez mais comum que pessoas que crêem terem sido abduzidas, quer tenham ou não memórias conscientes da experiência, procurem ufólogos ou terapeutas praticantes de hipnose para se submeterem a regressões de memória. Com frequência, emergem das sessões de regressão memórias complexas e muitas vezes dolorosas e reincidentes de abduções a bordo de óvnis (Appelle et al., 2000; Hopkins, 1995; Jacobs, 1998, 2002; Mack, 1994; Moura, 1996), que podem a ser incorporadas pelos protagonistas de modo pouco crítico e emocionalmente intenso.

Diante das experiências óvni, Dewan (2006b) aponta ganhos significativos para a psicologia quanto ao estudo da relação entre crença, cognição e experiência, das convergências e divergências entre testemunhas de eventos incomuns, das mudanças de visão de mundo e de outros aspectos da percepção de ocorrências anômalas. A partir do referencial cognitivo-comportamental, Pereira (2007) sugere a relevância do tema para o estudo psicossocial sobre as crenças.

Considerando as experiências óvni enquanto emergência de conteúdos inconscientes em favor do processo de individuação¹¹, Jung (1958/1988) justificou seu interesse por elas afirmando sua “grande importância”, ao sinalizarem uma mudança na psique coletiva da

¹¹ Individuação é o processo um tanto raro pelo qual ocorreria o desenvolvimento e amadurecimento psicológico, através da integração dos conteúdos inconscientes capazes de se tornarem conscientes. Assim, o psiquismo sofreria uma radical transformação e se tornaria uma totalidade (Jung, 1971/1991, ¶ 430).

humanidade (§ 589), e se inquietou com os aspectos intra e intersubjetivos dos episódios: “estou preocupado com a sorte daqueles que são surpreendidos por esses acontecimentos sem estarem preparados para tal, ficando à mercê daquilo que não podem compreender” (§ 590). Interessante notar que as preocupações de Jung datam de uma época em que o fenômeno psicossocial dos óvnis estava apenas em estágio embrionário.

O ícone óvni é favorável a desempenhar funções subjetivas importantes, especialmente diante do anseio espiritual por vezes não satisfeito na ciência e na religião, o que pode contribuir para ocasionar experiências. Essas funções incluem resgatar a dimensão sobrenatural em tempos tecnológicos, prometer salvação para crises planetárias, transportar o protagonista para além do maçante cotidiano, revelar verdades espirituais (Bullard, 1989; Dewan, 2006b; Jung, 1958 /1988; Lewis, 1995; Suenaga, 1999). Assim, a constelação de temas amiúde atrelados a óvnis e alienígenas, como crenças, profecias, messianismo, doutrinas e experiências anômalas, aliados a ideários propriamente recentes que mesclam ecologia, ciência, ficção científica, movimento Nova Era (*New Age*), misticismo e religião, torna-os objetos de estudo interessantes sobre crenças compartilhadas, projeções psicológicas, sugestionabilidade, nascimento e consolidação de concepções e movimentos religiosos, especialmente no contexto contemporâneo, entre muitos outros temas. Ao discutir o papel exercido pelas variáveis investigadas nesta pesquisa, criam-se subsídios para aprofundar o estudo dos aspectos intra e intersubjetivos mencionados.

Embora uma parcela significativa da população não acredite na existência concreta de óvnis e outra ainda maior não tenha experienciado visões do gênero ou tampouco levado o tema em consideração em seu cotidiano, Saliba (1995) rebate a eventual crítica acerca da pouca relevância do tema, amparada nessas constatações demográficas, afirmando que as experiências e crenças sobre óvnis se nutrem e evidenciam, direta e indiretamente, realidades humanas maiores e essenciais nos âmbitos psicológico, sociológico e histórico, tais como seu

senso religioso, a adaptabilidade da cultura e a compatibilização de opostos psicológicos, sociológicos e históricos como fé e razão, religião e ciência, antigo e moderno, entre outros.

Marçolla e Mahfoud (2002) justificam a investigação de narrativas sobre luzes anômalas na comunidade do Morro Vermelho, em Minas Gerais, pelo argumento da busca do novo, que é “a alma de qualquer pesquisa” (p.87). Este estudo possui idêntico e complementar propósito, em contextos diversificados e maiores. Desse modo, as experiências óvni constituem fenômeno radicalmente novo, não quanto à sua ocorrência, mas quanto ao reconhecimento de seu potencial como objeto de estudo promissor para as ciências humanas e mesmo outras. Delineia-se assim um fenômeno individual e coletivo relevante, provocativo e pouco explorado.

Capítulo 3: Justificativa

*Assim perguntamos, sem parar, até
um punhado de terra cobrir a nossa
boca. Mas será isto uma resposta?*

Heinrich Heine

Trabalhos acadêmicos diretamente relacionados ao ícone óvni são muito pouco conhecidos, especialmente no Brasil, onde também se mostram raros. Enquanto a revisão da literatura conduzida para fins desta pesquisa apurou quarenta e cinco teses de doutorado, trinta e seis dissertações de mestrado e cursos avançados equivalentes, e quarenta e quatro trabalhos em outras formas de pós-graduação, totalizando cento e vinte e cinco obras, quase 90% foram escritas em universidades norte-americanas, enquanto apenas seis (Carlos, 2007; Ferreira Neto, 1984; Giaconetti, 2009; Santos, 2009; Suenaga, 1999; Veronese, 2006) o foram no Brasil; nenhuma em psicologia. Tal realidade se repete quanto a artigos científicos em periódicos indexados, existentes em ainda maior quantidade, mas apurados apenas quatro nacionais (Marçolla & Mahfoud, 2002; Martins, 2011; Pereira, Silva & Silva; 2006, Pereira, 2007), todos, por sua vez, em psicologia. Ao que foi possível apurar até o momento, incluindo meu contato pessoal alguns autores das dissertações mencionados acima, eles não deram continuidade, ao menos ainda, às suas pesquisas sobre o ícone óvni e temas relacionados em forma de artigos em periódicos ou pesquisas de doutorado.

Em contraste à sua escassa produção acadêmica sobre o assunto, o Brasil é informalmente conhecido como um dos recordistas mundiais em experiências óvni (Suenaga, 1999). Minha experiência confirma parcialmente as menções informais, pois nunca houve dificuldade em encontrar elevada quantidade de protagonistas dessas experiências em

incursões de campo prévias à presente pesquisa e durante a mesma, tanto em regiões urbanas quanto rurais. Em verdade, ao longo dos últimos catorze anos, possivelmente todas as cidades e lugarejos nos quais busquei experiências do gênero forneceram protagonistas diretos, não raro dezenas deles. Evidentemente, em face de tais estimativas informais, sugiro a necessidade de estudos sistemáticos que busquem averiguar a prevalência das experiências em contexto brasileiro. Mas, como uma compensação provisória, os dados informais parecem sinalizar uma prevalência não-desprezível.

Além de endossar os tipos de experiências verificadas em todos os continentes, a casuística do Brasil parece possuir especificidade. Inúmeras fontes jornalísticas nacionais e internacionais sugerem, novamente em tons informais, que no país são registradas as experiências óvni talvez mais complexas, exóticas e intrusivas do planeta (Suenaga, 1999), como antes mencionado. Entre as muitas dezenas de protagonistas já entrevistados por mim, significativa parcela alegou tais experiências particularmente bizarras, como perseguições bastante próximas por óvnis ao longo de diversos minutos, “quase-abduções” (em que o protagonista teria sido salvo ao se agarrar fortemente a um arbusto enquanto puxado), destruição parcial de automóveis atingidos por feixes de luz alegadamente provenientes de óvnis, ferimentos físicos (e.g., arranhões, ossos quebrados) após pretensos confrontos físicos com alienígenas, entre outros. Desse modo, minha experiência de campo igualmente sugere que as experiências exóticas não constituem exceções cuja raridade poderia diminuir sua relevância, mas, ao contrário, componentes arraigados de um fenômeno cultural representativo do contexto brasileiro das experiências anômalas.

Em consequência da lacuna bibliográfica sobre experiências óvni brasileiras, quase todos os achados mencionados neste trabalho provêm do estudo de eventos e protagonistas de outros países. Desse modo, justifica-se o questionamento acerca da adequação das discussões presentes na literatura internacional às peculiares experiências ocorridas no Brasil. Por sua vez, a assimetria entre a abundância de experiências brasileiras e a raridade de pesquisas

acadêmicas a respeito me sugere um desperdício de oportunidades para ganho de conhecimento cuja relevância foi defendida no capítulo 2.

Ao passo, cumpre resumir minha trajetória em relação ao tema, dado que constitui parte das justificativas para este estudo. Decerto são justificativas fundamentalmente idiossincrásicas e, por tal razão, escritas com informalidade acentuada e específica a este trecho. Mas é igualmente certo que toda pesquisa possui na subjetividade do pesquisador um de seus pilares fundamentais, necessário de se expor para contextualizar os esforços. Sob esse prisma, concordo com Ribeiro (2003) sobre a necessidade do pesquisador se expor a seu objeto de estudo, assumi-lo, clarificar a relação entre as partes, ainda mais no campo das Humanidades, para que se alcance algo novo e pessoalmente significativo.

Desde criança, sempre experimentei intensa sede de saber. De fato, minha curiosidade atingia virtualmente todos os campos, desde o que havia em uma gaveta trancada em casa até os pensamentos secretos de celebridades há muito falecidas. Contudo, dentro do possível para cada época, meus alvos preferenciais sempre tiveram relação com ciência, filosofia, religião e temas metafísicos em geral. Assim, sempre busquei informações e refleti sobre temas como leis da natureza, relação mente e cérebro, astronomia, universo onírico, anatomia, Deus, vida após a morte, consciência, eletrônica, distinção entre realidade e ilusão, entre outros tantos. Desmontava aparelhos elétricos e brinquedos, tentando entender como funcionavam. Sempre tive o hábito de observar o céu, a olho nu e por instrumentos. Atormentava os mais velhos com perguntas; e a ausência de respostas para a maioria delas atiçava ainda mais a natural curiosidade.

A ciência sempre teve lugar privilegiado enquanto crivo para reflexão e busca de informações, pois curiosidade e desejo por rigor estavam sempre irmanados. Assim, sempre que possível e de acordo com idade e o nível de conhecimento, os demais assuntos eram compatibilizados com o referencial científico. Contudo, interessado por possibilidades (até o momento ou em definitivo) além do alcance da ciência, sempre me mantive atento também a

assuntos “marginais”, entre os quais os relatos de experiências anômalas altamente recorrentes em minha região natal.

Minha cidade (Pedro Leopoldo, em Minas Gerais) e a região circundante são repletas de menções a casas “mal-assombradas”, entidades sobrenaturais, fenômenos paranormais, causos e lendas urbanas de todo tipo. Suponho ser um dos fatores a alavancar as narrativas a marcante influência do Espiritismo Kardecista na região, dado que Pedro Leopoldo é a cidade natal do notório médium Chico Xavier.

Contudo, talvez por meu interesse primordial em ciência, um dos tipos de narrativa anômala sempre chamou minha atenção ainda além das demais, por sugerir maior conotação “material”: os relatos em primeira mão sobre óvnis e temas relacionados. A região é fértil em relatos do gênero, que descrevem objetos e entidades pretensamente concretos, físicos, refletores de luz solar, passíveis de toque com as mãos e de deixar marcas no ambiente. Isso me parecia uma convidativa interface entre os mundos material e “sobrenatural”. A dimensão do mistério, que me atraía visceralmente, estava representada de modo pleno nessas narrativas, mas com elementos aparentemente concretos, mais fáceis e promissores, aos meus olhos de criança e adolescente, de serem abordados pela ciência.

Assim, sempre li tudo o que pude encontrar sobre o assunto, literatura tanto cética quanto favorável. Movido pela curiosidade adolescente, passei a entrevistar informalmente protagonistas de experiências do gênero. Ao longo dos catorze anos subsequentes, enquanto entrevistava algumas centenas de pessoas, foi se fortalecendo em mim a noção de que as experiências possuíam forte (por vezes decisivo) impacto subjetivo nos protagonistas. A maioria parecia composta por experiências, no mínimo, verdadeiras enquanto subjetivas. Além disso, uma parcela menor dos episódios portava interessante desafio explicativo. Tal como Jung (1958/1988), embora nas devidas proporções, eu também reconhecia a possibilidade, em uma parcela reduzida dos episódios, de uma dimensão nova e relevante para o conhecimento, seja nas Humanidades, seja, de modo mais controverso, em outros

campos. Contudo, para qualquer enfoque (i.e., tentar explicar as experiências ou compreender como essas são elaboradas por cada um e pela cultura), o ponto de partida me parecia claro: os protagonistas e seu meio social. Isso porque, diferentemente dos discutíveis óvnis e alienígenas, as pessoas eram a única ou a predominante dimensão palpável que eu possuía para abordar as experiências.

Nos anos seguintes, sempre motivado pela curiosidade para entender as experiências humanas, graduei-me em psicologia. Assim, o interesse pelo novo, misterioso e inexplicado se concentrou um pouco mais nos domínios da mente, comportamento, variáveis psicossociais, transtornos mentais, vieses cognitivos, verdade versus mentira, psicofisiologia da percepção, entre outros intimamente relacionados. Somado à satisfação parcial da curiosidade e à sofisticação das minhas dúvidas iniciais, os catorze anos de contato com pessoas que desenvolveram quadros ansiosos e outros transtornos e síndromes após alegadas experiências óvni me deixaram patente a idéia de que o pouco conhecimento científico sobre experiências anômalas ocasionava uma negligência às demandas clínicas específicas dos protagonistas (cf. também Cardeña et al., 2000; McLeod et al., 1996; Mack, 1994).

Meus interesses prévios de infância e adolescência então se uniram às posteriores motivações de psicólogo, e decidi aceitar o desafio de tentar contribuir na busca por compreensão das experiências anômalas em geral e daquelas ao redor do ícone óvni, em particular. Minha vida quase inteira de leituras na área e a experiência de catorze anos de entrevistas e com o que seria um rudimento informal de pesquisa etnográfica, quando passei muitos dias em locais com elevada quantidade de episódios, me tornaram minimamente “íntimo” do tema óvni. Esse histórico, creio, facilita investigações como a aqui descrita. Assim, embora a existência concreta de óvnis e alienígenas seja objeto de uma controvérsia com dimensões além do alcance da psicologia, como percebera Jung (1958/1988), são reais as pessoas que relatam tais experiências. Portanto, meus interesses de psicólogo têm respaldo garantido e legítimo nessa dimensão humana: os protagonistas e suas experiências anômalas.

Para Sagan (1996), a postura do verdadeiro cientista deve equilibrar duas tendências. O pesquisador deve ser capaz de se admirar e se abrir para o novo, o inexplicado, o misterioso, sem permitir que rejeições apriorísticas o impeçam de buscar respostas condizentes com a complexidade do tema e tampouco apaguem a chama da curiosidade infantil. Ao mesmo tempo, o pesquisador deve ser capaz de questionar, afrontar, duvidar das informações que recebe, das conclusões já alcançadas e mesmo de suas próprias percepções e crenças. Como repetiu tantas vezes Sagan, “*alegações extraordinárias exigem provas extraordinárias*”. Desse modo, espero que este trabalho represente a postura de equilíbrio entre admiração e ceticismo sugerida por ele. Não pretendo adotar posturas paranormófilas ou paranormofóbicas, como antes dito. Estou ciente do desafio de buscar o equilíbrio em temas que tendem a repercutir subjetivamente de modo intenso (na cultura, em mim, em quem lê...), como as experiências anômalas. Contudo, coerente com a motivação talvez última para este estudo, aprecio desafios.

Capítulo 4 – Experiências anômalas: uma breve introdução

*Estamos caminhando no ar,
flutuando no céu enluarado.
As pessoas lá embaixo
dormem enquanto voamos.*

Nightwish, *Walking in the Air*

Ao longo da história humana, experiências extraordinárias e encontros com o “desconhecido” foram reportados em todas as culturas investigadas (cf. Cardeña et al., 2000). Ademais, tais episódios sempre despertaram o interesse de artistas, cientistas, pensadores e do grande público. Atualmente, obras impressas, virtuais e cinematográficas que abordem encontros sobrenaturais, “poderes da mente”, realidades pós-morte e temas análogos constituem investimento seguro, como os notórios *Avatar*, *Arquivo X*, *Sexto Sentido*, *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, *Ghost*, *O Chamado*, *Terror em Amityville*, *Poltergeist* e *O Exorcista*. Desde séculos anteriores, contos fantásticos de Julio Verne, H. P. Lovecraft e outros tantos fascinam ao descrever viagens a lugares fantásticos e encontros com criaturas abomináveis cuja imagem poderia enlouquecer uma pessoa. Ainda no século XIV, *A Divina Comédia* poetizara a sobrenatural jornada de Dante pelos três mundos espirituais (Inferno, Purgatório e Paraíso), guiado pelo poeta Virgílio e pela amada Beatriz. Gilgamesh teve sua fantástica epopéia preservada em tabuletas sumerianas muito anteriores a Cristo, o que abre oportunidade para lembrar a enormidade de relatos fantásticos e culturalmente impactantes em copiosas mitologias e religiões. Os exemplos são infindáveis em qualquer época, sugerindo o profundo enraizamento do extraordinário na história da consciência humana; e do inconsciente, como lembraria Jung (1958/1988).

Embora muitas histórias sejam declaradamente ficcionais e outras tantas se espalhem anonimamente, copiosas outras remetem a alegadas vivências diretas. E, em anos recentes, o estudo científico de experiências extraordinárias tem se intensificado a partir de esforços cumulativos de diversas áreas, especialmente nas ciências humanas e da saúde. Entre os agregadores de esforços está a nomenclatura. Tal como definido na Introdução, as experiências anômalas se referem a experiências que destoam, em alguma instância, das experiências usuais ou do consenso cultural ou científico sobre a realidade, embora sem necessária relação com patologia (Cardeña et al., 2000). Ainda de acordo com os mesmos autores (p. 3-4), a palavra *anômalo* deriva do grego *anomalos*, que significa irregular, diferente ou desigual, em contraste a *homalos*, que exprime o que é igual ou comum.

Assim, o número e a qualidade das pesquisas sobre experiências anômalas são crescentes, abarcando amplo espectro que varia do alegadamente sobrenatural ao bizarro dificilmente nominável, passando por episódios de conotação religiosa mais ou menos explícita. Entre as principais categorias de anomalias investigadas estão experiências alucinatórias¹², sinestésias¹³, sonhos lúcidos¹⁴, experiências fora do corpo¹⁵, experiências psi¹⁶, lembranças de vidas passadas¹⁷, experiências de quase-morte¹⁸, curas anômalas¹⁹ e experiências místicas²⁰.

¹² Experiências alucinatórias se referem a percepções de aparência sensorial sem que haja, externa ou fisicamente ao protagonista (dentro do consenso razoável em sua cultura), objetos condizentes com tais percepções. Assim, embora sejam bastante conhecidas pelos estudiosos de psicopatologia, as alucinações ainda são pouco conhecidas entre populações não-clínicas. Exemplos incluem visões de entidades, locais e cenas quaisquer, odores, audição de músicas ou sons quaisquer etc. (Cardeña et al., 2000, cap. 3).

¹³ Sinestésias são experiências em que determinada percepção sensorial emerge involuntariamente e associada a percepções sensoriais de outra ordem. Como exemplo, a audição de uma música pode ser acompanhada vividamente de uma cor ou sabor (Cardeña et al., 2000, cap. 4).

¹⁴ Sonhos lúcidos ocorrem quando a pessoa experimenta consciência de uma condição onírica presente, i.e., reconhece que está dormindo e sonhando naquele preciso momento, em contraposição à usual e involuntária sensação de realidade objetiva do sonho. Não raro, tal consciência permitiria interagir deliberadamente com os personagens, enredos e cenários oníricos (Cardeña et al., 2000, cap. 5).

¹⁵ Experiências fora do corpo são episódios em que a pessoa experimenta sua consciência ou mente situada fora de seu corpo físico. Tipicamente, após retornar desta condição, a pessoa reporta ter observado seu corpo jazendo inerte abaixo de onde sua consciência estaria, além de ter vagado por outros locais, não raro mencionando detalhes ambientais pretensamente impossíveis de serem sabidos, exceto por processos anômalos, dado que, fisicamente, a pessoa se encontrava dormindo, em coma ou em condições semelhantes de pretensão isolamento sensorial (Cardeña et al., 2000, cap. 6).

¹⁶ Psi é um construto hipotético utilizado em psicologia anomalística e na parapsicologia para aludir ao mediador de supostas interações anômalas de pessoas entre si e com o ambiente, aparentemente sem a

Todavia, a história da investigação das experiências anômalas é bastante anterior ao conceito anteriormente apresentado. Embora o tema ainda seja em algo marginal na presente psicologia, tal negligência nem sempre se verificou. O fisiologista francês Charles Richet (1850 - 1935) (citado por Amadou, 1966) elaborou o desenvolvimento histórico da parapsicologia²¹ em quatro fases, que permitem o vislumbre das variações de interesse e esforços sobre o objeto de estudo das anomalias (cf. maiores detalhes em Machado, 1996, 2009).

1. Período mítico (? – 1778): Inicia-se com a própria humanidade, passando pela pré-história, povos antigos, período medieval, renascentista e revolução científica, e termina com o surgimento de Franz Mesmer. O período é marcado por grande interesse e preocupação com questões concernentes ao “sobrenatural”²², ligadas ao pensamento mágico, à literalidade dos ícones e sua poderosa influência sobre a vida cotidiana, à pouca distinção entre realidade

participação decisiva de forças e processos físicos conhecidos, como percepção extrassensorial e psicocinese (Cardeña et al., 2000, cap. 7).

¹⁷ Lembranças de vidas passadas são recordações espontâneas ou resultantes do emprego de técnicas especiais (e.g., hipnose) que tipicamente são acompanhadas da convicção, por aqueles que as experimentam, de serem vivências pessoais ocorridas em uma encarnação anterior, i.e., em época pregressa em que seu espírito habitaria outro corpo e possuiria outra identidade. Tal impressão não anula a identidade e história de vida atuais, mas apenas as antecederia (Cardeña et al., 2000, cap. 10).

¹⁸ Experiências de quase-morte são episódios nos quais, concomitante a intenso perigo físico ou emocional, ou ainda a condições próximas ou efetivas de morte clínica, a pessoa experimenta conteúdos transcendentais que tipicamente incluem viajar por um túnel em direção a uma marcante luz, encontrar-se com pessoas outrora falecidas, rever momentos importantes de sua vida, receber mensagens espirituais, entre outros (Cardeña et al., 2000, cap. 9).

¹⁹ Curas anômalas se referem a pretensas atenuações ou remissões de doenças a partir de processos não-convencionais como intervenções espirituais, manipulação de energias corporais ou outros processos que parecem escapar ao que é cientificamente conhecido (Cardeña et al., 2000, cap.11).

²⁰ Experiências místicas são episódios de contornos transcendentais nos quais o protagonista experimenta estados alterados de consciência tipicamente (mas não de forma exclusiva) marcados por sensação de integração entre o ego individual e o ambiente ou todo o universo, além de paz profunda, sensação de lucidez extrema e outras vivências de difícil descrição. Historicamente, as experiências místicas contribuíram para o surgimento de muitas religiões (Cardeña et al., 2000, cap.12).

²¹ Parapsicologia constitui um termo historicamente recorrente e consolidado na cultura para remeter ao estudo (ou tentativa de estudo) científico de experiências humanas inusuais, abarcando significativa parcela dos episódios hoje agrupados enquanto experiências anômalas, como fenômenos psi e contatos com entidades sobrenaturais (Amadou, 1966). O foco na experiência humana conduzia à psicologia enquanto um dos pontos de partida para o estudo do tema, enquanto o prefixo “para” figura um lembrete de que são esforços à margem dos habituais estudos psicológicos.

²² Isto embora a distinção entre natural e sobrenatural não estivesse clara em períodos anteriores à Revolução Científica do século XVII (Machado, 1996). O termo “sobrenatural” é utilizado aqui em seu sentido amplo.

e fantasia, a poderes sobre-humanos, à fusão com a religião, ao conhecimento divinamente presenteado aos humanos através de sonhos, aparições, oráculos e rituais etc.

Durante o Renascimento, surgiu um interesse erudito por temas ligados à magia, como alquimia, astrologia e encantamentos. Com a Revolução Científica, o racionalismo se ofereceu como alternativa ao pensamento mágico e lançou bases para o período seguinte de compreensão das anomalias.

2. Período magnético (1778-1847): A fase é marcada pelo embate entre a racionalidade e o pensamento mágico, tendo a primeira como um famoso representante o médico alemão Franz Mesmer (1734-1815). No epicentro das discussões estavam curas praticadas através de rituais de fé e “magnetização”, i.e., a manipulação de um alegado magnetismo naturalmente existente nas pessoas, cujo desequilíbrio causaria doenças, segundo Mesmer.

A postulação da existência de um “magnetismo animal” refletia uma transição parcial entre explicações sobrenaturais e naturais para curas e aptidões psíquicas. As curas efetuadas por Mesmer e seguidores, além de outros fenômenos ligados a estados alterados de consciência, acabaram por embasar estudos posteriores sobre hipnose, placebo, histeria e o poder da sugestão. Embora alterações de consciência e comunicação com espíritos já aparecessem conectadas com práticas derivadas de Mesmer, o tema ganhou particular atenção na fase seguinte, com as primeiras manifestações espíritas da família Fox.

3. Período espírita (1847-1872): A fase é marcada por manifestações anômalas de grande popularidade, que sugeriam o contato entre os protagonistas e espíritos de pessoas outrora falecidas. As manifestações incluíam formas diversas de pretensa comunicação, tais como escrita automática, levitação de objetos, sons e materializações. Um fenômeno particularmente famoso e “paradigmático” era conhecido como “mesa girante”, no qual pessoas se organizavam ao redor de uma mesa e essa, inexplicavelmente, exibiria

movimentos incomuns e dotados de intencionalidade. Ocorreu neste período o grande interesse de Allan Kardec em entrevistar médiuns e lançar os fundamentos do Espiritismo atualmente popular no Brasil e em outros países.

Como marco inicial do período, as notórias irmãs Fox, de Hydesville, Nova York, popularizaram o tema do contato com desencarnados, embora controvérsias importantes sobre fraudes nas manifestações as tenham marcado. Gradualmente, pesquisadores e eruditos começaram a se interessar pela investigação sistemáticas das alegações de contatos espirituais e paranormais em geral, tendo como um ponto de partida histórico as tentativas de William Crookes.

4. Período científico (1872 – atual): Inicia-se com Crookes, em 1872, e se estenderia às presentes pesquisas. Este período possui fases distintas, como etapas preparatórias ou “pré-científicas” (Amadou, 1966, p. 57) e as pesquisas sistemáticas do casal Rhine na Universidade de Duke, nos Estados Unidos, por volta de 1930.

Munidos de interesse e de abordagens sistemáticas sobre os episódios, Myers e Sidgwick, professores da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, fundaram a *Society for Psychical Research* em Londres, em 1882, a qual agregou diversos eruditos ao longo de sua história (Machado, 1996), entre os quais Arthur Conan Doyle, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Monteiro Lobato, William James e o casal Rhine.

Como características distintivas do período, têm-se os esforços por estudos sob rigor experimental, a testagem de hipóteses (pretensamente) erigidas sob o critério da parcimônia, a emergência de teorias historicamente influentes na psicologia, a ênfase em explicações intrapsíquicas (e.g., patologias, características de personalidade), a gradual (e ainda em construção) busca por explicações que também atentem para dimensões psicossociais (Zangari & Maraldi, 2009) e o interesse tanto por dimensões ontológicas quanto fenomenológicas das experiências.

Atualmente, a psicologia anomalística se desenvolve enquanto área de estudo. Núcleos de pesquisa científica sobre experiências anômalas têm surgido ao redor do mundo, entre os quais a *Anomalistic Psychology Research Unit*, na Universidade de Londres, Inglaterra, o *Center for Research on Consciousness and Anomalous Psychology*, na Universidade de Lund, Suécia, e o *Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais*, na Universidade de São Paulo, cada qual multiplicando pesquisadores na área através de orientações de pós-graduação, eventos acadêmicos etc.

Por sua vez, é crescente o número de artigos científicos da área publicados em periódicos indexados de psicologia e ciências afins, além de obras historicamente influentes, como o handbook *Varieties of Anomalous Experience: Examining the Scientific Evidence* (Cardeña et al., 2000), publicado pela Associação Americana de Psicologia (APA) e a ser lançado no Brasil em português ainda em 2011. A obra compila e discute criticamente os achados, agrupados em capítulos especificamente dedicados a algumas categorias de experiências investigadas pela psicologia anomalística, anteriormente mencionadas. Questões metodológicas e conceituais do estudo das anomalias também receberam capítulos específicos.

Com a área de pesquisa em crescimento, cumpre sedimentar algumas noções iniciais para a pesquisa. Diante dos desafios e da heterodoxia das experiências anômalas enquanto objeto de estudo científico, Almeida e Lofuto (2003) sugerem diretrizes metodológicas para sua investigação, entre elas: ousar, estudar os fenômenos sem compartilhar as crenças envolvidas, levar a sério as implicações dessas experiências e não subestimar as razões pelas quais tantas pessoas as professam, evitar o preconceito dogmático e a patologização automática do diferente, e distinguir experiências e suas interpretações. Assim, torna-se possível conduzir investigações rigorosas sem (ou com menores chances de) assumir teorias pseudocientíficas, reconhecer a relevância intra e

intersubjetiva das experiências e buscar métodos condizentes com as (por vezes radicais) especificidades do objeto de estudo. Como lembrete adicional, relativo à revisão de literatura, os autores sugerem a importância de incluir obras produzidas por protagonistas das experiências e/ou por grupos de pessoas a elas relacionadas. Essa importância reside no fato de que tal literatura apresenta, em primeira mão, a perspectiva dos protagonistas e seu círculo social, a despeito do caráter não-científico e vieses subjetivos frequentes nos textos. Assim, numerosas variáveis psicossociais podem ser ali evidenciadas e exploradas, incluindo percepções, crenças, memórias, pressupostos e diversos outros elementos interessantes à análise psicológica²³.

De modo complementar, antes sugeri (Martins, 2010a) que a condução de entrevistas no contexto das anomalias necessita atentar para especificidades referentes aos comprometedores vieses da patologização, preconceito e ênfase no intrapsíquico, ao reconhecimento da alteridade representada pelas experiências, aos desafios à subjetividade do entrevistador, à postura diante do entrevistado, aos papéis sociais desempenhados por pesquisador e pesquisado, à preparação para a entrevista, ao dinamismo da memória, ao retorno ao local da experiência e à consideração das dificuldades e imprevistos. Assim, a despeito da estranheza ou mesmo do caráter afrontoso das alegações em pauta, a relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado poderá ser mais franca, ética e produtiva. O entrevistador poderá relativizar ou suspender (ainda que temporariamente) suas crenças para adentrar no referencial do entrevistado e empregar conhecimento prévio e inventividade para elencar métodos condizentes com as especificidades do estudo, além de familiarizar-se previamente com temas que possivelmente perfarão (explícita ou veladamente) a entrevista e que normalmente estão ausentes na formação do psicólogo, potencializando uma

²³ De modo coerente com tal conselho, esta dissertação recorre também à literatura produzida por protagonistas de experiências óvni e por ufólogos, desde que úteis e adequadas à discussão do momento, além de já cercadas das naturais ressalvas quanto a eventuais contornos não-científicos e comprometimento com outras perspectivas (e.g., ufologia, esoterismo).

investigação mais detalhada e atenta a sutilezas talvez ocultas ao investigador pouco familiarizado com as anomalias.

Desse modo, as experiências anômalas permanecem como tema promissor para a psicologia, ciências afins e talvez mesmo para outras, dadas as incertezas que também podem sinalizar sobre estruturas e processos físicos, químicos etc. Os aspectos históricos, metodológicos e heurísticos forçosamente resumidos acima e nos capítulos anteriores sugerem não apenas uma lacuna de conhecimento sobre as anomalias, mas relevantes dimensões psicossociais e clínicas atualmente em processo de resgate e sofisticação. A pesquisa do tema requer cuidados específicos ao pesquisador, além de uma abertura pessoal para rever conceitos e métodos talvez maior que o habitual em pesquisa, devido ao caráter particularmente provocador e contra-intuitivo do objeto de estudo.

Capítulo 5 – Experiências óvni: uma breve introdução

*O presidente prepara o seu discurso.
O prefeito quer lhes dar a chave da cidade.
O exército deseja abatê-los logo.
Esperamos que seja piada de Spielberg ou
que capitão Kirk venha nos salvar.*

The Mist, Flying Saucers in the Sky

Como aludido na Introdução, as experiências óvni se referem a um conjunto de percepções e idéias que sugerem aos protagonistas um encontro pessoal com luzes ou objetos voadores incomuns no céu ou, com menor frequência, no solo, e/ou com entidades de aparência viva associadas pelo protagonista a óvnis e ao menos parcialmente distintas de figuras científica ou religiosamente classificados de modo habitual na cultura. Ou seja, dentro do recorte assumido neste trabalho, o ponto de partida para delimitar uma experiência óvni é a perspectiva do protagonista.

O termo *encontro* é oportuno por remeter a uma expressão consagrada pelo uso em diversas línguas para se referir a experiências óvni: *contatos imediatos*, ou, na versão original, *close encounters*²⁴. Assim, as experiências óvni tendem a apresentar a conotação de um encontro entre pessoas e o alegado fenômeno anômalo (i.e., de um “deparar-se com”). Seguem breves trechos, apenas para exemplificar tal dimensão de encontro, tanto como evento programado quanto em sua mais habitual forma inesperada, com algo aparentemente concreto e externo ao protagonista:

²⁴ “Encontros próximos”, em uma tradução livre. O notório filme *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (*Close Encounters of Third Kind*, 1977), de Steven Spielberg, contribuiu para difundir ainda mais a expressão.

A gente estava na praça... era aproximadamente oito horas da noite.... A praça estava repleta de crianças, mães.... E quando nós olhamos para aquela direção [de um morro anteriormente mencionado, com uma casa no topo], ele estava lá, o óvni. E ele era imenso, ele era praticamente do tamanho da [antes referida] casa.... Quando todo mundo viu aquilo, todo mundo saiu correndo, inclusive eu e meu irmão.... A gente ainda deu uma última olhadinha e ele [o óvni] lá, passando (participante E1.30).

[Eu vi] navezinhas no céu programadas. [Nós, membros do grupo esotérico a que pertencemos] recebemos um horário e isso vai a campo para ser confirmado. Se isso é confirmado [i.e., a aparição da nave ocorre no horário programado], a perspectiva do trabalho que vem se desenvolvendo [pelo grupo, sob alegada orientação extraterrestre] é muito grande.... [Esse horário é recebido] telepaticamente... pelo indivíduo que está dentro deste trabalho (participante E2.8).

Uma descrição fenomenológica das experiências pode elucidar suas características básicas, tal como percebidas pelos protagonistas. Seguem adiante breves descrições qualitativas das experiências que exemplificam tipos de episódios investigados neste estudo, exclusivamente baseadas nas impressões dos protagonistas dos episódios entrevistados por mim ao longo dos últimos catorze anos e nos relatos em primeira mão publicados na exaustiva literatura não-acadêmica (e.g., Hopkins, 1995; Jacobs, 1998, 2002; Mack, 1994; Moura, 1996; Reis & Rodrigues, 2009) e na muito menos abundante literatura acadêmica (e.g., Appelle et al., 2000; Jung, 1958/1988; Marçolla & Mahfoud, 2002; Suenaga, 1999).

A grande maioria das experiências óvni parece composta por visões de objetos ou pontos luminosos distantes, com poucos detalhes. Como justificativa informal para sugeri-lo, ao menos essas são as experiências cujos protagonistas mais facilmente localizei ao longo dos últimos catorze anos e que percebo mais presentes na literatura não-acadêmica.

Essas experiências compartilham características que tendem a distingui-las de experiências óvni mais “próximas”. Assim, tendem a ser mais breves, fugazes e ambíguas que as demais, com potencial para serem mais facilmente consideradas como fenômenos naturais ou artificiais conhecidos pela ciência. O aspecto essencial dessas experiências reside na ausência de maiores detalhes sobre o preteso óvni, por serem visões de luzes ou objetos aparentemente muito pequenos e/ou distantes do observador, mas apresentando comportamento e/ou aparência inusitados alegadamente distintos de fenômenos naturais ou artificiais conhecidos. Assim, tendem a ser descritos como pontos luminosos à semelhança de estrelas ou, em caso de experiências diurnas, como objetos refletores de luz solar, o que sugere a muitos protagonistas uma constituição metálica. Seu comportamento e aparência inusitados podem incluir trajetórias irregulares no céu, mudanças de cor, forma ou tamanho, acelerações ou desacelerações abruptas, velocidades anormalmente elevadas, entre outros. Não raro, são ditos capazes de aparecer e desaparecer no ar (sic). A participante E1.1 fornece exemplo representativo de tais experiências mais fugidias ou “distantes”:

De repente eu vi que aquilo [uma bola de luz mencionada em momento anterior da entrevista] não era uma estrela.... Não tinha barulho... veio aproximando sem as luzes características de um avião.... A luz era um verde fluorescente.... Ele fez um movimento de

pêndulo... e subiu [faz gesto ascendente com o braço para sugerir velocidade extremamente elevada]... apagou tudo, sumiu.

Por sua vez, diversas experiências remetem a óvnis próximos, descritos com maior detalhamento. Tais experiências possuem características essenciais, altamente recorrentes nos relatos e na literatura, embora exceções sejam, naturalmente, possíveis. Entre as características que sugiro essenciais, os formatos típicos dos óvnis seriam a esfera, o disco e o cilindro. De forma moderadamente rara, óvnis triangulares são mencionados. A aparência é usualmente descrita como metálica, às vezes possuindo algo como janelas ao redor de toda a estrutura, em uma fileira única e contínua. As dimensões costumam variar dentro de dois grupos aparentemente distintos: ora são descritos como pequenos, tipicamente entre poucos centímetros de diâmetro a um metro, quase sempre esféricos, ora são ditos de grandes dimensões, do tamanho de um automóvel ou maior, quando os demais formatos tendem a surgir. Óvnis cilíndricos podem ser mencionados em grandes dimensões, como várias dezenas de metros de comprimento.

Diferentemente de obras cinematográficas notórias, como *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (1977), *ET, o Extraterrestre* (1982) e *Independence Day* (1996), as descrições dos óvnis remetem quase sempre à ausência de hastes, relevos irregulares, aparatos muito salientes ou luzes multicoloridas em sua “fuselagem”. Usualmente, a superfície dos objetos não possui quaisquer adornos ou sofisticações maiores que as eventuais “janelas” e a luminosidade costuma variar entre poucos tons, raramente apresentando muitas cores ao mesmo tempo. Não raro, feixes ou cones luminosos são descritos como provenientes da parte inferior dos objetos, ditos por muitos protagonistas como úteis a buscas no solo eventualmente interessantes à inferida inteligência responsável. O comportamento dos óvnis “próximos” é similar ao descrito sobre

experiências “distantes”, com variações bruscas de velocidade e deslocamento, mudanças de cor e capacidade de “aparecer” e “desaparecer” repentinamente, além de eventuais mudanças de formato. O participante E1.21 fornece exemplo representativo:

Eu vi passando sobre a rua... um objeto estranho.... Ele deveria ter o tamanho de uma kombi... era um objeto esférico... tinha uma luz fosca.... Era cercado em seu perímetro por janelas redondas ou escotilhas que irradiavam luz.... Essas luzes da escotilha pareciam girar num determinado sentido, enquanto embaixo do objeto... havia uma série de luzes... que giravam no outro sentido.

O leque de experiências inclui visões de seres (i.e., alienígenas) usualmente reconhecidos pelos protagonistas como inteligências responsáveis pelos óvnis. Visões de naves e seres frequentemente se combinam, de modo que estes são descritos enquanto próximos ou dentro daquelas. Embora as entidades sejam descritas dos mais diversos modos (e.g., variações significativas em estatura, massa corporal, beleza, aparência mais ou menos animalesca), quase todas as descrições são antropomórficas. Assim, os alienígenas tendem a possuir cabeça, tronco e membros, estes com dedos nas extremidades. A despeito do tamanho, que varia do enorme ao quase imperceptível, olhos, nariz e boca tendem a ser mencionados. Quanto mais assemelhados a seres humanos, mais tendem a ser descritos portando vestimentas, essas tipicamente colantes e metálicas, em algo semelhantes a astronautas, ou à semelhança de leves túnicas. Quanto mais próximos de seres animalescos, mais tendem a ser descritos como nus ou portando poucos adereços. Sua atitude parece igualmente variar conforme o grau de antropomorfismo. Quanto mais animalescos, mais os seres são ditos arredios, enquanto os contornos mais humanos tendem a se associar à comunicação gestual, idioma

incompreensível (e.g., grunhidos, zumbidos) ou transmissão de pensamentos (i.e., telepatia). As interações entre os pretensos alienígenas e os protagonistas tendem a se situar em um dos extremos: experiências breves/superficiais/casuais ou delongadas/recorrentes/inseridas em algum plano maior. A participante E1.27 exemplifica a experiência breve:

O farol bateu em alguma coisa que brilhou... aí vi que tinha um formato de gente, de rosto.... Deu pra ver perfeitamente que era um ser com rosto, braços, corpo.... A pele dele era... vermelha, grossa... e só um olho... no meio da testa.... Ele olhou pro carro, olhou pra mim.... Era muito real!

No outro extremo, uma das categorias mais conhecidas de experiências delongadas reúne os alegados sequestros por óvnis, conhecidos popularmente como abduções. Por sua intrigante complexidade, as abduções provavelmente são o objeto de estudo preferido da literatura acadêmica internacional sobre experiências óvni, com artigos e trabalhos de pós-graduação não tão raros (e.g., revisões em Appelle et al., 2000; Hough & Rogers, 2007-2008).

As experiências de abdução tipicamente se iniciam com a visão de um óvni ou um alienígena, seguida do ingresso involuntário do protagonista dentro da pretensa nave, seja por intermédio de um fecho ou cone de luz, seja mecanicamente, carregado pelos alienígenas. Uma vez dentro da nave, os protagonistas seriam submetidos a detalhados procedimentos, à semelhança de exames médicos moderadamente concentrados nos órgãos genitais. Com menor frequência, os protagonistas seriam forçados a manter relações sexuais com outros abduzidos, todos em estado de transe, ou mesmo com um alienígena. O material genético coletado serviria para a manufatura de fetos híbridos, às vezes vistos na nave em estágios diversos de desenvolvimento. As abduções tenderiam

a durar entre uma e três horas, o que os protagonistas estimam através de indícios indiretos, como os horários vistos em algum relógio quando do início e do fim da experiência, testemunhos de terceiros que notariam a ausência do protagonista no respectivo intervalo de tempo, o horário de chegada do protagonista em casa após a experiência (e.g., quando se esperaria que ele retornasse do trabalho três horas antes), entre outras possibilidades. A princípio, embora o contexto mais comum para as abduções se dê enquanto os protagonistas estão deitados à cama, as experiências podem ocorrer em diversos lugares ou situações, como no local de trabalho, em um acampamento, em uma viagem de carro, enquanto assistem televisão ou em quaisquer situações cotidianas imagináveis.

Com frequência significativa (e.g., 70% em McLeod et al., 1996), os abduzidos não possuem “recordação inicial” da experiência (ou ao menos não de toda ela), mas apenas ou principalmente angustiantes indícios de que algo anômalo e intenso lhes teria ocorrido e posteriormente sido acobertado por algum mecanismo inerente ao processo²⁵. Os indícios mais comuns de uma abdução “esquecida” incluem uma lacuna de memória de uma a três horas após ver um óvni (conhecida como “*missing time*”; cf. Hopkins, 1995), indícios circunstanciais (e.g., pés sujos de barro ou mato, sugerindo que o protagonista caminhou por local que não se lembra), cicatrizes ou outros ferimentos os quais não teriam sido notados antes do episódio, sonhos recorrentes e nítidos sobre serem conduzidos a um ambiente alienígena (na acepção original do termo) e examinados por entidades anômalas, além de quadros ansiosos diversos.

Nesses casos, haveria três grandes tendências: (1) A estranheza dos eventos não motiva maiores buscas por esclarecimento, o que não gera uma noção subjetiva de abdução; (2) Com base nos referidos indícios, no conhecimento popular e na literatura

²⁵ As aspas e os parênteses se devem à controvérsia relativa à acuidade das memórias sobre abduções, pois muito é discutido acerca da possibilidade de produção de falsas memórias quando diante das suspeitas iniciais de abdução por parte do protagonista ou mesmo sem que haja tal expectativa inicial. Adiante o tema será retomado e detalhado.

ufológica, os protagonistas concluem que foram abduzidos; ou (3) os protagonistas buscam recordar o que teria ocorrido durante o tempo perdido (*missing time*), tipicamente através de hipnose regressiva ou outras práticas que induzem alterações de consciência. Nesse último caso, muitas vezes emergem detalhadas “lembranças” de abduções complexas e demoradas, que, inclusive, possuiriam etapas bem conhecidas (para maiores detalhes, cf. Appelle et al., 2000; Bullard, 1989; Hopkins, 1995; Jacobs, 1998, 2002; Mack, 1994; Moura, 1996).

Com alguma frequência (e.g., 30% em McLeod et al., 1996), os abduzidos reportam suas experiências sem o auxílio de hipnose ou técnicas alternativas, quando apresentam relatos semelhantes aos que se valeram dessas técnicas auxiliares. Como breve e introdutório exemplo, extraído de uma longa entrevista com a participante E2.3,

Em 1998, eu tive uma experiência de abdução. Eu estava na casa de um ex-namorado.... Eu já começo a sentir uma coisa estranha, e aí eu perdi a gravidade.... Meu cabelo ia todo pra trás, sendo puxado pra trás, como se eu estivesse em cima de uma tábua, só que em suspenso [gesticula com a mão, sugerindo que o corpo flutuava]... Além de estar esse “homem” [um dos alienígenas, visto primeiro]... existiam mais duas “pessoas”.... Nesse dia, eu acordei com o punho ardendo, doendo, e essa parte do pé aqui também ardendo [mostra a articulação do pé]... eu tinha marcas escuras [nesses locais]... e isso sumiu com o tempo, e o mais engraçado que ele [o ex-namorado] ficou também... a gente [ela e o ex-namorado] acorda com as mesmas marcas.... Além do medo enorme que eu fiquei... [dentro da nave, era] um lugar como se fosse um caixão de vidro, mergulhada em um líquido, toda cheia de tubos, e sendo estudada realmente... eu participei de uma experiência

genética, onde foi criado algum ser através de mim; esse ser existe em algum lugar [a voz começa a ficar embargada e a expressão facial se torna chorosa]... eu estava dentro de uma nave, isso eu tenho certeza.

Finalmente, embora sem pretensão de esgotar o tema, uma categoria alardeada de experiência óvni reúne pretensos contatos amistosos com alienígenas. Os protagonistas dessas experiências são frequentemente chamados de “contatados” (e.g., Lewis, 1995; Suenaga, 1999). Tais experiências possuem algumas características particularmente distintas das demais experiências aqui descritas. Ao contrário das abduções, historicamente mais descritas como físicas, materiais, os encontros amistosos muitas vezes se assemelham a contatos com espíritos, ao serem associados pelos protagonistas a alterações de consciência, transe mediúnicos, experiências fora do corpo, intuições e visões de seres etéreos. Encontros físicos também são descritos, mas de modo aparentemente mais raro. Por sua vez, os alienígenas tendem a ser descritos como belos, altos e brilhantes, à semelhança de anjos ou espíritos de luz, embora não raro com características denotativas de uma origem extraterrestre (e.g., mensagens que revelariam sua procedência, roupas “metálicas” e equipamentos de pequeno porte). Os diálogos tendem a ser espiritualmente instrutivos e edificantes, além de transmitidos pelo pensamento (i.e., telepatia). Com alguma frequência, surgem protagonistas a mencionar que os seres sequer necessitam de naves para chegar à Terra, de modo que, para eles, os óvnis talvez remetam a outro fenômeno ou sequer existam concretamente. A contatada E2.6 fornece um exemplo:

Eu vi um ser desses pela primeira vez... ele apareceu pra mim, foi um choque... ele mostrava um objeto na mão... ele era todo dourado... era uma pele normal, só que ela tinha uma nuance dourada.... E o macacão era amarelo fulgurante. E ele tinha um símbolo no peito.... No primeiro

impacto, eu acreditei que [o objeto na mão do ser] era uma arma.... Falei com meu irmão assustada, olhando aquele “homem” assim de dois metros e trinta... Que ser é esse?!.... Ele [o irmão, que também é um contatado] disse tratar-se de Orson, um ser que vem de Órion.

Uma vez feitas descrições básicas acerca das experiências, cumpre discutir também brevemente um histórico das experiências óvni e sua consolidação na consciência coletiva, principalmente na cultura ocidental. De modo análogo à apresentada historicidade de Richet sobre o estudo das experiências anômalas (cf. capítulo 4), segue uma sintética e informal apresentação do desenvolvimento histórico do tema óvni e de seu estudo, organizada por mim, embora com menor sistematização:

1. Período “pré-midiático” (? – 1947): Este período se iniciaria com povos antigos, em diversas épocas e locais, e seus registros históricos repletos de menções a visões de esferas, “escudos” e “lanças” celestes, seres estranhos e não raro descritos como provenientes dos mesmos objetos voadores, além de relatos de perseguições e sequestros de camponeses e indígenas em algo semelhantes às abduções atuais (e.g., Bullard, 1989; Jung, 1958/1988; Suenaga, 1999).

Essas grandes semelhanças entre relatos oriundos de diversos contextos culturais (por vezes milhares de anos e quilômetros separados entre si) constituíram elemento importante para, no período seguinte, Jung (1958 /1988) solidificar suas concepções sobre simbolismos pretensamente universais na espécie humana, os notórios arquétipos, além de conectá-los às experiências óvni atuais.

Embora os relatos tenham sido registrados de modo um tanto esporádico ao longo desta fase, houve episódios marcantes devido à sua magnitude ou a ocorrências em série em curtos períodos. Entre os exemplos mais famosos, relembro o “combate aéreo” entre esferas,

“escudos” e cilindros voadores pretensamente observado em Nuremberg, na Baviera, entre abril de 1561 e setembro de 1571, documentado à época pela *Gaceta de Nuremberg*; e o episódio análogo e à luz do dia registrado pelo *Folheto de Basileia* em 1566 (cf. ambos em Jung, 1988).

Quanto mais distantes no tempo, mais os episódios tendiam a ser interpretados de modo religioso e folclórico, como avisos celestes, bruxarias, bênçãos etc. Por sua vez, episódios posteriores à Revolução Científica do século XVII começavam gradualmente a ser interpretados enquanto tecnológicos (e.g., a série de aparições de “dirigíveis fantasmas” do final do século XIX nos Estados Unidos, de “*Foo Fighters*” durante a Segunda Guerra Mundial e de “Foguetes Fantasmas” no norte da Europa em 1946; e.g., Suenaga, 1999). Apenas como exemplo de um episódio brasileiro do século XIX, registrado no livro de controle da Fazenda Anil, na antiga São Gonçalo do Sapucaí, em Minas Gerais, pelo coronel José Francisco de Almeida:

Hoje, 15 de novembro de 1.899. Declaro, debaixo de minha palavra e honra, que no dia 11 para 12, a uma e meia da madrugada, eu e minha mulher nos levantamos e encontramos o céu todo tapado de estrelas. Havia três sinais, sendo o mais pequeno pouco maior que uma Lua; o segundo, dois tantos do primeiro e o terceiro três vezes maior que o segundo. O terceiro está crivado de estrelas ao redor e por dentro, que variam do azul para vermelho, e em volta dele é como o resplendor do quino. Estivemos vendo este sinal, no terreiro, a noite muito clara, por questão de 10 minutos. Depois, às 02:00 horas, fui abrir a janela e encontrei a noite toda escura, sem uma só estrela. Isto é mesmo a verdade, como minha confissão. Eu vi isso com os meus olhos que a terra há de comer. Como ninguém mais deu notícia, faço esta declaração, para mais tarde alguém ler, para contar, se houver outro

semelhante. Só eu e minha mulher é quem vimos este sinal. Por isso declaramos, para mais tarde, quem viver, contar, e ser assim a nossa verdade. Deus mostrará, assim como fez o Sol, a Lua, o grande poder deste imenso globo que estamos firmados nele. Não temos o grande poder de provar este fato, que, presentemente, ninguém conta que viu. Só nós dois²⁶.

Por sua vez, relatos antigos possuem algumas semelhanças com as narrativas espiritualizadas dos atuais contatados. Embora o tema seja retomado adiante, cumpre adiantar alguns exemplos. Melton (1995) apurou mais de cem relatos de contatos amistosos com seres de outros planetas entre 1758 e a década de 1980. Anteriormente à década de 1940, que marca o início do período seguinte, os contatos ocorreriam quase exclusivamente por meios sutis, especialmente experiências fora do corpo. Segundo Melton, nenhuma nave é mencionada em contatos amistosos complexos com extraterrestres do século XVIII até a década de 1940. Quase sempre, os contatos se restringiam a extraterrestres provenientes do nosso sistema solar, especialmente Marte, Vênus e a Lua. As mensagens transmitidas possuíam conteúdo moral e metafísico, sendo veiculadas quase sempre telepaticamente. Seguem-se apenas alguns exemplos anteriores a 1947, cujas semelhanças com os episódios atuais fornecerão, adiante, elementos para análise.

Em 1758, um famoso cientista sueco chamado Emanuel Swedenborg publicou o tratado *“Concerning Earths in the Solar World, Wich Are Called Planets; and Concerning Earths in the Starring Heavens; and Concerning Their Inhabitants; and Likewise Concerning the Spirits and Angels There from Thing Seen and Heard²⁷”*, no qual revelou características de diferentes planetas que teriam sido visitados pessoalmente por

²⁶ O livro de registro original se encontra aos cuidados da família do coronel, residente em Varginha, Minas Gerais, e foi inicialmente cedido para confecção de cópia autenticada em cartório por seu bisneto, o Sr. Joaquim Gonçalves Ramos, já falecido. Possui uma cópia do material, para fins de consulta.

²⁷ O título contém uma inversão de termos, de modo que uma tradução linear livre poderia ser: “Coisas vistas e ouvidas sobre Terras no mundo solar, que são chamados de planetas; e sobre Terras nos céus estrelados; e sobre os seus habitantes e mesmo sobre espíritos e anjos de lá”.

ele (citado por Melton, 1995). Entre muitos outros detalhes, Swedenborg descreveu a fisiologia e anatomia dos marcianos e os sistemas sociais unificados que permitiam um convívio justo e amoroso (sic) entre os seres.

Menton (1995) lembra que Swedenborg representou uma transição na literatura ocidental, pois sua obra surge no século marcado por ficções do tipo “jornada fantástica”, nas quais o herói viaja a locais inóspitos como o fundo do mar, o centro da Terra ou mesmo outros planetas e descobre uma sociedade utópica. A diferença de Swedenborg reside em sua afirmação sobre serem episódios reais e não parábolas. Logo ele haveria de ser seguido por outros, que passaram a relatar experiências semelhantes.

Talvez a narrativa mais famosa do gênero tenha ocorrido na década de 1890, com a famosa médium francesa Helene Smith. Ela alegou ter visitado Marte e aprendido o idioma marciano. Efetuou descrições e desenhos das paisagens e formas de vida animal e vegetal do planeta. Por seu turno, o psicólogo Theodore Flournoy (citado por Melton, 1995, p.3) analisou o caso e defendeu ser o idioma marciano de Smith uma modificação infantil (sic) do idioma francês.

Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), responsável pela sistematização da moderna Teosofia e co-fundadora da Sociedade Teosófica, influenciou o esoterismo atual de vários modos. Uma das influências mais diretas de Blavatsky aos contatados de hoje é o estabelecimento de uma hierarquia de “mestres ascensionados”, um panteão de evoluídos seres sobrenaturais, alguns de origem extraterrestre, a estabelecer a ponte entre a humanidade terrestre e a divindade. As influências de Blavatsky incluíam contatos com alguns mestres venusianos, em moldes semelhantes aos contatados atuais (Melton, 1995).

Embora não mencione contatos literais com membros de civilizações extraterrestres, o astrônomo americano Percival Lowell (1855-1916) forneceu mais elementos para a popularização do tema. No final do século XIX, Lowell alardeou ter descoberto, através de telescópios, robustas linhas cruzando todo o solo marciano. Tais linhas seriam extensas e

uniformes o suficiente para sugerir sua origem artificial, o que levou Lowell e seus seguidores a teorizarem que seriam vias de irrigação a trazer água dos pólos marcianos para a ressecada região equatorial do planeta e sua civilização moribunda ou já extinta (Sagan, 1996, p. 119). Todavia, os achados jamais foram replicados por observações sistemáticas de outros astrônomos, de modo a terem caído no esquecimento²⁸. Contudo, o efeito indireto dos canais marcianos se perpetuou, a saber, a popularização do imaginário sobre a vida em Marte e mesmo em outros planetas do sistema solar (Melton, 1995).

No início do século XX, Willard Magoo teria sido arrebatado a Marte por uma “força invisível” (sic), descobrindo então ser o planeta repleto de florestas, parques, jardins e outras belezas. Em seu relato, descreve como os marcianos seriam muito mais avançados que os terráqueos, especialmente em termos tecnológicos, o que incluiria a invisibilidade e o uso de automóveis e rádios. Após a experiência, Magoo alega ter adquirido maior senso de responsabilidade sobre a própria vida e passou a defender que os líderes religiosos não necessitariam temer o progresso científico (Melton, 1995).

Em sua tese de doutorado, em 1902, Jung apresenta o caso de uma jovem paciente suíça que se agitou ao descobrir, sentado à sua frente no trem, um “morador dos astros” (sic), vindo de Marte. Segundo teria lhe informado o estranho ser, “máquinas voadoras existem há muito tempo em Marte; todo o planeta é coberto por canais” (citado por Sagan, 1996, p. 120).

Por sua vez, ainda na primeira metade do século XX, Guy Ballard relatou um encontro edificante com venusianos tecnologicamente avançados no interior de uma montanha no norte da Califórnia. Os venusianos teriam tocado harpa e violino com destreza sobre-humana,

²⁸ As missões espaciais Mariner 9 (1971), que demonstrou definitivamente a ausência de canais em Marte, e Viking 1 e 2 (1976), que não apuraram indício de sequer vida microbiana atual no planeta, ocasionaram uma queda livre no entusiasmo popular sobre vida no planeta vermelho, o que parece ter tido, como corolário, a virtual extinção de relatos de encontros com marcianos a partir de então. De modo análogo, as descobertas da segunda metade do século XX sobre a insalubridade do solo venusiano, repleto de gases venenosos na atmosfera e temperatura elevadíssima, ocasionaram a virtual extinção de relatos de encontros com venusianos (Sagan, 1996, p. 120). Atualmente, correntes espíritas e esotéricas resgataram a noção de vida nestes orbes, mas em “vibrações” ou “frequências” distintas da física, o que tornaria, sob este referencial, a insalubridade dos planetas irrelevante.

mostrado as belezas de seu planeta-natal através de um grande “espelho” e profetizado a futura paz na Terra, com a derradeira vitória do Bem sobre o Mal (Melton, 1995).

Desse modo, o ideário coletivo sobre a possibilidade de civilizações extraterrestres, objetos luminosos no céu e interações diversas desses com a “humanidade terrestre”²⁹ já podiam ser verificados em diversos contextos culturais anteriores ao afloramento dos relatos sobre óvnis tal como se tornaram habituais a partir da década de 1940. Assim, parte do alicerce para a atual compreensão popular de grande parte dos episódios estava sedimentada, através de um sincretismo entre temas místico-religiosos e científicos. Discussões sobre possíveis diferenças e semelhanças entre tais experiências/narrativas/crenças passadas e as atuais terão melhor lugar adiante, pois são objeto de polêmica.

2. “A Era Moderna dos Discos Voadores” (1947-1989): Enquanto os relatos sobre fenômenos aéreos incomuns se acumulavam, especialmente na América do Norte, ao longo da década de 1940, um relato em particular ocasionou grande interesse público devido à pretensa idoneidade e conhecimento técnico de seu autor sobre fenômenos naturais e artificiais celestes. Isso permitiria, na opinião de muitos, rebater a crítica já em vigor de que todos os que alegavam visões de óvnis seriam loucos, bêbados, ignorantes ou mentirosos. Assim, em 24 de junho de 1947, o piloto civil Kenneth Arnold alegou ter avistado nove objetos voadores incomuns sobre o Monte Rainier, em Washington, Estados Unidos. Ao descrever que os objetos voavam de modo trepidante, como “discos atirados sobre a água”, foi disseminado o termo “disco voador” e inaugurado o que se convencionou chamar de “A Era Moderna dos Discos Voadores” (Suenaga, 1999), em oposição ao período anteriormente descrito e suas narrativas menos sistemáticas.

O alarde em torno do ícone “disco voador” atingiu escala global ainda na década de 1940, verificando-se o afloramento intenso de narrativas em países de todos os continentes,

²⁹ Para utilizar uma expressão comum entre os contatados, que sustentam haver “humanidades” outras disseminadas pelo universo, algumas das quais seriam as responsáveis pelos óvnis.

inclusive no Brasil, que logo se tornou uma das nações mais “receptivas” ao “novo” fenômeno cultural (Santos, 2009; Suenaga, 1999).

Governos e forças armadas de diversos países ocidentais nutriram interesse pelos episódios ao mínimo desde a década de 1940, quando era comum se cogitar que os objetos vistos seriam veículos secretos russos, em incursões de espionagem e mesmo ataque (Santos, 2009; Suenaga, 1999). Neste período, surgiram os primeiros empreendimentos sistemáticos de investigação das experiências, tanto por iniciativa de Forças Armadas de diversos países (e.g., o *Projeto Livro Azul* [1951-1969], da Força Aérea Norte Americana, e o *Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não-Identificados* [1969-1972], da Aeronáutica Brasileira) quanto civis, formais ou não (e.g., o *Comitê Condon*, da Universidade do Colorado, Estados Unidos [1969], e o *Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não-Identificados*, em Minas Gerais [1952-±1999³⁰]).

Em obra clássica sobre o tema, escrita na efervescência deste período, Jung (1958/1988) reconheceu os óvnis como um mito também propriamente moderno, embora sem perder o simbolismo arquetípico. Jung assim os considerou em função das variáveis do momento histórico que seriam cruciais para a elaboração tecnológica e beligerante de estímulos celestes ambíguos, i.e., o enfraquecimento da religião e a insegurança coletiva em função da recém-acabada Segunda Guerra Mundial, da nova tecnologia bélica nuclear e da emergência da Guerra-Fria. Vale comentar que, de modo semelhante, Bullard (1989) considerou os óvnis como a quintessência das lendas modernas, ao reconhecer nos relatos a adaptação de tendências folclóricas universais aos contornos da modernidade tecnológica.

Acumularam-se, neste período, episódios que se tornariam clássicos na literatura popular sobre óvnis, cuja exposição e discussão crítica pormenorizada tornariam a leitura exaustiva. Os episódios, aqui com pretensões meramente ilustrativas e nomeados conforme se

³⁰ Não consegui apurar com exatidão a data de encerramento das atividades do CICOANI. Assim, arbitrariamente tomei como referência o ano em que se deu, até onde pude apurar, o último evento público do qual participou o fundador e principal membro do grupo, o psicólogo Hulvio Brant Aleixo.

tornaram famosos, fazem menção a pretensas quedas de óvnis e resgates de seus tripulantes (e.g., os casos Roswell, 1947, Deserto de Kalahari, 1989, e Varginha, 1996), abduções (e.g., os casos Villas Boas, 1957, Hill, 1961 e Walton, 1975), visões de pretensos óvnis aterrissados e tripulantes realizando atividades no ambiente, como coleta de amostras (e.g., os casos Sagrada Família, 1963, Zamora, 1964, e Maria Cintra, 1968), entre muitas variações e um número muito maior de casos representativos e notórios de cada categoria.

Conforme menções a entidades aparentemente não-humanas e a episódios mais complexos emergiam e se acumulavam, aliados ao imaginário sobre vida extraterrestre já constatado no período histórico anterior, a noção de que os óvnis não seriam terrenos se popularizou progressivamente. Por sua vez, a mídia massificada, outro elemento contemporâneo, demonstrou superlativo interesse pelas experiências e narrativas, de modo a ajudar a imprimir no imaginário coletivo em todo o planeta a noção que se tem hoje sobre “discos voadores” enquanto extraterrestres (Santos, 2009; Suenaga, 1999). A ficção científica também desempenhou seu papel, absorvendo e multiplicando vigorosamente os ícones disco voador, extraterrestres e afins (Kuhn, 1990; Lucanio, 1987).

Edificou-se, ao longo das décadas, uma polarização na compreensão das experiências. De um lado, entusiastas alcunhados de ufólogos, ufófilos e outras variantes tendiam a defender a literalidade das experiências, de modo a tomar como conclusão mais plausível sua origem não-terrestre e implementar investigações que, em sua maioria, embora esforçadas e bem-intencionadas, podiam ser classificadas como pseudocientíficas (Reis & Rodrigues, 2009; Sagan, 1996). Como “alterego” dos ufólogos (cf. Bullard, 1989), céticos, muitos deles ligados ao meio acadêmico, tendiam a desacreditar a importância dos episódios e explicá-los rapidamente enquanto farsas ou erros de interpretação de fenômenos conhecidos pela ciência, i.e., aviões, balões, astros observados em condições incomuns, alucinações, mentiras simples etc., de modo que as experiências óvni não constituiriam enigma algum e não poderiam

prover qualquer ganho importante ao conhecimento científico (Sagan, 1996). A dicotomia ainda é facilmente verificável, o que inclui debates acalorados e, não raro, pouco educados.

Embora, de fato, a maior parte das visões de óvnis e alienígenas possa ser enquadrada enquanto farsas e, principalmente, erros de interpretação de fenômenos conhecidos pela ciência (e.g., Saliba, 1995), uma proporção menor (mas não insignificante) de episódios com aparente grau de mistério parece exigir explicações mais complexas (cf. Appelle et al., 2000; Dewan, 2006b; Jung, 1958/1988; Martins, 2010b). Ademais, ao longo do período, tornou-se claro também que mesmo episódios ordinariamente explicáveis poderiam constituir objetos de estudo interessantes sobre vieses cognitivos, crenças e crenças compartilhadas, percepção, memória e outros temas de forma alguma esgotados na psicologia e ciências afins (cf. maiores detalhes no capítulo 2 sobre a relevância do estudo das experiências óvni). Assim, estudos acadêmicos começaram a se tornar mais numerosos.

Desse modo, sugiro que a polarização da compreensão das experiências ora excessivamente entusiasmada, ora aprioristicamente desabonadora, edificou um hiato entre aqueles que tinham contato em primeira mão com os protagonistas das experiências (i.e., os ufólogos) e aqueles que possuíam conhecimento sistemático para se debruçar sobre o tema (i.e., os cientistas), mas que, em sua ampla maioria, pareciam não conceber motivos para o esforço. Como um corolário adicional, muitos protagonistas de experiências óvni desenvolveram resistência em compartilhar suas experiências com membros do meio acadêmico (Mack, 1994; Martins, 2010a), o que constitui ainda hoje um obstáculo a mais para a aproximação entre ciência e experiências óvni.

3. A era “pós-moderna” dos óvnis (1989-atual): Em 1989, o folclorista Thomas Bullard publicou artigo que prontamente se tornou um clássico na compreensão das experiências óvni. Um diferencial do artigo, em relação à grande maioria até então publicada, reside em atentar para além das dimensões físicas, neurológicas e psicológicas imediatas (e.g.,

alucinações, epilepsia do lobo temporal, correlações entre as visões e eventos astronômicos) e observar dimensões psicossociais e históricas das experiências. Desse modo, Bullard (1989) deu visibilidade maior e reforçou um caminho para que pesquisas sistemáticas pudessem explorar hipóteses mais condizentes com a complexidade dos episódios, de modo não a ignorar os achados anteriores e correspondentes linhas de pesquisa, mas a somar variáveis de interesse da psicologia social, antropologia, sociologia e história, além de abrir margem à exploração de possibilidades além desses domínios.

De modo semelhante à crescente e encorajada ênfase nas dimensões psicossociais das experiências anômalas em geral (Zangari & Maraldi, 2009), as variáveis dessa ordem passaram a compor mais fortemente o mosaico de estudo das experiências óvni, em paralelo aos estudos mais “biológicos” herdados do período anterior e ainda fortes hoje. Como se verá logo abaixo, a década de 1990 viu florescer diversas pesquisas “biológicas” sobre as experiências de abdução, tentando correlacioná-las a variáveis como entidades nosológicas clássicas, tendências a fantasiar, alucinar, desenvolver falsas memórias e dissociar, entre outras. Ao mesmo tempo, historiadores, folcloristas, antropólogos, psicólogos sociais e sociólogos passaram a também demonstrar interesse por esse objeto de estudo.

Assim, em oposição à quase universal tendência dos usuários da expressão “Era Moderna dos Discos Voadores” em estendê-la aos dias atuais, escolhi arbitrariamente distinguir e nomear a presente fase como “pós-moderna” justamente para destacar a crescente pluralidade de enfoques incidentes sobre as experiências, que tem permitido, inclusive, uma ainda tênue aproximação entre entusiastas do tema e a comunidade científica. Quando trazemos à baila a psicologia anomalística, as possibilidades se multiplicam ainda mais e passam a incluir também, sob rigor científico, a possibilidade de anomalias efetivas. De fato, sugiro que este período se encontra apenas em estágio embrionário, com claras lacunas de conhecimento e bibliográficas, além da necessidade de quebrar preconceitos arraigados

quanto aos protagonistas das experiências e aos interessados no tema (cf. analogia com Almeida & Lotufo, 2003, e também o capítulo 13).

Após brevíssima descrição do desenvolvimento histórico do tema, cumpre revisar a literatura acerca dos achados mais recentes, sem a pretensão de um resgate exaustivo. Ao mesmo tempo, para não estender sobremaneira o capítulo, alguns achados específicos serão apresentados ou descritos com mais detalhe em outros momentos, enquanto apoio à discussão da ocasião.

Quase todos os trabalhos acadêmicos sobre óvnis se deram no âmbito das Humanidades, domínio que tomarei como recorte, dado o caráter psicológico da presente pesquisa. Versam sobre a controvérsia cultural e científica sobre óvnis e extraterrestres, aplicações de testes psicológicos e avaliações clínicas em protagonistas, correlatos com folclore e religião, aspectos da psicologia da percepção e da memória acerca das experiências, estatísticas sobre aspectos diversos, correlatos com experiências místicas e implicações psicológicas, filosóficas, sociológicas e antropológicas do imaginário coletivo sobre a pluralidade dos mundos habitados. Seguem-se exemplos relevantes para esta pesquisa.

Diversos estudos buscaram correlacionar as experiências a características pessoais como tendência a fantasiar (e.g., Gow & cols., 2001; Bartholomew, Howard & Basterfield, 1991; Powers, 1991), propensão a falsas memórias (e.g., Clancy, McNally, Pitman, Schacter & Lenzenweger, 2002; Otgaar, Candel, Merckelbach & Wade, 2009; Paley, 1997; Powers, 1991), tendência a dissociar (e.g., Holden & French, 2002; Powers, 1994; Schnabel, 1994), substratos neurológicos específicos (e.g., Holden & French, 2002; Don & Moura, 1997; Paley, 1997; Persinger, 1992), entre outras. Alguns exemplos ilustram as divergências do campo e a necessidade de novas pesquisas. Ademais, como a grande maioria dos estudos se dedica a uma categoria particular de experiência óvni, as abduções, são necessários trabalhos que abarquem consistentemente outras categorias de experiências.

Parnell (1988) utilizou o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI; Greene, 1980) e o *Sixteen Personality Factors Test* (16PF; Cattell, Eber & Tatsuoka, 1970) e apurou evidência de que os que alegam contatos com alienígenas seriam pessoas mais criativas, imaginativas, divergentes, reservadas, desconfiadas e defensivas, especialmente em relação a figuras de autoridade. Além disso, seriam particularmente mais sensíveis à crítica social, além de possuírem tendências esquizotípicas e se sentirem mais socialmente distantes, o que implicaria, entre outras possibilidades, em serem menos extrovertidas, menos sociáveis e menos emocionalmente estáveis. Contudo, ressalva a dificuldade em determinar o quanto dessa desconfiança é antecedente ou conseqüente às experiências.

A partir da revisão da literatura, French et al. (2008) sugeriram que protagonistas de experiências óvni possuem perfil psicológico mais propenso à dissociação, sugestibilidade, crenças em paranormalidade, falsas memórias e fantasias. Na fase posterior, de testagem, os autores replicaram os achados e adicionaram como característica distintiva dos protagonistas a tendência a alucinar. Por sua vez, ao contrário dos achados prévios, não apuraram susceptibilidade maior dos protagonistas para falsas memórias.

Hough e Rogers (2007-2008) avaliaram os construtos tendência à fantasia, inteligência emocional e os cinco grandes fatores da personalidade em pessoas que alegam ter sido sequestradas por óvnis. Contrariando os achados iniciais da ampla revisão de literatura que realizaram, não encontraram diferença significativa em quase todos os construtos, de modo a sugerir que os alegados abduzidos possuem perfil psicológico bastante semelhante ao da população geral, ao menos quanto àquelas variáveis. A única exceção foi o fator Conscienciosidade da personalidade, cujos escores entre os abduzidos foram significativamente mais elevados que no grupo controle. Os autores sugeriram ser isso um esforço dos abduzidos em parecerem testemunhas confiáveis. Ademais, sugeriram que as diferenças encontradas em outros estudos quanto a essas e outras variáveis se deveram a deficiências metodológicas sérias como preconceito, observação tendenciosa, métodos

inadequados e amostras pequenas e unificadas, que não distinguem abduzidos, contatados e testemunhas de experiências simples.

Em estudo exploratório (Martins, 2010b), investiguei qualitativamente a relação entre experiências óvni e os nove critérios distintivos entre experiências espirituais saudáveis e transtornos mentais de conteúdo religioso sugeridos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009): ausência de sofrimento psicológico, ausência de prejuízos sociais e ocupacionais, duração curta, atitude crítica preservada, compatibilidade com o grupo cultural ou religioso do protagonista, ausência de comorbidades, controle sobre a experiência, crescimento pessoal ao longo do tempo e a construção de atitudes de ajuda aos outros³¹. À ocasião, concluí que a maioria das experiências óvni não se associa de modo importante a indicadores de transtornos mentais, enquanto mesmo as exceções (que tendem a recair sobre experiências de abdução) tendem a produzir sofrimento psíquico e desorganização apenas passageiros, à semelhança de algumas experiências espirituais consideradas por Menezes Júnior e Moreira-Almeida como saudáveis no âmbito geral. Ademais, o frequente caráter compartilhado das experiências brasileiras e ressalvas quanto ao preenchimento de critérios diagnósticos básicos³² problematizam ainda mais a patologização das experiências óvni.

³¹ Sugiro ser justificável a aplicação dos nove critérios na análise de experiências óvni por, ao menos, quatro razões: (1) Tanto as experiências óvni quanto as experiências espirituais se inserem no universo maior das experiências anômalas; (2) Verificam-se diversas associações diretas e indiretas entre experiências óvni e experiências espirituais, tais como a frequente elaboração das primeiras enquanto sobrenaturais (e.g., contatados) e as concomitâncias explícitas (e.g., abduções descritas no “plano espiritual”, lembranças de “vidas passadas” que incluem contatos com alienígenas, emergência de experiências psi durante e após experiências óvni); (3) Dado o papel potencial da radicalidade das experiências óvni no universo das experiências anômalas (cf. capítulo 2), sugiro o estudo das primeiras pelo conselho de William James (1902/1991), segundo o qual as manifestações extremas de um fenômeno tendem a revelar mais facilmente suas características principais; e (4) Dado o caráter de esboço inicial que marca o modelo proposto por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009), o confronto deste com novos dados é construtivo para sua possível e gradativa validação futura. Assim, cabe lembrar que o modelo teórico proposto pelos autores carece de pesquisas robustas, amparadas em dados numerosos e confiáveis, sendo, portanto, apenas sugestivo de variáveis a serem melhor investigadas.

³² Como exemplo, um arranjo sintomatológico não raro associado a experiências mais intensas assume a semelhança de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Todavia, um critério diagnóstico central para o mesmo (i.e., o episódio traumático, que deve ser facilmente reconhecível e, na literatura, possui frequente dimensão consensual enquanto potencialmente traumático) se refere, no caso, a episódios considerados largamente improváveis pela ciência, i.e., experiências óvni próximas e complexas. Contudo, não sugiro aqui a ausência definitiva dos critérios diagnóstico, mas, ao menos a princípio, algumas ressalvas que merecem melhor discussão acerca da incerta fronteira entre o patológico e o anômalo (cf. Berenbaum, Kerns & Raghavan, 2000). Como exemplo, McNally et al. (2004) sugerem que o

Argumentando contra a histórica tendência cética e mesmo acadêmica à patologização dos que se afirmam abduzidos e ao não-reconhecimento da relevância do tema, McLeod et al. (1996) sugerem evidências de que significativa parcela das experiências de abdução não pode ser atribuída a fantasias masoquistas, distúrbios do sono, mentiras simples, doença mental, desejo de chamar a atenção, trauma de nascimento ou regressões de memória tendenciosamente conduzidas, tal como sugerido pela maioria dos críticos.

Ao passo que tais causas, incluindo entidades nosológicas clássicas, parecem não se adequar às experiências, sintomas e sinais alegadamente secundários ocorrem com alguma frequência, como reações de estresse, ansiedade generalizada, fobias, anemia, ardência e sensibilidade nos olhos, queimaduras, erupções na pele, complicações gastrointestinais, sede aguda, sensação de nojo de si, lapsos de memória, mudanças profundas de personalidade, transtornos mentais secundários, entre outros a merecer melhor investigação, devido à necessidade de esclarecimento sobre como e porque ocorrem (cf. Appelle et al., 2000; Bullard, 1989; Martins, 2010b; McLeod et al., 1996; Suenaga, 1999).

Por sua vez, as experiências óvni podem cumprir funções subjetivas das experiências anômalas em geral, como metaforizar a jornada de amadurecimento psicológico e resgatar a dimensão de mistério da vida, entre outras (Bullard, 1989; Cardeña et al., 2000; Dewan, 2006b; Jung, 1958/1988; Mack, 1994; Moura, 1996; Saliba, 1995; Suenaga, 1999). Todavia, as experiências óvni podem também diferir de modo importante das demais categorias de anomalias por serem, em parcela significativa dos casos, mais extensas, complexas e talvez padronizadas, além de particularmente associadas a sinais e sintomas (Appelle et al., 2000; Bullard, 1989; Mack, 1994; McLeod et al., 1996; Moura, 1996; Suenaga, 1999) e passíveis de

evento estressor associado às reações típicas de TEPT pode ser qualquer um, inclusive imaginário, desde que elaborado enquanto traumático. Os autores investigaram “memórias” de abdução por alienígenas, partindo do pressuposto de sua origem imaginária, e concluíram, por medidas psicofisiológicas, serem tão ou mais estressantes que memórias de guerra.

interpretações científicas enquanto produto de tecnologias não-convencionais (Bullard, 1989; Dewan, 2006b; Jung, 1958/1988).

Em outra oportunidade (Martins, 2011), discuti que o estudo do imaginário contemporâneo acerca da morte pode se beneficiar particularmente do estudo das experiências óvni. Isso porque alienígenas podem se apresentar como arautos da morte tanto literal quanto simbólica. Nesta última, em termos junguianos, residiria um peculiar convite à individuação quando as experiências assumem os contornos de uma espécie de Hades tecnológico hipertrofiado, se comparadas ao panorama inicial observado por Jung (1958/1988). O princípio abarca de visões mais “simples” de óvnis e alienígenas a experiências mais “complexas”, como as abduções, que se relacionam à morte conscientemente (e.g., “*pensei que era o fim do mundo*”, “*achei que minha hora tinha chegado*”) e à jornada simbólica de morte e renascimento que inclui a descida ao Hades, o enfrentamento de demônios e espíritos, e o retorno amadurecido.

Embora as experiências óvni atualmente se mostrem sob contornos tecnológicos parcialmente familiares e embora pareçam atemporais em essência, caracterizando visões similares em todas as épocas e locais (Jung, 1958/1988; Suenaga, 1999), não raro as experiências se mostram chocantes e destoantes da visão de mundo de pessoas e grupos a ponto de atuarem como uma forma de desconstrução cultural, confrontando crenças convencionais científicas e religiosas, e angustiando protagonistas (Bullard, 1989; McLeod et al., 1996; Suenaga, 1999). Isso sugere outra distinção importante para com a maioria das demais experiências anômalas, que costumam se adequar melhor à cosmovisão de seus protagonistas e seu meio social, ser passíveis de certo controle e gerar menor ou nenhum sofrimento psicológico ou prejuízos funcionais no cotidiano (Cardena et al., 2000; Menezes Júnior & Moreira-Almeida, 2009). Ademais, enquanto a tendência a fantasiar e outras características de personalidade parecem associadas a

alguns tipos de experiências anômalas, isso parece não ocorrer com experiências de abdução, quando consideradas separadamente (Hough & Rogers, 2007-2008).

Suenaga (1999) discute a historicidade do tema óvni na cultura contemporânea, abarcando o papel da mídia, tipos de narrativas, perfis de protagonistas, posturas político-militares e científicas adotadas desde a década de 1940 em diversos países frente aos relatos, e dimensões religiosas e simbólicas do fenômeno, que o caracterizam como um autêntico mito tanto moderno quanto ancestral. Apesar de sua roupagem tecnológica e tal como Jung (1958/1988) defendera quarenta anos antes, a essência das experiências óvni seria atemporal, caracterizada por visões similares, depositárias de medos e fantasias sobre catástrofes iminentes, arautos de transformações individuais e coletivas, estímulo à dimensão religiosa e a outras formas de projeção psicológica.

Dewan (2006b) conclui que as experiências óvni compartilham elementos essenciais e distintos de outros tipos de experiências anômalas, como aquelas relativas a fantasmas, demônios, anjos etc. As experiências óvni seriam fundadas em vivências estranhas, mas reais cultural e individualmente, que formam e são formadas pelas tradições culturais e esquemas mentais específicos (e.g., crenças, memórias, expectativas e vieses perceptuais próprios às experiências óvni). Bullard (1989) reconhece nas experiências óvni a interface com tradições folclóricas em aparência e função, mas afirma que a adaptação dessas para o contexto atual torna os óvnis a matéria quintessencial das lendas modernas, ao miscigenar temas contemporâneos (e.g., tecnologia, conspirações em escala global, astronomia, astrobiologia, preocupações ecológicas) e ancestrais (e.g., medos básicos, a jornada de amadurecimento psicológico, a busca por transcendência).

Marçolla e Mahfoud (2002) analisaram relatos sobre luzes anômalas em Caeté, Minas Gerais, sob o prisma da pesquisa fenomenológica em psicologia. Os autores sugeriram que as experiências no local são típicas de moradores idosos, tendem ser

compreendidas em termos religiosos, como divinos, malignos ou absolutamente misteriosos, inomináveis. Sua veracidade não é questionada pelos protagonistas (o que remete a uma dimensão primária das experiências em relação às crenças populares que então se seguem e com as quais estabelecem relações dialéticas, como discutido em Bullard, 1989, Dewan, 2006b e Hufford, 1977, 1982). Assim, o que se põe em dúvida, embora não se negue, são experiências de terceiros e as explicações difundidas na cultura. A partir de Halbwachs³³, compreendem os relatos como produto das memórias individual e coletiva. A memória individual fortalece o vínculo social, resgata e presentifica a tradição. Já a memória coletiva confirma a individual, oferece-lhe contexto e complementa lacunas. Com Taylor³⁴, argumentam que a dimensão do sagrado fornece à razão contexto para reconhecer plausibilidade nas experiências.

No curso de uma aproximação entre experiências óvni e a experiência religiosa, Lewis (1995) organizou obra que se tornou um clássico sobre o tema. O autor propõe que a hermenêutica do escritor popular Erich Von Däniken³⁵ seja invertida, de modo que as experiências e narrativas atuais sobre óvnis e alienígenas tenham seus elementos religiosos tradicionais reconhecidos. Lewis propõe que a dessacralização da terra em detrimento do céu, típica nas religiões ocidentais, torna fenômenos celestes incomuns como potencialmente divinizáveis. Da mesma forma, óvnis e a divindade são essencialmente misteriosos (ou numinosos, como em Jung, 1958/1988), considerados mais poderosos que o ser humano, capazes de “milagres” (e.g., curar, aparecer e desaparecer, flutuar, transpassar paredes, comunicar-se mentalmente, atravessar

³³ Halbwachs, M. (1990) A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, cap.2.

³⁴ Taylor, C. (1997) As fontes do self: a construção da identidade moderna. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola.

³⁵ Erich Von Däniken (1935-), escritor suíço, popularizou-se a partir da década de 1960 com a obra *Eram os Deuses Astronautas?* (São Paulo: Círculo do Livro, 1984) e suas sucessoras. Däniken defende que muitas religiões e mitos presentes na história humana (inclusive atuais) constituíram interpretações errôneas que povos antigos fizeram de experiências diretas com entidades extraterrestres e suas naves espaciais em visita à Terra. Assim, a hermenêutica de Däniken propõe que narrativas religiosas (e.g., a visão de Deus no Monte Sinai, a ascensão de Elias) sejam reinterpretadas enquanto pousos de naves fortemente iluminadas, abduções por alienígenas etc.

distâncias cósmicas). Em sua faceta oposta e complementar, as mesmas aptidões sobre-humanas, ao serem aliadas à aparência repugnante ou a intenções questionáveis dos alienígenas (e.g., em sofridas abduções), podem torná-los objeto de demonização. Desse modo, alienígenas se tornariam depositários de projeções religiosas diversas, boa parte das quais inconscientes para os que o fazem. Os óvnis e as inteligências que os pilotariam se tornariam promessa de salvação para a humanidade e o planeta, portadores de poderes sobre-humanos inimagináveis, sábios “irmãos cósmicos” prontos a conduzir e mesmo arrebatam a humanidade (mas apenas os terráqueos “escolhidos”) no auge da crise planetária, emissários do próprio Lúcifer nas vésperas do Juízo Final etc. Em sintonia com Jung (1958/1988), Lewis conclui que os alienígenas e óvnis de hoje cumprem funções outrora e/ou concomitantemente atribuídas a Deus, anjos e demônios, de modo a se tornarem “anjos tecnológicos” (Lewis, 1995, p. XIII).

Complementarmente, Saliba (1995, p. 41-48) aponta sete características que aproximariam, fenomenologicamente, as experiências óvni do campo religioso:

- A. Mistério: O pretense encontro com óvnis e alienígenas traz consigo, na perspectiva dos protagonistas, uma compreensível “aura de mistério”, uma alteridade radical ligada a questões não respondidas sobre “eles”, dos tipos: O quê? Por quê? Como?
- B. Transcendência: Os óvnis e alienígenas viriam do céu, símbolo de transcendência, de planetas distantes ou outras dimensões, muito além da capacidade terrena em alcançar. Ademais, apresentam diversas outras performances sobre-humanas.
- C. Crença em entidades sobrenaturais: Os alienígenas tendem a ser entendidos como seres de natureza também sobre-humana, muitas vezes imateriais, análogos a deuses. Por sua vez, a citada hermenêutica de Däniken conduz a questão para o patamar literal. Muitas vezes são considerados emissários diretos de Deus ou de Lúcifer.

- D. Perfeição: Muitas vezes, os alienígenas são tidos como membros de sociedades utópicas, limpas, otimizadas. São “irmãos cósmicos” repletos de sabedoria, bondade e beleza, que já dominaram as forças da natureza.
- E. Salvação: Com grande frequência, os alienígenas são ditos redentores, salvadores da humanidade no momento de crise planetária. Podem também curar doentes, ensinar caminhos espirituais e resolver crises existenciais.
- F. Visão de mundo: Os alienígenas podem se inserir em sistemas de crença maiores sobre o sentido da existência e o senso de propósito do universo. Assim, fariam parte dos planos de Deus (ou de Lúcifer) para a humanidade, fomentariam uma ressignificação da vida do protagonista após a experiência em direção à aceitação de realidades sutis ou maiores etc.
- G. Espiritualidade: As experiências óvni, especialmente as mais complexas, podem se aproximar de êxtases místicos, visões espirituais e ritos de passagem, demarcando uma mudança de consciência com conotação espiritual, existencial.

Essa rápida revisão de literatura elencou alguns temas fundamentais sobre experiências óvni e sinalizou brevemente sua complexidade e relevância para a psicologia e ciências próximas. Enquanto aguardo para retomá-los na discussão dos resultados, seguem-se outros referenciais teóricos cruciais aos meus propósitos.

Capítulo 6 – O modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade

*A chave de todas as ciências é
inegavelmente o ponto de interrogação.*

Honoré de Balzac

Como visto no capítulo anterior, diversos autores sugerem que algumas variáveis internas estejam relacionadas ao surgimento de experiências óvni, entre as quais características de personalidade como neuroticismo, tendência a fantasiar, a desenvolver falsas memórias, entre outras (e.g., French & cols., 2008; Hough & Rogers, 2007-2008). O mesmo ocorre com outras categorias de experiências anômalas (e.g., Gow, Lang & Chant, 2006), de modo a caracterizar uma linha de pesquisa frutífera tanto em psicologia anomalística quanto em psicologia das diferenças individuais. Assim, o caráter promissor de se replicar achados internacionais no contexto brasileiro, relacionado à antes mencionada importância de estudos transculturais e da compreensão da especificidade brasileira, se uniu a meu interesse antigo por investigar características pessoais de protagonistas de experiências óvni. Ao longo dos anos, tornou-se lugar comum, inclusive sem a devida investigação ou reflexão, considerar tais protagonistas como fantasistas inveterados, mentirosos, desejosos de chamar a atenção, entre outros adjetivos mais ou menos próximos dos interesses e instrumentos avaliativos da psicologia. Portanto, esta pesquisa se insere (somado a Martins, 2010b, e outros trabalhos em curso) em meu propósito maior de estudar a viabilidade de tais hipóteses.

Contudo, até onde pude apurar, o Brasil não possui testes adaptados e validados para diversas das variáveis abarcadas nos estudos internacionais. Isso me impeliu à busca de

medidas indiretas, que pudessem ser teoricamente relacionadas àquelas variáveis. Ademais, alguns modelos de personalidade estão amparados em teorização robusta, o que permitiria também discutir diversas características interessantes em si mesmas, tanto gerais quanto sutis, da personalidade dos protagonistas de experiências óvni, além de possuírem sofisticação de medida na forma de testes adaptados e validados no país. Assim, pela soma de possibilidades investigativas, optei pelo modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade, ou Modelo Big Five.

O Modelo Big Five constitui uma teoria da personalidade baseada na psicologia do traço, que caracteriza a maioria das publicações científicas atuais sobre personalidade (McCrae, 2006). Segundo o autor, a psicologia do traço se vale exclusivamente de métodos quantitativos para explicar as variações no funcionamento e desenvolvimento dos processos de personalidade. Os traços não seriam comportamentos ou soma de comportamentos, mas

Eles são disposições globais e abstratas que resumem as tendências, estilos e preferências dos indivíduos. Suas inferências requerem consideração do significado do comportamento no contexto das metas, motivos e valores da pessoa.... [Os traços remetem a um] conjunto de regularidades no comportamento e experiência humanas³⁶ (McCrae, 1982, p. 301-302).

Desse modo, achados empíricos diversos alcançaram consistentemente cinco grandes fatores que comporiam a personalidade, na forma de padrões razoavelmente estáveis de pensamento, sentimento e comportamento (Costa & McCrae, 2007). A estrutura pentafatorial da personalidade é composta por Neuroticismo, Extroversão, Abertura a Experiências, Amabilidade e Conscienciosidade. Por sua vez, as menções frequentes a seguir sobre escores

³⁶ Livre tradução do trecho original: They are abstract and global dispositions that summarize the tendencies, styles, and preferences of the individual. Their inference requires consideration of the meaning of behavior in the context of the person's values, motives, and goals.... it is a set of regularities in human behavior and experience.

altos e baixos se relacionam a um continuum de medidas possíveis de se fazer relativas a cada fator e faceta interna, através de instrumentos psicológicos (como aquele que será apresentado no capítulo 10).

O Neuroticismo (N - *Neuroticism*) diz respeito ao ajustamento emocional no cotidiano. Desse modo, o fator remete à tendência a experimentar afetos negativos (com altos escores no fator) e a não experimentá-los (baixos escores). Entre os afetos negativos associados aos elevados escores estão medo, tristeza, raiva, vergonha, culpa e nojo. Ademais, o fator N se relaciona à propensão a idéias irracionais, pouca habilidade para conter impulsos e para lidar com o estresse. Os baixos escores, por sua vez, se associam a estabilidade emocional e habilidade maior em lidar com situações estressantes (Costa & McCrae, 2007).

A Extroversão (E - *Extraversion*) se refere à sociabilidade, assertividade e busca de excitação e estimulação. Desse modo, pessoas com elevados escores em E tendem a se apresentar alegres e bem dispostas, além de interessadas em ocupações empreendedoras. Por sua vez, os baixos escores caracterizam tendências introvertidas, mais difíceis de definir como a ausência de extroversão ou enquanto seu oposto. Não há correspondência precisa entre E e a polaridade extroversão/introversão de Jung (1921/2008) (Costa & McCrae, 2007).

A Abertura a Experiências (O - *Openness*) abarca imaginação ativa, independência de julgamento, sensibilidade estética, atenção aos próprios sentimentos, curiosidade intelectual e preferência pela variedade. Desse modo, os escores mais elevados apontam para essas tendências e os mais baixos para seus opostos. A associação deste fator com inteligência e nível educacional é modesta (Costa & McCrae, 2007).

A Amabilidade (A - *Agreeableness*) é uma dimensão de ordem interpessoal. Refere-se à predisposição para ser amistoso, sensibilizar-se com a situação alheia, colocar-se no lugar do outro, demonstrar gentileza e complacência. Embora seja tentador associar os altos escores em A com adaptabilidade social, o traço pode não ser vantajoso em situações que requerem competição, crítica e ceticismo (Costa & McCrae, 2007).

Finalmente, a Conscienciosidade (C – *Conscientiousness*) se refere ao autocontrole em termos de planejamento, organização e condução de tarefas, o que a aproxima da escrupulosidade. Desse modo, os baixos escores em C estão associados à desorganização e a dificuldade em administrar os impulsos diante de propósitos que requerem metodismo (Costa & McCrae, 2007).

Cada fator acima é composto por seis facetas internas, o que refina a compreensão da personalidade e multiplica as possibilidades de estudo. Seguem-se breves descrições de cada faceta, enumerada conforme o fator a que dizem respeito e ainda de acordo com Costa e McCrae (2007). Cada faceta é acompanhada por breves exemplos de comportamentos e emoções tipicamente relacionados, a título ilustrativo.

N1 – Ansiedade: Como o nome da faceta sugere, os altos escores se relacionam à frequente sensação de apreensão, tensão, medo e grande preocupação, enquanto baixos escores apontam para pessoas tipicamente calmas e corajosas.

N2 – Hostilidade: Altos escores se relacionam à tendência para vivenciar raiva, frustração, amargura e sentimentos relacionados, enquanto baixos escores apontam para pessoas usualmente amigáveis e difíceis de se ofender.

N3 – Depressão: Remete à tendência para experimentar afetos negativos como tristeza e ausência de esperança, enquanto baixos escores apontam para pessoas tipicamente otimistas e esperançosas.

N4 – Embaraço: O núcleo da faceta se relaciona à tendência em experimentar vergonha, constrangimento, embaraço social, em contraposição à segurança e conforto relacionados aos baixos escores.

N5 – Impulsividade: Altos escores nesta faceta sugerem dificuldade em conter os próprios ímpetos e anseios, o que não deve ser confundido com espontaneidade, ousadia ou rapidez para tomada de decisões. Por sua vez, escores baixos sugerem facilidade para resistir aos próprios desejos, quando necessário ou adequado.

N6 – Vulnerabilidade: Finalmente, esta faceta aponta para a susceptibilidade ao estresse e emoções associadas. Em contrapartida, baixos escores sugerem pessoas calmas, resilientes.

E1 – Acolhimento: A primeira faceta da Extroversão se relaciona, em seus altos escores, à tendência para receber calorosamente as pessoas, apresentar-se amistoso, conversador. Como contraparte, baixos escores sugerem tendências à frieza e à formalidade. Por sua dimensão interpessoal, esta faceta se aproxima do fator Amabilidade. Mas não se deve confundi-las, pois, enquanto esta faceta está inserida em um contexto maior de “voltar-se para fora” que caracteriza a Extroversão, o fator Amabilidade independe disso (e.g., uma pessoa introvertida pode ser frequentemente amável).

E2 – Gregarismo: Altos escores apontam para pessoas que preferem companhia e estimulação social. Já baixos escores sugerem a preferência pela companhia de poucas pessoas ou mesmo a solidão.

E3 – Assertividade: Pessoas com elevados escores nesta faceta tendem a ser dominadoras, independentes, “líderes naturais”, decididas e confiantes, enquanto baixos escores sugerem pessoas que evitam se afirmar e se expor.

E4 – Atividade: Altos escores se relacionam à boa disposição, à agilidade e ao vigor; pessoas com destaque nesta característica tendem a ser vistas como muito “ativas”, como o nome da faceta sugere. Por sua vez, baixos escores sugerem pessoas “paradas”, sem pressa, “sossegadas” ou deliberadas.

E5 – Busca de sensações: Pessoas destacadas nesta faceta tendem a buscar excitação, risco e estimulação. Tendem a ser aventureiras, corajosas ou mesmo exibicionistas. Já os baixos escores sugerem pessoas cautelosas.

E6 – Emoções positivas: Trata-se da tendência para experimentar alegria, amor, animação e outras emoções positivas. Vários estudos sugerem ser esta faceta a mais relevante para a predição da vivência subjetiva de felicidade. Os baixos escores, por sua vez, apontam para pessoas plácidas, sérias.

O1 – Fantasia: A primeira faceta da Abertura a Experiências, em elevados escores, aponta para pessoas tipicamente dadas a “voos imaginativos”, com vida fantasiosa ativa. Não se trata apenas ou necessariamente da fantasia como forma de escape, mas também ou especificamente como um enriquecimento criativo da vida psicológica. Já os baixos escores sugerem pessoas mais “realistas”, práticas.

O2 – Estética: Faceta associada à apreciação do que é belo e harmonioso, incluindo formas diversas de arte. Baixos escores tendem a se relacionar a pessoas menos interessadas ou sensíveis a essas questões.

O3 – Sentimentos: Altos escores sugerem pessoas mais “sensíveis”, que valorizam as próprias emoções e sentimentos, pois os consideram partes importantes da vida. Em contrapartida, pessoas mais “racionais”, que expressam pouco as emoções, tendem a apresentar baixos escores.

O4 – Ações variadas: Trata-se, em seus elevados escores, de predisposições para o novo e diferente, incluindo lugares, situações, pessoas etc. Já os baixos escores se associam à preferência pela rotina e a familiaridade.

O5 – Idéias: Uma marca distintiva desta faceta é a curiosidade intelectual, o que inclui abertura para questionamentos e novas idéias, incluindo não-convencionais, além de busca ativa pelos próprios interesses intelectuais. Pessoas com baixos escores, por sua vez, tendem a ser mais pragmáticas, “pé no chão”.

O6 – Valores: Altos escores nesta faceta sugerem predisposição para reexaminar valores sociais, familiares, políticos e/ou religiosos, além de tolerância para perspectivas diferentes de suas próprias. Por sua vez, baixos escores sugerem conformismo com a ordem estabelecida ou mesmo dogmatismo.

A1 – Confiança: A primeira faceta da Amabilidade se refere à disposição para acreditar na honestidade e nas boas intenções das pessoas. Já as pessoas que apresentam baixos escores no fator tendem a ser desconfiadas em relação às demais.

A2 – Franqueza: Relaciona-se à própria sinceridade, i.e., à fidelidade em relação à verdade, o que pode se associar também à ingenuidade. Em contraposição, por razões que não podem ser compreendidas fora do contexto das demais características, baixos escores sugerem tendência à imprecisão em relação à verdade, como, entre exemplos que não esgotam as possibilidades, comportamentos associados à adulação, à astúcia, ao comedimento. Mas a faceta não deve ser interpretada como uma propensão desonestidade, no sentido moral usual.

A3 – Altruísmo: Como o próprio nome aponta, pessoas com elevados escores nesta faceta tendem a se preocupar ativamente com o bem-estar das demais, o que inclui demonstrações de generosidade. Baixos escores, por sua vez, sugerem tendências pessoais para centramento em si mesmo e nas próprias necessidades.

A4 – Complacência: Altos escores nesta faceta sugerem a tendência a ser tolerante e a deferir em favor das demais pessoas, a fim de evitar conflito. Em contrapartida, pessoas com baixos escores tendem a ser confrontadoras, antagonistas.

A5 – Modéstia: Faceta associada à humildade, simplicidade e menor vaidade, o que não deve ser confundido com baixa auto-estima. Já os baixos escores sugerem tendência à soberba e ao narcisismo.

A6 – Sensibilidade: Finalmente, esta faceta se associa, em seus altos escores, a atitudes de simpatia, compaixão, preocupação com o lado humano de políticas sociais etc. Enquanto tendências opostas, associadas a baixos escores, estão posturas mais “realistas”, frias e “racionais”.

C1 – Competência: Refere-se à percepção de si mesmo enquanto capaz, prudente e efetivo. Entre as facetas da Conscienciosidade, esta é a mais associada à auto-estima e controle interno. Por sua vez, baixos escores sugerem impressão de si como incapaz.

C2 – Ordem: Caracteriza, em seus altos escores, atitudes de organização, planejamento, metodismo. Pessoas com baixos escores tendem a ser desorganizadas.

C3 – Senso do dever: Altos escores nesta faceta sugerem senso de cumprimento de dever, sejam de ordem social, moral ou ética. Já pessoas com baixos escores tendem a desconsiderar mais facilmente padrões de conduta socialmente validados.

C4 – Esforço por realizações: Faceta relacionada a elevadas aspirações e a atitudes condizentes para alcançá-las, como diligência. Baixos escores sugerem pessoas pouco ambiciosas e esforçadas, embora possam estar satisfeitas com tal modo de agir.

C5 – Autodisciplina: Altos escores nesta faceta apontam para pessoas tipicamente persistentes, hábeis em conduzir tarefas ao fim, independentemente de tédio, fastio, distrações e outras dificuldades. Como tendência contrária, sinalizada por baixos escores, verifica-se a tendência à prostração e à fácil desistência.

C6 – Ponderação: Última faceta do Modelo Big Five, caracteriza, em seus altos escores, a tendência a deliberar cuidadosamente antes de agir, em contraposição à tendência à espontaneidade, ao pouco planejamento, no curso das ações.

A despeito de seu prestígio, o modelo pentafatorial da personalidade não constitui unanimidade. Um número não-desprezível de estudos questiona a existência de cinco grandes fatores em detrimento de outras quantidades (e.g., Ashton & cols., 2004; Piedmont, 1999), além de problematizar as evidências psicométricas (e.g., Block, 1995) e o alcance e validade geral do modelo dimensional (e.g., McAdams, 1992). Desse modo, embora se reconheça que o modelo pentafatorial tem organizado expressiva quantidade de dados e recebido confirmações diversas, as críticas incidem sobre a interpretação das evidências psicométricas, o caráter estático da noção de traço, a questionável suposição de imutabilidade da personalidade diante de aprendizados e outras mudanças e interações ao longo do ciclo de vida, e a ausência de maior compreensão sobre dinâmicas causais dos comportamentos e

experiências (em detrimento de correlações generalistas)³⁷, entre outras. Assim, o modelo pentafatorial indica importantes e razoavelmente estáveis tendências de comportamento, emoção, pensamento. Contudo, possui limitações também importantes, não pode ser considerado um modelo integrativo da personalidade e requer novos estudos (McAdams, 1992).

Adicionalmente ao apresentado no capítulo 5, relações teóricas entre aspectos da personalidade e experiências óvni podem ser investigadas. A premissa que subjaz a busca de explicações internas para as experiências, ou parte delas, como a personalidade e as demais dimensões investigadas neste estudo, é o princípio da parcimônia, que, no caso de um recorte psicológico, impele à busca de explicações subjetivas (embora não apenas intrapsíquicas) em primeira instância para eventos cujo caráter externo e objetivo é considerado improvável ou não demonstrado cientificamente (e.g., a visita sistemática à Terra de civilizações alienígenas a bordo de óvnis)³⁸. Assim, a primeira hipótese testada neste estudo (cf. capítulo 10) é amparada nestas relações teóricas ao sugerir que os grupos experimentais apresentam escores significativamente superiores aos respectivos grupos controle em Neuroticismo (N), Abertura a Experiências (O) e Busca de Sensações (E5), dimensões da personalidade aqui investigadas pelo instrumento NEO PI-R (cf. capítulo 10).

A possibilidade a princípio parcimoniosa é de que os elevados escores nesses fatores e faceta poderiam indicar características pessoais ocasionadoras de experiências

³⁷ Em resposta a parte destas críticas, pretendi, desde seu início, uma abordagem complementar qualitativa das experiências, de modo a dinamizar os achados em meio a variáveis psicossociais que os contextualizam e lhes conferem sentido no cotidiano dos protagonistas.

³⁸ O princípio científico da parcimônia, também conhecido como Navalha de Ockham (Domingos, 1999), sugere a economia das hipóteses. Deste modo, hipóteses mais simples e/ou que recorrem a aspectos conhecidos da experiência devem ser evocadas inicialmente para explicar dados novos, em detrimento de hipóteses mais complexas ou que apelam para fenômenos não provados ou improváveis. Não se trata de afirmar que fenômenos complexos ou não provados sejam aprioristicamente irrealis ou impossíveis. Trata-se, antes, de um critério pragmático, através do qual o arcabouço científico vigente é verificado e testado à exaustão, antes que seja considerado insuficiente para abarcar os novos dados. Assim, após densos estudos, caso as hipóteses parcimoniosas se mostrem insuficientes diante dos desafios explicativos impostos pelos dados, hipóteses progressivamente mais complexas e/ou menos ortodoxas ganham legitimidade epistemológica para serem investigadas. Portanto, ao considerar primeiramente as hipóteses parcimoniosas diante das experiências óvni, encontro-me ciente de que possibilidades menos ortodoxas podem corresponder a um número não desprezível de episódios.

e/ou narrativas óvni. Quanto à Busca de sensações, uma das facetas da Extroversão (E), essa teoricamente poderia propiciar episódios associados à invenção ou exagero de experiências, dado que a faceta está associada a comportamentos exibicionistas e busca de estimulação. Assim, considerando o grande apelo coletivo associado a óvnis (e.g., Sagan, 1996; Suenaga, 1999), uma maneira consistente de obter estimulação, atenção coletiva e se exibir poderia ocorrer pela invenção de experiências óvni ou exagero de experiências vivenciadas. Tal hipótese vem sendo sugerida desde a década de 1940, embora muitas vezes como rótulos taxativos e sem rigor científico. Contudo, os achados relacionados são controvertidos (Hough & Rogers, 2007-2008) e têm neste trabalho uma investigação adicional.

Apenas como exemplos de tais possibilidades, extraídos de minha experiência prévia com protagonistas, deparei-me algumas vezes com pessoas que alegaram ter observado algo incomum e fraudaram evidências físicas para corroborar e aumentar o relato, como fotos e marcas no solo. De modo complementar, fotos tiradas ao acaso e nas quais posteriormente se identificam borrões, luzes ou objetos estranhos passam, às vezes, a ser acompanhadas de histórias detalhadas sobre o comportamento do estranho objeto e sobre como o flagrante da foto teria sido intencional.

Por sua vez, o fator Abertura a Experiências está associado a fantasias ricas e à abertura a visões de mundo amplas e potencialmente heterodoxas. Assim, é possível investigar a possibilidade teórica inicialmente parcimoniosa e bastante evocada por céticos de que experiências óvni poderiam se fundamentar (em algum nível) nesse fator enquanto fantasiosas e/ou originadas da superposição entre eventos prosaicos (talvez raros ou desconhecidos pelo protagonista) e visões de mundo amplas, de modo a ser o desconhecido interpretado enquanto alienígena e/ou sobrenatural. Minha experiência salienta essa possibilidade, de modo que incontáveis pessoas me procuraram ao longo dos anos para declarar, como de origem alienígena, eventos parcimoniosamente

atribuíveis (a partir dos detalhes do relato vistos sob escrutínio técnico) a fenômenos naturais e artificiais conhecidos (e.g., pesadelos simples, aviões, satélites, episódios de paralisia do sono³⁹). Até que ponto tais constatações informais são ou não generalizáveis será objeto de discussão adiante.

Finalmente, o Neuroticismo também pode se associar à tendência a fantasias, falsas memórias e desejo por fugir da rotina entediante (Chan, Goodwin & Harmer, 2007; Hough & Rogers, 2007-2008; Sánchez-Bernardos & Avia, 2003), de modo a ocasionar episódios sustentados em devaneios, lembranças largamente imprecisas, dificuldades emocionais em lidar com a vida real e mesmo traumas. Vários autores sugerem a possibilidade teórica de associação entre abusos sexuais ou outros traumas infantis e posteriores lembranças distorcidas, na forma de abduções (e.g., Powers, 1994). Contudo, tais proposições não foram adequadamente testadas (Appelle et al., 2000, p. 272) e possivelmente várias sejam indemonstráveis, por serem tautológicas e remeterem a instâncias inobserváveis. Ademais, a partir de sua experiência clínica, ainda que não científica, alguns terapeutas e investigadores (e.g., Jacobs, 1998, p. 293-295) sugerem não haver evidências da ocorrência de abusos físicos ou sexuais na infância entre os abduzidos em proporção maior que na população geral e alegam que alguns abduzidos que vivenciaram abusos na infância distinguem abertamente tais lembranças daquelas referentes às suas pretensas abduções. Desse modo, novos estudos são necessários, o que alimenta a presente investigação.

³⁹ Paralisia do sono é um fenômeno relativamente raro, no qual a pessoa, quando próxima de adormecer ou de acordar completamente (i.e., nas “fronteiras” entre o sono e a vigília), experimenta rigidez corporal concomitante à consciência de si e de estar acordada. Não raro, a pessoa consegue abrir os olhos e observar o ambiente externo, ao mesmo tempo em que experimenta alucinações vívidas (i.e., “sonhos com os olhos abertos”), sensação de aperto no peito e de presenças “fantasmagóricas” ao redor. Certa conotação sexual também pode emergir. Dados seu aspecto realista, o pouco conhecimento do grande público sobre o fenômeno e tendências pessoais dos protagonistas, o evento pode ser interpretado como um encontro sobrenatural, um contato com alienígenas, um abuso sexual etc. (McNally & Clancy, 2005).

Capítulo 7 - Psicopatologia fenomenológica

Metade do tempo, você acha que está louco.

Na outra metade, os outros é que acham.

Um abduzido em Intruders (1992)

Entre as características muitas vezes atribuídas aos protagonistas de experiências óvni estão transtornos mentais, em particular aqueles de ordem direta ou indiretamente psicótica. Dado o exotismo afrontoso de muitas experiências e relatos, além da aparente convicção de quase todos os seus alardeadores, não é difícil conceber razões ao menos iniciais para tal hipótese. Assim, as experiências acabam frequentemente consideradas como alucinações e delírios de esquizofrênicos, bipolares, portadores de transtornos psicóticos agudos, esquizoafetivos, induzidos por substâncias, de humor com sintomas psicóticos ou quaisquer outros que possam ser associados a comprometedoras distorções da realidade consensual.

Dada a ampla quantidade de entidades nosológicas associadas e o caráter pouco parcimonioso de uma apresentação detalhada, segue-se uma breve e genérica descrição, contando com maior detalhamento quando os resultados desta pesquisa forem discutidos. Assim, transtornos psicóticos são aqueles em que tipicamente ocorrem distanciamento social e/ou alterações significativas na consciência de si mesmo e da realidade consensual, com decorrente dimensão não-adaptativa e ansiogênica na vida do indivíduo. Essas alterações podem emergir tanto na forma de sinais e sintomas positivos, i.e., de acréscimos na percepção, no pensamento, na emoção e/ou no comportamento, como delírios, alucinações e comportamentos bizarros, quanto podem se manifestar em sinais e sintomas negativos, como embotamento afetivo e falta de envolvimento com outras pessoas. Os transtornos psicóticos podem ser transitórios (e.g., associados a estresse agudo) ou persistentes (e.g., certos

transtornos delirantes, esquizofrenia), de origem interna ao organismo (e.g., sob propensões genéticas) ou externa (e.g., intoxicação), primários (i.e., destacam-se como ponto de partida no quadro clínico; e.g., transtorno esquizotípico), secundários (i.e., os sintomas psicóticos derivam ou se seguem a outro transtorno; e.g., depressão com sintomas psicóticos) ou concomitante a outros sintomas (e.g., transtornos esquizoafetivos, em que os sintomas psicóticos são tão proeminentes quanto os relativos ao humor) (American Psychiatric Association [APA], 1994; Jaspers, 1979; Organização Mundial de Saúde [OMS], 1993).

Tal como para as características de personalidade, aqui ocorre uma aproximação potencialmente proveitosa entre hipóteses populares /céticas e ferramentas psicológicas que podem testá-las. Assim, como anteriormente exposto, estudos dessa ordem têm sido conduzidos e as alardeadas concepções patologizantes não têm sido confirmadas pelos achados sistemáticos internacionais, de modo que entidades nosológicas clássicas parecem não se adequar enquanto explicações abrangentes para experiências óvni em geral e mesmo para as mais complexas, em particular (e.g., Appelle et al., 2000; McLeod et al., 1996; Parnell, 1988). Contudo, minha revisão de literatura apurou, até o momento, uma lacuna quanto a estudos similares no Brasil, de modo a potencializar meu interesse inicial em investigar características pessoais de protagonistas de experiências óvni, em testar hipóteses populares e em replicar achados internacionais.

Desse modo, as patologias mentais ou psíquicas constituem campo de estudo e literatura de inesgotável vastidão, sob copiosas perspectivas teóricas e metodológicas. Entre o leque de possibilidades, a presente pesquisa se ampara na psicopatologia fenomenológica desenvolvida a partir da clássica obra de Jaspers (1979), por permitir confrontar os presentes achados com maior parcela da literatura internacional, que compartilha similar alicerce⁴⁰.

⁴⁰ Um motivo adicional importante para a escolha da psicopatologia fenomenológica reside em constituir minha referência teórica favorita em relação ao tema, por convicções epistemológicas cuja exposição completa aqui caracterizaria uma digressão cansativa. Assim, pretendo que o notório caráter frutífero da abordagem enquanto maior agregador de dados e teorizações na área, além da relação direta com a maioria dos achados relativos a experiências óvni, sejam suficientes à ocasião, enquanto justificativa.

Em um contexto marcado por múltiplos discursos inconciliáveis sobre psicopatologia, Jaspers (1979) compôs uma marcante crítica metodológica, em busca de uma maior cientificidade para a psiquiatria e a psicologia (Rodrigues, 2005). Apesar da onipresente associação que passou a ser sugerida entre sua obra e a fenomenologia, Jaspers a questiona, em face das limitadas conexões. A ressalva é compreensível, porque a relação entre a psicopatologia proposta pelo autor e a fenomenologia é direcionada a um aspecto, a consciência, sem a pretensão de desenvolver proporcionalmente ou se afiliar a outras dimensões da obra husserliana e outras “fenomenologias”⁴¹. Assim, a psicopatologia fenomenológica de Jaspers concentra a sua atenção na psicologia das manifestações à consciência, sistematizando a observação de sinais e sintomas tal como vividos pelo paciente e acessíveis ao psicólogo e ao psiquiatra. Esse foco ocorre, pois, em detrimento da busca por instâncias e dinâmicas intrapsíquicas, como considerar a economia da libido, agrupar diferentes manifestações patológicas em função de mecanismos de defesa teoricamente partilhados, entre outras possibilidades presentes na literatura e alvos de controvérsia talvez maior.

Sob tal diretriz, Jaspers (1979) sistematizou manifestações nosoformes a partir de suas semelhanças e diferenças apreensíveis pela consciência, ao invés de fazê-lo tendo por base pressuposições psicodinâmicas ou mesmo de outras ordens, o que o aproxima da proposta husserliana da redução fenomenológica⁴². Portanto, Jaspers se ocupou primariamente de como os pacientes descreviam sua visão de mundo e a si mesmos, pensamentos que lhes ocorriam, sensações, comportamentos, assim como se valeu do que os psicólogos e psiquiatras podiam atestar nos pacientes em termos de sua conduta, apresentação, verbalizações e outras nuances observáveis. Em uma etapa seguinte, Jaspers discute o

⁴¹ Por este motivo, este texto prescinde de maiores discussões sobre as fenomenologias de Husserl, Heidegger e demais correntes.

⁴² Redução fenomenológica é o processo pelo qual se suspendem temporariamente os juízos teóricos sobre o objeto de interesse, em prol da busca por sua essência tal como experienciada pelo sujeito do conhecimento (Forghieri, 1993).

estabelecimento de “conexões compreensíveis” entre os elementos observados, de modo a poderem ser encadeados e reconhecidos em sua coerência. Desse modo, aliado às discussões de cunho teórico e metodológico, abordou as experiências agrupadas enquanto relativas à consciência do objeto, vivência do espaço e tempo, consciência corporal, consciência da realidade, estados de ânimo, entre outras.

As discussões e a sistematização de Jaspers (1979) alavancaram a produção científica, incluindo a realização de estudos quantitativos, novas perspectivas terapêuticas e a produção de classificações amplamente utilizadas. Assim, emerge *"o ideal de um acordo mínimo com relação à delimitação formal e operacional das categorias diagnósticas empregadas"* (Costa Pereira, 1998, p. 62), que encontrará seu expoente máximo na elaboração de manuais como na *Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*, ou CID (OMS, 1993), atualmente em sua décima versão, e no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, ou DSM (APA, 1994), em sua quarta edição. O presente estudo se utiliza de um instrumento (MINI PLUS, cf. capítulo 10) baseado nas classificações e critérios diagnósticos do DSM-IV e da CID-10, de modo a herdar a psicopatologia de Jaspers e seus respectivos pressupostos.

Todavia, o estudo sistemático das experiências anômalas exige a adoção de critérios múltiplos de saúde mental, pois a mera menção de vivências bizarras tende historicamente a ser considerada indicadora “óbvia” de transtorno mental. Isso é particularmente verdadeiro quando se trata de experiências em algo chocantes ou destoantes na cultura em que se inserem, como não raro ocorre com experiências óvni (Bullard, 1989; McLeod et al., 1996; Suenaga, 1999). Além disso, as classificações psiquiátricas possuem cada qual suas limitações (Almeida & Lotufo, 2003; Berenbaum et al., 2000). Assim, dado que o MINI PLUS tende a pontuar como indicadores de transtornos psiquiátricos menções a percepções e crenças incomuns que motivem algum estranhamento na cultura em que ocorrem, tomei o cuidado de, uma vez constatadas tais vivências pela aplicação do instrumento, buscar maiores

detalhes, incluindo sutilezas de sua adequação cultural (o que abarca a ampla “permissividade” do sincretismo cultural brasileiro diante de vivências inusuais) e o confronto com referenciais teóricos que problematizam a relação entre transtornos mentais e experiências anômalas.

Assim, como um referencial adicional qualitativo para a pesquisa, utilizo novamente (cf. Martins, 2010b) os já mencionados nove critérios de saúde mental propostos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) para diferenciar transtornos mentais e experiências espirituais: ausência de sofrimento psicológico, ausência de prejuízos sociais e ocupacionais, duração curta, atitude crítica preservada, compatibilidade com o grupo cultural ou religioso do protagonista, ausência de comorbidades, controle sobre a experiência, crescimento pessoal ao longo do tempo e a construção de atitudes de ajuda aos outros. Sugiro ser viável a adição desse referencial por compartilhar o mesmo alicerce fenomenológico da obra de Jaspers (1979), pois ambos partem das vivências tal como são descritas por seus protagonistas. Assim, pretendo também comparar os resultados daquele estudo exploratório (Martins, 2010b) com a presente e mais sistemática investigação. Finalmente, como Menezes Júnior e Moreira-Almeida asseveram que seu modelo requer pesquisas, em diversificados contextos, para testar sua validade, sugiro que a presente pesquisa possa compor parte desse esforço de verificação.

Adicionalmente ao apresentado no capítulo 5, relações teóricas podem ser a princípio sugeridas para serem testadas entre transtornos mentais e experiências óvni. A segunda hipótese deste estudo (cf. capítulo 10) se amparou nessas relações teóricas e no mencionado princípio da parcimônia ao aventar que indicadores de transtornos mentais atuais ou passados (na ocasião do episódio, para os protagonistas) se apresentariam em proporções significativamente superior nos grupos experimentais em relação a seus respectivos grupos controle. A perspectiva inicial a ser testada é de que tais fatores poderiam propiciar experiências associadas a alucinações e delírios, sejam de ordem primária, como no caso dos

transtornos psicóticos, sejam de ordem secundária, como nos transtornos depressivos, maníacos e ansiosos com componentes psicóticos.

Ou seja, no mínimo da mesma forma como qualquer experiência de vida, ícone cultural ou estímulo avulso, óvnis e alienígenas poderiam compor alucinações e delírios, tanto em população clínica quanto não-clínica. Todavia, devido a seu caráter insólito e impacto cultural (Bullard, 1989; Dewan, 2006b; Suenaga, 1999), talvez seja concebível considerar um potencial maior do ícone óvni figurar como tema em quadros psicóticos, em comparação a temas aleatórios. Assim, cumpre investigar se o potencial se torna efetivo, de modo que houvesse relações significativas entre as experiências e perfis psicopatológicos.

Finalmente, os já mencionados sinais e sintomas aparentemente secundários, posteriores a experiências óvni (Appelle et al., 2000; Bullard, 1989; McLeod et al., 1996; Suenaga, 1999), constituem um desafio explicativo, devido à incerteza sobre como e por que ocorrem. Dada o amplo leque de possibilidade de transtornos ditos secundários (e.g., estresse, fobias, ansiedade generalizada, ardência e sensibilidade nos olhos, queimaduras, anemia, erupções na pele, sede aguda, complicações gastrointestinais, sensação de nojo de si, lapsos de memória, mudanças profundas de personalidade), uma descrição de todos neste capítulo seria pouco parcimoniosa. Assim, também a esse respeito, adio maior detalhamento para a discussão dos resultados. Desse modo, a exploração detalhada de eventuais aspectos psicopatológicos das experiências e seus protagonistas poderá fornecer elementos para debater a questão, em seus aspectos ontológicos e fenomenológicos.

Capítulo 8 - Teoria da Atribuição de Causalidade

Um dia descobriremos que a verdadeira intenção destes tais discos voadores era apenas estudar a vida dos insetos.

Mario Quintana

Desde suas primeiras versões, esta pesquisa foi concebida como quantitativa e qualitativa. Assim, os achados quantitativos oriundos da aplicação de instrumentos psicológicos permitiriam confrontar numerosos achados em outras culturas sobre diferenças individuais e transtornos mentais de protagonistas de experiências óvni e experiências anômalas em geral. Por sua vez, a introdução de análises qualitativas objetiva dinamizar os achados quantitativos, de modo a conferir-lhes sentido na cultura. Assim, em detrimento de uma concepção estática e descontextualizada sobre as relações entre características pessoais e tipos de experiências óvni, pretendo ampliar o foco para compreender processos de confluência e dissonância entre diversidade cultural brasileira, crenças idiossincrásicas e compartilhadas, diferenças individuais, categorias de experiências óvni, entre outras variáveis potencialmente em jogo. Essa resolução encontra sintonia e respaldo nas críticas cada vez menos raras acerca da fragmentação do conhecimento psicológico, processo esse que ocorreria em favor de preferências metodológicas e pressões sociais, em detrimento dos próprios objetos de estudo e sua desafiadora complexidade (e.g., Valsiner, 2006).

A Teoria da Atribuição de Causalidade, ou simplesmente TAC (Dela-Coleta & Dela-Coleta, 2006), constitui um dos referenciais para as análises qualitativas devido à sua potencial contribuição para elucidação de conexões entre as variáveis supracitadas. Atualmente, a TAC se apresenta como um somatório de contribuições teóricas de base

cognitivista centradas na compreensão dos processos e referenciais culturais pelos quais as pessoas buscam explicar eventos e experiências que compõem seu cotidiano. Os processos de atribuição tendem a incidir sob eventos atípicos, a respeito dos quais o conhecimento prévio não pode fornecer automaticamente explicações satisfatórias. Desde modo, as pessoas agem como “cientistas ingênuos”, buscando nexos causais para as experiências de vida a partir de sua idiosincrasia e da cultura. Assim, as atribuições se nutrem de crenças prévias, ideários difundidos na cultura, emoções, expectativas e outras formas de cognição social. Apenas como exemplos ilustrativos de crenças socialmente partilhadas, muitas atribuições partem da premissa de que *“cada um tem aquilo que merece”* ou então de que *“nada acontece por acaso”*. Assim, muitas experiências de vida tendem a ser explicadas, com graus diversos de complexidade, a partir dessas premissas por aqueles que compartilham delas. Por sua vez, as atribuições causais para os eventos atípicos possuem funções como conferir sentido, controle e previsibilidade à realidade, diminuir a ambiguidade, simplificar a experiência, possibilitar inferências e fortalecer a auto-imagem das pessoas perante si mesmas e a sociedade (cf. ampla revisão em Dela-Coleta & Dela-Coleta, 2006).

Segundo o pioneiro da TAC Fritz Heider (1958), que se concentrou em compreender os julgamentos feitos acerca dos comportamentos, há dois tipos básicos de atribuição de causalidade: (1) atribuição interna, i.e., quando é relacionada a disposições de personalidade e outras centradas na pessoa, e (2) atribuição externa, que compreende a situação como emergente de um contexto onde estão os indivíduos. Assim, a depender de diversas variáveis, as pessoas tendem mais a fazer atribuições internas ou externas, ou seja, a atribuir a causa de determinado evento às pessoas envolvidas ou ao contexto. Heider sugeriu a preferência em nossa cultura por atribuições internas, o que será discutido adiante quando compararmos as atribuições feitas pelos protagonistas de experiências óvni e por voluntários do grupo controle.

Os trabalhos pioneiros de Franz Heider inspiraram outros autores, que pretenderam formular um corpo teórico robusto e unificador sobre os mecanismos e processos envolvidos na atribuição de causalidade. Entre eles, Kelley (1967, citado por Machado, 2009) propôs o modelo de covariação, no qual as atribuições são feitas a partir do confronto entre três fontes de informação: (1) *consenso*, referente ao modo típico das pessoas se comportarem diante de um mesmo estímulo, (2) *distintividade*, que diz do modo como a pessoa cujo comportamento está sendo julgado se porta em outras situações, em comparação àquela na qual exibe o referido comportamento, e (3) *consistência*, referente à frequência da associação entre o comportamento observado da pessoa em foco e o mesmo estímulo em situações diversas. Ainda com Kelley, atribuições internas tendem a ser feitas quando o consenso e a distintividade são baixos, mas alta a consistência, ao passo que atribuições externas se seguem tipicamente à alta das três fontes. E, finalmente, atribuições situacionais tendem a ser feitas quando a consistência é baixa e as demais formas de atribuição não podem ser reconhecidas com clareza. Ou seja, a causa incide sobre uma circunstância incomum, o que é de grande interesse potencial para o estudo de atribuições relativas a experiências óvni, dado sua recorrente dimensão de encontro com o desconhecido.

Complementarmente, as atribuições internas tendem a depender da “saliência perceptual”, da percepção mais fácil e imediata daquilo que está disponível a nossos sentidos. Assim, as pessoas e situações parecem ser aquilo que apreendemos prontamente acerca delas. Contudo, tais informações não são assimiladas estática e “fielmente”, mas passam a compor um mosaico de influências e vetores relativos à manutenção de nossa auto-estima, atalhos mentais, valores, medos, esperanças, aprendizados, entre outros componentes passíveis de conduzir a atribuições “distorcidas”, reconstrutoras do objeto em pauta (cf. Heider, 1958; Machado, 2009).

A esse respeito, Ross (1977) cunhou o termo *erro fundamental de atribuição* para se referir a situações nas quais julgamentos sociais se inclinam sobremaneira a causas internas

do indivíduo e subestimam ou ignoram o contexto em que ele se insere. Tal erro será adiante retomado quando discutirei as atribuições feitas pela cultura em geral e pelos membros do grupo controle em particular sobre os protagonistas de experiências óvni. Da mesma forma, terão lugar discussões sobre as atribuições de protagonistas em relação aos céticos e aos membros da cultura em geral. De fato, entre as motivações desta pesquisa sempre esteve compreender mecanismos e processos pelos quais as pessoas, sejam céticas, crédulas ou protagonistas, compreendem as experiências óvni e as crenças favoráveis e contrárias, fazendo-o muitas vezes de forma enfática, em meio a opiniões diversas e emoção intensa.

Contudo, como faceta complementar do erro fundamental de atribuição, as atribuições das pessoas acerca do próprio comportamento tendem a ser situacionais, o que guardaria relação, entre outras variáveis aqui mencionadas, com a saliência perceptual, pela qual as pessoas percebem mais facilmente o próprio contexto que suas próprias implicações nele (Machado, 2009).

Após esse primeiro movimento de atribuição interna, pode ocorrer um confronto entre essa e o contexto, em busca de ajuste e confirmação, embora tal iniciativa não seja, muitas vezes, uma prioridade. Isso porque tende a exigir esforço consciente, enquanto a atribuição interna tende a ser mecânica, imediata (Machado, 2009).

Embora seus objetos de estudo mais “tradicionais” sejam os comportamentos do próprio sujeito e os alheios, a TAC tem servido como referencial para a abordagem de temas diversos, dentre eles, as experiências religiosas e as experiências anômalas. Spilka et al. (1985) estão entre os que discutem ampliações, aplicações e achados da TAC para a psicologia da religião. Ao buscarem a unificação dos estudos anteriores e proporem uma Teoria Geral da Atribuição, os autores apontam também que os sistemas de crenças religiosos frequentemente se inserem em um quadro maior de visão de mundo das pessoas, cujas variáveis e processos podem ser identificados e preditos na elaboração de situações ou experiências particulares. Ainda segundo Spilka et al. (1985),

A Teoria da Atribuição também se aplica à percepção de eventos do mundo exterior tais como flutuações econômicas, acidentes e guerras. Por essa razão, alguns têm ido além da análise de experiências pessoais... para considerar as atribuições religiosas como parte do conjunto de esforços explanatórios de uma pessoa.... a religião provê um amplo "sistema de significado" para interpretar toda a gama de eventos da vida, não apenas como uma estrutura que serviria para rotular estados emocionais internos⁴³ (p.2).

Em seus esforços para a construção para a Teoria Geral da Atribuição, Spilka et al. (1985) agregaram diferentes influências. Entre essas se destacam a Teoria da Emoção (Schachter, 1971), A Teoria da Autopercepção (Bem, 1972) e a Teoria da Atribuição para a Motivação (Weiner, 1972). Em termos bastante breves, a Teoria da Emoção aponta para a insuficiência dos correspondentes fisiológicos para o reconhecimento da emoção, ao que o componente interpretativo, atributivo, desempenha um papel crucial. Já a Teoria da Autopercepção preconiza que o autoconceito depende da avaliação do indivíduo quanto a seus pensamentos, sentimentos e ações, que se realiza por atribuições a partir de auto-observação ao longo da vida e do contexto em que a pessoa se comporta. Por sua vez, a Teoria da Atribuição para a Motivação defende o papel de tendências “internas” e “externas” da personalidade, de modo que pessoas mais autorreferenciadas tendem a atribuir a si mesmas (i.e., a variáveis internas que elas podem em algo controlar) as causas dos eventos que vivenciam, ao passo que pessoas mais heterorreferenciadas tendem a responsabilizar outras

⁴³ Livre tradução a partir do trecho original "Attribution theory also applies to the perception of events in the outside world such as economic fluctuations, accidents, and wars. For this reason, some have gone beyond... personal experiences to view religious attributions as part of one's overall explanatory efforts.... religion provides a broad-scale 'meaning system' for interpreting the whole range of life events, not just a framework for labeling internal emotional states."

peessoas e forças externas, como o acaso ou a sorte, ou a variáveis internas que não podem controlar, como falta de talento e semelhantes (cf. Machado, 2009).

Finalmente, Spilka et al. (1985) sintetizam para a Teoria Geral da Atribuição:

1) As pessoas buscam explicar as experiências e eventos através de causas, i.e., realizando atribuições de causalidade. Como os eventos possuem, frequentemente, muitas causas possíveis e mesmo incompatíveis, o atribuidor terá de escolher entre elas ou hierarquizá-las. Em caso de suposto agente causal humano, as atribuições tendem a ser feitas a características duradouras ou outras do agente. De qualquer modo, caso se presuma um ator, suas razões e intenções serão frequentemente aventadas como causas.

2) O processo de atribuição é motivado pela necessidade de perceber os eventos como significativos, pelo desejo de predição e controle, e pela necessidade ou desejo de se proteger física e psicologicamente, além de manter ou alimentar a auto-estima. Assim, as atribuições constituem, em parte, tentativas individuais de encaixe de eventos em amplos sistemas de crenças e significado. A busca por predição e controle pretende aumentar a probabilidade de consequências positivas e evitar consequências negativas dos eventos.

3) Os processos de atribuição são deflagrados quando ocorrem eventos que não podem ser automaticamente assimilados pelo sistema de crenças-significado do indivíduo, possuem implicações para o controle de consequências futuras e/ou atingem a auto-estima.

4) Iniciado o processo de atribuição, as atribuições específicas tendem a ser aquelas que melhor restaurem a coerência no sistema de crenças do atribuidor, consolidem confiança em consequências futuras agradáveis ou controláveis e favoreçam a auto-estima.

5) O grau de percepção de uma atribuição potencial como satisfatória (com decorrente probabilidade maior para sua escolha) varia de acordo com características do atribuidor, o contexto no qual a atribuição é feita, as características do evento que se busca explicar e o contexto no qual o evento ocorre.

6) Sistemas de conceitos religiosos fornecem ampla gama de explicações significativas para eventos, assim como possibilidades também amplas para fortalecer a auto-estima e o sentimento de controle sobre a realidade, tais como fé, orações, rituais diversos etc. Assim, mesmo novos e estranhos eventos podem ser abarcados, significados, preditos e controlados dentro desses sistemas, dada sua abrangência e mecanismos. Isso inclui, conforme o caso, tanto controle direto dos eventos quanto a abdicação da necessidade de controle. Por sua vez, entre as formas de manutenção e incremento da auto-estima estão possibilidades de desenvolvimento espiritual e o cuidado condicional e incondicional que as pessoas podem receber.

A partir dessa sistematização, Spilka et al. (1985) propuseram um modelo do processo de atribuição profícuo para esta pesquisa. Segundo o modelo,

um atribuidor entra numa situação com uma pré-disposição geral a favor ou contra o uso de atribuições religiosas para explicar eventos (o que é usualmente chamado de “religiosidade”); o contexto do atribuidor, então, exerce uma influência nessa propensão em uma ou outra direção. O resultado é um nível de disponibilidade... para cada um dos sistemas de crença-significado de modo que, tudo o mais sendo igual, o sistema de maior disponibilidade será o primeiro a ser evocado para formular uma atribuição. O atribuidor, então, considera a natureza do evento a ser explicado em conjunção com o contexto do evento. Se o sistema dominante provê uma explicação satisfatória, a atribuição escolhida será desse tipo; na medida em que esse sistema falhar em oferecer uma explicação aceitável, o atribuidor se voltará para outro sistema de explicação. Embora acreditemos que o caso mais comum em nossa cultura

seja aquele em que uma explicação naturalista esteja mais disponível e, portanto, seja primeiro avaliada... nossa visão pode acomodar o caso alternativo da mesma forma⁴⁴ (p. 9).

Assim, a probabilidade de escolha por atribuições religiosas ou não-religiosas dependeria, em parte, de variáveis como a relativa disponibilidade de sistemas naturalistas e religiosos de crença-significado, a crença sobre a eficácia para controlar eventos de mecanismos associados a esses sistemas e a importância de fontes naturalistas e religiosas para a auto-estima. Por sua vez, o contexto do atribuidor afeta a probabilidade de uma atribuição religiosa em detrimento de uma não-religiosa pela disponibilidade dos sistemas de crença-significado, pela eficácia percebida dos mecanismos de controle religiosos em comparação com os não-religiosos ou pela relativa saliência dessas fontes de auto-estima. Já os eventos em si também afetam a probabilidade das atribuições devido ao seu grau de congruência em relação aos sistemas de crença do atribuidor, ao grau de controle que os sistemas naturalistas e religiosos apresentam diante de eventos semelhantes e o grau em que tais explicações favorecem a auto-estima. Por fim, a influência do contexto em que o evento a ser explicado ocorre influencia a escolha atributiva religiosa ou naturalista em função da disponibilidade ou plausibilidade relativa de várias explicações, da informação sobre a eficácia das várias explicações para prever ou controlar eventos semelhantes, ou do impacto do evento sobre a auto-estima (Spilka et al., 1985). É possível perceber que as variáveis se encontram entrelaçadas de modo sistêmico, afetando-se mútua e dinamicamente.

⁴⁴ Livre tradução a partir do original: “an attributor enters a situation with a general predisposition toward or against the use of religious attributions for explaining events (which is usually called “religiosity”); the attributor’s context then exerts an influence on this propensity in one or the other direction. The outcome is an availability level... for each of the meaning-belief systems such that, all else being equal, the system of greater availability will be invoked first to formulate an attribution. The attributor then considers the nature of the event to be explained in conjunction with the context of the event. If the dominant system provides a satisfactory explanation, the attribution chosen will be of this type; to the extent that this system fails to offer an acceptable explanation, the attributor will turn to the other exploratory system. Although we believe that the more common case in our culture is the one in which a naturalistic explanation is more available and hence evaluated first... our view can accommodate the alternative case as well”.

Influências dessa ordem poderão ser ainda mais eficazes se sedimentadas desde a infância e se acompanhadas de uma desenvoltura ou significativa introjeção do atribuidor a seu respeito, como, por exemplo, na forma de um vocabulário religioso ou naturalista multiplicando, sofisticando e/ou arraigando as possibilidades de compreensão dentro do respectivo sistema, ou ainda o grau de engajamento nesse sistema, o que é mais habitual se pensar acerca da religião (Machado, 2009; Spilka et al., 1985), mas sugiro como também aplicável a sistemas não-religiosos.

Como exemplar no estudo específico das experiências anômalas a partir da TAC, Machado (2009) averiguou relações entre experiências anômalas relativas à psi (cf. capítulo 4), bem-estar subjetivo, crenças e atitudes dos protagonistas. A autora discutiu a constelação de crenças associadas às experiências (e.g., crenças em percepção extrassensorial, psicocinesia, reencarnação, vida após a morte e práticas alternativas) e suas relações com a visão maior de mundo dos protagonistas, incluindo visões religiosas e não-religiosas, além do impacto do interjogo entre crenças e experiências no cotidiano, incluindo atitudes e tomadas de decisão, para as quais a atribuição de causalidade às experiências possui papel decisivo.

Por sua vez, Zangari (2007) realizou um estudo de duplo cunho, fenomenológico e ontológico, sobre experiências anômalas precognitivas entre médiuns de Umbanda. A partir da TAC, o autor concluiu que as experiências inicialmente consideradas anômalas encontraram na religião sua significação, de modo a depender decisivamente das crenças religiosas prévias, em detrimento das características específicas da experiência. Assim, as aptidões precognitivas tenderam fortemente a ser atribuídas aos espíritos e não a eventuais capacidades mentais dos médiuns ou a explicações mais prosaicas.

Dados os aspectos cognitivos amplos que norteiam a atribuição de causalidade tanto para comportamentos quanto para as demais experiências cotidianas, incluindo religiosas, com as quais as experiências anômalas corriqueiramente estabelecem relações, a TAC possui potencial para a compreensão de processos e referenciais pelos quais protagonistas de

experiências óvni consideram ter presenciado ações de alienígenas, veículos extraterrestres, entidades sobrenaturais, manifestações divinas, aeronaves militares secretas, experimentos ilegais do governo, entre outras interpretações que permeiam os relatos e a literatura. De modo análogo, os voluntários do grupo controle, enquanto representantes da cultura maior em que os protagonistas se inserem, têm adiante examinadas suas atribuições acerca das experiências óvni e seus protagonistas. Como decorrência, crenças, atitudes, identidade pessoal, tomadas de decisão e outros aspectos da conduta cotidiana dos protagonistas e não-protagonistas poderão ser discutidos em seu dinamismo cultural. Desse modo, as atribuições serão compreendidas em relação à categoria de experiência em que ocorrem (cf. amostras no capítulo 10) e a variáveis contextuais que as acompanham. Portanto, os achados quantitativos e qualitativos serão articulados em favor de um quadro maior em que experiências óvni possam ser discutidas como a confluência de eventuais perfis de personalidade/saúde mental, e de dimensões intra e intersubjetivas abarcadas pela TAC.

Tal como fiz para o Modelo Big Five e a psicopatologia fenomenológica, adiarei maiores detalhamento sobre a TAC para as discussões dos resultados desta pesquisa, para evitar uma revisão cansativa e me concentrar em aspectos que compõem o eixo do argumento.

Capítulo 9 - Causos e lendas urbanas

*O jesuíta Anchieta
Falou sobre o Boitatá
Era uma “coisa de fogo”
O que será que será?!
Seria um óvni no céu
O Brasil a lumiá?*

Gustavo Dourado,

Cordel da ufologia brasileira

As experiências óvni foram registradas em virtualmente todos os contextos culturais observados, sejam urbanos, rurais, em países desenvolvidos e em desenvolvimento, no oriente e no ocidente, em diversas épocas, por pessoas dos mais variados perfis sócio-econômicos, educacionais e religiosos (Bullard, 1989; Jung, 1958/1988; Suenaga, 1999). Todavia, ainda que seu pluralismo contextual sugira um polimorfismo potencial, e isso se verifique em alguns aspectos, os episódios parecem também compartilhar dimensões folclóricas e arquetípicas, incluindo a estrutura das narrativas e as funções subjetivas que desempenham (Bullard, 1989; Dewan, 2006b; Jung, 1958/1988; Lewis, 1995; Suenaga, 1999).

Desse modo, as narrativas que buscam espelhar as experiências óvni poderiam, a princípio, se ajustar ou se nutrir de categorias maiores de produtos culturais que veiculam o extraordinário, como os causos e lendas urbanas. De fato, é comum na cultura a noção de que os relatos sobre óvnis e mesmo sobre outras categorias de experiências anômalas se resumam a histórias típicas de regiões interioranas, a tradições zeladas por moradores mais idosos, ou ainda a modismos urbanos em forma de rumores assustadores e em algo paranóides, que

incluiriam relatos de abdução, teorias conspiratórias sobre alianças secretas entre os governos da Terra e raças alienígenas etc. Não raro, tal consideração é usada para desacreditar uma eventual dimensão concreta das experiências.

Desse modo, coerente com meu propósito de investigar hipóteses populares sobre experiências óvni a partir de ferramentas psicológicas e outras a elas aproximadas, além de tentar replicar no Brasil achados estrangeiros, decidi abordar eventuais interfaces entre as experiências e os gêneros narrativos causo e lenda urbana. Embora esse último acréscimo não finde as hipóteses populares a respeito, o que nega essa adição enquanto tentativa de esgotar o tema, optei por abordar os gêneros narrativos devido também às possibilidades inauguradas pelo presente uso da Teoria da Atribuição de Causalidade, por essa descortinar variáveis psicossociais. Portanto, pretendo que as discussões a partir da TAC forneçam elementos para abordar eventuais relações entre narrativas óvni, causos e lendas urbanas.

Em termos breves, causo é um termo popularizado pelo uso e que designa narrativas orais fantásticas tipicamente procedentes de meios rurais e relacionadas a entidades sobrenaturais, feitos sobre-humanos, acasos extremos e aberrações da natureza, entre outras possibilidades em algo extraordinárias. Os causos, embora fantásticos e muitas vezes pouco críveis, são contados enquanto reais e são localizados no tempo e no espaço, tendo a fonte situada no próprio contador ou em alguém conhecido seu. Devido ao seu distintivo viés cultural enquanto simbiose entre uma pronúncia regional (da palavra caso) carregada de significado e uma notoriedade multicontextual, o termo causo surge e desempenha função também em trabalhos acadêmicos (e.g., Câmara, 2007; Dantas, 2005; Hartmann, 2000, 2005).

De modo introdutório, lenda urbana também se configura um termo consagrado pelo uso, embora recente, relativo a narrativas anônimas tipicamente orais e breves, mas que também circulam ativamente por vias virtuais, como a internet, com contornos aparentados ao boato e concernentes a eventos extraordinários e de alguma forma relacionados à modernidade. Seu conteúdo costuma ser de ordem negativa (tragédia ou alerta de perigo) e

trazer implícita uma mensagem de conteúdo moral. A lenda urbana também pode ser reconhecida como um gênero (embora não estanque) de narração, marcado por temas, estruturas narrativas e meios de difusão contemporâneos, embora de fato resgatem e modernizem temas imemoriais básicos (cf. Dion, 2008; Lopes, 2008).

As narrativas sobre óvnis e alienígenas, por seu turno, possuem conexões potenciais e, muitas vezes, efetivas com os gêneros causos e lenda urbana. Esta pesquisa trata de protagonistas e relatos em primeira mão sobre óvnis, ao contrário de alguns causos e, principalmente, lendas urbanas que emergem e se consolidam sem a necessidade de um protagonista direto. Contudo, muitos relatos em primeira mão emergem em regiões interioranas, possuem distinta dimensão sobrenatural e são contadas por idosos (e.g., Marçolla & Mahfoud, 2002), de forma semelhante ou idêntica aos conhecidos e requisitados “contadores de causos” do interior (e.g., Câmara, 2007). Ao mesmo tempo, como nas lendas urbanas, muitos relatos emergem marcados pela contemporaneidade de seus temas, como capturas e ocultações de alienígenas por forças armadas, abduções para fins experimentais e genéticos, testes de protótipos militares secretos, intimidação de protagonistas de experiências óvni por agentes governamentais e helicópteros negros sem identificação, conspirações em altas camadas do poder, entre tantos outros. Assim, a evocação desses gêneros pode oferecer elementos úteis ao estudo de atribuições causais devido a espelharem vieses culturais de narrativas extraordinárias. Por sua vez, cabe discutir se ocorrem outras aproximações e assimetrias entre os relatos coletados e os gêneros narrativos, atendendo ao meu supracitado interesse.

Enquanto produtos culturais, os causos e lendas urbanas se inserem na dinâmica de transformação e renovação da cultura através da expressão de valores, crenças, moralidade, medos, memórias. Se os causos tendem a exercer suas funções através de temáticas associadas à religião, ao sobrenatural, ao folclore e outras dimensões de mais longa data (Câmara, 2007; Dantas, 2005; Hartmann, 2000, 2005), as lendas urbanas tendem a se ater à

violência nas cidades, substâncias psicoativas, tecnologia e outros ícones relacionados às sociedades técnicas e industriais (Dion, 2008; Lopes, 2008).

Dado que as experiências óvni também circulam na cultura tanto através de suas dimensões tradicionais quanto daquelas especificamente contemporâneas, além de desempenhar funções semelhantes às daquelas dos causos e lendas urbanas (cf. Bullard, 1989; Dewan, 2006b; Jung, 1958/1988; Lewis, 1995; Suenaga, 1999), e dado que as atribuições de causalidade se nutrem de produtos culturais que incluiriam esses gêneros narrativos, zonas de confluência se delinearão entre as dimensões ancestrais e modernas das experiências óvni e dos causos/lendas urbanas.

Contudo, a despeito das semelhanças potenciais, cumpre adiantar outras distinções. Bullard (1989) reconhece as diversas aproximações em aparência e função entre relatos de abdução e as lendas, como já apresentado. Mas destaca que tais aproximações não permitem ignorar um resíduo de peculiaridade nas narrativas, na forma de elevada e idiossincrásica apropriação pelo protagonista. Ainda com Bullard, a típica sequência de eventos da abdução aparentemente não porta a esperada função estética das lendas, o que deporia contra o surgimento das esperadas emoções no ouvinte. De modo específico, os relatos não portariam o componente artístico sutil das lendas urbanas, como o ritmo de narrativa que adiciona suspense e surpresa (e.g., pausas, reviravoltas), além do retorno do abduzido ser em algo decepcionante, “sem graça” em comparação ao usual nas lendas. A postura dos alienígenas abdutores também parece sem sentido, pois frequentemente muda de hostil para amistosa sem justificativa no contexto dos eventos narrados (cf. exemplos numerosos e detalhados em Jacobs, 1998). Finalmente, muitas narrativas seriam desconjuntadas e paradoxais se comparadas às sequências coerentes e familiares das lendas.

Por seu turno, Dewan (2006b) também reconhece nos óvnis componentes folclóricos, como o papel das crenças e narrativas extraordinárias enquanto tentativas de explicação da realidade, entre outras já referidas. Em termos da categorização folclórica, Dewan classifica

os relatos sobre óvnis como “narrativas de experiência pessoal⁴⁵” (p. 187), as quais define como narrativas em prosa de experiências pessoais, contadas tipicamente em primeira pessoa e de conteúdo não tradicional (i.e., trata-se de uma narrativa “nova”, a princípio não-difundida e em algo impactante, a despeito de seus componentes ancestrais). Usualmente, o protagonista evidencia acreditar no próprio relato enquanto expressão de uma verdade concreta e diretamente experimentada, além de muitas vezes apartada do universo sobrenatural.

Outra classificação possível apontada por Dewan (2006b) como uma subcategoria de narrativa de experiência pessoal enquadraria as narrativas óvni enquanto “memorados⁴⁶” (p. 157), definidos como relatos em primeira pessoa sobre eventos supranormais que poderiam ser reais, distintos das lendas por não compartilharem com elas o conteúdo tradicional e o estilo narrativo. Contudo, se um desses memorados circular de modo consistente na cultura, poderá se tornar uma “lenda memorial⁴⁷” Talvez seja o caso de narrativas óvni notórias como os casos Roswell e Varginha, dentre tantos, ao que é favorecido pelo lembrete de Dewan quanto à inclusão de narrativas de segunda e terceira mão, quando aliadas às de primeira mão, na categoria “memorado” pelos folcloristas modernos.

Por fim, Dewan (2006b) sintetizou que o amplo fenômeno dos óvnis pode ser visto como um grupo de várias lendas, de interpretações de luzes misteriosas a relatos de abdução, cuja linguagem ajuda a conferir sentido a experiências inusuais. Concluindo,

Relatos sobre luzes anômalas que continuamente circulam em comunidades locais ou regionais durante um período prolongado de tempo podem ser concebidos como lendas, ainda que ambos, protagonistas e contadores de histórias, devam contextualizar essas lendas para dar-lhes sentido. Para isso, essas experiências são incorporadas a tradições maiores.

⁴⁵ Livre tradução do termo original “personal experience narratives”.

⁴⁶ Livre tradução do termo original “memorates”.

⁴⁷ Livre tradução do termo original “memorial legend”.

Como "corpos globais de conhecimento" muitas vezes contêm elementos sobrenaturais ou "supercientíficos" e, no caso do fenômeno óvni, serve como um contexto primário tanto para a percepção inicial, quanto para a subsequente interpretação de muitas dessas experiências.... Generalizando, crenças alimentadas por experiências pessoais podem ser ligadas a lendas locais ou regionais, enquanto as lendas, por sua vez, estão ligadas a corpos globais de conhecimento. Crença alimenta memorado, memorado alimenta lenda; lenda alimenta crença. Esse método de categorização permite contextualizar uma experiência óvni (Dewan, 2006b, p. 187-188)⁴⁸.

Embora o foco da presente pesquisa não esteja sobre os gêneros de narrativa, as dinâmicas culturais subjacentes a causos e lendas urbanas poderão fornecer elementos psicológicos e sociológicos para as análises relativas às atribuições de causalidade no que tange a relações entre estruturas de narrativa e de pensamento, crenças subjacentes, funções desempenhadas pelas narrativas na cultura, entre outros, além de atender a meu interesse por investigar aproximações e distanciamentos entre causos, lendas urbanas e relatos sobre óvnis. Desse modo, a literatura sobre os gêneros narrativos será retomada na discussão dos resultados, subordinada às análises de atribuição de causalidade.

Pela mesma razão, relativa ao caráter “secundário” do tema em relação à Teoria da Atribuição de Causalidade, é possível questionar a relevância de um capítulo específico dedicado a tais gêneros narrativos. Talvez tivesse sido mais viável ou adequado incluir este trecho no capítulo 5, sobre experiências óvni, ou no capítulo 8, como apoio à apresentação da

⁴⁸ Livre tradução a partir do original: “*Anomalous light accounts that continually circulate in local or regional communities over an extended period of time may be conceived as legends, yet both experiencers and storytellers must contextualize these legends to make sense of them. To do so, these experiences are incorporated into larger traditions. Such as "global bodies of lore" often contain supernatural or "superscientific" elements and, in the case of UFO phenomenon, serve as a primary context for both the initial perception and subsequent interpretation of many of these experiences (...). To generalize, beliefs informed by personal experiences may be linked into local or regional legends, whereas legends in turn are linked into global bodies of lore. Belief informs memorate; memorate informs legend; legend informs belief. This method of categorization enables one to contextualize a UFO experience*”.

TAC. Contudo, opto pelo capítulo distinto por considerar isso favorável à organização das idéias e para que este atue como um lembrete ao leitor sobre a importância particular do tema.

As definições de caso e lenda urbana podem ser problematizadas, em função da complexidade com que as narrativas interagem dinamicamente com os demais tipos de rumores e lendas, com a cultura presente e a história (Lopes, 2008). Dewan (2006b) sugere que as narrativas óvni, por sua complexidade, salientam tais dificuldades de classificação. Contudo, pretendo demonstrar adiante que os conceitos de caso e lenda urbana conservam, ainda assim, algum valor heurístico para a contextualização das experiências óvni.

Parte 2

Métodos, Resultados e

Discussões

Capítulo 10 – Estrutura da Pesquisa

As coisas mais maravilhosas que podemos experimentar são as misteriosas. Elas são a origem de toda verdadeira arte e ciência. Aquele para quem essa sensação é um estranho, aquele que não mais consegue parar para admirar e extasiar-se em veneração, é como se estivesse morto: seus olhos estão fechados.

Albert Einstein

Uma vez apresentados conceitos e achados básicos da literatura sobre experiências óvni e os referenciais teóricos utilizados na presente pesquisa, este capítulo apresenta sua estrutura, perpassando por objetivos gerais e específicos, descrição e esclarecimentos sobre as amostras, apresentação dos materiais utilizados, sumarização das hipóteses, descrição abreviada do cronograma e narrativa de sua execução, além de algumas questões éticas, financeiras e práticas enfrentadas.

10.1. Objetivos Gerais

O objetivo foi realizar um estudo comparativo entre grupos de pessoas que alegam experiências óvni e grupos controle. Pretendi mensurar a associação entre diferentes níveis de experiência óvni (da ausência de experiências até aquelas próximas e complexas) e os resultados em instrumentos psicológicos relativos à personalidade e à saúde psicológica. Assim, a partir de metodologia quantitativa, foram avaliados os cinco grandes fatores da personalidade e indicadores de transtornos mentais, além de discutidas, a partir dos resultados,

algumas relações possíveis entre as três variáveis (i.e., experiências, personalidade e transtornos mentais). Complementarmente, discuti, de forma qualitativa, implicações psicossociais dos achados em termos da elaboração subjetiva das experiências e seu impacto científico, clínico e cultural.

10.2. Objetivos Específicos

Para atingir os objetivos acima, busquei:

- A) Comparar características de personalidade de pessoas que relataram experiências óvni e de pessoas que não as relataram;
- B) Comparar indícios de transtornos mentais em pessoas que relataram experiências óvni e de pessoas que não as relataram;
- C) Discutir as atribuições de causalidade feitas pelos protagonistas e não-protagonistas (grupo controle) diante das experiências;
- D) Discutir relações possíveis entre os relatos em primeira mão e os gêneros narrativos caso e lenda urbana.

10.3. Amostras

A amostra total contém 81 participantes, com idades entre 24 e 60 anos (média de idade 42,1 anos), de ambos os sexos (46 mulheres e 35 homens) e ensino médio como escolaridade mínima. Os critérios de idade (originalmente entre 18 e 60 anos) e escolaridade se impõem devido às normas do NEO PI-R (cf. seção 10.4 adiante).

Houve quatro grupos de voluntários, sendo dois experimentais e dois grupos controle. Estes foram construídos sob equivalência com seu respectivo grupo experimental em idade, sexo, escolaridade e região do país de onde provêm. O critério de renda econômica, usualmente evocado para equivalência de amostras, foi desconsiderado porque, conforme apresentarei ao longo da discussão sobre os

resultados, não raro os protagonistas das amostras ressignificaram a própria vida a ponto de implementar mudanças que afetaram suas condições econômicas, tais como abandonar uma profissão antiga e coerente com sua formação e aderir a atividades novas e relacionadas a estilos de vida alternativos (i.e, no caso, terapias alternativas). Pela mesma razão, outra variável usual, i.e., filiação religiosa, foi excluída da equiparação, pois constatei a frequente ressignificação ou mesmo abandono, após as experiências, de referenciais tradicionais, como o catolicismo. Assim, ao menos quanto às amostras deste estudo, renda econômica e filiação religiosa parecem se associar ou depender, em algum nível, justamente da variável fundamental que diferencia grupos experimentais e controle: experiência óvni (cf. maiores detalhes nos capítulos adiante).

Por sua vez, dado que este estudo investiga possíveis papéis da personalidade e de transtornos mentais no desencadeamento de experiências óvni, meu recorte incide sobre pessoas que protagonizaram ao menos uma experiência óvni quando em idade adulta. O recorte é coerente com o princípio de que a personalidade e mesmo as psicoses de maior interesse neste estudo tendem a ter seus contornos essenciais presentes a partir da idade adulta, de modo a não ter sentido investigar sua influência sobre os episódios quando ainda não se encontram efetivamente constituídas.

Por sua vez, dado meu interesse em investigar os episódios mais complexos e que apresentem desafios explicativos maiores, tal como os episódios óvni mais conhecidos, o recorte privilegiou experiências que, de acordo com os protagonistas, teriam conotação física, palpável ou sensorial direta, i.e., referentes a óvnis e alienígenas alegadamente vistos no ambiente concreto em que os protagonistas se encontravam. Isso significa, em termos práticos, que foram aceitos apenas voluntários que alegassem ao menos uma experiência óvni apreendida com os “olhos abertos”, ou seja, excluindo-se, ao menos enquanto experiência “principal”, visualizações mentais ocorridas em processos meditativos, sonhos e outras experiências relacionadas a alterações de

consciência, visualizações mentais com os olhos fechados e outras experiências subjetivas menos difíceis, a princípio, de serem parcimoniosamente compreendidas enquanto confluência entre imagens mentais simples e crenças paranormais. Assim, a complexidade adicional ocorre pelo acréscimo de experiências que, caso tenham origem subjetiva, se enquadrariam enquanto alucinações, o que ganha particular relevância ao investigarmos a associação com quadros psicopatológicos.

Naturalmente, experiências “de olhos fechados”, sonhos e outras sutis também serão consideradas, mas a participação do protagonista dessas está condicionada à ocorrência de ao menos uma experiência “de olhos abertos”. A arbitrariedade desse recorte será retomada no capítulo 13.

Sendo assim, os voluntários foram divididos nos grupos conforme se segue:

E1 – O grupo experimental E1 é composto por 35 pessoas (20 mulheres e 15 homens; idades entre 25 e 59 anos, média 41,2) que alegaram ao menos uma experiência óvni “paradigmática” ou “clássica”. Em sintonia com a definição de experiência óvni apresentada na Introdução e no capítulo 5, este grupo reúne protagonistas de visões de óvnis ou alienígenas próximos ou distantes, com riqueza de detalhes suficiente para, sob crivos subjetivos de cada um deles, serem considerados distintos de fenômenos naturais ou artificiais conhecidos. Assim, as experiências deste grupo remetem à visão ou mesmo interação com alegadas naves anômalas de formatos discóide, esférico, cilíndrico e triangular, globos de luz com comportamento aparentemente inteligente, entidades humanóides e experiências associadas. O critério de exclusão, contudo, é o grau de complexidade das experiências: os casos limítrofes, i.e., específicos a abduzidos e contatados, estão reunidos no grupo experimental E2.

C1 – O grupo controle 1 reúne 35 voluntários (20 mulheres e 15 homens; idades entre 24 e 59 anos, média 40,3) que alegam nunca ter tido uma experiência óvni.

Embora experiências ocorridas na infância não tenham sido consideradas para os grupos E1 e E2, tomei o cuidado de incluir no grupo C1 unicamente pessoas sem qualquer histórico declarado de experiências, dado o caráter ao menos ainda incerto das relações entre essas e características pessoais. Considerando as diferenças possíveis entre “alegar não ter tido uma experiência” e “não alegar ter tido uma experiência”⁴⁹, os voluntários foram abertamente arguidos por mim sobre experiências prévias e aceitos apenas se respondessem negativamente. O grupo foi constituído a partir da equiparação em relação ao grupo E1 quanto à idade, sexo, escolaridade e região do país de onde procedem (cf. adiante).

E2 – O grupo experimental E2 é formado por 11 pessoas (6 mulheres e 5 homens; idades entre 35 e 60 anos, média 50,5) que alegaram ao menos uma experiência de abdução ou de contato amistoso e espiritualmente significativo com alienígenas (i.e., contatados; cf. capítulo 5). Em alguns casos, as condições de contatado e abduzido se verificam no mesmo voluntário. Por sua vez, não raro as experiências de abdução e contato amistoso coexistem, no histórico dos voluntários, com experiências menos complexas do tipo reunido no grupo E1. Ainda assim, optei por distinguir o grupo E2 por considerar que a diferença de complexidade entre as experiências potencializa eventuais diferenças no perfil psicológico dos protagonistas.

C2 – O grupo controle C2 é formado por 11 voluntários (6 mulheres e 5 homens, idades entre 37 e 56 anos, média 47,2) que alegam, de modo idêntico ao grupo C1, nunca ter tido uma experiência óvni, seja mais ou menos complexa. O grupo foi constituído a partir da equiparação em relação ao grupo E2 quanto à idade, sexo, escolaridade e região do país de onde procedem (cf. adiante). Assim, à exceção dos perfis demográficos, pois espelham grupos experimentais diferentes, os grupos C1 e C2 são análogos entre si, pois todos os membros de C2 foram extraídos de C1. Isso ocorre

⁴⁹ Entre os exemplos possíveis, estão as diferenças entre negar e omitir experiências.

porque não apenas o critério básico de seleção para os dois grupos é o mesmo (i.e., ausência de experiência óvni), mas o grupo C2 é menor que C1, o que permitiu aproveitar voluntários deste para constituição daquele. Assim, embora a pesquisa comporte 81 pessoas no total, poder-se-ia dizer que são, para efeito de produção e uso de dados, 92 sujeitos.

Após discussões sobre o tema⁵⁰, concluí que a partilha de membros entre os grupos C1 e C2 não compromete as análises posteriores porque o único risco significativo potencialmente existente é o de contaminação. Ou seja, os voluntários escolhidos para bilocação entre C1 e C2 poderiam refletir, potencialmente, alguma tendenciosidade involuntária minha ao conhecer os resultados dos membros. Assim, eu poderia, por exemplo, escolher para compor C2 voluntários com escores ou indicadores tais ou quais em alguma variável, o que enviesaria decisivamente as comparações.

Contudo, um dos resultados das discussões foi minha convicção sobre a ausência prática desse risco, pois os protagonistas são identificados unicamente por códigos alfanuméricos e não por nomes ou iniciais, o que dificulta ou mesmo inviabiliza minha escolha tendenciosa baseada em conhecimento sobre as pessoas. Ainda mais impraticável é meu conhecimento sobre os escores e indicadores de pessoas identificadas apenas como códigos alfanuméricos quando considerado o número de variáveis deste estudo. Finalmente, dado que os únicos critérios para bilocar membros de C1 para C2 foram idades, escolaridades, regiões de origem e sexo, a seleção desses membros se deu, após a disponibilidade de seus dados para C1, via sorteio entre aqueles candidatos possíveis a compor um grupo C2 espelhado a E2.

Tratando-se de amostras de conveniência, os voluntários foram obtidos entre protagonistas de experiências óvni já conhecidos meus em função de entrevistas ao

⁵⁰ Debati a questão com meu orientador e com a estaticista e mestre em estatística Nayara Gonçalves (cf. Agradecimentos). Contudo, a despeito das grandes contribuições prestadas por diversas pessoas durante o trabalho, o ônus da responsabilidade sobre as decisões e declarações resultantes dessas discussões é exclusivamente meu.

longo dos últimos catorze anos, além de outros descobertos em incursões de campo recentes e também indicados gradualmente pelos entrevistados⁵¹ e por pessoas que, de um modo ou outro, souberam da pesquisa. Para fomentar as indicações, implementei divulgações na forma de chamadas em grupos de e-mail (e.g., listas virtuais de discussão sobre ufologia) e cartazes em locais públicos da região metropolitana de Belo Horizonte, contendo breve explicação da pesquisa e meus contatos, além de conceder entrevista em uma estação de rádio de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, a qual aproveitei para convocar voluntários. Os membros dos grupos controle foram obtidos de modo semelhante, através de incursões de campo e indicações de participantes anteriores. Assim, houve uma equivalência no método de obtenção de voluntários de todos os grupos, com ausência de vieses meus de seleção amostral por ser impossível antecipar quaisquer características de personalidade e de saúde mental entre aqueles que se voluntariavam. Os voluntários se apresentavam e eram prontamente aceitos, desde que, naturalmente, se adequassem aos critérios de idade e escolaridade.

As pessoas foram pessoalmente contatadas por mim, via telefone ou pessoalmente, quando então arguidos sobre o interesse e a disponibilidade em participar da pesquisa. Foram feitos um cadastro de participantes e agendados os procedimentos. Assim, a grande maioria dos voluntários pertence à região metropolitana de Belo Horizonte (cf. Tabela 1). Os voluntários somente efetivaram sua participação após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Segue-se a tabela que apresenta a equivalência das amostras:

⁵¹ Esta última forma de obtenção de voluntários é chamada de “snowball” ou “bola de neve”, em função do caráter cumulativo em que voluntários indicam progressivamente voluntários.

Tabela 1 – Equivalência das amostras quanto aos dados demográficos principais

GRUPOS		E1	C1	E2	C2
Gênero	M	15	15	5	5
	F	20	20	6	6
Idade	18-23	-	-	-	-
	24-28	5	5	-	-
	29-34	4	4	-	-
	35-39	8	8	1	2
	40-45	8	8	1	2
	46-50	3	3	3	2
	51-55	4	3	3	3
	56-60	3	4	3	2
Origem	Grande BH	32	32	8	10
	Outras regiões MG	2	2	-	-
	Outros Estados	1	1	3	1
Escolaridade	2º grau	6	6	3	3
	3º grau incompl.	2	2	-	-
	3º grau compl.	8	9	4	4
	3º + pós-grad.	19	18	4	4
TOTAL		35	35	11	11

A Tabela a seguir sintetiza as estatísticas descritivas quanto às idades dos grupos:

Tabela 2 – Resumo das estatísticas descritivas dos grupos quanto à idade

Grupo	N	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
E1	35	41,23	9,81	25,00	33,00	42,00	48,00	59,00
C1	35	40,31	9,92	24,00	33,00	40,00	48,00	59,00
E2	11	50,45	7,23	35,00	47,00	51,00	56,00	60,00
C2	11	47,18	6,85	37,00	40,00	48,00	53,00	56,00

A equivalência entre amostras é considerada suficiente quando aproximada ou funcionalmente equivalente, além de teoricamente amparada, dispensando a necessidade de um (não raro difícil ou inviável) pareamento pleno (Lynn, Häder, Gabler & Laaksonen, 2004; Raaij, 1978). Assim, pelas razões a seguir, considereei satisfatória a equivalência exposta na Tabela 1. De início, o pareamento entre E1 e C1 é quase pleno. E as exceções são bastante próximas de compor um pareamento pleno, pois único voluntário excedente em C1 com 3º grau completo possui duas graduações, aproximando-o ainda mais da categoria seguinte, i.e., 3º grau com pós-graduação. E o excedente na categoria 56-60 anos acabara de fazer

aniversário, de modo que uma coleta feita poucas semanas antes o colocaria na categoria 51-55 anos.

Quanto aos grupos E2 e C2, embora sua equivalência não tenha sido tão próxima quanto aquela entre E1 e C1, sugiro ser suficiente porque as variáveis mais importantes para o estudo de personalidade e psicopatologia, i.e., sexo e escolaridade, foram plenamente pareados. São sabidas as diferentes prevalências de determinados transtornos mentais conforme sexo (e.g., Transtorno de somatização; cf. OMS, 1993, p. 160). O mesmo se pode dizer quanto às características de personalidade, tanto que o NEO PI-R (cf. seção 10.4 adiante) emite escores também conforme o sexo dos respondentes; e essa é a única variável abarcada por esse cuidado. Por sua vez, a escolaridade pode se correlacionar a diferenças importantes nos perfis pessoais de personalidade e saúde psicológica, como quando transtornos mentais e características de personalidade podem afetar o desempenho e a longevidade escolar (e.g., transtornos psicóticos, o fator Conscienciosidade da personalidade). Ademais, escores em Abertura à Experiência, uma das medidas de maior interesse neste estudo, possuem associação moderada com inteligência e escolaridade (McCrae, 1987).

Por sua vez, as duas variáveis cujo pareamento não foi pleno entre E2 e C2 ainda assim o seriam suficientemente. Isso porque as idades são próximas, o que também é sugerido pelas médias totais. Finalmente, como última confirmação, incluindo os grupos E1 e C1, realizei o teste de normalidade dos dados referentes às idades e, a seguir, o teste *t-student*, para comparar as médias de cada grupo. Seguem-se os resultados.

Os testes de normalidade das idades por grupo, necessários para se definir os testes estatísticos que seriam usados para avaliar sua equivalência, geraram os seguintes resultados.

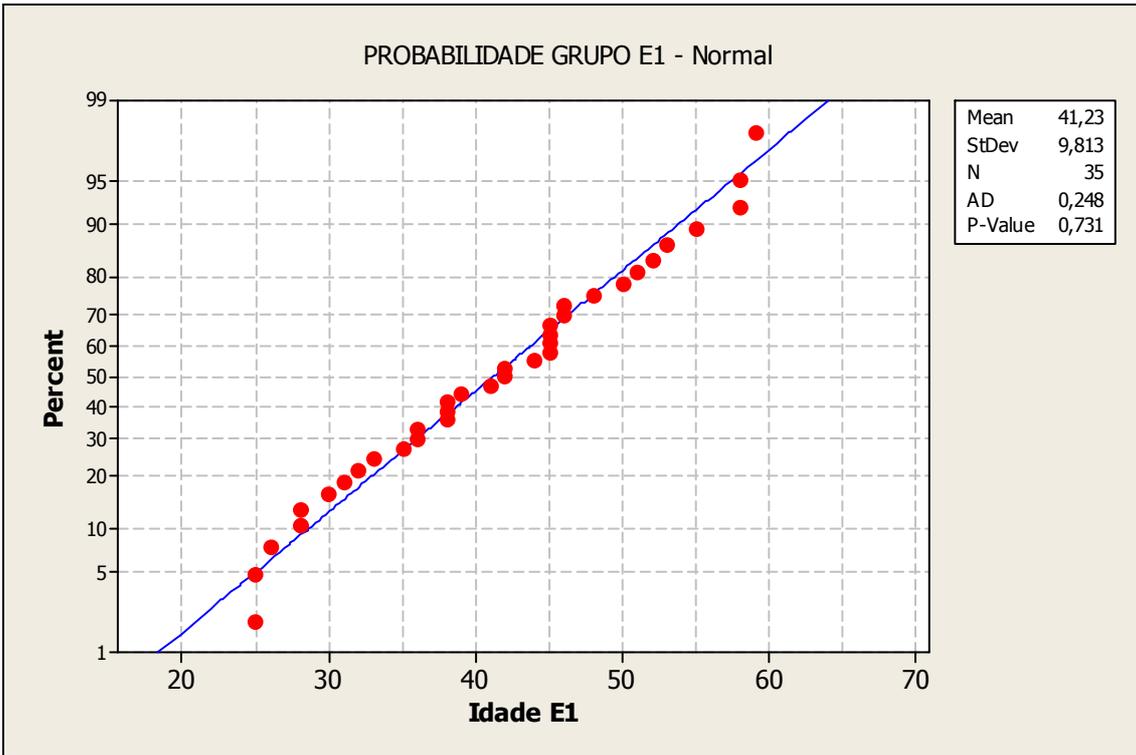


Gráfico 1 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo E1

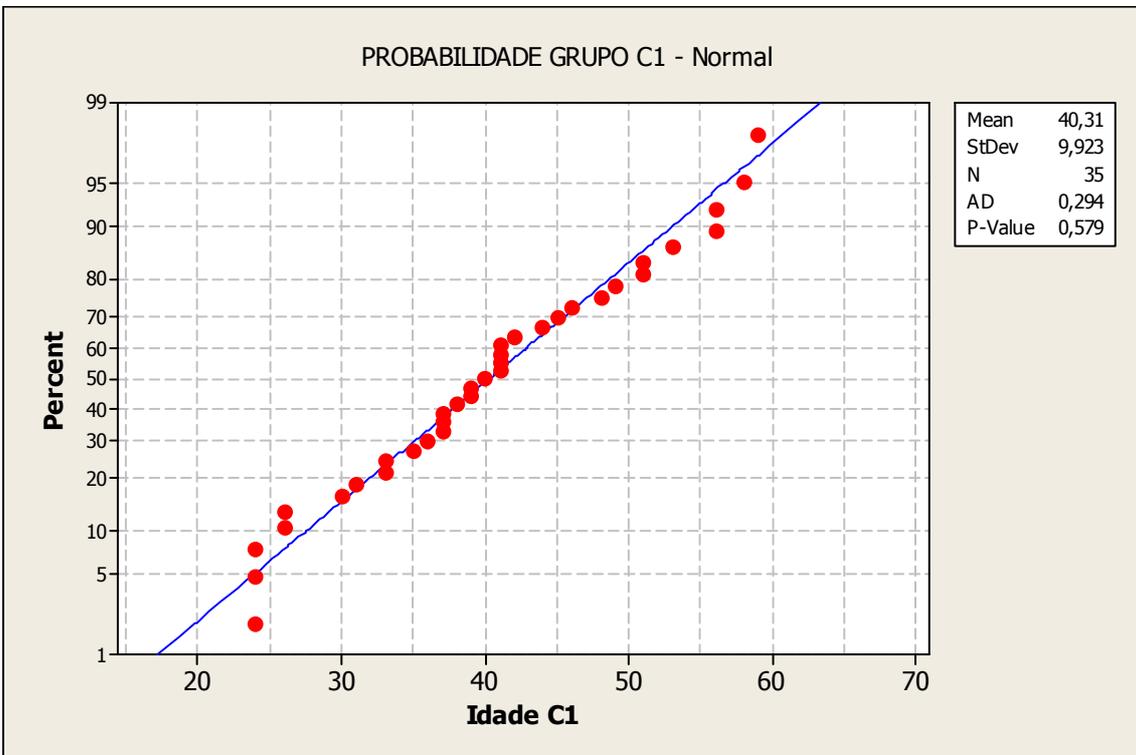


Gráfico 2 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo C1

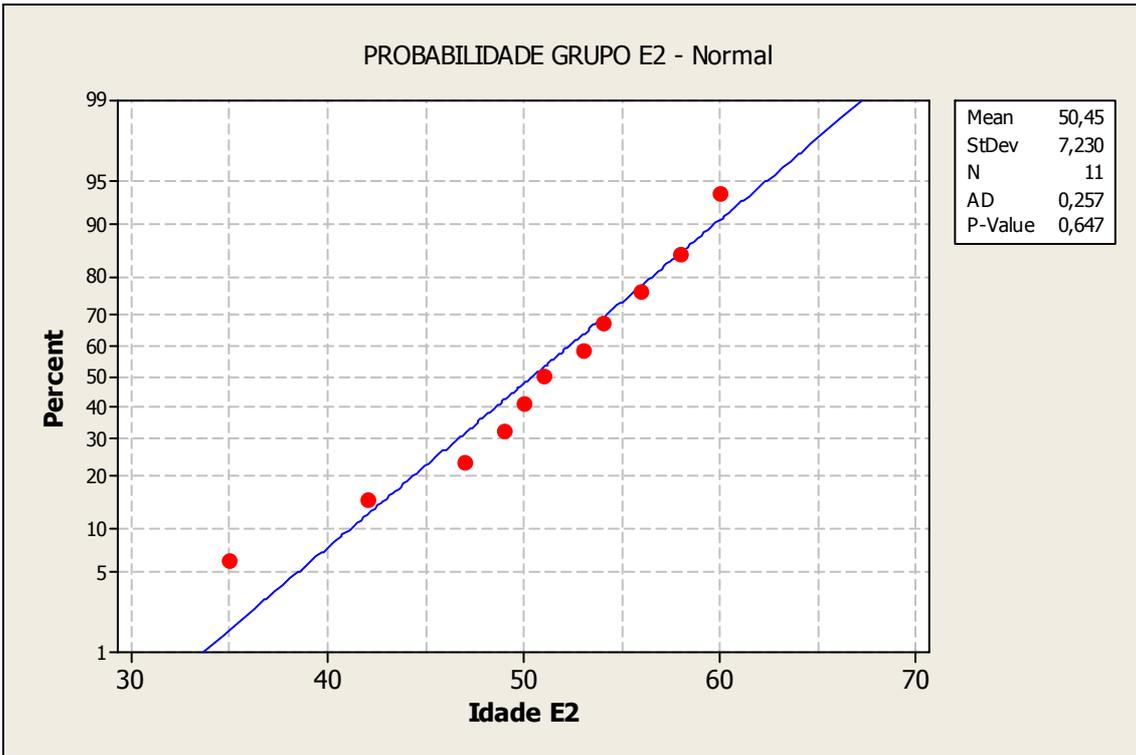


Gráfico 3 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo E2

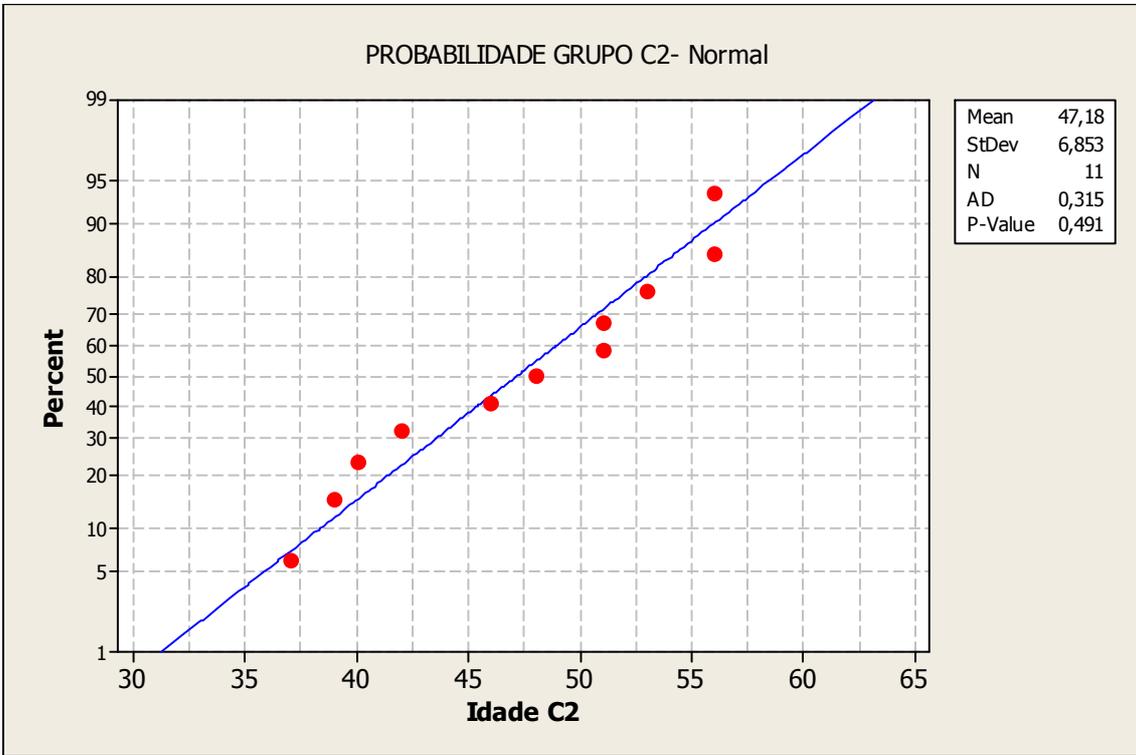


Gráfico 4 – Teste de normalidade de Anderson-Darling para idades do grupo C2

Como se pode notar, os quatro testes exibiram p-valor superior ao usual α estabelecido em 0,05⁵². Portanto, há indício de que as idades nos quatro grupos possuem distribuição normal, a despeito dos baixos N dos grupos E2 e C2⁵³. Isso permitiu o uso de um teste estatístico paramétrico (no caso, o teste *t-student*, bilateral) para verificar a equivalência de idades entre os grupos E1-C1 e E2-C2. Assim, com IC 95% para diferença (-3,79; 5,62) e p-valor = 0,7, há indício de que as médias e distribuições de idades dos grupos E1 e C1 são equivalentes. Por sua vez, com IC 95% para a diferença (-3,01; 9,56) e p-valor = 0,29, há também indício de que as médias e distribuições de idades nos grupos E2 e C2 são equivalentes.

Finalmente, a diferença de também dois participantes entre E2 e C2 quanto à procedência dos participantes seria atenuada ou talvez anulada devido ao fato de que, assim como para E1 e C1, os voluntários provieram de grandes centros urbanos da região sudeste, o que os aproximaria quanto às variáveis em estudo.

Como acima mencionado, os participantes não são identificados por seus nomes ou iniciais, mas por códigos alfanuméricos que seguem a fórmula “X.Y”, sendo X o grupo ao qual o participante pertence (i.e., E1, E2, C1 ou C2) e Y o número que representa a ordem do participante dentro do grupo a partir da efetivação de sua entrevista ou sorteio, no caso de C2 (varia de 1 a 35 para E1 e C1, e de 1 a 11 para E2 e C2, devido ao total de participantes por grupo). As citações ao longo deste texto, extraídas das entrevistas realizadas, exemplificam a utilização da nomenclatura.

10.4. Materiais

Dadas as características medidas, os testes utilizados foram o NEO PI-R (Costa & McCrae, 2007) e o MINI-PLUS (Amorim, 2000), todos adequados ao Brasil. O NEO PI-R

⁵² O $\alpha = 0,05$ é o valor mais comumente assumido para pesquisas, significando a margem de erro usualmente tolerada (5%). Assim, ao longo de toda esta pesquisa, o α será de 0,05.

⁵³ Implicações dos baixos N nos grupos E2 e C2 serão discutidas no capítulo 13.

(Costa & McCrae, 2007) é um instrumento de autorrelato para avaliação dos cinco grandes fatores da personalidade (modelo Big Five) e suas seis respectivas facetas. O teste possui 240 assertivas em primeira pessoa, as quais os testandos devem classificar dentro de uma escala de cinco graus de concordância, de acordo com sua auto-avaliação: Discordo Fortemente, Discordo, Neutro, Concordo e Concordo Fortemente. As respostas são assinaladas em um gabarito, o qual é posteriormente transcrito para um crivo informatizado de correção. Desse modo, a correção e apresentação dos resultados são feitas a partir de um software que acompanha o instrumento impresso. Os resultados são visíveis em forma de gráficos e escores absolutos dos fatores e respectivas facetas, além de percentis, escores T e classificações a partir dos estudos prévios de validação do instrumento (muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto). O tempo médio de aplicação por voluntário foi de, aproximadamente, quarenta minutos.

Por sua vez, o MINI PLUS (Amorim, 2000) é um roteiro de entrevista diagnóstica padronizado, que permite investigar 23 categorias diagnósticas do DSM-IV e correspondentes na CID-10 ao longo da vida. Trata-se da versão detalhada do questionário MINI, que explora aspectos mais essenciais das patologias principais. Cada módulo do MINI PLUS explora uma categoria de transtorno mental através de perguntas dicotômicas (i.e., a serem respondidas com *sim* ou *não*), que devem ser feitas através de um entrevistador familiarizado com o instrumento e com a psicopatologia fenomenológica, dadas sua relativa complexidade e a especificidade do tema. Embora dicotômicas, algumas poucas perguntas podem requerer exemplos da situação afirmativa, para fins de refinamento. As perguntas são distribuídas hierarquicamente, de modo que as primeiras podem dispensar a necessidade das demais de seus respectivos módulos, pois, ao serem respondidas negativamente, eliminam critérios diagnósticos básicos do transtorno em pauta. Ao serem respondidas afirmativamente, por sua vez, essas perguntas iniciais de cada módulo são seguidas das demais, para fins de

confirmação e refinamento de diagnóstico. Ao final de cada módulo, o entrevistador deve cotar as respostas e assinalar presença ou ausência de indicadores da respectiva patologia. O tempo médio de aplicação do instrumento por pessoa foi de, aproximadamente, vinte e cinco minutos.

A pesquisa também utilizou um roteiro de entrevista semi-aberto, de modo que as respostas dadas às questões básicas podem ser ampliadas conforme exploração. Ademais, o roteiro contém informações básicas sobre as experiências que pretendem ser apresentadas nos resultados de modo quantitativo. Assim, as questões básicas do roteiro incluem dados demográficos, conhecimento prévio sobre óvnis, fontes de informação sobre o assunto, presença de outros tipos de experiências anômalas no histórico de vida, reações coletivas (e.g., de familiares, amigos) às experiências e o grau de convicção do protagonista, quantificado de 0 a 6, quanto à realidade objetiva do evento (cf. roteiro nos Anexos).

Utilizei gravador de áudio para registrar as entrevistas detalhadas sobre as experiências de cada voluntário, nas quais abordei detalhes ausentes no roteiro acima referido, tais como, entre outras adequadas a cada caso: época do ocorrido, duração, detalhes do episódio, aspectos da atribuição de causalidade etc.

O tempo total da participação de cada voluntário, somados todos os procedimentos, se situou aproximadamente entre cinquenta minutos e uma hora e vinte minutos para os grupos controle, e entre uma hora e meia e duas horas para os grupos experimentais, com raras exceções relacionadas a entrevistas eventualmente mais longas.

Finalmente, utilizei o software MiniTab Statistical Software 15 para as análises estatísticas posteriores à coleta de dados.

10.5. Hipóteses Iniciais

Diante de fenômenos novos ou pouco explorados, como as experiências anômalas, o princípio científico da parcimônia impele à busca por explicações mais simples e que recorrem a aspectos conhecidos da realidade, em detrimento de hipóteses extravagantes ou que apelam para fenômenos não provados (Domingos, 1999). Justifico, desse modo, a adoção de hipóteses iniciais para teste que remetem a fatores psicológicos para explicar as experiências, como as adotadas neste estudo:

- Os grupos experimentais apresentariam escores significativamente superiores a seus respectivos grupos controle em Neuroticismo (N), Abertura à Experiência (O) e Busca de Sensações (E5). Sugiro a possibilidade inicial de que tais fatores podem propiciar episódios associados à invenção ou exagero de experiências (Busca de Sensações), tendência a fantasias, falsas memórias e desejo por fugir da rotina entediante (Abertura à Experiência e Neuroticismo). Tais possibilidades se tornariam ainda mais viáveis caso essas características se associassem. Para maiores detalhes sobre relações entre personalidade e experiências óvni, ver capítulo 6.

- Os grupos experimentais apresentariam indicadores significativamente mais numerosos, em relação a seus respectivos grupos controle, de transtornos psicóticos e de humor atuais ou na ocasião do episódio. Sugiro a possibilidade inicial de que tais transtornos podem propiciar experiências associadas a alucinações e delírios. Ademais, a sensibilidade longitudinal do instrumento pode evidenciar sintomas alegadamente posteriores às experiências. Para maiores detalhes sobre relações entre transtornos mentais e experiências óvni, ver capítulo 7.

- Finalmente, é pouco parcimonioso expor nesta seção as hipóteses qualitativas para este estudo, devido a serem numerosas e já terem sido apresentadas ao longo do texto, especialmente nos capítulos 8 e 9. Contudo, cada qual será retomada nas discussões dos resultados.

10.6. Plano de Trabalho

Em uma acepção ampla, este trabalho começou muito tempo antes de sua formalização no curso de mestrado. Meu interesse prévio pelo tema, somado às leituras e entrevistas feitas ao longo dos anos e às tentativas iniciais de articulação com a psicologia adiantaram as perguntas e reflexões atuais (cf. capítulo 3).

Contudo, segue-se uma descrição breve e específica aos quase dois anos do curso de mestrado (2010-2011), concentrando-me em cada grupo de tarefas que compôs, em termos práticos, a pesquisa:

- Levantamento bibliográfico: A ampla maioria da literatura utilizada foi definida ao longo dos dois semestres iniciais de 2010. Naturalmente, o interesse geral pelo tema e as leituras, sugestões e discussões posteriores acabaram por impor novas adições, que se deram até o final de 2011.

- Coleta de dados: Dadas as dificuldades discutidas no capítulo 13, a busca de voluntários e a realização dos procedimentos da coleta se estenderam até a primeira semana de outubro de 2011, embora a maioria dos protagonistas de experiências óvni tenha efetivado participação até o primeiro semestre deste ano. Os grupos controle foram coletados quase inteiramente ao longo de setembro de 2011.

- Análise dos dados: Pela necessidade da completude dos dados para o início das análises quantitativas, essas foram realizadas ao longo do mês de outubro de 2011. As análises qualitativas, por seu caráter processual e interativo com as demais etapas da pesquisa, se estenderam desde 2010, embora tenham se intensificado em 2011, sofrendo sua sistematização final em outubro.

- Redação da dissertação: Ao independarem da coleta de dados, os capítulos 1 a 9 puderam ser iniciados ainda no primeiro semestre de 2010, na forma de rascunhos e apontamentos relativamente soltos. As maiores sistematizações desses capítulos e os primeiros rascunhos dos capítulos subsequentes foram realizados no final de 2010 e

início de 2011, como preparativos para o exame de Qualificação, ocorrido em março. A redação final dos capítulos 10 a 14 ocorreu entre outubro e novembro, tal como a última leitura completa da dissertação e decorrentes acertos finais. A defesa está, até a finalização desta escrita, prevista para janeiro de 2012.

10.7. Questões Éticas

A pesquisa não envolveu a utilização de métodos que causassem danos ou trouxessem risco aos participantes, tampouco utilizou métodos alternativos. O sigilo acerca dos participantes foi e continuará preservado, sendo as informações obtidas usadas apenas para fins de pesquisa, havendo a possibilidade de publicação dos dados em revista científica, com anonimato assegurado.

Os nomes dos participantes foram completamente omitidos, para evitar quaisquer constrangimentos futuros. As entrevistas foram gravadas em áudio, pois nenhum participante se recusou, tendo eu oferecido tal possibilidade abertamente. O material proveniente dessas entrevistas e testes está arquivado, caso se façam necessárias análises posteriores dos originais.

A participação no estudo foi voluntária, e os participantes possuíam total direito de abandoná-lo ao longo de sua realização, caso manifestassem tal vontade, sem que sofressem penalidades ou constrangimentos. Contudo, nenhum voluntário abandonou a coleta, uma vez iniciada. Foram fornecidos todos os esclarecimentos sobre a metodologia, antes e durante a coleta com cada voluntário. Até o momento de depósito desta dissertação, participantes ainda estão em curso de recebimento dos resultados e das análises efetuadas sobre seus respectivos testes. Essa consideração repousa na expectativa de que a pesquisa possa ser útil aos voluntários, propiciando-lhes uma maior compreensão de suas características pessoais, crenças e experiências. Essas e outras

informações fazem parte do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecido aos participantes antes da realização das entrevistas e testagens (cf. Anexos).

10.8. Questões de ordem financeira e prática

Não foi necessário considerar medidas de proteção contra riscos e tampouco ressarcimento dos gastos, já que esta pesquisa não envolveu prejuízo financeiro aos participantes. Tal como acordado comigo em cada caso, as entrevistas e testagens foram realizadas na residência ou outro local conveniente para os participantes, em horário marcado previamente e sem maiores impedimentos a atividades diárias suas. Por isso não houve imposição de gastos com condução ou alimentação, por exemplo, ou de ausência no emprego. Foi esclarecido também aos participantes que a pesquisa não envolve remuneração, mas que a contribuição voluntária dos mesmos é de grande valia para uma maior compreensão científica acerca das experiências anômalas.

Capítulo 11 – Resultados quantitativos

Mais cedo ou mais tarde, a teoria sempre acaba assassinada pela experiência.

Albert Einstein

Este capítulo exhibe os achados quantitativos da pesquisa separados de acordo com os dois grupos experimentais e os dois grupos controle, primeiramente em relação aos dados demográficos e então aos resultados obtidos com o NEO PI-R, acerca dos fatores e facetas da personalidade, e o MINI-PLUS, relativos a transtornos mentais.

11.1. Achados demográficos

Os dados a seguir se referem a temas como filiação religiosa, profissão e outras características dos voluntários de cada grupo as quais podem fornecer elementos diretos ou indiretos para discussão, no capítulo 13, das experiências óvni. Outras variáveis, ainda que não sejam efetivamente discutidas, permanecem citadas, diante da possibilidade de discussões futuras sobre algum aspecto agora insuspeito ou não explorado em prol da manutenção do foco deste trabalho.

Tabela 3 – Tabela de frequências absolutas e relativas dos dados demográficos

GRUPOS		E1 (n%)	C1 (n%)	E2 (n%)	C2 (n%)
Sexo	Masculino	15/42,9	15/42,9	5/45,5	5/45,5
	Feminino	20/57,1	20/57,1	6/54,5	6/54,5
Idade (em anos)	18-23	-	-	-	-
	24-28	5/14,3	5/14,3	-	-
	29-34	4/11,4	4/11,4	-	-
	35-39	8/22,9	8/22,9	1/9,1	2/18,2
	40-45	8/22,9	8/22,9	1/9,1	2/18,2
	46-50	3/8,6	3/8,6	3/27,3	2/18,2
	51-55	4/11,4	3/8,6	3/27,3	3/27,3
	56-60	3/8,6	4/11,4	3/27,3	2/18,2
Origem	Grande Belo Horizonte	32/91,4	32/91,4	8/72,7	10/90,9
	Outras regiões de MG	2/5,7	2/5,7	-	-
	Outros Estados	1/2,9	1/2,9	3/27,3	1/9,1
Escolaridade	2º grau	6/17,1	6/17,1	3/27,3	3/27,3
	3º grau incompleto	2/5,7	2/5,7	-	-
	3º grau completo	8/22,9	9/25,7	4/36,4	4/36,4
	3º completo + pós-graduação	19/54,3	18/51,4	4/36,4	4/36,4
Profissão	Ensino	2/5,7	8/22,9	1/9,1	3/27,3
	Operação de fiação	-	1/2,9	-	-
	Bioquímica	1/2,9	-	-	-
	Pedagogia	2/5,7	1/2,9	-	-
	Cabeleireiro	1/2,9	-	-	-
	Advocacia	2/5,7	3/8,6	-	-
	Contabilidade	-	2/5,7	-	-
	Fisioterapia	1/2,9	1/2,9	-	-
	Estatística	-	1/2,9	-	-
	Engenharia	2/5,7	2/5,7	-	1/9,1
	Eletrônica	1/2,9	1/2,9	-	-
	História	1/2,9	1/2,9	-	-
	Enfermagem	2/5,7	-	-	-
	Terapia Holística	3/8,6	-	6/54,5	-
	Administração	3/8,6	1/2,9	-	1/9,1
	Medicina	1/2,9	-	-	-
	Publicidade	1/2,9	1/2,9	-	-
	Psicologia	1/2,9	1/2,9	-	-
	Serviço público	2/5,7	3/8,6	1/9,1	3/27,3
	Análise fiscal	-	1/2,9	-	-
	Produção cultural	1/2,9	-	-	-
	Informal	-	1/2,9	-	-
	Odontologia	1/2,9	-	-	-
	Geografia	-	-	1/9,1	-
	Estudante	1/2,9	1/2,9	-	-
	Psicopedagogia	1/2,9	-	-	-

Continuação		E1(n%)	C1(n%)	E2(n%)	C2(n%)
	Artes	2/5,7	-	1/9,1	-
	Comércio	2/5,7	5/14,3	-	3/27,3
	Ourivesaria	-	-	1/9,1	-
	Antropologia	1/2,9	-	-	-
Crença religiosa	Múltiplos referenciais	19/54,3	-	6/54,5	-
	Católica	9/25,7	25/71,4	1/9,1	8/72,7
	Evangélica	-	1/2,9	-	-
	Espírita	3/8,6	4/11,4	-	2/18,2
	“Acredita em Deus”	2/5,7	2/5,7	2/18,2	1/9,1
	Agnóstico	-	1/2,9	1/9,1	-
	Cristão s/ maior especificação	1/2,9	1/2,9	-	-
	Candomblé	-	-	1/9,1	-
	Ateu	1/2,9	1/2,9	-	-
Conhecimento sobre óvnis antes da experiência	Sim	35/100	35/100	11/100	11/100
	Não	-	-	-	-
Conhecimento posterior à experiência	Não buscou mais informações	15/42,9	-	2/18,2	-
	Buscou mais informações	20/57,1	-	9/81,8	-
Fontes de Informação sobre óvnis	Acadêmicas	-	-	-	-
	Esotéricas	21/60	-	11/100	-
	Casuais-ufologia	14/40	35/100	-	11/100
Número de protagonistas na experiência principal	1	4/11,4	-	5/45,5	-
	2	7/20	-	-	-
	3 a 5	3/8,6	-	1/9,1	-
	6 a 10	8/22,9	-	2/18,2	-
	Mais de 10	13/37,1	-	3/27,3	-
Duração da experiência principal	Menos de 1 minuto	6/17,1	-	-	-
	1 a 5 minutos	9/25,7	-	1/9,1	-
	6 a 10 minutos	7/20	-	1/9,1	-
	11 a 15 minutos	2/5,7	-	-	-
	16 a 20 minutos	2/5,7	-	1/9,1	-
	Mais de 20 minutos	8/22,9	-	7/63,6	-
	Indeterminado	1/2,9	-	1/9,1	-
Nível de consciência antes da experiência óvni	Inconsciência/sono	1/2,9	-	-	-
	Sonolência	-	-	-	-
	Vigília	32/91,4	-	9/81,8	-
	Hipervigília	-	-	-	-
	Outro	2/5,7	-	2/18,2	-
Nível de consciência durante a experiência óvni	Inconsciência/sono	-	-	-	-
	Sonolência	-	-	-	-
	Vigília	33/94,3	-	9/81,8	-
	Hipervigília	-	-	-	-

Conclusão		E1(n/%)	C1(n/%)	E2(n/%)	C2(n/%)
	Outro	2/5,7	-	2/18,2	-
Nível de consciência depois da experiência óvni	Inconsciência/sono	-	-	-	-
	Sonolência	-	-	-	-
	Vigília	32/91,4	-	9/81,8	-
	Hipervigília	-	-	-	-
	Outro	3/8,6	-	2/18,2	-
Doenças à ocasião da experiência	Sim	7/20	-	3/27,3	-
	Não	28/80	-	8/72,7	-
Doenças atuais	Sim	11/31,4	-	4/36,4	-
	Não	24/68,6	-	7/63,6	-
Outras experiênc. anômalas	Sim	33/94,3	19/54,3	11/100	7/63,6
	Não	2/5,7	16/45,7	-	4/36,4
Demais tipos de experiências anômalas vivenciadas	Outro(s) óvni(s)	17/48,6	-	10/90,9	-
	Mediunidade	15/42,9	3/8,6	6/54,5	2/18,2
	Intuição	10/28,6	4/11,4	4/36,4	2/18,2
	Percepção extrassensorial	3/8,6	-	-	-
	Sinestesia	6/17,1	-	1/9,1	-
	Experiência fora do corpo	4/11,4	2/5,7	3/27,3	1/9,1
	Sincronicidade	2/5,7	-	-	-
	Precognição	12/34,3	12/34,3	4/36,4	3/27,3
	Poltergeist	2/5,7	3/8,6	-	2/18,2
	Lembranças de vidas passadas	2/5,7	-	1/9,1	-
	Cura espiritual	4/11,4	-	5/45,5	-
	Outras visões	3/8,6	2/5,7	1/9,1	1/9,1
	Chi kung-Kundalini	1/2,9	-	3/27,3	-
	Estados alterados de cs	4/11,4	1/2,9	2/18,2	1/9,1
Reações no círculo social primário do protagonista sobre sua experiênc. óvni	Positivas	-	-	-	-
	Negativas	30/85,7	-	11/100	-
	Neutras	2/5,7	-	-	-
	Equilíbrio entre positivas e negativas	3/8,6	-	-	-
Escala de convicção subjetiva sobre a realidade concreta da experiência óvni	Convicção nula	-	-	-	-
	Convicção muito baixa	-	-	-	-
	Convicção baixa	-	-	-	-
	Convicção mediana	2/5,7	-	-	-
	Convicção alta	1/2,9	-	-	-
	Convicção muito alta	2/5,7	-	1/9,1	-
	Convicção absoluta	29/82,9	-	10/90,9	-
	Nenhuma das anteriores	1/2,9	-	-	-
TOTAL		35/100	35/100	11/100	11/100

Alguns esclarecimentos se fazem necessários sobre os dados demográficos supracitados. De início, a crença religiosa então rotulada “múltiplos referenciais” remete a arranjos dinâmicos e difíceis de nomear muitas vezes pelos próprios protagonistas, que coligam, de modo ao menos razoavelmente equilibrado, diversos referenciais religiosos tradicionais no contexto brasileiro (e.g., catolicismo, kardecismo) e esotéricos-Nova Era (e.g., ufologia mística, ocultismo, tradições orientais). Ainda quanto à crença religiosa, a expressão “acredita em Deus” se refere ao termo literal usado por alguns protagonistas para designar a ausência de filiação religiosa particular, mas uma crença “genérica” em Deus, sem maiores especificações. De forma semelhante, o termo “cristão s/ maior especificação” remete à ausência declarada de filiação religiosa específica, embora haja crença na figura de Jesus Cristo.

Por sua vez, a referência à “experiência óvni principal” especifica e resgata o recorte desta pesquisa, de modo que, quando o protagonista relata mais de uma experiência, o foco incide naquela considerada mais complexa, de acordo com a categorização aqui assumida (cf. capítulo 10).

Acerca do nível de consciência antes, durante e após a experiência, o termo “outro” designa estados (levemente ou não) alterados de consciência distintos dos demais categorizados na tabela, tais como relaxamento após meditação, derivados do uso de substâncias, êxtase místico etc.

Quanto às doenças à ocasião da experiência ou atuais, essas excluem as investigadas pelo instrumento MINI PLUS (cf. capítulo 10), pois serão abordadas na seção 11.3. Assim, trata-se de doenças de outros tipos e clinicamente impactantes (e.g., diabetes, hipertensão arterial sistêmica), excluindo-se doenças “mais simples” e de pouca relevância potencial (e.g., gripes comuns).

Quanto aos demais tipos de experiências anômalas vivenciadas, essas excluem apenas a experiência óvni principal do protagonista. Trata-se, pois, de anomalias enquanto vivências

subjetivas relatadas, sem a preocupação minha em verificar sua condição ontológica enquanto fenômeno anômalo efetivo. Assim, “percepção extrassensorial” designa, neste caso, percepções tidas como um tanto vagas e sutis, distintas das demais categorias de percepção extrassensorial discriminadas na tabela e definidas com maior clareza (e.g., precognição). Por sua vez, “outras visões” designam experiências de aparência sensorial visual distintas das demais mencionadas na tabela (e.g., mediunidade, outros óvnis), tal como aparições de entidades bizarras ou visões de formas geométricas estranhas e de aparência plasmática no ar. Da mesma forma, “estados alterados de cs” se encontra na tabela para agrupar experiências distintas das demais alterações de consciência (cs) já designadas ou aludidas (e.g., mediunidade), como êxtase místico e experiências em meditação. Finalmente, “chi kung-kundalini” designa experiências subjetivas distintas de curas espirituais (estas já presentes na tabela) nas quais o protagonista perceberia o fluxo de “energia” (chi, kundalini) em seu corpo e a controlaria voluntariamente, em prol da saúde física e psicológica (e.g., tal como é ensinado em artes marciais orientais).

Sobre as reações no círculo social à experiência do protagonista, trata-se das reações largamente predominantes e não da plena ausência das demais possíveis. Assim, as negativas são assim consideradas pelos protagonistas e remetem quase universalmente à ridicularização, descrédito, patologização e mesmo, nos casos mais radicais, exclusão social, como quando uma protagonista teria sido abertamente hostilizada em sua congregação religiosa e um protagonista teria tido o noivado rompido por professar a veracidade da experiência. As reações neutras se referem à ausência de interesse das pessoas pela experiência, sem que houvesse também críticas marcantes. As reações equilibradas, por seu turno, agrupam aquelas negativas mencionadas, além de, em proporção semelhante, reações de curiosidade, interesse e endosso subjetivo. Novamente, trata-se do relato do protagonista e de seu juízo de valor sobre as reações, com pouca oportunidade minha de verificação quanto à sua veracidade.

Por fim, quanto à escala de convicção subjetiva sobre a realidade concreta da experiência (i.e., em termos simples, a convicção de cada voluntário de que o óvni ou alienígena “de fato estava lá”), a opção “nenhuma das anteriores” foi acrescentada por um protagonista para quem o questionamento não apenas não fez sentido como ele sequer teria questionado a experiência à ocasião ou em qualquer outro momento. Arguido novamente, reiterou que “*essas racionalizações não fazem sentido*” (sic), o que se enquadra no discutido nos capítulos 12 e 13 sobre o resgate da “pureza primitiva”.

Por sua vez, cumpre sintetizar os achados expostos na Tabela 3:

11.1.1. A distribuição de profissões é aproximada para quase todas as possibilidades. No caso das profissões ligadas ao ensino, a diferença possivelmente se deve a um viés de amostragem, dado que a técnica da “bola de neve” (cf. capítulo 10) foi utilizada para obtenção de voluntários, o que torna natural que pessoas do mesmo meio profissional participem. Contudo, não espero que essa diferença atue como variável estranha no estudo, pois a escolaridade dos grupos foi equiparada (cf. capítulo 10). Além disso, alguma eventual associação entre experiências óvni e prática de ensino escolar me é, ao momento, insuspeita.

11.1.2. Por sua vez, a maioria das variáveis cujos indícios foram reportados apresentaram-se em proporções muito reduzidas. Assim, para tais casos, considerando $\alpha = 0,05$, o teste de proporção (teste p^{54}) sugeriu que há evidência de equivalência na proporção entre os grupos E1/C1 e E2/C2 nessas variáveis, exceto para atividade “comércio” (proporção 3/11 x 0/11 entre grupos E2 e C2), pois, com IC 95% para as respectivas diferenças:

⁵⁴ Para o teste p , adequado para comparações acerca de proporções entre os grupos, não há necessidade e tampouco via para realização de testes de normalidade. Isto porque os dados são binários (i.e., presentes X ausentes), o que impossibilita (ou retira sentido quanto à noção de) uma distribuição normal. Complementarmente, os testes de normalidade são feitos como requisito para testes estatísticos que partem de suposições, como é o caso do supramencionado teste *t-student*, que parte da premissa de que os dados possuem distribuição normal. O teste p não necessita deste pressuposto.

Tabela 4 – Testes de proporção para achados demográficos

Proporções	Diferença	P-valor
1/35 x 0/35	-0,0266218; 0,0837646	0,310
1/35 x 2/35	-0,0660841; 0,123227	0,554
2/35 x 0/35	-0,0197557; 0,134041	0,145
3/35 x 0/35	-0,00702882; 0,178457	0,070
3/35 x 1/35	-0,0507811; 0,165067	0,299
3/35 x 2/35	-0,0919054; 0,149048	0,642
4/35 x 1/35	-0,0332659; 0,204694	0,158
4/35 x 2/35	-0,0733308; 0,187617	0,391
4/35 x 3/35	-0,111825; 0,168968	0,690
5/35 x 2/35	-0,0534004; 0,224829	0,227
1/11 x 0/11	-0,0789775; 0,260796	0,294
2/11 x 0/11	-0,0461086; 0,409745	0,118
2/11 x 1/11	-0,193366; 0,375184	0,531
3/11 x 0/11	0,00954012; 0,535914	0,042
3/11 x 1/11	-0,131437; 0,495074	0,255
4/11 x 3/11	-0,296492; 0,478310)	0,646

11.1.3. Considerando $\alpha = 0,05$, houve evidência de que a profissão “terapia holística” se apresenta em proporção estatisticamente superior no grupo E2 em relação a C2, o que não chega a acontecer entre os grupos E1 e C1. Assim, a partir do teste p, com IC 95% para as respectivas diferenças, temos:

Tabela 5 – Resultados dos testes de proporção para “terapia holística” entre os grupos

Comparações	Proporções	Diferença	P-valor
E1xC1	3/35 x 0/35	-0,00702882; 0,178457	0,070
E2xC2	6/11 x 0/11	0,251202; 0,839707	<0,005⁵⁵

⁵⁵ Durante o teste p, o p-valor exibido foi de, de fato, 0,000. Sugiro que tal valor “nulo” ocorreu em função da combinação entre a expressiva assimetria entre os grupos (que mesmo dispensaria teste estatístico para ser constatada) e o número nulo em C2, o que geraria problemas de arredondamento. Assim, optei pela expressão <0,005, apresentada em ocasião anterior pelo software Minitab 15 para expressar uma diferença próxima de zero.

11.1.4. Com relação a crenças religiosas e considerando $\alpha = 0,05$, houve evidência de que os grupos E1 e E2 apresentam, em relação aos respectivos grupos controle, proporção significativamente superior de pessoas que reportam crença de referenciais múltiplos. Já os grupos C1 e C2 apresentariam, em relação a seus respectivos grupos experimentais, proporção significativamente superior de católicos. A Tabela 6 abaixo fornece os resultados resumidos dos testes p a esse respeito, com IC 95% para as respectivas diferenças.

Tabela 6 – Resultados dos testes de proporção para crenças religiosas

Crença	Comparações	Proporções	Diferença	P-valor
Múltiplos	E1xC1	19/35 x 0/35	0,377820; 0,707895	<0,005
	E2xC2	6/11 x 0/11	0,251202; 0,839707	<0,005
Católica	E1xC1	9/35 x 25/35	-0,665385; -0,248901	<0,005
	E2xC2	1/11 x 8/11	-0,949619; -0,323108	<0,005 ⁵⁶

Em termos gráficos, essas diferenças podem ser assim ilustradas:

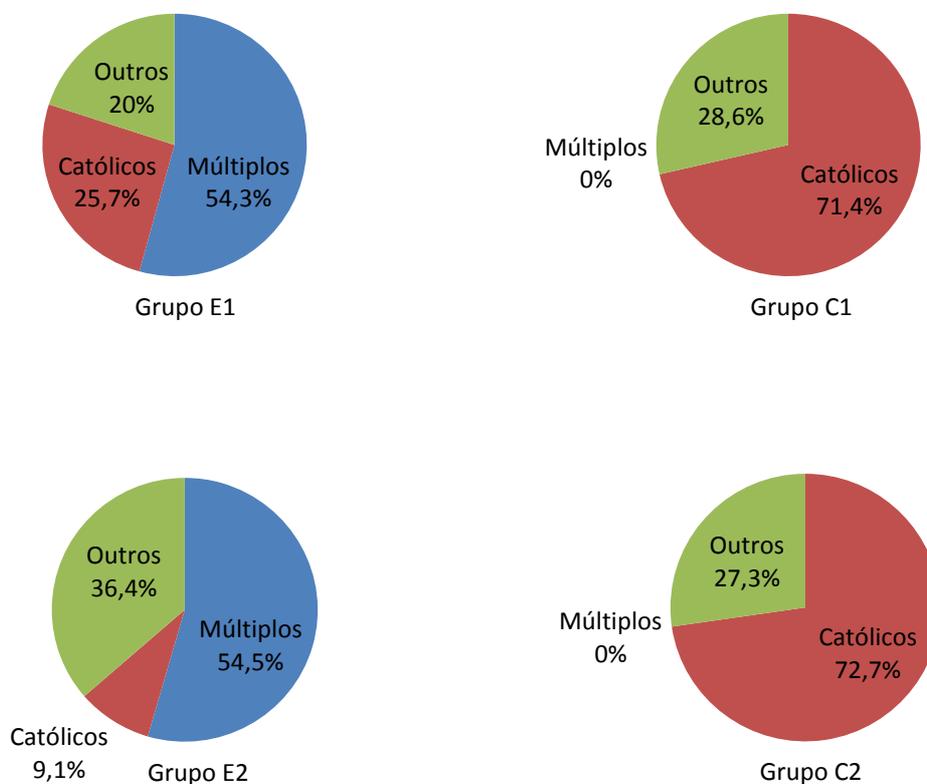


Gráfico 5 – Referenciais religiosos conforme os grupos

⁵⁶ Idem à nota de rodapé anterior para todos os valores p da Tabela 6.

11.1.4. Quanto às fontes predominantes de informação dos voluntários sobre o tema óvni e considerando $\alpha = 0,05$, o teste p sugere evidência de que a proporção de voluntários em E1 e E2 que privilegiam fontes esotéricas e afins é significativamente superior aos grupos C1 e C2, respectivamente. Da mesma forma, a proporção de pessoas que privilegiam fontes casuais e/ou ufológicas comuns é significativamente superior nos grupos C1 e C2, em relação a seus respectivos grupos experimentais. A Tabela 7 fornece os resultados resumidos dos testes p, com IC 95% para as respectivas diferenças.

Tabela 7 – Resultados dos testes de proporção para fontes de informação sobre óvnis

Fontes	Comparações	Proporções	Diferença	P-valor
Esotéricas	E1xC1	21/35 x 0/35	0,437700; 0,762300	<0,005
	E2xC2	11/11 x 0/11	Não se aplica	-
Casuais	E1xC1	14/35 x 35/35	-0,762300; -0,437700	<0,005 ⁵⁷
	E2xC2	0/11 x 11/11	Não se aplica ⁵⁸	-

Em termos gráficos, como apenas o grupo E1 não apresentou valores absolutos, suas proporções podem ser assim representadas:

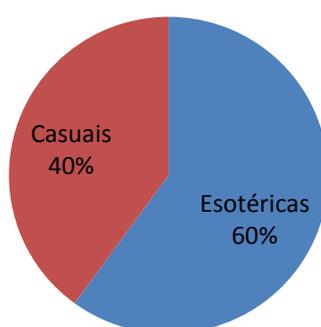


Gráfico 6 – Fontes de informação sobre óvnis no grupo E1

⁵⁷ Idem à nota de rodapé 53.

⁵⁸ Dado que a proporção é de 100% contra 0% entre os grupos E2 e C2 quanto á variável “fontes esotéricas”, o que significa, em termos práticos, uma diferença absoluta que dispensaria o teste estatístico para confirmação, o software Minitab 15 não executa o teste de proporção, emitindo mensagem de erro.

11.1.5. Finalmente, quanto a outros tipos de experiências anômalas (EAs) nas amostras e considerando $\alpha = 0,05$, o grupo E1 evidenciou proporção significativamente superior ao grupo C1 quanto à ocorrência de EAs (sem especificação quanto ao tipo), experiências mediúnicas, sinestésias e curas espirituais. Por seu turno, o grupo E2 evidenciou proporção significativamente superior a C2 também em relação à ocorrência de EAs, sinestésias e curas espirituais. Com IC 95% para as respectivas diferenças, o teste p aponta os seguintes indícios:

Tabela 8 – Resultados dos testes de proporção para experiências anômalas

EAs	Comparações	Proporções	Diferença	P-valor
Sim	E1xC1	33/35 x 19/35	0,217926; 0,582074	<0,005
	E2xC2	11/11 x 7/11	0,0793617; 0,647911	0,012
Mediunidade	E1xC1	15/35 x 3/35	0,154495; 0,531219	<0,005
	E2xC2	6/11 x 2/11	-0,00856648; 0,735839	0,056
Sinestesia	E1xC1	6/35 x 0/35	0,0465693; 0,296288	0,007
Intuição	E1xC1	10/35 x 4/35	-0,0116265; 0,354484	0,066
	E2xC2	4/11 x 2/11	-0,182548; 0,546184	0,328
Curas espiritual	E1xC1	4/35 x 0/35	0,00888177; 0,219690	0,034
	E2xC2	5/11 x 0/11	0,160293; 0,748798	0,002

Em termos gráficos, alguns achados anteriores em que houve diferença estatística significativa podem ser assim expressos, para melhor visualização:



Gráfico 7 – Proporção de EAs no histórico de vida conforme grupo

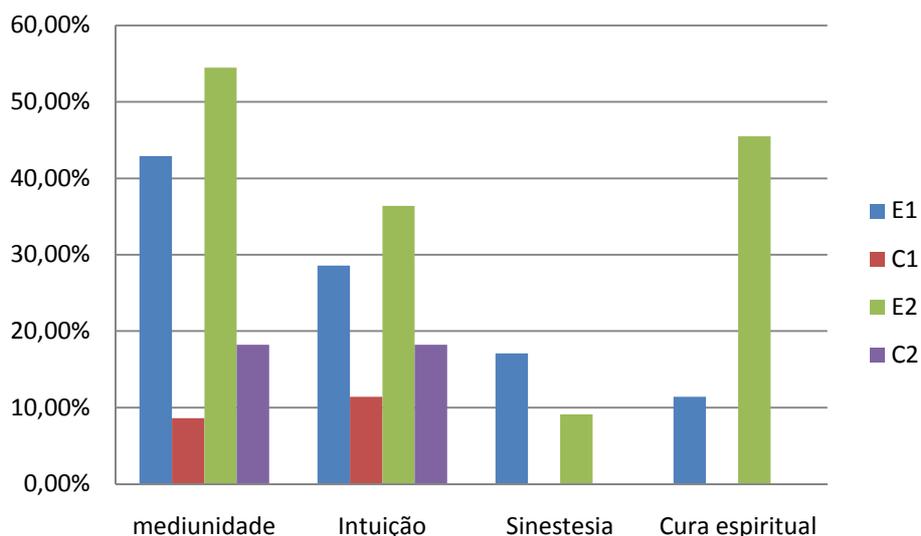


Gráfico 8 – Tipos de EAs por grupo

11.2. Fatores e facetas da personalidade

Os dados a seguir representam as médias dos escores T dos dois grupos experimentais e dois grupos controle em cada variável referente à personalidade avaliada pelo NEO PI-R (cf. capítulo 10), i.e., cinco fatores e trinta facetas.

Tabela 9 – Tabela de médias dos escores T nos fatores e facetas da personalidade

FATORES E FACETAS	E1	C1	E2	C2
Neuroticismo (N)	42,7	43,5	36,3	39,3
Extroversão (E)	48,4	46,9	53,2	46,3
Abertura (O)	49,6	43,9	51,6	42,5
Amabilidade (A)	56,9	55,6	59	57
Conscienciosidade (C)	50,7	54,6	59,2	55,9
Ansiedade (N1)	42	43,9	41,2	40,4
Raiva (N2)	44,3	44,8	42,4	44,5
Depressão (N3)	44,5	45,4	38,7	40,8
Embaraço (N4)	44,7	45,9	36,3	42,7
Impulsividade (N5)	45,3	44,6	39,4	39,1
Vulnerabilidade (N6)	45,5	45,9	38,7	43,1
Acolhimento caloroso (E1)	50,3	49,2	54,8	48,7
Gregarismo (E2)	47,9	49,9	48,5	49
Assertividade (E3)	49,8	47,5	60,8	47,9
Atividade (E4)	48	47,7	54,2	46,7

Continuação

FATORES E FACETAS	E1	C1	E2	C2
Busca de sensações (E5)	45,1	45,9	41,5	43,4
Emoções positivas (E6)	52,2	47	53,3	48,4
Fantasia (O1)	45,5	43,6	36,7	39,5
Estética (O2)	51,3	44,9	53,5	46
Sentimentos (O3)	46	42,4	54,3	43,5
Ações variadas (O4)	54,1	48,7	53,5	48,3
Idéias (O5)	49,8	49,5	55,7	49,1
Valores (O6)	52,8	47,2	54,5	45,4
Confiança (A1)	55,2	52,8	57,5	54,7
Franqueza (A2)	56,6	55,2	57,1	56,6
Altruísmo (A3)	52,9	51,3	56,5	51,8
Complacência (A4)	56,7	56,1	58,5	57,2
Modéstia (A5)	52,6	54,1	49,3	53
Sensibilidade (A6)	51,8	51,8	54,9	52,6
Competência (C1)	52,3	51,9	58	52,4
Ordem (C2)	49,1	51,6	52,7	52
Senso de dever (C3)	51,5	55,1	59,6	54,7
Esforço por realizações (C4)	48,3	53	58,5	54,5
Auto-disciplina (C5)	51,9	54,2	56,5	57,9
Ponderação (C6)	50,3	54,8	57,4	54,7

Por sua vez, as médias por grupo foram submetidas ao teste de normalidade. Como foram feitos, para esse intento, 140 testes e gráficos, esses são apresentados nos anexos, por medida de parcimônia. Seguem os valores p para cada variável no teste de normalidade de Anderson-Darling:

Tabela 10 – Tabela dos valores p para fatores e facetas nos testes de normalidade

FATORES E FACETAS	E1	C1	E2	C2
Neuroticismo (N)	0,257	0,025	0,781	0,293
Extroversão (E)	0,741	0,278	0,695	0,706
Abertura (O)	0,638	0,807	0,267	0,573
Amabilidade (A)	0,565	0,129	0,702	0,249
Conscienciosidade (C)	0,160	0,594	0,862	0,908
Ansiedade (N1)	0,407	0,176	0,270	0,837
Raiva (N2)	0,014	0,011	0,447	0,211
Depressão (N3)	0,128	0,048	0,360	0,155
Embaraço (N4)	0,075	0,149	0,470	0,588
Impulsividade (N5)	0,007	0,051	0,053	0,008
Vulnerabilidade (N6)	0,183	0,025	0,622	0,816
Acolhimento caloroso (E1)	0,008	0,389	0,820	0,066

Continuação

FATORES E FACETAS	E1	C1	E2	C2
Gregarismo (E2)	0,008	0,243	0,310	0,751
Assertividade (E3)	0,687	0,328	0,432	0,625
Atividade (E4)	0,503	0,460	0,083	0,015
Busca de sensações (E5)	0,039	0,061	0,176	0,157
Emoções positivas (E6)	0,066	0,082	0,840	0,406
Fantasia (O1)	0,153	0,466	0,594	0,507
Estética (O2)	0,232	0,105	0,387	0,486
Sentimentos (O3)	0,515	0,426	0,405	0,104
Ações variadas (O4)	0,432	0,214	0,336	0,557
Idéias (O5)	0,055	0,721	0,079	0,143
Valores (O6)	<0,005	0,228	0,283	0,318
Confiança (A1)	0,095	0,556	0,174	0,291
Franqueza (A2)	0,093	0,191	0,065	0,158
Altruísmo (A3)	0,215	0,012	0,078	0,397
Complacência (A4)	0,326	0,046	0,717	0,701
Modéstia (A5)	0,530	0,178	0,237	0,449
Sensibilidade (A6)	0,116	0,365	0,441	0,353
Competência (C1)	0,241	0,318	0,230	0,675
Ordem (C2)	0,543	0,878	0,777	0,056
Senso de dever (C3)	0,089	0,545	0,426	0,394
Esforço por realizações (C4)	0,139	0,230	0,801	0,402
Auto-disciplina (C5)	<0,005	<0,005	0,152	0,554
Ponderação (C6)	0,890	0,189	0,733	0,072

Assumindo novamente que $\alpha = 0,05$, concluí que a maioria das variáveis apresenta evidência de possuir uma distribuição normal, o que permitiu o uso de um teste paramétrico (*t-student*) para sua comparação. As exceções estão assinaladas em negrito, de modo que, para as variáveis N2, N3, N5, N6, E1, E2, O6, A3, A4 e C5 da comparação entre os grupos E1 e C1, além das variáveis N5 e E4 da comparação entre os grupos E2 e C2, é usado um teste não-paramétrico (*Mann-Whitney*). Uma vez estabelecida a distribuição normal das variáveis conforme Tabela 10, foram conduzidas comparações entre essas através do teste *t-student*, com IC 95% para as respectivas diferenças, conforme se segue:

Tabela 11 – Resultados dos testes *t-student* para os fatores e facetas E1xC1

E1 x C1				
	Média	Desvio-padrão	Intervalo	P-valor
N	42,71 x 43,5	9,65 x 10,9	-5,75; 4,09	0,738
E	48,40 x 46,9	6,42 x 11,3	-2,91; 5,88	0,501
O	49,63 x 43,91	8,83 x 8,57	1,56; 9,87	0,008
A	56,94 x 55,57	8,0 x 8,58	-2,59; 5,33	0,491
C	50,69 x 54,57	9,74 x 9,02	-8,36; 0,59	0,088
N1	42,03 x 43,09	7,73 x 10,2	-6,21; 2,44	0,387
N2	-	-	-	-
N3	-	-	-	-
N4	44,66 x 45,9	9,59 x 10,8	-6,15; 3,58	0,600
N5	-	-	-	-
N6	-	-	-	-
E1	-	-	-	-
E2	-	-	-	-
E3	49,83 x 47,49	9,17 x 9,98	-2,23; 6,92	0,310
E4	48,03 x 47,69	7,44 x 8,54	-3,48; 4,17	0,858
E5	45,06 x 45,89	7,11 x 9,45	-4,82; 3,17	0,680
E6	52,17 x 47	7,6 x 10,4	0,79; 9,49	0,021
O1	45,46 x 43,6	9,18 x 10,9	-2,93; 6,70	0,437
O2	51,34 x 44,94	6,73 x 8,67	2,69; 10,11	0,001
O3	46 x 42,4	10,7 x 8,19	-0,92; 8,18	0,116
O4	54,06 x 48,66	9,23 x 9,17	1,01; 9,79	0,017
O5	49,8 x 49,54	9,1 x 9,51	-4,18; 4,70	0,908
O6	-	-	-	-
A1	55,17 x 52,8	8,57 x 10,3	-2,15; 6,90	0,299
A2	56,57 x 55,23	8,96 x 7,94	-2,70; 5,38	0,509
A3	-	-	-	-
A4	-	-	-	-
A5	52,6 x 54,09	10,5 x 7,69	-5,88; 2,91	0,502
A6	51,8 x 51,83	6,98 x 8,2	-3,66; 3,61	0,988
C1	52,34 x 51,94	9,76 x 8,84	-4,04; 4,84	0,858
C2	49,14 x 51,6	8,69 x 9,04	-6,69; 1,77	0,250
C3	51,46 x 55,06	8,98 x 7,54	-7,56; 0,36	0,074
C4	48,34 x 53,03	9,42 x 9,97	-9,31; -0,06	0,047
C5	-	-	-	-
C6	50,31 x 54,8	9,76 x 8,67	-8,89; -0,08	0,046

Tabela 12 – Resultados dos testes *t-student* para os fatores e facetas E2xC2

E2 x C2				
	Média	Desvio-padrão	Intervalo	P-valor
N	36,3 x 39,27	11,7 x 6,37	-11,58; 5,58	0,468
E	53,18 x 46,27	8,12 x 9,24	-0,86; 14,67	0,078
O	51,64 x 42,45	8,18 x 7,98	1,88; 16,30	0,016
A	59 x 57	9,02 x 6,23	-4,97; 8,97	0,553
C	59,2 x 55,91	12,1 x 8,7	-6,18; 12,72	0,476
N1	41,18 x 40,36	9,79 x 9,77	-7,91; 9,54	0,847
N2	42,4 x 44,45	12,0 x 7,7	-11,15; 6,97	0,633
N3	38,7 x 40,82	10,0 x 7,49	-10,01; 5,83	0,586
N4	36,3 x 42,73	10,1 x 8,1	-14,64; 1,74	0,115
N5	-	-	-	-
N6	38,73 x 43,09	9,78 x 6,38	-11,79; 3,06	0,232
E1	54,82 x 48,73	9,78 x 9,83	-2,66; 14,84	0,161
E2	48,55 x 49	8,26 x 8,96	-8,14; 7,24	0,903
E3	60,82 x 47,91	8,84 x 8,87	5,01; 20,81	0,003
E4	-	-	-	-
E5	41,55 x 43,36	8,58 x 8,83	-9,59; 5,96	0,630
E6	53,27 x 48,36	5,16 x 8,57	-1,48; 11,30	0,123
O1	36,7 x 39,55	13,9 x 8,72	-13,31; 7,67	0,577
O2	53,55 x 46	6,77 x 9,51	0,15; 14,94	0,046
O3	54,27 x 43,45	9,83 x 7,74	2,89; 18,74	0,010
O4	53,5 x 48,3	14,6 x 10,3	-6,14; 16,50	0,349
O5	55,73 x 49,09	6,2 x 7,98	0,24; 13,04	0,043
O6	54,55 x 45,36	9,83 x 6,82	1,57; 16,79	0,021
A1	57,55 x 54,73	8,57 x 9,12	-5,08; 10,72	0,464
A2	57,09 x 56,64	7,45 x 6,36	-5,73; 6,64	0,879
A3	56,55 x 51,82	7,26 x 8,01	-2,09; 11,55	0,163
A4	58,5 x 57,18	14,1 x 6,94	-8,82; 11,55	0,778
A5	49,27 x 53	7,0 x 5,85	-9,48; 2,03	0,191
A6	54,91 x 52,64	7,45 x 7,5	-4,40; 8,94	0,484
C1	58 x 52,36	10,9 x 7,23	-2,68; 13,96	0,171
C2	52,7 x 52	11,0 x 9,62	-8,50; 9,95	0,871
C3	59,64 x 54,73	5,85 x 7,88	-1,31; 11,12	0,114
C4	58,45 x 54,5	8,43 x 12,6	-5,75; 13,56	0,405
C5	56,5 x 57,91	13,8 x 6,35	-11,18; 8,46	0,770
C6	57,4 x 54,73	10,5 x 7,11	-5,45; 10,72	0,501

Assim, considerando $\alpha = 0,05$, houve evidência de que:

- Os escores do grupo E1 são significativamente superiores aos do grupo C1 em Abertura à Experiência (O), Emoções Positivas (E6), Estética (O2) e Ações Variadas (O4). Por sua vez, os escores de E1 são significativamente inferiores a C1 em Esforço por realizações (C4) e Ponderação (C6).

- Os escores do grupo E2 são significativamente superiores aos do grupo C2 em Abertura à Experiência (O), Assertividade (E3), Estética (O2), Sentimentos (O3), Idéias (O5) e Valores (O6).

Finalmente, como as facetas restantes não alcançaram distribuição normal em ao menos uma das amostras em comparação, não foi possível o uso do teste *t-student* para compará-las. Assim, foram conduzidas comparações através através do teste *Mann-Whitney*, que compara as medianas sem pré-requisitos quaisquer quanto às amostras. Resultou-se, com IC 95% para as respectivas diferenças, conforme se segue:

Tabela 13 – Resultados dos testes de *Mann-Whitney* para facetas da personalidade

Variável	Grupos	Mediana	Intervalo	p-valor
N2	E1xC1	42 x 42	-3,999;4,000	0,9205
N3	E1xC1	42 x 42	-5,998;5,000	0,8097
N5	E1xC1	44 x 42	-4,001;4,002	0,7961
N6	E1xC1	43 x 43	-4,998;4,000	0,9719
E1	E1xC1	51 x 49	-4,001;5,003	0,6810
E2	E1xC1	51 x 53	-7,000;1,997	0,2570
O6	E1xC1	53 x 45	2,000;9,998	0,0073
A3	E1xC1	53 x 53	-2,998;3,002	0,9205
A4	E1xC1	57 x 55	-4,004;4,998	0,7735
C5	E1xC1	53 x 55	-5,997;2,000	0,2109
N5	E2xC2	36 x 40	-8,00;4,00	0,6458
E4	E2xC2	54 x 43	2,00;16,00	0,0278

Assim, considerando $\alpha = 0,05$ e conforme os negritos da Tabela 13, temos evidência de que a pontuação do grupo E1 é significativamente superior à do grupo C1 na variável Valores (O6). Por seu turno, temos evidência de que a pontuação do grupo E2 é significativamente superior à do grupo C2 na Atividade (E4).

Desse modo, apenas os escores do fator Abertura à Experiência (O) corresponderam ao predito pela primeira hipótese deste estudo (cf. capítulo 10), sendo as demais predições, relativas a Neuroticismo (N) e Busca de Sensações (E5) refutadas em ambos os grupos.

11.3. Saúde mental

Os percentuais a seguir representam a proporção de cada transtorno mental avaliado pelo MINI PLUS (cf. capítulo 10) nos grupos experimentais e grupos controle.

Tabela 14 – Tabela de frequências absolutas e relativas de transtornos mentais

Transtornos mentais		E1(n/%)	C1(n/%)	E2(n/%)	C2(n/%)
Episódio depressivo maior (EDM)	Atual (2 semanas)	1/2,9	2/5,7	-	-
	Passado	7/20	4/11,4	1/9,1	1/9,1
Transtorno do humor devido à condição médica	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Transtorno do humor induzido por substância	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
EDM com característ. melancólicas	Atual (2 semanas)	1/2,9	2/5,7	-	-
Transtorno distímico	Atual (Últimos 2 anos)	-	1/2,9	-	-
	Passado	-	-	-	-
Risco de suicídio	Atual (Último mês)	Baixo	1/2,9	5/14,3	-
		Médio	-	-	-
		Alto	-	-	-
Episódio maníaco	Atual	-	-	-	-
	Passado	1/2,9	4/11,4	1/9,1	-
Episódio hipomaníaco	Atual	-	-	-	-
	Passado	1/2,9	1/2,9	-	1/9,1
Episódio maníaco devido a condição médica geral	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Episódio hipomaníaco devido a cond. méd. geral	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Episódio maníaco induzido por substância	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Episódio hipomaníaco induzido por substância	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Transtorno de pânico	Atual (Último mês)	-	-	-	-
	Vida inteira	-	2/5,7	1/9,1	-
Transtorno ansioso ataques de pânico devido à condição médica geral	Atual	-	-	-	-
		-	-	-	-

Continuação

Transtornos mentais		E1(n/%)	C1(n/%)	E2(n/%)	C2(n/%)
Transtorno ansioso com ataques de pânico induzido por substância	Atual	-	-	-	-
Agorafobia	Atual	2/5,7	6/17,1	-	1/9,1
Fobia social	Atual (Último mês)	1/2,9	5/14,3	-	-
Fobia específica	Atual	2/5,7	4/11,4	-	1/9,1
Transt. obsessivo-compulsivo (TOC)	Atual (Último mês)	-	3/8,6	-	-
TOC devido à condição médica geral	Atual	-	-	-	-
TOC induzido por substância	Atual	-	-	-	-
Transtorno estresse pós-traumático	Atual (Último mês)	1/2,9	-	-	-
Dependência de álcool	(Últimos 12 meses)	-	1/2,9	-	-
Dependência de álcool	Vida inteira	1/2,9	4/11,4	-	1/9,1
Abuso de álcool	(Últimos 12 meses)	-	3/8,6	-	1/9,1
Abuso de álcool	Vida inteira	1/2,9	4/11,4	-	1/9,1
Dependência de substância(Não álcool)	Últimos 12 meses	-	-	-	-
Dependência de substância (Não álcool)	Vida inteira	-	2/5,7	-	1/9,1
Abuso de substância (Não álcool)	(Últimos 12 meses)	-	-	-	-
Transtornos psicóticos	Vida inteira	1/2,9	-	-	-
	Atual	1/2,9	-	-	-
Transtorno do humor com características psicóticas	Vida inteira	-	-	-	-
Esquizofrenia	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno esquizoafetivo	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno esquizofreniforme	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno psicótico breve	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno delirante	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno psicótico devido à condição médica geral	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno psicótico induzido por substância	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno psicótico sem outra especificação	Atual	-	-	-	-
	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno do humor com características psicóticas	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno humor sem outra especificação	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno depressivo maior com características psicóticas	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Transtorno bipolar I com características psicóticas	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	1/9,1	-

Conclusão

Transtornos mentais		E1(n/%)	C1(n/%)	E2(n/%)	C2(n/%)
Transtorno bipolar II	Atual	-	-	-	-
	Passado	-	-	-	-
Anorexia nervosa	Atual (Últimos 3 meses)	-	-	-	-
Bulimia nervosa	Atual (Últimos 3 meses)	-	1/2,9	-	-
Bulimia nervosa tipo purgativo	Atual	-	-	-	-
Bulimia nervosa tipo sem purgação	Atual	-	-	-	-
Anorexia nerv. tipo compulsão periódica purgativo	Atual	-	-	-	-
Anorexia nervosa, tipo restritivo	Atual	-	-	-	-
Transtorno de ansiedade generalizada	Atual (Últimos 6 meses)	1/2,9	4/11,4	-	-
Transtorno de ansiedade generalizada devido a condição médica geral	Atual	-	-	-	-
Transtorno de ansiedade generalizada induzido por substância	Atual	-	-	-	-
Transtorno da personalidade anti-social	Vida inteira	-	-	-	-
Transtorno de somatização	Vida inteira	1/2,9	-	-	-
	Atual	1/2,9	-	-	-
Hipocondria	Atual	-	-	-	-
Transtorno dismórfico corporal	Atual	1/2,9	1/2,9	-	-
Transtorno doloroso	Atual	1/2,9	-	-	-
Transtorno da conduta	Últimos 12 meses	-	-	-	-
Transtorno déficit atenção/hiperatividade	Vida inteira	-	-	-	-
	Atual	-	-	-	-
Transtorno de ajustamento	Atual	-	-	1/9,1	-
Transtorno disfórico pré-menstrual	Atual	-	1/2,9	1/9,1	-
Transtorno misto de ansiedade-depressão	Atual	-	1/2,9	-	-

Contudo, a Tabela 14 distingue apenas a prevalência de transtornos mentais nos grupos.

Mas tais dados não revelam as proporções, em termos gerais, de portadores de transtornos nos grupos, dada a ocorrência de comorbidades. Sendo assim, os números absolutos e percentuais de portadores em cada grupo são: 11 (31,4%) em E1; 22 (62,9%) em C1; 4 (36,4%) em E2 e também 4 (36,4%) em C2.

O instrumento MINI PLUS inclui, entre suas instruções, a recomendação usual para que o diagnóstico de transtornos psicóticos leve em conta a adequação ou amparo cultural de crenças e experiências que seriam, apenas na ausência desse amparo, sintomáticas (cf. OMS, 1993). Assim, não foram consideradas na Tabela 14 crenças e experiências dos voluntários

que, embora remetam a percepções e idéias não amplamente partilhadas e sejam em algo bizarras, estivessem circunscritas a referenciais esotéricos ou outros claramente detectáveis, nos quais esses protagonistas estavam inseridos.

Adicionalmente, dado que concordo com a necessidade de critérios diagnóstico diversificados e sobrepostos para a distinção entre experiências anômalas saudáveis e sintomas de transtornos mentais (cf. Almeida & Lotufo, 2003; Berenbaum et al., 2000), acrescentei na aplicação do MINI PLUS com cada voluntário (quando surgiam crenças, percepções ou comportamentos em algo bizarros) perguntas referentes aos já mencionados nove critérios distintivos de transtornos mentais e experiências espirituais (e.g., experiências anômalas que incluem contatos com alegadas entidades sobrenaturais) propostos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) (cf. capítulos 5 e 7). As instruções do MINI PLUS incluem o convite ao aplicador para a inserção de perguntas adicionais para facilitar o diagnóstico. Ademais, tanto o MINI PLUS quanto os nove critérios referidos acima possuem base fenomenológica. Portanto, a inserção dos nove critérios não produz inconsistência interteórica diante do MINI PLUS. Assim, as respostas referentes a sintomas psicóticos potenciais foram consideradas em relação ao contexto e à sua adaptabilidade na vida do protagonista, i.e., só foram considerados não-patológicos quando amparados por *ambos* os critérios e não por um *ou* outro.

Entretanto, como a relação entre experiências anômalas e transtornos mentais é altamente controversa e requer investigação para responder a questões ainda básicas (Berenbaum et al., 2000), além do que os mencionados nove critérios constituem um modelo que requer verificação em pesquisas futuras (Menezes Júnior e Moreira-Almeida, 2009), retomo o assunto no capítulo 13 através dos achados desta pesquisa sobre crenças, experiências e comportamentos incomuns e que implicaram em alguma dificuldade em fases anteriores da vida dos protagonistas, mas que aparentemente não compuseram quadros maiores de entidades nosológicas quando adultos. Portanto, a despeito de sua aparente

adequação cultural (em pequenos grupos) e adaptabilidade na vida adulta, cumpre quantificar aqui os achados acerca da presença de potenciais sinais e sintomas de transtornos psicóticos ou características aparentemente pré-mórbidas na infância ou adolescência.

Assim, uma única voluntária do grupo E1 (2,9%) e 8 voluntários do grupo E2 (72,7%; 5 mulheres e 3 homens) reportaram experiências consistentes, repetitivas, ansiogênicas e em algo mal-adaptativas na infância ou adolescência, como visões de vultos assustadores, audição de vozes perturbadoras, comportamentos bizarros (e.g., glossolalia fora de contexto religioso) e séria preocupação familiar ou pessoal com a própria saúde mental, havendo casos em que a internação psiquiátrica teria sido cogitada. Nenhum voluntário dos grupos C1 e C2 reportou algo semelhante.

Em todos esses casos, referenciais religiosos ou esotéricos posteriores teriam permitido ressignificar tais experiências inicialmente ansiogênicas, de modo a serem, na vida adulta, consideradas positivas ou preparatórias para experiências vindouras positivas (cf. capítulo 12). Ademais, seus protagonistas, conforme visto na Tabela 14, não apresentaram indícios sugestivos de transtornos psicóticos na vida adulta, evidenciando também boa adaptação social (e.g., constituíram família, alcançaram elevada escolaridade, trabalham, não apresentam condutas bizarras, são reservados ao tratamento de suas experiências). Foram excluídos deste trecho voluntários que reportam experiências de cunho mediúnico e outras categorias de experiências anômalas culturalmente contextualizadas e sem qualquer implicação negativa aparente, já expressas na Tabela 3.

Por sua vez, o teste de proporção (teste p) foi realizado diretamente sobre cada variável, como segue:

1. A maioria dos transtornos mentais investigados não apresentou indícios de sua ocorrência entre os voluntários dos quatro grupos investigados.

2. Conforme a Tabela 14, a maioria dos transtornos cujos indícios sugestivos foram detectados apresentaram-se em proporções muito reduzidas. Assim, para tais casos, considerando $\alpha = 0,05$, o teste p sugeriu evidência de equivalência de proporção entre os grupos E1/C1 e E2/C2, pois, com IC 95% para as respectivas diferenças:

Tabela 15 – Testes de proporção para transtornos mentais

Proporções	Diferença	P-valor
1/35 x 0/35	-0,0266218; 0,0837646	0,310
1/35 x 2/35	-0,0660841; 0,123227	0,554
0/35 x 2/35	-0,0197557; 0,134041	0,145
1/11 x 0/11	-0,0789775; 0,260796	0,294

3. Algumas proporções a princípio se destacaram entre os dados e se encontram em negrito na Tabela 14. Contudo, considerando $\alpha = 0,05$, o teste p apontou evidência de que tais proporções também se equivalem entre os grupos E1 e C1, pois, com IC 95% para as respectivas diferenças:

Tabela 16 – Testes de proporção para transtornos mentais

Proporções	Diferença	P-valor
7/35 x 4/35	-0,0836107; 0,255039	0,321
1/35 x 5/35	-0,0141113; 0,242683	0,081
1/35 x 4/35	-0,0332659; 0,204694	0,158
2/35 x 6/35	-0,0323540; 0,260925	0,127
2/35 x 4/35	-0,0733308; 0,187617	0,391
0/35 x 3/35	-0,00702882; 0,178457	0,070

4. Quanto às proporções absolutas de transtornos mentais nos grupos, i.e., considerando o número de voluntários e sem distinção quanto ao transtorno, novamente considerando $\alpha = 0,05$, o teste p sugeriu evidência de que as proporções *não* se equivalem entre os grupos E1 e C1, pois, com IC 95% para a diferença (-0,536273; -

0,0922988), p-valor = 0,006. Assim, as evidências sugerem que a proporção de transtornos mentais no grupo C1 é significativamente superior àquela em E1. Por sua vez, entre E2 e C2, a proporção é idêntica. Os gráficos abaixo ilustram as proporções:



Gráfico 9 – Prevalência absoluta de transtornos mentais por grupo

5. Finalmente, quanto à proporção de voluntários nos grupos E2 e C2 que apresentaram indícios passíveis de discussão quanto a transtornos psicóticos na infância/adolescência ou mesmo no início da idade adulta, mas que evidenciaram desenvolvimento psicológico posterior saudável, o teste p elencou evidência, sob $\alpha = 0,05$, de que as proporções *não* se equivalem entre os grupos, pois, com IC 95% para a diferença (0,464086; 0,990460), p-valor < 0,005⁵⁹. O gráfico abaixo ilustra a proporção:

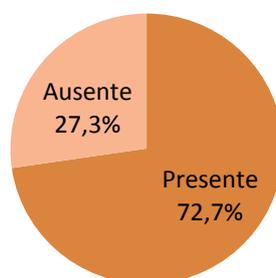


Gráfico 10 – Proporção de indicadores no grupo E2

⁵⁹ Idem à nota de rodapé 53.

Assim, surgiram evidências estatísticas de que as únicas diferenças significantes entre os grupos se situam na prevalência total de transtornos mentais ($C1 > E1$) e nos discutíveis indicadores precoces de transtornos ($E2 > C2$), o que refuta a segunda hipótese do estudo (cf. capítulo 10) para o grupo E1 e a coloca em discussão sobre o grupo E2. Portanto, como a relação entre experiências anômalas e transtornos mentais é controversa e repleta de sutilezas, tais resultados serão discutidos e problematizados no capítulo 13.

Capítulo 12 – Resultados qualitativos

*Oh! Oh! Seu moço
do disco voador,
me leve com você
pra onde você for!*

*Oh! Oh! Seu moço!
Mas não me deixe aqui,
enquanto eu sei que tem
tanta estrela por aí!*

Raul Seixas, SOS

Este capítulo apresenta achados qualitativos que contemplam as entrevistas, as anotações em diário de campo e mesmo algumas articulações com achados quantitativos (dado ser uma pesquisa quali-quantitativa), além de considerações complementares sobre os padrões das experiências e aspectos psicopatológicos. Na medida das possibilidades e da parcimônia, as afirmações são exemplificadas com trechos extraídos das entrevistas. Salvo quando expresso em contrário, tais exemplos não constituíram exceções, mas pontos de vista comuns dentro das amostras, o que lhes confere um caráter de representatividade. Assim, para não tornar a leitura cansativa em função da repetição, são fornecidos alguns exemplos, mas não todos os possibilitados pelas entrevistas. Da mesma forma, desde que plenamente coerentes com os dados formalmente coletados e que os complemente de forma útil, serão utilizadas também algumas citações extraídas das explorações prévias de campo ao longo dos últimos catorze anos (cf. Martins, 2010b).

12.1. Padrões de descrição e narrativa

Em termos fenomenológicos, as descrições e narrativas fornecidas pelos voluntários acerca da aparência dos alienígenas, naves e procedimentos, além das sequências de eventos que teriam composto suas experiências foram análogas àquelas presentes na literatura informal sobre óvnis, também verificadas em meus catorze anos de entrevistas com protagonistas de experiências e descritas com algum detalhe no capítulo 5. Por essa razão, desde as fases iniciais da coleta de dados até o momento da escrita final da dissertação, optei por antecipar trechos das entrevistas e ilustrar os capítulos 1 e 5 com exemplos dos voluntários desta pesquisa, em vez de utilizar então citações análogas da literatura e incluir as descrições e narrativas da presente pesquisa apenas nesta seção. Isso foi incentivado pelo fato de tais padrões não se relacionarem diretamente às hipóteses deste estudo, o que os caracterizaria como achados centrais, exceto em relação aos gêneros narrativos, como discrimino no capítulo 13. Nesse último caso, penso não haver prejuízo em ter antecipado as descrições. Opto por não incluir aqui, pois, muitos trechos das entrevistas relativos à descrição de alienígenas e naves, dedicando o capítulo especialmente aos achados mais diretamente relacionados às hipóteses centrais do estudo.

Assim, à guisa de síntese quanto aos achados desta pesquisa, os óvnis foram novamente descritos como pontos de luz distantes e objetos próximos predominantemente esféricos, discóides e cilíndricos, com raras exceções, como o caso de formas triangulares. Janelas (ou vigias) e fochos de luz são elementos recorrentes. Os óvnis poderiam ser classificados em dois grandes grupos quanto às dimensões: pequenas esferas de luz, com poucos centímetros de diâmetro, e objetos maiores, com dimensões iguais ou superiores às de um automóvel, quando os demais formatos emergem. Por dentro, de acordo com os relatos de abduzidos e contatados, e em semelhança com a literatura informal (e.g., Jacobs, 1998), o ambiente é equanimemente iluminado e simples, branco, sem arestas, sem maiores adornos ou

equipamentos. Algo como móveis também são raros e, quando presentes, foram descritos como simples em sua forma, sem função estética aparente. Como outro exemplo específico de detalhe do ambiente, a abduzida E2.3 descreve ambiente branco com um “caixão de vidro com tubos” (sic) onde ela teria ficado imersa durante os experimentos (cf. citação no capítulo 5). Estrutura análoga também foi descrita por outros abduzidos em uma reunião privada que tive com alguns deles em outra região do país⁶⁰. O abduzido E2.11, presente à reunião, relatou no dia seguinte:

E ele [o alienígena] me leva pra dentro da nave. Quando eu entro... chego a uma sala muito grande; como falei ontem [na reunião], ela era tão alta visualmente, pelo menos pra mim, que eu não tinha visto o teto. E lá tem tipo um esquife, vamos falar dessa forma, um sarcófago branco, não sei, um caixão igual aquele da Branca de Neve, todo transparente, e tem um corpo dentro.

O participante E2.4 sugere espanto com a simplicidade do interior do pretenso óvni:

Você vai com uma imagem do que você espera encontrar lá dentro. E eu fui esperando encontrar um painel cheio de relógios, cheio de luzinhas, cheio de indicadores, como você vê nos aviões daqui. Quando eu cheguei pra ver, não tinha absolutamente nada, absolutamente nada! Tinha um único controle e uma tela preta na frente. Só! Pra mim foi um choque aquilo lá.

⁶⁰ Por razões práticas, pude entrevistar aplicar os instrumentos da pesquisa em apenas dois dos presentes à ocasião. Contudo, a riqueza de dados qualitativos colhidos à ocasião permite melhor aproveitamento do encontro ao longo deste texto.

A simplicidade do ambiente às vezes ganha contornos menos vazios quanto a estruturas alegadamente presentes, mas é então relacionada à eficácia e precisão. O abduzido E2.8 exemplifica: *“pude perceber alguns painéis avançadíssimos para o nosso padrão tecnológico ao redor da sala, controlados ora mentalmente, ora por meio de cristais”*.

Por sua vez, o alegado comportamento dos óvnis incluiu voo errático, acelerações e desacelerações abruptas, aparecimentos e desaparecimentos repentinos e mudanças de forma. Sua aparência é tipicamente metálica e, com alguma raridade, sutil, *“plasmada”* (sic contatada E2.9). Em sintonia com referenciais esotéricos diversos, as naves e alienígenas às vezes seriam vistos entrando e saindo de “portais”. A participante E2.3 descreveu um desses portais como uma espécie de fenda ou buraco no espaço, por onde seria possível ver as estrelas ao fundo, *“como se fosse um pedaço do céu”*.

De forma igualmente parelha à literatura informal e achados prévios em entrevistas minhas mais antigas, os alienígenas seriam todos antropomórficos, embora os padrões se afrouxem a seguir. Assim, foram descritos seres ora altos, ora baixos, com pouco ou muito volume corporal, perfeitamente humanos, animais, sobre-humanamente belos, à aparência de répteis, insetos (mesmo nesses casos, mantém-se certo antropomorfismo) ou ainda imateriais, “energéticos” (apenas com tênues contornos humanos), além da ainda mais conhecida conformação acinzentada, com olhos negros e cabeça desproporcionalmente grandes. No caso dos contatados, os alienígenas são também descritos enquanto apenas uma presença a acompanhar suas atividades, dentro de um projeto maior enquanto guias espirituais ou algo equivalente.

A comunicação com tais alienígenas seria quase exclusivamente telepática, embora comunicações orais convencionais, zumbidos ininteligíveis e verbalizações excessivamente rápidas tenham sido relatados. Somado ao relato do participante E2.10 sobre um zumbido semelhante a uma caixa de abelhas, apresentado brevemente no capítulo 1, a participante E2.9

exemplifica a comunicação ininteligível que, no decurso dos contatos, se tornariam mensagens orais claras:

Na época, a gente [ela e seu grupo de contatados] não estava preparado pra ouvir esses seres. Então a gente ouvia, eu ouvia como se estive um ruído... como se alguém tivesse tentando falar alguma coisa e você não entendia o que era.... Pra gente conseguir entender o que ele tava falando... ele começava a jogar flashes de luz na gente. Então cada flash que ele dava, a gente passava a ouvir melhor. É porque ele estava colocando a gente na frequência dele.

Já as abduções ocorreriam de forma análoga ao anteriormente exposto, incluindo lapsos de memória (*missing time*), experimentos recorrentes de aparência médica a bordo dos óvnis, manufatura de bebês híbridos, cicatrizes e outras marcas alegadamente descobertas após as experiências e memórias alegadamente fidedignas recuperadas sob hipnose. Por sua vez, as experiências amistosas dos chamados contatados apresentam alguma diferença em relação ao passado recente. Enquanto as décadas de 1950 e as imediatamente posteriores foram marcadas por contatados que alegavam tipicamente encontros físicos com tripulantes de discos voadores aterrissados (Lewis, 1995; Suenaga, 1999), os contatados que se voluntariaram reportam tanto experiências físicas quanto, de forma largamente predominante, contatos sutis, através de experiências fora do corpo, sonhos, canalização, intuições, visualizações em processos meditativos e toda sorte de recursos alternativos. Na acima referida reunião com abduzidos e contatados, foi comentado, em sintonia com os achados do grupo E2, que contatos físicos, embora ainda aconteçam, estão se tornando progressivamente menos comuns.

Ademais, de modo um tanto distinto em relação ao que a literatura informal, especialmente estrangeira, tende a sugerir (e.g., Hopkins, 1995; Jacobs, 1998, 2002), experiências de abdução e contato amistoso foram não raro reportadas pela mesma pessoa no grupo E2. Em sintonia, durante a referida reunião privada com abduzidos, a pessoa que coordena o grupo⁶¹ mencionou o quanto abduzidos e contatados tendem a compartilhar experiências, o que, em sua perspectiva, retiraria sentido da usual distinção contatado/abduzido e se inseriria em um projeto maior conduzido pelos alienígenas.

Finalmente, quanto à sua estrutura e à sequência de eventos, as narrativas parecem assumir pouca ou nenhuma função estética, de modo a apresentarem ritmo narrativo pouco favorável ao suspense ou outras emoções no ouvinte, semelhante ao discutido por Bullard (1989). Ao contrário, muitas narrativas se apresentam diretas, sem floreios ou recursos estilísticos maiores e usuais em lendas e narrativas fantásticas (e.g., pausas, titubeios, reviravoltas), além de, às vezes, se mostrarem desconjuntadas. Os desfechos tendem a não ocupar lugar privilegiado, chegando a ser ausentes em algumas narrativas, ao que foi necessário eu perguntar abertamente a respeito para obter informação. E, tipicamente, tais desfechos eram diretos, simples, “decepcionantes”, como diria Bullard. Entre os exemplos, “[o óvni] *passou no sentido do* [nome do bairro] *e sumiu*” (participante E1.3). Mesmo relatos mais complexos, como abduções, tenderam a apresentar finais curtos e diretos, como exemplifica o abduzido E2.11: “*e aí depois disso* [os exames feitos a bordo do óvni] *acaba, eu volto, quando eu volto a olhar o relógio, são duas horas da manhã. Aí estou perto do carro*”. Também verifiquei tais tendências ao longo dos catorze anos anteriores de entrevistas com protagonistas de experiências óvni.

⁶¹ Nome omitido destas considerações a pedido.

12.2. Saúde mental e organização vital

No que tange às relações potenciais entre as experiências óvni e transtornos mentais, sob um referencial fenomenológico, os achados robustecem os resultados do estudo exploratório que conduzi (Martins, 2010b; cf. capítulo 5) a partir dos nove critérios distintivos entre experiências anômalas saudáveis e transtornos mentais de conteúdo religioso propostos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009), que são ausência de sofrimento psicológico, ausência de prejuízos sociais e ocupacionais, duração curta da experiência, atitude crítica preservada, compatibilidade com o grupo cultural ou religioso do protagonista, ausência de comorbidades, controle sobre a experiência, crescimento pessoal ao longo do tempo e atitude de ajuda aos outros.

Assim, a presente pesquisa elencou indícios de que as experiências não tendem a ocasionar ou se associar a sofrimento psicológico posterior significativo ou o ocasionam de modo passageiro, ainda assim em caso de experiências particularmente intrusivas e para as quais os protagonistas não possuíssem recursos culturais e pessoais para uma elaboração construtiva⁶², como frequentes experiências do grupo E2 ocorridas na infância e adolescência. Desse modo, todos os 46 protagonistas entrevistados (35 do grupo E1 e 11 do grupo E2) apresentaram evidência sugestiva de boa organização social e vital, i.e., constituíram família, trabalham, atingiram (em grande parte das vezes; cf. capítulo 11) elevada escolaridade e apresentam-se cotidianamente organizados e bem adaptados. Em verdade, as experiências dos

⁶² Defino, neste caso, recursos culturais e pessoais como conhecimento sobre o tema, normalmente oriundo da mídia, literatura ufológica virtual e impressa, e contato direto ou indireto com grupos de interessados ou mesmo de protagonistas de experiências, entre outras possibilidades eventualmente disponíveis. Como exemplos mais específicos, o Brasil possui a revista sobre ufologia mais antiga do mundo ainda em circulação, a Revista UFO, que agrega milhares de interessados pelo tema entre associados e grupos virtuais de debate, com volumosas trocas de informação. Ademais, os *websites* sobre óvnis e temas relacionados proliferam na internet, sendo que uma busca no *website* Google (www.google.com.br) sobre o termo “óvni”, realizada em 20 de outubro de 2011, encontrou aproximadamente 2.180.000 referências em português e 15.100.000 em geral, enquanto o termo UFO encontrou aproximadamente 3.280.000 referências em português e 212.000.000 em geral. Finalmente, existem no país diversos grupos e mesmo clínicas “holísticas” que possuem, entre seus pilares, crenças sobre alienígenas e óvnis, que reúnem protagonistas e interessados, além de fornecer suporte e validação subjetiva. Esses grupos serão melhor discutidos no capítulo 13.

voluntários tendem a ser elaboradas de forma positiva ou neutra, não se associando a emoções negativas, como temores e fobias. As emoções positivas incluem, nos termos usados, curiosidade, alegria e amor, frequentemente acompanhados de interesse pelo tema, na forma de busca por maiores informações (cf. Tabela 3, capítulo 11) e, às vezes, por novas experiências, mas sem, ao menos na grande maioria dos casos, afetar negativamente a rotina. Isso sugere que as experiências tenham sido acréscimos à vida subjetiva dos protagonistas, ao contrário do que é caracteristicamente patológico. A voluntária E1.2 exemplifica ao dizer:

Meu cunhado foi então mais taxativo e fala que realmente tinha visto a luz [na mesma ocasião em que ela]. Eu falei [para o cunhado]... por que você não me mandou parar [o carro]? Por que não me mandou para pra eu poder realmente ter o prazer de ter visto [melhor, com mais detalhes] aquela coisa, aquela luz...?.... [O cunhado] me conta mais sobre essa luz, que ele já tinha visto... que, às vezes, ele já tinha passado noites assim... no mato ou alguma região, esperando que aconteça outra vez a luz, bem buscando mesmo, querendo ver realmente.... Chegando em casa [após a experiência no carro], a gente tenta, na direção onde nós vimos a luz, tenta ver alguma coisa.... apagamos as luzes todas, ficamos lá mesmo assim pensando: “Quero ver essa luz de novo!”

Por sua vez, quanto à referida dimensão ansiogênica passageira, quase inexistente no grupo E1 e frequente no grupo E2 (cf. capítulo 11), a contatada E2.6, que forneceu indícios de ser socialmente bem adaptada, ter construído laços familiares saudáveis com filhos, marido e demais parentes, além de carreira sólida em uma área profissional difícil e socialmente valorizada, forneceu narrativa exemplar sobre como a cultura exerceu um papel inicialmente negativo, sendo apenas na adolescência e vida adulta que recursos pessoais e culturais mais

específicos e localizados entraram em cena para auxiliar na elaboração positiva que perdurou. Como sua entrevista perpassa vários pontos recorrentes nas narrativas do grupo E2 e os exemplifica com particular clareza, optei por citar um trecho mais longo:

A primeira coisa que você sente quando o mundo inteiro bate de frente com você é que você é louco.... A gente [ela e sua família] tem esse histórico de avistamentos e outros aí, eu vi esse ser [um alienígena antes referido] com meu irmão.... e eu continuei minha vida de dia a dia, tudo com muita intuição, muita percepção de muita coisa.... diante dessas experiências todas que eu já vivenciei, se tivessem me perguntado [em outra época] se eu queria, eu não teria querido, porque eu queria ser uma pessoa comum, normal.... Então, durante um período muito grande, eu recusei ser o que eu era, entendeu? Era difícil pra mim essa relação com esses seres [extraterrestres].... Então, se a gente está sentado aqui e tem uma pessoa ali fora falando com “ninguém”, então é horrível pra conviver com os outros. Pra você conseguir conviver, você não pode ver. Então você reprime. E essa repressão traz suas consequências, claro.... Hoje eu gostaria de ter tido todas [as experiências que tive], até mais do que eu já tive (risos).... eu tenho consciência do que eu sou, do que eu já realizei até hoje.... eu tenho consciência mais centrada do que eu estou fazendo aqui, de porque eu passei por todas essas experiências.... Eu entendo que todas essas experiências, algumas dolorosas e tristes, porque eu tive que aprender a sublimar tudo isso.... eu não escolhi, não foi meu livre-arbítrio, mas eu tive que conviver, né? Então hoje eu considero livre-arbítrio o fato de agradecer todas elas, porque acho que, como autoconhecimento, como crescimento... amadurecer dentro da

paranormalidade, eu agradeço todas as oportunidades que eu tive, em detrimento de todo o sofrimento que isso me gerou..... E eu cresci me sentindo isolada, sabe? Não que eu tivesse sido colocada numa jaula, mas, se tivesse sido colocada, a sensação teria sido a mesma, né? Eu não estava presa na jaula, mas era um ser digno [para] alguns de dó, [para] outros de observação, [para] outros de estudo, [para] outros de crítica.... Quando se é criança, você não consegue dosar essa crítica, até quando ela é construtiva ou destrutiva pra você. Normalmente, ela é destrutiva.... Na adolescência, [a crítica] também foi dolorosa, mas você vai tendo mais suporte, mais vivência, vai estudando. Aí, quando fui para a faculdade, eu comecei a estudar parapsicologia.... comecei a pesquisar religião.... Eu uso a religião para aprofundar as possibilidades que me foram dadas.... E os anos foram se passando e... mexendo na internet, eu vi que ia acontecer o II ou III Congresso Internacional de Cura Quântica⁶³.... Foi muito interessante pra mim porque você estuda a vida inteira e quando você chega em um determinado grupo seletivo, você descobre que você não sabe nada.... Eu tive noção de que, apesar de todo um histórico, eu era muito pequena, minha experiência era muito pequena em relação a essas pessoas, pessoas que já caminharam muito, muito.... No final desse congresso... eles colocaram à disposição da platéia a oportunidade de falar com um extraterrestre.... eu queria fazer perguntas de uma vida inteira.... aí foi proibido por esse ser... que se fizesse perguntas pessoais. E eu senti um grande impacto, porque eu queria fazer perguntas pessoais....

⁶³ Embora termos dessa natureza estejam eventualmente sujeitos a múltiplas definições e recortes conforme o grupo que os utiliza, cura quântica pode ser entendida, em termos breves, como um conjunto de práticas de cura alternativa (i.e., não aceitas pela medicina tradicional ocidental) alegadamente baseadas em princípios da mecânica quântica, agregando conhecimentos também alternativos sobre consciência, mestres ascensionados e temas afins.

ele [o palestrante] pegou o microfone e veio andando e ficou de costas para o palco. Então ele não viu quando [o extraterrestre] foi embora. E ele chegou com o microfone na minha mão e me entregou o microfone, e eu olhando para o palestrante; eu vi quando ele [o extraterrestre] foi embora. Não tinha ninguém pra “mim” perguntar nada. Aquilo foi um choque pra mim, foi um... [começa a chorar] foi muito difícil, porque era a minha vida, né?... quando eu me levantei, chega Ashtar Sheran⁶⁴ ... foi o presente da minha vida falar com um ser dessa natureza.... Foi a maior experiência da minha vida [recomeça a chorar].... ele [Ashtar, através do palestrante-canalizador⁶⁵, embora a protagonista tenha alegado a visão do extraterrestre no palco, atrás] falou pra mim minha carta estelar, de onde eu vinha, porque eu estava lá... falou que nós éramos irmãos e disse que meu futuro seria trabalhar com ele, o que foi uma grande surpresa, e que eu pertencia à mesma linhagem dele.... e foi embora. Ele foi lá só pra me responder [chora novamente].... Depois do congresso, eu fui para o Reiki, eu aprendi a cura quântica... eu aprendi o rejuvenhecimento estelar, pra tratar doenças ósseas nas pessoas, Mal de Alzheimer.... A partir do momento que você começa a estudar, você vai entendendo.

Assim, as experiências podem se situar entre o ansiogênico e o protetor, desempenhando um papel precoce ou posterior na organização psicológica do protagonista. A contatada E2.2 fornece exemplo adicional interessante, situado no contexto maior de sua

⁶⁴ Ashtar Sheran é uma entidade descrita em inúmeras fontes esotéricas/ufológicas como o comandante de uma frota de milhares de naves alienígenas, cuja missão seria auxiliar no plano de resgate espiritual do ser humano terrestre (e.g., Fundação Ashtar Sheran Centro Oeste, em www.ashtarsherancentroeste.org).

⁶⁵ Embora seja um termo também sujeito a referenciais diversos, canalização pode ser brevemente definida como a experiência anômala na qual uma pessoa serviria de canal para que informações sejam veiculadas, vindas de uma fonte alegadamente anômala (Barret, 1996), como neste caso, uma inteligência extraterrestre.

relação de vida inteira com alegados extraterrestres pretensamente iniciada em situações de conflito doméstico:

Tinha época na minha infância em que meus pais muitas vezes se desentendiam e eu gostava de ir pro meu quarto deitar e ficar quieta.... eu fechava os olhos e passava tipo um filme, e vinha um ser, com aquela característica mesmo de extraterrestre deles que é mais convencional que as pessoas veem, aquele bichinho, e ele me conduzia pra vários lugares, fazia tipo historinhas enquanto a situação estava de conflito. E algumas irmãs saíam, outras entravam no meio [das brigas], e a minha reação era essa. E eu acho isso interessante porque na época eu não tinha nada que me influenciasse a ter essa percepção.... e ficava muito forte na minha mente.... [O ser era] baixo, tipo daqueles ETs de Varginha mesmo, com um olhar.... e depois eu vi esse ser mesmo, trabalhando com energia.

Já a vida dos protagonistas normalmente não sofre perturbações significativas quanto à organização psicológica ou à rotina. As experiências tendem a durar minutos (cf. Tabela 3, capítulo 11), algumas vezes horas, mas pretensamente sem conotações intrusivas. Mesmo em ocasiões de franca reincidência, como não raro ocorre com os contatados (grupo E2), as experiências se assemelham àquelas de médiuns espíritas no sentido de ocorrerem com a anuência e/ou preparação prévia do protagonista, além de tenderem fortemente a uma elaboração positiva, como a voluntária E2.6 exemplificou acima. Já a reincidência das abduções seria significativamente menor, com poucos episódios ao longo da vida⁶⁶, embora

⁶⁶ Cabe lembrar a convicção usual nos meios ufológicos de que as abduções seriam mais frequentes do que os protagonistas se recordam. Assim, tornou-se usual o emprego de regressões hipnóticas para recuperar pretensas memórias de abdução (e.g., Hopkins, 1995; Jacobs, 1998, 2002), com decorrente embate com céticos e cientistas acerca da fidedignidade dessas memórias (e.g., Clancy et al., 2002). Assim, a despeito da polêmica acerca da fidedignidade das memórias de abdução assim “recuperadas”, a noção

sejam mais intrusivas ou não planejadas. As experiências de todos os tipos tendem a ser consideradas por eles como construtivas, ampliando a visão de mundo dos protagonistas e alavancando uma ressignificação da vida em direção a valores humanitários e a possibilidades metafísicas como a vida após a morte e outros planos de existência. De forma representativa, o participante E1.5 exemplifica o ponto:

[A experiência] contribuiu para minha construção de visão de mundo... pra continuar meus estudos de espiritismo, de ter uma espiritualidade, de ter uma compreensão mais complexa da natureza, me ajudou a fazer esse rompimento dessa visão utilitária da natureza.

O abduzido E2.10 fornece exemplo complementar e absolutamente recorrente:

A gente, depois de ter essas experiências, pensa nessa possibilidade do cosmos ser habitado, de vida além da Terra, que a gente é só um pontinho no universo, que a gente não é o melhor ser do cosmos. Muito pelo contrário, o homem faz muita besteira, ele polui o planeta, ele faz guerra em nome de Deus. Eu comecei a perceber que a gente tinha que amar mais o planeta, amar mais o próximo, sem essas barreiras aí que existem, essas fronteiras, “meu país é melhor que o seu”.... É um planeta só. A gente tem que amar o planeta. É uma humanidade só.

Ainda em diálogo com os critérios propostos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009), todos os protagonistas evidenciaram senso crítico diante das experiências e de si mesmos. Assim, primordialmente buscaram explicações prosaicas (i.e., fenômenos naturais ou

subjetiva de abdução por parte de protagonistas do grupo E2 tende a incidir sobre um número reduzido de eventos.

artificiais conhecidos) nos estágios iniciais das ocorrências e mesmo em conseqüentes, demonstram grande cuidado na escolha das pessoas para quem as relatam, questionam a própria condição psicológica e buscam harmonizar as experiências aos referenciais culturais nos quais se encontram. Somente após a verificação cumulativa de características que lhes pareceram anômalas à luz de critérios intra e intersubjetivos, os protagonistas tendem a descartar as hipóteses prosaicas iniciais e passam a acreditar que algo verdadeiramente incomum ocorreu. Representativamente, a participante E1.34 relata:

Tinha duas estrelas, nós pensamos que eram estrelas.... aí uma falou: “essas estrelas estão muito estranhas, muito fortes”.... só que, de repente, uma apagou, a outra acendeu e logo em seguida apagou. Ou seja, não era estrela, não tinha como ser estrela.... Ela moveu na vertical.... Aí eu tenho certeza, porque não era uma estrela, não era um avião.

O participante E1.3 fornece outro exemplo representativo:

Eu acho que não é avião, porque avião não para no ar, só helicóptero mesmo. Helicóptero não era porque não tinha hélice, não fazia barulho. Dirigível também não acredito que era, porque não fazia barulho. Também não fazia sentido de manhã [ser um dirigível].... um dirigível geralmente carrega propaganda, uma faixa.

A participante E1.14 também descreve a sequência de pensamentos que teriam emergido à ocasião:

Nós estávamos na praia, um grupo de cinco pessoas.... aí a gente olhou pro céu e tinha alguma coisa no céu, tipo uma bola desse tipo [outro óvni descrito anteriormente], essa é uma bola vermelha também.... “Balão? Não pode ser balão. Avião? Não pode ser avião” [gesticula, imitando as pessoas pensando à ocasião]. Aí a gente começou a levantar uma série de possibilidades. Aí uma das meninas fala assim “é uma nave”. “Nave?” “É! Quer ver? Todo mundo, vamos parar e pensar: aproxime-se”.... Aí nós estávamos brincando, todo mundo parou e começou a fazer: “aproxime-se, aproxime-se”. E ela, “sssspt” [onomatopéia acompanhada de um gesto rápido com o dedo, sugerindo trajeto veloz], aproximou. Aí eu já fiquei meio cabreira.... Aí andou, depois afastou, fez vários desenhos no céu, sabe quando fica fazendo rotas que não é avião, que não é helicóptero, não é nada, que não é balão, porque são rotas muito esquisitas, vai pra frente, vem pra trás, vai pra frente, vem pra trás, roda. E, de repente, simplesmente “ssst”, sumiu. Ah, é o balão que arrebentou, explodiu, estourou? Ah... [faz expressão facial de desconfiança]

Adicionalmente, por um curto intervalo de tempo após concluírem que o fenômeno não poderia ser explicado em termos prosaicos, protagonistas alegam experimentar dúvidas automáticas e mesmo dissonância cognitiva⁶⁷ pelo choque entre os dados insólitos alegadamente fornecidos pelos sentidos e a impressão da impossibilidade de ocorrência do episódio. O conflito interno pode ser bem ilustrado pelos comentário da participante E1.32: “A gente duvida, mesmo com todo o conhecimento que a gente tá adquirindo [conhecimentos esotéricos], a gente duvida

⁶⁷ Dissonância cognitiva se refere ao conflito intrapsíquico entre experiências e/ou cognições antagônicas, com decorrente angústia e tentativa de amainá-la (Festinger et al., 1956).

assim: ‘Será mesmo?’.... Me perguntava muito: ‘Será que é verdade? Será que eu vi?’

O participante E2.4 completa:

Até 2002, eu tive alguns contatos com seres extradimensionais, mas foram contatos assim que eu mesmo não sabia se era coisa real ou se era fruto da minha imaginação. Parecia ser um contato meio telepático, eu via, mas não via, eu via o cara meio transparente.... mas eu não tinha certeza. Eu cheguei a procurar um psiquiatra, achando que eu estava ficando louco.

Assim, sugiro como hipótese a ser testada em novas investigações que somente após esses dois momentos (i.e., a tentativa de explicar a experiência em termos prosaicos e o conflito cognitivo) viria a perdurável convicção sobre a realidade objetiva da experiência, ainda que altamente incomum ou bizarra. E mesmo diante de tal convicção, tende a permanecer uma postura em algo crítica diante do que seria o fenômeno e diante das experiências de terceiros (como em Marçolla & Mahfoud, 2002). Após ressalvas entremeadas em toda a sua entrevista sobre a estranheza de suas experiências e sua incerteza em relação a este ou aquele aspecto, e mesmo em relação à sua saúde mental, a contatada E2.7 fornece indício de uma desconfiança que coexistiria com a convicção sobre a realidade objetiva das experiências:

Estou esperando a gravação [da entrevista] acabar pra eu te falar mais.... Então [para justificar a decisão de relatar a próxima parte], já que você vai me dar um diagnóstico [através do MINI PLUS; cf. capítulo 10] e de repente é importante eu ter esse diagnóstico... “vamos tratar [cl clinicamente] dessa história toda e acabar com isso”.... é claro o cenário deles [os alienígenas que a contataram]

assistindo, completamente claro.... Dentro da minha percepção, dentro da minha “viagem na maionese”, esse [alienígena] está aqui.

Por seu turno, a contatada E2.6 se mostrou bastante ansiosa pelos resultados dos testes, revelando alívio e gratidão pela ausência de indicadores formais de transtorno mental. Ainda diante de experiências mais “simples” e a despeito da convicção subjetiva sobre a realidade concreta do que foi visto, a participante E1.35 expõe suas ressalvas sobre o que seria o óvni (semelhante a Marçolla & Mahfoud, 2002):

Todo mundo ficou falando “É o disco! É o disco!”. E eu fiquei curiosa assim, mas mais medo que curiosidade.... Ó, pelo que meus avós contavam, eu duvidava muito. Mas, depois que eu vi.... fiquei a noite inteira pensando “nossa senhora, não é que eu vi o disco mesmo?”.... É uma coisa diferente.... eu acho que [disco] é um nome, uma coisa estranha.... eu não posso explicar.... realmente eu não sei explicar, eu só sei falar o que eu vi.

Ademais, como alguns exemplos dados ao longo do texto já sugeriram, os protagonistas tendem a demonstrar emoções coerentes com o teor do depoimento (e.g, temor, desconfiança, entusiasmo), em sintonia com o desenrolar dos pretensos fatos, além de ansiedade (diretamente proporcional à intensidade subjetiva da experiência) diante de dificuldades em encontrar explicações coerentes para o ocorrido. Como exemplo representativo adicional, a participante E1.20 narra “*Eu olhei pra aquilo e falei ‘será que eu estou sonhando? Não, eu não estou sonhando. Isso é verdade!’ Aí eu comecei a ficar apavorada.... Meu corpo começou a tremer, de medo que eu fiquei*”.

Quanto à presença de comorbidades, a Tabela 14 (cf. capítulo 11) sugere o quanto entidades nosológicas clássicas não parecem compor um quadro maior do qual as experiências anômalas, caso fossem patológicas, fariam parte. Já a Tabela 3 (cf. capítulo 11) complementa a sugestão ao evidenciar a minoritária prevalência de doenças importantes relacionadas à ocasião do episódio. Dentre as doenças mencionadas, apenas dois voluntários em cada grupo reportaram algo que poderia, a princípio, desempenhar papel significativo enquanto ocasionador de uma experiência óvni: epilepsia (Holden & French, 2002) e miopia leve, ambos com um caso por grupo. Quanto aos dois casos de epilepsia, os sintomas estariam alegadamente controlados pelo uso de medicação.

Desse modo, ao considerar indicadores qualitativos de saúde mental e ajustamento social, como os nove critérios elaborados por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009), as experiências óvni parecem tender muito mais às experiências anômalas saudáveis que a transtornos mentais de conteúdo bizarro. Como discutido em Martins (2010b), as exceções à conotação saudável das experiências tenderiam poderiam recair sobre as abduções e contatos amistosos, que podem se apresentar não apenas contrárias ao que muitos considerariam um “bom senso” mínimo, mas, o mais importante, seriam não raro recorrentes, intrusivas e angustiantes em algumas fases da vida. Contudo, diante da sugerida elaboração saudável posterior, sua dimensão enquanto patológica pode ser problematizada.

Retomando a adequação cultural das experiências, aspecto esse importante para sua elaboração saudável (Menezes Júnior e Moreira-Almeida, 2009; OMS, 1993), significativa maioria dos protagonistas reportou amplas e consistentes reações negativas advindas de parentes, amigos, desconhecidos, membros de suas congregações religiosas etc. (cf. Tabela 3, capítulo 11). Nas palavras representativas da voluntária E2.2, proferidas em tom aparentemente entristecido,

Essas coisas de infância marcam mais, eu via muita luz, eu via muito fenômeno no céu, mas minha família, eles criticavam, assim: “Ah, você está inventando, isso não existe, você está impressionada”, quando eu chamava alguém pra ver... as pessoas assim não davam crédito e às vezes isso me incomodava um pouco isso, sabe? Então eram fenômenos assim que não tinham a menor importância [para os familiares], mas eu via [abana a cabeça negativamente].

As reações negativas se mostram, inclusive, amplamente introjetadas pelos protagonistas, que as preveem e tendem a ser seletivos ao compartilhar as experiências. Como um exemplo dado pelo participante E1.4, “*estavam passando carros na hora [da experiência] e deu vontade de parar as pessoas [para que pudessem ver o óvni], mas.... se o ‘negócio’ sumir, vão pensar que eu estou doido, né?*” Assim, a estigmatização social dos protagonistas, expressa desde a jocosidade levemente desconfortável até a patologização literal, fornece elementos iniciais favoráveis à hipótese da pouca adequação cultural das experiências, que tende a ser revertida apenas no seio de grupos específicos e menores, como grupos de contatados e abduzidos, clínicas holísticas, grupos esotéricos etc.

12.3. Atribuição de causalidade

Somado às mencionadas nuances do senso crítico exercido pelos protagonistas, aspectos relevantes às discussões vindouras sobre atribuição de causalidade são o pluralismo e mesmo o sincretismo evidenciados na elaboração dos episódios. Mesmo experiências mais “simples” (grupo E1) tendem a ser descritas a partir de uma mescla de referenciais científicos, religiosos tradicionais e esotéricos contemporâneos (típicos do movimento da Nova Era). Assim, enquanto a origem extraterrestre dos fenômenos é praticamente unânime, a definição

do termo “extraterrestre” e as motivações dos pretensos seres evidenciam a interpenetração de múltiplos referenciais. Talvez seja temerário, pelo menos ao momento, expressar tais perspectivas em termos quantitativos, pois mesmo os protagonistas das experiências por vezes oscilam entre aceitar e rejeitar as atribuições, demonstrando dúvidas e diferentes crenças, de modo a dificultar uma categorização precisa.

Contudo, em uma visão recorrente, os extraterrestres responsáveis pelos óvnis são entendidos como seres físicos, materiais, vindos de outros planetas a bordo de naves mecânicas, como citações anteriores sugeriram. Como exemplo adicional, a participante E1.31 sintetiza sobre os alienígenas que praticariam abduções: *“são seres assim altamente evoluídos tecnologicamente.... São cientistas espaciais.... Eles querem fazer experimentos com a gente, igual a gente faz com camundongos”*.

Ao mesmo tempo em que seriam entidades físicas, alienígenas poderiam também ser dotados de capacidades como se manifestar de modo “imaterial”, “energético”, em “outras frequências” ou “dimensões” (sic). Para alguns entrevistados, a natureza dos extraterrestres seria, em verdade, essencialmente dual: material e imaterial. O participante E2.4 exemplifica:

Eu passei um período de contatos com seres de origem de fora da Terra, em outra dimensão quântica, não é a dimensão que nós vivemos. Ou seja, esses seres podem estar aqui presentes agora e nós não os estamos vendo. Mas eles atravessam portais e penetram na nossa dimensão na hora que eles bem entendem. Isso explica, por exemplo, porque tantas naves não-identificadas, perseguidas por aviões militares, desaparecem. Eles atravessam um portal e mudam de dimensão.

O participante E1.26 fornece outro bom exemplo ao relatar uma de suas experiências, ocorrida enquanto se encontrava preso em um engarrafamento na estrada, após um grave

acidente automobilístico ocorrido metros à frente: “*várias pessoas morreram nesse acidente, eu fiquei parado.... Saiu uma luz da montanha... começou lenta e entrou em uma velocidade muito alta e sumiu.... Com certeza, acho que [o óvni] foi resgatar pessoas ali [as almas dos que morreram no acidente]. De sua parte, o contatado E2.8 descreve, em correspondência eletrônica posterior à entrevista, uma experiência de abdução que, embora tenha, segundo ele, deixado cicatriz física, teria ocorrido com seu “corpo sutil”, encontrando também em si mesmo, portanto, as dimensões material e imaterial conjugadas, com as quais os alienígenas seriam capazes de interagir:*

Acordei com uma cicatriz indolor horizontal, de cerca de 3,0 cm, na hemitesta direita. Era como se tivesse sido cortado por um alfinete. A parte cruenta cicatrizou, coagulando-se de um modo inexplicável - muitíssimo rápido e indolor. Minha esposa, ao ver aquilo, falou que eu cortei na cama (porém, éramos recém-casados e nossa cama nova e sem pregos!). Na manhã seguinte, ela apareceu com uma cicatriz com as mesmas características. Só que a dela era vertical. Unindo a dela com a minha parecia formar uma cruz.... A abdução ocorrida dessa vez, foi conduzida por meio do corpo sutil denominado Duplo Etérico. Conduzido à nave, vi se tratar de uma nave-laboratório. Fui conduzido a uma sala muito clara. Fui deitado em maca. Um potente holofote estava sobre a minha cabeça. Havia dois seres de forma humanóide ao meu lado, com cerca de 1,80 m de altura, de aspecto calcasiano. Tranquilizavam-me mentalmente. Três outros eram pequenos, com cerca de um metro de altura. Atrás de mim, percebi um outro, um pouco maior que os outros, que ficava me contendo mentalmente. Era essa a sua função. De repente, uma sonda fina foi introduzida em minha narina direita. Como incomodava muito, pediram-

me que me acalmasse. Explicaram-me - telepaticamente - que colocariam em mim, por meio dessa sonda, uma estrutura que potencializaria algumas capacidades mentais para que pudéssemos nos contatar melhor. Concordei com o experimento.... Em outra sala, que me foi mostrada após o término da experiência, outras pessoas esperavam a sua vez. Deixaram a marca física para provocar em nós, minha esposa e eu, uma discussão cujas repercussões se fariam sentir mais à frente [em sua missão como contatado].

Em uma opinião recorrente, tais capacidades duais refletiriam a condição “evolutiva” (sic) dos alienígenas, entendida como o crescimento espiritual edificado em um longo histórico de encarnações, com conseqüente consciência dos aspectos “sutis” da realidade. Seria justamente em função dessa evolução que algumas raças extraterrestres estariam em visita à Terra, para auxiliar na evolução espiritual da “humanidade terrestre” (sic), o resgate de suas dimensões intuitivas e sua futura participação em alguma forma de “Confederação Cósmica” (sic). A esse respeito, duas correntes de pensamento podem ser delineadas. Primeiro, o usual é a concepção em algo maniqueísta acerca de alienígenas bem intencionados e outros contrários a esse propósito. Como trecho representativo extraído da fase prévia de exploração de campo,

Eles são nossos irmãos mais velhos, irmãos cósmicos, com a missão de nos guiar.... Eles são muitíssimo mais evoluídos.... Eles só não apareceram para todo mundo ver ainda por nossa própria culpa.... Se não conseguimos conviver nem entre nós mesmos aqui na Terra, o que dirá conviver com civilizações cósmicas!

Relembrando a participante E1.31,

Tem seres dos dois lados... esses de abdução são seres assim altamente evoluídos tecnologicamente, mas, na questão do Amor, não. São cientistas espaciais.... Eles querem fazer experimentos com a gente, igual a gente faz com camundongos.... [Em contrapartida] a gente já fez canalização com eles [extraterrestres espiritualmente evoluídos]... eu achava eles bonitos demais, tanto que da primeira vez eu fiquei só olhando pra cara deles.

Como contraponto, surgiu uma perspectiva segundo a qual apenas civilizações alienígenas de elevada consciência moral sobreviveriam tempo suficiente para desenvolver tecnologia que as permitisse chegar à Terra. A contatada E2.7 exemplifica:

Partindo do princípio de que você precisa, pra evoluir em tecnologia sem se destruir, você precisa crescer no amor, você precisa se relacionar de uma forma consciente, eu diria que não tem como um ser evoluir a tecnologia, viajar numa nave, viajar no tempo, abrir um portal e ir pra outro lugar, se ele não for um ser consciente e amoroso.

Nessa perspectiva, o contatado E2.8, que ouvira a opinião acima por estar presente, completa:

Há um mecanismo daquilo que chamamos de Criador... que tenha feito de forma que ficássemos bastante distantes na galáxia, para que possamos evoluir dentro de uma lógica. Esse mecanismo condicionante é o que chamamos de amor aqui.... Você daria a chave do seu carro para sua filha

que tem talvez 1,70m de altura, mas tem 10 anos de idade? Não.... Do ponto de vista metafísico, desenvolver tecnologia de uma forma desconectada e irresponsável é algo desastroso.

Diversos voluntários, em ambos os grupos experimentais e sob referenciais esotéricos, evidenciam influência explícita de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891; cf. capítulo 5), ao identificar as entidades contatadas com os “mestres ascensos” que comporiam a Grande Fraternidade Branca. Alguns voluntários foram obtidos, inclusive, em uma clínica holística que associa suas práticas à orientação direta de inteligências alienígenas, estas pertencentes ou subordinadas ao conjunto dos referidos mestres, cada qual associado a uma cor de luz: El Morya, Kut Humi, Rowena, Seraphis Bey, Hilarion, Nada e Saint Germain⁶⁸. Algumas das entrevistas, inclusive, foram realizadas em salas com imagens dos mestres ascensos.

As práticas dessa clínica e espaços similares onde entrevistei contatados e protagonistas de experiências mais simples incluem, nos termos por eles empregados, workshops, cursos, cristaloterapia, Reiki, Tarô, massagens diversas, shiatsu, yoga, meditação, biodança, autoconhecimento cósmico, aromaterapia, quiropraxia, acupuntura e numerosas outras atividades, com nomes diversos, que remetem a práticas alternativas de cura e evolução espiritual. Como exemplo, em entrevista diante de diversas imagens dos referidos mestres, a contatada E2.2, enquanto falava de sua relação com as luzes verde, azul e dourada por eles regidas e da relação com seus trabalhos ulteriores de cura, relata:

Agora tem uma luz, uma outra que depois mais tarde eu vim a entender, que era uma luzinha azul que estava sempre perto de mim, sempre essa luzinha manifestava, sempre. E só muito mais tarde eu fui entender o que era. Isso na minha infância.... Hoje eu entendo que é a manifestação de um

⁶⁸ A literatura esotérica também traz outros nomes para alguns dos mestres ascensos, embora sejam consideradas as mesmas entidades.

ser que estava presente de alguma forma, eu acredito que já me preparando pra agora ter um entendimento maior. Então foi importante eu ter essa memória, pra não ser uma coisa assim agora. Se fosse agora, de repente, seria mais difícil pra mim.... [No auge dessa aproximação, anos depois] eu fiquei quatro noites na montanha.... eu subi, fiquei lá na montanha, e fiquei em oração, pedi, e eu queria saber se fosse Ashtar Sheran mesmo, se existisse esse ser, que eu queria uma comunicação com ele mesmo.... Eu peguei as minhas fichas, dos meus clientes [de shiatsu] e comecei a fazer oração pra eles lá.... pensando luzes, cores.... aí foi quando eu vi próximo, dourado, uma bola de luz dourada.... grande.... aí na mesma hora eu entendi que aquilo ali era uma coisa muito grande, que não era uma coisa só pra mim, que tinha uma relação com o meu trabalho, com as pessoas.... depois eu vi uma nave maior.... começou a formar tipo uma nuvem assim de energia movimentando.... um miolo dourado no meio e expandiu uma aura assim, “verdona”.... aí que eu vi a formação do comandante [Ashtar], eu vi que formou um homem mesmo.... [Ele] foi falando um monte de coisa na minha cabeça.... que muita coisa ia acontecer e que eu tinha uma missão, um trabalho a desenvolver, que eu era muito ligada a esse ser.... quando eu estou trabalhando [nas curas], eu tenho mais facilidade em ver.

Por sua vez, exemplificando referenciais reencarnacionistas cristãos mesclados aos da Nova Era, a voluntária E1.32 assevera:

Eu pude comprovar realmente que vivi lá [no Egito, para onde viajara recentemente] porque teve lugares em que eu tive sensação assim de

saudade extrema, assim de emocionar e chorar.... Porque isso tem a ver também com a questão de extraterrestres.... A gente associa a figura de Jesus a uma entidade extraterrestre.... A Terra está passando por uma transição planetária que vai acontecer em 2012.... Nós estamos tendo vários insights [acerca dessa transição].

As entrevistas fornecem elementos de reconhecimento de referenciais científicos (noções sobre física e cosmologia), religiosos (variações do cristianismo e de religiões orientais) e da Nova Era (e.g., confederação cósmica, realidades duais, o calendário maia⁶⁹, resgate dos instintos), de modo combinado ou, mais raramente, isolado. A respeito desse último, apenas como ilustração adicional, agora sobre a recuperação da pureza primitiva, a protagonista E1.14 fornece uma ilustração típica sobre essa meta, circunscrita em planos maiores representados por suas experiências óvni: *“embora eu esteja querendo quebrar essa racionalidade e ficar mais no ceder e no sentir, eu ainda sou muito racional”*.

Com raras exceções, o referencial científico não é expresso com sua respectiva precisão conceitual, mas em uma versão provavelmente correspondente a representações sociais⁷⁰ sobre astrofísica, mecânica quântica e outros. Desse modo, os conceitos científicos são apresentados de modo simplificado, sem o rigor e os contextos teóricos que lhes conferem sentido. Como exemplos de incursões prévias de campo, *“a gente sabe hoje que matéria e*

⁶⁹ O calendário maia é um disco de pedra talhado na forma de calendário, no qual a civilização maia organizou aspectos significativos de seu cotidiano, como o início e o fim de ciclos. O calendário termina no que corresponderia a 21 de dezembro de 2012, data esta objeto de múltiplas crenças no ideário da Nova Era, desde o fim do mundo até uma nova etapa da evolução espiritual do planeta.

⁷⁰ Representações sociais são sistemas de valores, idéias e práticas pelas quais grupos específicos representam, elaboram, conferem sentido e comunicam a realidade nas conversações cotidianas. Assim se processa uma construção social do mundo, específica de uma época e local, através de códigos sociais que veiculam projeções sobre objetos específicos e constituem um conhecimento prático, um “senso comum” (Moscovici, 1981). Um dos pilares das representações sociais (universo consensual) é o conhecimento científico (universo reificado), o qual é “traduzido” para termos cotidianos, de modo a perder sua precisão conceitual e rigor propriamente científicos, mas ganhar dinamismo no seio da cultura. No presente caso, os conhecimentos sobre astrofísica e, principalmente, mecânica quântica recebem versões “populares” amplamente difundidas e são evocados para endossar perspectivas esotéricas. A ressalva de que se tratam *provavelmente* de representações sociais reside na necessidade de se realizar pesquisa formal focada na detecção de representações, antes que se possa afirmar estarem, de fato, presentes.

energia são uma coisa só” e “eles [os extraterrestres a bordo dos óvnis] conseguem chegar aqui porque as distâncias não importam pra eles. A física quântica hoje mostra que o espaço nem existe! A física quântica explica tudo”. A contatada E2.6 complementa: “[os extraterrestres] são... de fundamental importância no Reiki Estelar, na cura quântica, na física quântica.”

A ciência tende a desempenhar um papel ambíguo entre os que elegem referenciais esotéricos, de modo a ser evocada para validar as experiências (e.g., “*a física quântica explica tudo*”, “*os astrônomos descobrem planetas novos todo dia*”) e depreciada quando lhes é contraposta (e.g., “*a ciência humana é muito limitada*”, “*os cientistas são muito arrogantes*”). Protagonistas mais afeitos a algum dos referenciais, em detrimento dos demais, tendem a elaborar as experiências de modo exclusivamente religioso, esotérico ou, mais raramente, científico.

Mesmo quando despidos de referenciais religiosos e esotéricos explícitos, como os acima referidos, os fenômenos tendem a ser também atribuídos à intervenção de alguma inteligência não-humana e externa à Terra, “*ao menos a Terra que conhecemos*”, como lembrou o entrevistado E1.5. Tais inteligências não-humanas, dentro dessas perspectivas, estariam interessadas em recursos naturais do planeta, entre os quais o próprio ser humano, possível objeto de seus estudos ou curiosidade. Essa perspectiva ora flerta, ora não, com o sobrenatural. Como trecho exemplar dessa perspectiva marcadamente recorrente entre protagonistas não afeitos a referenciais esotéricos mais explícitos, a protagonista E1.2 relata:

Nisso a conversa rende: “Ah! Existe essa luz”, “existem pessoas que já viram”, “é uma região onde tem água, onde que tem mina que geralmente ela aparece” e realmente lá nós temos mina.... O meu caseiro, comentando com ele, ele também conta fatos que viu luzes, e que essas luzes acompanham, e que a luz é geralmente de manhãzinha, quando ele

ia ao campo, buscar lenha ou alguma coisa assim, e que a luz acompanha ele assim pulando às vezes até de pontos diferentes, de moirões. Então é uma coisa assim interessante e de muita coincidência de fatos.

Retornando a perspectivas mais abertamente esotéricas, que mesclam religiões tradicionais e referenciais da Nova Era, dado serem as ações dos contatados contextualizadas em um plano maior de evolução espiritual que abrange outros planetas, minha própria aproximação em relação a eles passou a fazer parte dessa ótica. Assim, meu interesse de infância pelo assunto e engajamento em atividades de campo informais (cf. capítulo 3) e no mestrado sobre experiências óvni pareceram suficientes para que, a depender do contexto, eu fosse seriamente cogitado enquanto a encarnação de um ser extraterrestre (em uma das ocasiões, por meio de exercícios intuitivos da voluntária E1.14, eu fui cogitado por ela como sendo proveniente de um planeta da estrela Vega), um abduzido inconsciente (i.e., abduzido sem ter lembranças claras a respeito, mas apenas impulsos inconscientes para me lembrar do pretense fato, o que motivaria meu interesse pelo tema), ou um híbrido (i.e., resultado da miscigenação genética entre algum familiar meu – pai, mãe ou um dos avós – e extraterrestres que o[a] teria abduzido no passado). Como exemplo adicional dessa ótica, os contatados E2.7 e E2.8 descrevem o significado da presença de duas consciências alienígenas, seus guias, por ocasião da entrevista conjunta que me concederam, como parte do propósito maior, em escala planetária, de disseminação do conhecimento sobre alienígenas e espiritualidade, da qual minha pesquisa faria parte:

[Participante E2.8:] *As duas consciências entendem cada vez mais se posso ou não ser o porta-voz dessa verdade.... os dois confederados⁷¹ que estão*

⁷¹ Confederados é um termo recorrente na literatura ufológica de tendência esotérica para se referir a um pretense conjunto de raças alienígenas moral e tecnologicamente avançadas que atuariam em aliança para propósitos benéficos, o que incluiria o auxílio à evolução dos terráqueos.

assistindo a gente aqui agora.... [Participante E2.7:] É nítida a percepção de que a gente está aqui [na entrevista] e que a gente está tendo permissão, no sentido assim, no momento que eu vou te falar alguma coisa e no meio da frase, eu fui confundida, porque talvez eu talvez não estivesse no rumo que ia chegar na verdade que precisa ser passada.... eu consigo perceber eles claramente assistindo e, inclusive, observando como parte de um processo.... [Participante E2.8:] Eles falaram: “vocês serão uma frente mundial”.... [Participante E2.7:] sua pesquisa será extremamente importante [nessa frente mundial].

As ilustrações acima fornecem também evidências quanto aos motivos pelos quais os entrevistados teriam protagonizado as experiências. Evitando maiores repetições, é possível sintetizar duas grandes tendências de resposta a esse respeito, o que também ocorre para os episódios mais simples: (1) Casualidade e (2) Mérito dos protagonistas/Escolha de forças superiores. Tende a haver associação entre a segunda perspectiva e referenciais religiosos e/ou esotéricos, de modo que os voluntários foram escolhidos para o contato pelos alienígenas ou mesmo por um plano maior, divino, ao qual os alienígenas também se encontrariam subordinados. Assim, os protagonistas teriam trilhado um caminho de evolução espiritual e/ou de consciência, de modo a poderem lidar com os alienígenas de modo favorável a tais metas elevadas. Em contrapartida, a casualidade tende a ser sugerida por protagonistas afiliados a religiões tradicionais ou sem grande preocupação religiosa ou esotérica. O protagonista E1.3 apresenta essa idéia de modo representativo:

Quem viu primeiro foi [um amigo] e aí ele me mostrou. Eu vi porque ele me mostrou. Se ele não tivesse me mostrado, se ele não tivesse chamado minha atenção praquilo, eu não teria visto não. [Sobre uma experiência

anterior] *também a menina que me chamou pra ver, “olha pra cima, moço!”.... todo mundo que saiu do cinema naquele dia, naquela sessão, viu.*

Por seu turno, como elemento de contraponto para a discussão das atribuições de causalidade entre os protagonistas de experiências óvni, abordei questões relativas também com os voluntários do grupo controle, investigando os modos como compreendiam as experiências óvni, suas possíveis origens e sentidos. Assim, duas grandes tendências emergiram entre os voluntários que alegam não ter experienciado “contatos imediatos” com alienígenas e óvnis. De um lado, fenômenos naturais ou artificiais conhecidos são elencados enquanto causas, tais como farsas, fantasias, insanidade e erros de interpretação de eventos da natureza. Alguns exemplos representativos ilustram tais atribuições.

Eu acredito que muitas vezes as pessoas podem se enganar ou acreditar ter visto uma coisa que, na verdade, era uma outra coisa, ou imaginar ter visto alguma coisa, interpretar alguma situação que pra elas foi real com uma interpretação pessoal, baseados nas suas crenças e na culturas que elas vivem (participante C1.2).

Eu acho engraçado. Eu acho que é muita imaginação... ou muita imaginação, ou está com algum problema [faz um gesto, sugerindo problema mental] precisando resolver (participante C1.21).

Eu acho que são pessoas que estão querendo aparecer de alguma forma. Porque eu acho assim que existe homem e mulher. O que passa disso, se eu não vir, eu não acredito.... Então tem pessoas que às vezes estão fora da

mídia, ou pessoas que eram famosas, que agora não estão na mídia mais, ficam arrumando algumas coisas pra chamar atenção para si (participante C1.18).

A segunda tendência é considerar os óvnis como veículos de origem extraterrestre, em incursões no planeta Terra. A esse respeito,

Eu acho que existe. Pela descrição que eles falam, não tem como não ser!.... Um ser mesmo de outro planeta.... Deve ser alguma coisa assim semelhante a nós, mas que está pro outro lado, e com inteligência, imagino que seja com bastante inteligência.... pelo que descreveram de objetos assim, de estarem voando, de haver luzes e tal, é uma coisa assim que foi desenvolvida, e pra desenvolver tem que ter inteligência (participante C1.10).

Antigamente, o pessoal falava que a Terra era igual a uma moeda; se você chegasse na beirada, caía.... Então é uma invenção do homem falar assim “não tem nada mais do que isso que a gente vê”. Tem sim!... Chega de noite, a gente olha pro céu, bilhões de estrelas. Agora, por que a Terra é o único disso tudo aí que tem vida?.... o pessoal fala assim “tem que ter água”, não tem que ter água! Às vezes é um outro tipo de absorção de coisa.... é uma outra matéria, um outro tipo de vida (participante C1.17).

Eu acredito muito que exista.... Eu acho que nós não somos sozinhos no espaço.... não tem nem jeito de ser, pela natureza humana, pelo que o mundo oferece, pela quantidade de eras que já sucederam nesse habitat

nosso.... nós temos muito mistérios ainda a serem descobertos, como a cada dia aparece um. Então acreditar na possibilidade de que algumas pessoas que foram felizes de ter tido essa experiência, eu acredito.... não resta a menor dúvida.... que Shakespeare estava certo “existe mais mistérios entre o céu e a terra”, não resta a menor dúvida (participante C1.30).

Contudo, ainda que as duas tendências (contrária e favorável à “hipótese extraterrestre”) possam ser reconhecidas, sua distinção não é propriamente nítida em diversas entrevistas, estas marcadas por idas e vindas de opinião, hesitações e contradições, o que desencorajou, ao momento, uma quantificação e aflorou o interesse por pesquisas futuras a respeito. Exemplificando a ambiguidade,

Ah, eu acredito. Sinceramente, eu acredito que exista. Só que eu acho que eu sou... eu acho que quem viu, viu alguma coisa. Não está inventando. Agora, pra eu acreditar, eu tenho que ver. Eu sou muito cética. Eu tenho que ver realmente. Mas que existe alguma coisa, existe.... Eu acredito que seja extraterrestre mesmo. Não é do nosso planeta.... Agora eu tenho que ver pra falar se eu acredito.... Se eu procurasse uma região que aparece mais, um descampado, um lugar amplo que a gente vê o céu, eu ia ver muita coisa. Mas o que é essa coisa que eu estou vendo? Pode ser fraude, pode ser brincadeira (participante C1.1).

Eu penso que às vezes pode ser imaginação fértil, às vezes pode ser realmente uma percepção alterada. Agora vou te dizer que eu não desacredito de todo que exista vida em outros planetas.... eu não descarto

essa possibilidade, mas eu não me preocupo com isso não. [Acredito] que ela [vida extraterrestre] está lá e que pode ser que tenha feito alguns contatos alguma vez, tem alguns relatos interessantes.... quando você vê algumas coisas semelhantes que têm a população Inca e o Egito, tem essas histórias de que possa ter um elo perdido que venha de outro planeta, eu não descarto essa possibilidade (participante C1.24).

Eu sinceramente acredito na possibilidade real de que exista vida inteligente fora do planeta, mas também acredito que muito que se tem como relato de contato, de abdução e tal é construção intencional ou não, mas é construção social.... esses relatos de abdução, desse tipo de coisa, é uma resposta a determinada coisa que elas viveram e, a partir de elementos que elas pegam de vários lugares, televisão, internet etc., elas acabam construindo inconscientemente essa fantasia.... pra tentar sublimar determinada coisa.... A partir do ponto que eu acredito que exista, que essa atividade extraterrestre exista.... eu acredito mais ou menos, eu acho que é uma possibilidade plausível (participante C1.3).

Eu acho que tem aqueles casos onde acontece uma exarcerbação da criatividade mesmo da mente, um efeito que pode acontecer de uma forma individual.... pode ser algum efeito de todo aquele grupo esteja sendo influenciado sob aquele efeito de espanto... uma ilusão.... artefatos que a pessoa desconhece.... Uma terceira [explicação] pra mim mais remota, mas nem um pouco improvável é que sim, sejam outros seres.... seria muita pretensão eu admitir que só a gente existe, que só a espécie

humana... que ocupe esse espaço tão vasto que é o universo (participante C1.23).

Por seu turno, quando perguntados sobre o porquê de não terem tido eles mesmos experiências óvni, as respostas oscilaram entre três grandes tendências, incluindo os voluntários que evidenciaram atribuições ambíguas: (1) Casualidade e (2) Escolha dos alienígenas, para os que acreditam na origem extraterrestre dos óvnis, e (3) Não-susceptibilidade, para os que acreditam em explicações como farsas e erros de interpretação de fenômenos conhecidos. Exemplificando a primeira tendência,

Deve ser um ser de outro lugar.... Tem gente que vê e tem gente que não vê, né? Deve ser porque eu não ligo, nunca reparei, porque nunca fiquei prestando atenção nisso (participante C1.6).

Existe canguru. Eu nunca vi um canguru. Mas que existe, existe.... eu nunca fui no lugar [onde há cangurus].... eu nunca encontrei com um bilhão de pessoas na Terra.... Uma vez eu estava na Serra do Cipó [na região metropolitana de Belo Horizonte], dormindo.... quando eu acordei, o pessoal falou que tinha um objeto no céu.... então alguma coisa aconteceu, só que eu estava dormindo (participante C1.17).

Já a segunda tendência surge em respostas como:

Eu não fui escolhido. Acho que isso é muito escolha.... Creio que sejam entidades muito mais superiores que a gente.... desenvolvimento social, psíquico, orgânico, científico, tudo. São superiores, pela forma de

organização. A possibilidade disso aqui [o planeta Terra] ser um laboratório [dos extraterrestres].... tem fundamento.... se eu for escolhido um dia, que seja pelo bem, pelo mal não (participante C1.30).

Tem pessoas que tem mais.... afinidade com o assunto ou com eles próprios, e tem pessoas que “eles” já veem grossamente que não têm condições de manter o contato (participante C1.20).

Como uma posição intermediária entre as duas primeiras,

Eu acho que é aleatório.... se fosse assim uma coisa específica, no caso de uma abdução, um contato onde haja interação mesmo entre as, vamos chamar de espécies, acho que seria uma coisa direcionada.... agora ver, eu acho que é probabilidade, é você estar no lugar certo e na hora certa (participante C1.23).

Finalmente, a terceira tendência pode ser assim exemplificada:

Eu não tenho esse pensamento aberto pra acreditar nisso.... eu acho muita imaginação da cabeça delas.... pra você acreditar nisso, você tem que ter uma imaginação muito grande! (participante C1.16)

Eu acredito que as pessoas acabam tendo uma influência grande da cultura. Talvez o meio em que eu esteja inserida ou eu frequente não tenha uma cultura forte de alegações ou de vivências desse tipo.... Pelas minhas crenças ou pelas minhas vivências, se eu tivesse alguma experiência que, a

princípio, eu não pudesse explicar, não acredito que explicação de óvni e alienígena fosse a primeira a que eu atribuiria essa experiência. Eu provavelmente procuraria outra explicação antes dessa (participante C1.2).

Eu não estou procurando isso não (risos). Talvez porque elas estejam... estejam procurando isso, ver isso (participante C1.25).

Portanto, as entrevistas forneceram elementos diversos para a discussão, no capítulo 13, de atribuições de causalidade tanto por parte de protagonistas de experiências óvni quanto por aqueles que negam ter vivenciado episódios do tipo.

12.4. Alguns acréscimos do diário de campo

Recorrendo novamente ao diário, vale observar que a busca por protagonistas revelou tendências análogas nas pessoas que interpelei e que não participaram da pesquisa, emergindo risos, piadas, estigmatização dos protagonistas enquanto drogados, mentirosos e doentes mentais, além de dúvidas mesmo quanto à seriedade de minha pesquisa ou legitimidade em meu intento em abordar o assunto. Um rapaz, em tom sério e evidenciando querer me auxiliar, perguntou se eu já havia buscado voluntários no serviço de saúde mental da cidade onde estávamos. Outra tendência presente foi a concepção de que seria muito difícil eu encontrar voluntários (independentemente das dificuldades impostas pela escolaridade elevada e limites de idade). Não raro, eu era arguido sobre quantos participantes eu já conseguira, sendo que a resposta usualmente surpreendia o ouvinte.

Embora muitas vezes não fornecessem indicações de protagonistas, as pessoas por mim interpeladas casualmente não raro indicavam protagonistas de outras formas de experiências

anômalas, sem que eu houvesse sugerido tal coisa, evidenciando uma interessante associação cultural. Assim, emergiram espontaneamente relatos de experiências paranormais diversas, como sonhos premonitórios, experiências místicas etc.

Outro detalhe interessante às discussões vindouras foi a desconfiança de alguns ufólogos por mim procurados no intuito de obter voluntários. Não raro fui submetido a numerosas e repetitivas perguntas sobre minhas intenções, além de ter sido objeto de uma investigação informal por parte desses ufólogos acerca de minhas atividades profissionais. Ainda assim, com bem poucas exceções, houve recusa desses ufólogos em intermediar minha aproximação com protagonistas de experiências óvni conhecidos por eles. Assim, o processo de negociação quanto às participações na pesquisa foi significativamente mais laborioso e infrutífero com ufólogos que com os próprios protagonistas de experiências óvni, estes prontamente interessados em participar na quase totalidade das vezes. A desconfiança desses ufólogos, ao menos em seus termos, residia no receio de que eu rotulasse os protagonistas como portadores de transtornos mentais, mentirosos, fantasistas etc. Essa dificuldade também me fez recordar uma conhecida tendência de alguns ufólogos em serem um tanto protetores em relação aos que usualmente chamam de “seus casos” (Reis & Rodrigues, 2009).

Ainda quanto aos ufólogos, cabe ressaltar que a convicção deles acerca das explicações extraordinárias para os episódios que eles acompanharam (ou “descobriram”, sic) parece ser significativamente maior que a dos próprios protagonistas. Assim, por exemplo, enquanto alguns ufólogos asseveram a realidade das abduções, contatos e da agenda dos alienígenas, os respectivos protagonistas tenderam a limitar sua convicção plena apenas ao que teria sido experienciado, como exemplificado ao longo deste capítulo, sem partilhar a mesma convicção em relação às explicações. Houve ocasião para uma discussão em algo tensa e hostil entre o convicto ufólogo e o desconfiado contatado quanto à realidade concreta de uma pretensa abdução na infância deste último.

Quanto ao convívio com os grupos de abduzidos e contatados, pude observar muitos elementos interessantes, alguns dos quais supracitados. A referida busca pela pureza primitiva era corriqueiramente expressa, de modo que a “racionalidade” tendia fortemente a ser entendida como ruim ou contrária à evolução espiritual, como no exemplo da protagonista E1.14 citado neste capítulo. Assim, acreditar enquanto uma entrega irrefletida era algo frequentemente aconselhado, em lugar de posturas como reflexão crítica, ceticismo e busca laboriosa por conexões causais. Diversas vezes, membros desses grupos me disseram que, embora a pesquisa fosse importante, eu mesmo deveria abandonar tais perspectivas racionais e me “*entregar, sem resistência*” (sic) à intuição e à crença. Nas palavras exatas do membro de um desses grupos, “*é crer pra ver*”.

De forma relacionada, o antes mencionado princípio da parcimônia, ou Navalha de Ockham, não parecia possuir entre eles sentido semelhante àquele dos meios científicos, céticos e mesmo da cultura maior ao qual aquele grupo está circunscrito. Assim, eventos normalmente interpretados enquanto usuais ou de pouca importância tendem a ser vistos como extraordinários ou alusivos a algo excepcional, constituindo uma postura paranormófila (cf. capítulo 1). Como exemplos, círculos de uma luminosidade opaca em fotografias, usualmente entendidos como reflexos do flash da câmera em partículas suspensas de poeira e água, diversas vezes foram considerados “provas” (sic) da presença de “seres sutis” ou “sondas extraterrestres” (sic). O que seria usualmente tido como óbvias pareidolias foi entendido como rostos alienígenas não apenas em tamanho “natural” (sic), mas também plasmados intencionalmente, como um sinal, na face de grandiosas montanhas ou quaisquer outros elementos do ambiente. Episódios que usualmente seriam entendidos como sonhos e imagens mentais simples foram considerados manifestações dos alienígenas amigáveis ou positivos, entre copiosos exemplos.

Pude presenciar também situações em que eventos que poderiam, sob referenciais externos a esses grupos, ser interpretados como simples e corriqueiros foram objeto de

gradual transformação através das conversações cotidianas, a ponto de se tomarem narrativas que mesmo fora do grupo seriam prontamente consideradas extraordinárias. Assim, experiências que seriam consideradas prosaicas em outros contextos parecem ganhar força enquanto anômalas a partir de um interjogo de variáveis psicossociais como crenças prévias, validação intersubjetiva e pressões sociais cumulativas.

Complementarmente, em algumas poucas oportunidades, houve suave hostilidade em relação a mim enquanto pesquisador, como quando, sem que eu houvesse dito algo, emergiu um questionamento emocionado de um grupo de contatados sobre o porquê da resistência científica em aceitar a veracidade de relatos e outras impressões subjetivas.

Vários desses grupos me convidaram para participar de suas atividades e tornar-me membro. Assim, a título de observação participante, como em outras ocasiões que permitiram as observações acima, compartilhei de alguns encontros e rituais, os quais incluíam práticas de relaxamento, consciência corporal, uso de cristais, exercício da intuição, terapia informal de grupo, massagens e práticas congêneres. O ambiente era usualmente tranquilo e amistoso, marcado pelo convívio de média ou longa data entre pessoas que partilhavam preceitos básicos que pareciam alicerçá-las enquanto grupo, como crença em reencarnação, cristais, canalização de mensagens extraterrestres etc. Através da convivência com esses grupos, que, em um dos casos, chegou a ser diária ao longo de alguns meses, pude observar que praticamente todos os seus membros, incluindo pessoas que não tiveram experiência óvni, possuem, assim como se revelou típico entre os voluntários do grupo E2, um longo histórico de busca pessoal por um sistema de crenças que julgassem satisfatório. Assim, relataram terem sido católicos, evangélicos, espíritas, candomblecistas, umbandistas e/ou frequentadores de diversos grupos, até que somente após encontrarem o grupo atual, teriam se reconhecido satisfeitos.

Acerca dos contatados, uma tendência interessante, embora não universal, foi me questionar, após as entrevistas gravadas, em relação a outros voluntários que alegassem

encontro com as mesmas entidades extraterrestres. Quando eu, em resposta, mencionava a existência de outros relatos sobre Ashtar Sheran e outros seres descritos pelos então questionadores, não raro houve alguma desconfiança e depreciação, por parte de quem perguntou, em relação a tais protagonistas, algo como: “*cuidado, porque tem muita gente que ‘viaja’*” ou “*nessa área tem muito doido*”.

Em algumas ocasiões, o que observei apenas entre contatados, emergiram dizeres que sublinham a antes referida dimensão egossintônica de suas experiências: “*Eu sei de algumas coisas que só umas dez pessoas no planeta sabem*”. Ou “*eu não sou normal. Quantas pessoas você conhece que já viajaram numa nave pra fora da Terra?*”. Ou ainda “*eu sei praticamente tudo sobre UFOs: propulsão, origem, objetivos...*”. Contudo, de modo interessante, alguns desses contatados que alegavam amplo conhecimento de causa sobre alienígenas se evidenciaram surpresos em relação a alguns aspectos básicos da assim chamada ufologia, descritos em casos bastante famosos.

Também não raro entre contatados é a menção de que os ensinamentos extraterrestres permitiram invenções extraordinárias, como máquinas de cura que “*trabalham em várias frequências, curando os corpos físico e sutil*” (sic). Com frequência, contatados acabaram reunindo grupos menores ou maiores de pessoas que os tomavam como lideranças espirituais evoluídas. Nas palavras de um senhor que me auxiliou a agendar a participação de um contatado, “*é uma honra pra você, Léo, falar com ele*”.

Portanto, o diário de campo forneceu elementos de apoio à compreensão dos resultados quantitativos e qualitativos obtidos pelo uso dos instrumentos e das entrevistas formais. Todos esses achados e algumas de suas implicações são discutidos no próximo capítulo.

Capítulo 13 - Discussão

A ciência é constituída de fatos, assim como uma casa é constituída de tijolos. Mas um conjunto de fatos não é uma ciência, da mesma forma que um amontoado de tijolos não é uma casa.

Henri Poincaré

Os achados apresentados nos capítulos 11 e 12 possibilitam discutir experiências óvni no contexto brasileiro e em comparação a achados internacionais. Para conferir sentido a esses dados e organizar possibilidades discursivas que se abrem, este capítulo está dividido em seções dedicadas a dados demográficos, fatores e facetas da personalidade, psicopatologia, atribuição de causalidade, esta última incluindo os gêneros narrativos. Ao fim, são discutidas ressalvas e limitações desta pesquisa, além de sugestões para estudos futuros. Contudo, os achados quantitativos e qualitativos podem se articular na mesma seção, o mesmo ocorrendo entre os temas. A divisão do capítulo se presta apenas a conferir alguma organização às discussões, embora idas e vindas sejam necessárias para dinamizar e contextualizar os achados. Em apoio às discussões, eventualmente são apresentados trechos de entrevistas.

13.1. Achados demográficos

Ao contemplarem diversas características das amostras, os achados demográficos permitem a discussão de vários aspectos direta ou indiretamente relacionados às experiências óvni. Contudo, em função do recorte e das possibilidades de análise vislumbradas ao

momento, é possível que a discussão concentrada em apenas algumas variáveis negligencie outras possibilidades também importantes, risco esse necessário de se assumir.

De início, em função da escolaridade, as amostras deste estudo são fundamentalmente urbanas. Embora eu não pretenda generalizar sobremaneira os presentes achados, dado se tratar aqui de amostras de conveniência, a riqueza de dados tanto quantitativos quanto qualitativos derivados de amostras urbanas permitem problematizar noções culturalmente difundidas quanto a uma característica fundamentalmente interiorana das experiências óvni, como se essas dependessem de regiões ermas, indefectível visibilidade do céu noturno e aspectos psicossociais típicos de meios rurais. De fato, regiões interioranas tendem a fornecer extenso acervo de experiências óvni não apenas na forma de boatos vagos, mas de experiências em primeira mão com diversos níveis de complexidade (e.g., Marçolla & Mahfoud, 2002). Contudo, as experiências dos voluntários desta pesquisa sugerem o quanto os episódios podem ocorrer tanto em meios urbanos (i.e., no terraço de seus prédios, enquanto estão no trânsito e em diversas situações urbanas típicas) quanto rurais (i.e., incluindo pessoas residentes em meios urbanos que se encontram em férias, viagens, trabalhos ou quaisquer outras situações no meio rural). Destarte, embora sejam necessários estudos para visualizar proporções disso na população geral, e a despeito das suas ora díspares, ora convergentes formas de elaboração pelos protagonistas, as experiências óvni, em seus aspectos essenciais, poderiam ocorrer em qualquer contexto cultural, reforçando achados internacionais que remontam a Jung (1958/1988) e mesmo antes.

Por seu turno, embora a escolaridade suficiente exigida para a participação na pesquisa fosse o segundo grau completo, 75,2% do grupo E1 e 72,8% do grupo E2 possuem ao menos terceiro grau, sendo que 54,3% do grupo E1 e 36,4% do grupo E2 possuem pós-graduação. Embora não se possa fazer qualquer projeção dessa escolaridade para os protagonistas de experiências óvni como um todo, pelas mesmas razões acima quanto à representatividade, é interessante notar a dissimetria com a noção também histórica e de pretensão universalista

sobre baixa instrução e/ou capacidade intelectual alicerçarem as experiências óvni, como alguns voluntários dos grupos controle também sugeriram. Jung (1958/1988) refutara a mesma noção ainda na década de 1950, assim como a questiona, embora de modo pouco sistemático, a literatura não-acadêmica sobre óvnis e mesmo minha experiência prévia, quando pude entrevistar muitas dezenas de protagonistas com elevada formação, inclusive em áreas potencialmente facilitadoras da identificação correta de fenômenos aéreos conhecidos pela ciência, como físicos, astrônomos, pilotos, meteorologistas, entre outros. Novamente como ilustração informal sobre escolaridade e capacidade técnica de protagonistas, presenciei, por ocasião de uma reunião de astrônomos profissionais em Belo Horizonte, em 1997, uma exposição franca de alguns deles, ao microfone, acerca de suas experiências pessoais com o que julgavam serem óvnis. Uma discussão técnica se seguiu a tais exposições, quando houve uma concordância geral sobre a dimensão inusitada das visões (embora as causas dos referidos fenômenos não gozassem de convicções igualmente sólidas, tal como mencionado no capítulo 12 sobre o senso crítico dos protagonistas).

Desse modo, ainda que despido de dados demográficos sobre a população em geral, sugiro como hipótese para novas investigações a pouca adequação de explicações simplistas para as experiências como um todo, tais como baixa formação escolar e inteligência, além da mera ignorância sobre fenômenos naturais ou artificiais comuns. Desconhecimento, baixo senso crítico e congêneres podem certamente ocasionar enganos potencialmente geradores de experiências óvni, o que eu mesmo pude presenciar diversas vezes ao longo dos anos. Mas, frente aos dados demográficos, generalizações nesse aspecto parecem temerárias. À guisa de parcimônia, hipóteses psicológicas mais complexas necessitam ser erigidas e investigadas, desde que coerentes com a complexidade das experiências. As variáveis observadas no presente estudo têm esse propósito.

Os achados também contradizem uma noção razoavelmente difundida na cultura sobre as experiências serem fugazes, algo visto apenas de relance, com a visão periférica ou de

outras formas decisivamente contrárias à possibilidade de exame cuidadoso do alegado estímulo sensorial original (i.e., o suposto objeto voador ou entidade). Assim, 54,5% das experiências principais do grupo E1 teriam durado mais que cinco minutos, sendo que 22,9% teriam durado mais que vinte minutos. Alguns protagonistas alegaram duração de horas. Aumentando a importância potencial desse achado, por se tratarem de experiências mais complexas, 81,8% das experiências principais do grupo E2 teria durado mais que cinco minutos, sendo que 63,6% teriam consumido mais de vinte minutos. Novamente, várias experiências teriam durado horas, até por se tratarem de alegados exames físicos a bordo de óvnis e longos diálogos com alienígenas.

Naturalmente, as estimativas de tempo são subjetivas e imprecisas, ainda mais quando expectativas e emoções fortes compõem o cenário. Ainda assim, lembrando Jung (1958/1988), é temerário supervalorizar “subjetivismos” (§ 589) a ponto de desdenhar o que padrões dessas experiências possam sinalizar. Ademais, na medida do possível, procurei explorar modos de refinar as estimativas temporais, o que, em algumas ocasiões pareceu possível, como quando horários em relógios teriam sido observados e outras testemunhas corroboraram⁷². Assim, mesmo a imprecisão usual das estimativas temporais não impede de sugerir possíveis implicações fenomenológicas e ontológicas para a duração dos episódios, dado que experiências longas, aliadas ao senso crítico preservado dos protagonistas (cf. capítulo 12), permitiriam seu exame mais detalhado.

Assim, pensando inicialmente em hipóteses parcimoniosas, variáveis psicológicas eventualmente em jogo teriam de exercer seu papel de modo mais consistente que meramente preencher lacunas de experiências crucialmente fugazes, de poucos segundos, captadas pela visão periférica ou sem possibilidade de lhe fixar a atenção. Ilustrando a partir de um exemplo extremo, ao gosto de William James (cf. capítulo 2), para um vaga-lume visto de relance por

⁷² Naturalmente, estes indícios estão sujeitos à falibilidade humana, tal como diante da possibilidade de falsas memórias e semelhantes. Contudo, sugiro não ser a tentativa de refinamento infrutífera por ela evidenciar o quanto variáveis psicológicas progressivamente complexas teriam de desempenhar seu papel para que as experiências ocorressem ou assim fossem narradas.

uma fração de segundo ser recordado e descrito como um óvni que realizou amplos movimentos no céu durante diversos minutos ou mesmo horas, revelou possuir janelas, se aproximou dos protagonistas e respondeu inteligentemente a sinais de lanterna ou a tentativas de comunicação telepática feitos pelos mesmos, seria cogitável uma maior ou mais radical participação de variáveis psicológicas, ou mesmo um substrato orgânico, que para recordar o mesmo vaga-lume como um óvni descrito com simplicidade enquanto uma luz tênue vista apenas de relance durante bem poucos segundos. Assim, a duração das experiências e o senso crítico dos protagonistas desempenham papel potencial importante para a consideração tanto dos usos e sentidos das experiências na vida dos protagonistas e seu círculo social quanto de discussões acerca de sua ontologia.

Ainda quanto ao cuidado diante de hipóteses simplistas e historicamente recorrentes, uma das noções mais popularizadas recorre à acusação de que a visão de óvnis é fundamentada em estados alterados de consciência induzidos por substâncias ou pela insanidade mental. Contrariamente a essas noções, mais de 90% do grupo E1 e mais de 80% do grupo E2 relataram estar em estado de vigília imediatamente antes, durante e depois do ocorrido. As entrevistas foram cuidadosas nesse ponto, acerca do consumo de substâncias, de práticas que induzem alterações de consciência e de possibilidades análogas, além de buscar assegurar a compreensão dos entrevistados quanto ao que seriam os diferentes estados de consciência. Assim, ainda com a mesma ressalva da não-representatividade desses achados para toda a população de protagonistas de experiências óvni, cumpre notar a inadequação de generalizações apressadas também nesse sentido.

O mesmo se pode sugerir sobre causas orgânicas óbvias para as experiências. 80% do grupo E1 e 72,7% do grupo E2 afirmaram não possuir doenças importantes à época das experiências. Mesmo as doenças mencionadas pela fração menor de protagonistas, à ocasião ou mesmo anos depois da experiência, quando os percentuais mudaram relativamente, não possuem, salvo melhor juízo e precedentes não identificados pela revisão de literatura, relação

teórica com experiências anômalas, tais como hipertensão arterial sistêmica, bronquite asmática, doenças renais etc. As únicas exceções foram um caso de epilepsia (cf. relação em Holden & French, 2002) em cada grupo experimental, além de um caso de miopia leve em cada grupo, embora seus contornos devessem ser mais investigados para robustecer uma eventual associação com as experiências naqueles casos particulares.

Em consonância com os achados qualitativos prévios de Marçolla e Mahfoud (2002), verifiquei uma significativa tendência à convicção quanto à realidade anômala da experiência direta. 82,9% do grupo E1 e 90,9% do grupo E2 afirmaram convicção plena de que observaram algo que não pode ser explicado como fenômenos naturais ou artificiais conhecidos. Por sua vez, somando-se a esses a convicção quase plena, as proporções sobem para 88,6% no grupo E1 e 100% no grupo E2.

Assim, ainda que o senso crítico dos protagonistas pareça incidir em forma de dúvidas sobre as experiências alheias e as explicações, a convicção sobre “aquilo, seja o que for” ter sido uma realidade concreta é significativamente elevada ou quase plena nas amostras, em sintonia com achados prévios da literatura e mesmo minha experiência informal de entrevistas anteriores. As amostras brasileiras se comportaram, a esse respeito, de modo análogo ao evidenciado pelos achados internacionais, o que, ao menos nesses termos, aproxima os diferentes contextos e sugere, para futuras investigações, a hipótese de ser tal convicção parte do conjunto essencial e universal de características das experiências óvni. Tal convicção possivelmente guarda relação com a saliência perceptual, de modo que os estímulos originais são efetivamente identificados com aquilo com que se parecem sob os crivos subjetivos dos protagonistas.

Ainda quanto a nuances demográficas, 8,6% do grupo E1 e 54,5% do grupo E2 abandonaram profissões anteriores e coerentes com sua elevada formação escolar para se dedicarem a curas alternativas em tempo integral ou quase isso. As entrevistas sugerem que

tais mudanças ocorreram não pela promessa de maiores ganhos financeiros⁷³, mas em função da resignificação da vida dos protagonistas, que passaram a reconhecer um contexto maior em que as experiências óvni desempenham papel, de modo a sinalizar o caráter decisivo que as atribuições causais feitas têm nas atitudes cotidianas e nos caminhos escolhidos para a busca pelo bem-estar subjetivo e pela consonância cognitiva.

Complementarmente, houve a tendência, também mencionada nas entrevistas, em abandonar referenciais religiosos prévios ou concomitantes às experiências (quando essas se distribuíram ao longo de anos), especialmente em relação ao catolicismo. Como um dos resultados, os grupos experimentais e controle evidenciaram proporções bastante díspares de católicos. Em contrapartida, houve tendência semelhante nos grupos E1 (54,3%) e E2 (54,5%) em realizar uma síntese de diferentes influências religiosas e esotéricas tradicionais e contemporâneas, de modo a haver dificuldade em nomear suas crenças e filiações religiosas. Tal tendência foi ausente nos grupos controle. Embora o rótulo “espiritualista” emergisse com alguma frequência, o entendimento pessoal acerca desse termo se mostrou variável e mesmo considerado inadequado para expressar as convicções de outros voluntários.

A justificativa usual, de que os referenciais religiosos anteriores não abarcam satisfatoriamente a realidade sugerida pelas experiências, as insere em um panorama psicológico maior de mudança de identidade e de visão de mundo, de modo semelhante, embora ainda mais frequente, que o mencionado sobre profissões. Ademais, a busca por novas atribuições se insere no contexto pela busca de conforto psicológico e auto-estima, o que entrevistados reportaram não encontrar em seus antigos sistemas de crença, quando não somente se angustiarão pela falta de coerência entre os referenciais e as experiências, mas às vezes sofreriam estigmatização no seio dos grupos afins (e.g., congregações religiosas).

⁷³ O convívio e a observação sugeriram, inclusive, que alguns terapeutas alternativos estejam enfrentando dificuldades econômicas importantes, além de pressões sociais próximas para retomar a antiga profissão, possibilidade que recusam porque, como sintetizou representativamente a participante E1.14, “*não faz mais sentido pra mim*”.

De forma coerente com esse movimento em favor da mudança, 57,1% do grupo E1 e 81,8% do grupo E2 buscaram maiores informações sobre óvnis e alienígenas após suas experiências. E o interjogo entre experiências e crenças assume contornos mais específicos, pois 60% do grupo E1 e 100% do grupo E2 tiveram em literatura de alguma forma esotérica, especialmente *New Age*, sua principal fonte de informação. Assim, surge uma das conexões compreensíveis, embora sem esgotar o tema, entre experiências e referenciais religiosos múltiplos, pois entre ambos tende a haver a influência direta de tais fontes de informação. A contatada E2.7 relata esse movimento de transição de forma representativa, a partir de duas obras escritas por contatados:

Na época [de uma experiência] eu não acreditava em nada [relativo a óvnis], eu super católica e de frequentar mesmo a igreja. Então eu falei “Agora eu estou perdida. Que experiência é essa?” Mas aí fiquei curiosa com os livros.... em dois dias eu detonei os livros, e sempre com muita culpa. Eu falava assim “nossa, eu não podia estar lendo um livro desses” Aí eu fiquei maluca, ficava com medo dos meus pais verem que eu estava lendo.... de vez em quando eu lia no banheiro.... Aí, quando eu terminei de ler o livro.... eu falei “não, eu quero estar, morrendo de medo desse negócio de extraterrestre, mas eu quero [ingressar no movimento fundado pelos autores].”

Ao se explorar os referenciais religiosos e esotéricos utilizados pelos protagonistas, especialmente para o grupo E2, evidencia-se que aqueles tendem a ser objeto de seu interesse ou estudo ao longo da vida, atuar sistematicamente na elaboração de outras experiências e, assim, constituir pilares de sua visão de mundo. Tal pluralidade de referenciais e a história de vida dos protagonistas permitem discutir outra conexão com experiências óvni em outros

países. Balch (1995) recorre ao conceito de “homem proteano” (*protean man*) de Lifton⁷⁴ para compreender um famoso grupo de contatados norte-americanos. O adjetivo proteano se refere à divindade grega Proteus, capaz de mudar de forma. Assim, o homem proteano se caracterizaria por fraca adesão e constante fluxo entre diferentes referenciais e grupos, em uma ampla série de experimentos e buscas. Tal como os contatados estudados por Balch, vários protagonistas deste estudo possuem histórico de adesão a diversas religiões e grupos, com insatisfação e rápidas transições, o que também incluiria, em escala menor, modos de vida e escolhas profissionais. Contudo, a pluralidade de referenciais presentes na elaboração dos episódios confere também com os sistemas de crenças anteriormente experimentados. Assim, muitos protagonistas transitaram entre catolicismo, espiritismo kardecista, umbanda, grupos esotéricos etc., realizando sínteses que herdaram ao menos partes de referenciais prévios.

Isso também remete ao modelo de Spilka et al. (1985; cf. capítulo 8), de modo que as atribuições religiosas inicialmente disponíveis aos protagonistas teriam sido checadas e confrontadas, quando então seriam consideradas insuficientes, ao menos sozinhas, e dado então início à busca por diversos referenciais congruentes com suas experiências óvni e anômalas em geral. Ao que as entrevistas fartamente apontam, apenas a mescla de referenciais, incluindo fontes esotérico-ufológicas, permitiram o exercício satisfatório das funções das atribuições causais, entre as quais fortalecer a auto-estima e conferir sentido e controle aos eventos.

Por sua vez, em Martins (2010b), sugeri, de modo semelhante ao descrito na literatura internacional (e.g., Bullard, 1989; McLeod et al., 1996), que os protagonistas brasileiros de experiências óvni poderiam encontrar dificuldades em elaborar os episódios em função de sua pouca aceitação cultural. Os resultados sugerem o amplo predomínio de reações negativas (85,7% no grupo E1 e 100% no grupo E2), o que sugere uma importante distinção em relação

⁷⁴ Lifton, R. J (1970) *Protean Man*. In J. R. Lifton (Org.) *History and Human Survival*. New York: Random House, p. 311-331.

às categorias mais conhecidas de experiências anômalas (e.g., mediunidade, precognição), as quais seriam mais facilmente abraçadas pela cultura e, por conseguinte, mais bem elaboradas. Então, os protagonistas de experiências óvni teriam de elaborar episódios limítrofes com poucos recursos socialmente corroborados para atribuir nomes e sentidos ao vivido. Apesar da existência de recursos na cultura, esses, a princípio e sem uma busca demorada e esforçada, não cumpriram suficientemente um papel na elaboração das experiências, seja por seu desconhecimento pelos protagonistas, pela desproporção entre eles e as reações negativas da cultura ou por outras razões potenciais a serem investigadas. Embora todos os protagonistas entrevistados alegassem possuir conhecimentos sobre óvnis, a arguição delongada de vários sugere conhecimentos bastante superficiais, pouco ou nada além de noções genéricas sobre luzes no céu talvez de origem extraterrena. Possivelmente, é nessa lacuna de suporte da macrocultura que emerge o papel organizador psicológico de microculturas como grupos esotéricos, listas de discussão virtuais, grupos de apoio de abduzidos etc., esses descobertos após laboriosa jornada de buscas, decepções e trocas.

Contudo, ainda na década de 1950, Jung (1958/1988) observou que os termos óvni e disco voador se encontravam amplamente popularizados. Schuessler (2000) reuniu pesquisas de opinião diversas que sugerem o mesmo para um amplo período, que cobre desde os contemporâneos de Jung até anos recentes. Assim, não constitui surpresa que todos os 81 voluntários desta pesquisa possuam noções ao menos rudimentares sobre o tópico, reconhecendo-o prontamente e mesmo tendo opiniões formadas sobre sua natureza, como se verá adiante nas discussões mais específicas sobre atribuições causais. Assim, tal conhecimento disseminado parece, em maior escala, também vago, superficial. E cabe ressaltar também que os termos óvni, objeto voador não-identificado, UFO e disco voador se mostraram de amplo conhecimento no meio urbano, de onde provieram as amostras desta pesquisa, sendo que o mesmo pode não valer para meios rurais mais afastados. Constatei tal tendência em incursões informais e prévias a campo, em regiões realmente ermas, quando

minhas buscas por protagonistas somente encontravam significativo sucesso quando eu abandonava os termos óvni e sinônimos e mencionava descrições fenomenológicas e termos locais, como Mãe do Ouro e Moema, entre diversos outros (cf. capítulo 5).

Certamente, os achados demográficos fornecem margem para outras discussões. Algumas das quais seguem adiante, enquanto outras aguardam melhor reflexão.

13.2. Personalidade

Inspirada pela literatura internacional e por meu interesse em investigar se protagonistas de experiências óvni, enquanto grupo, se distinguiam ou não da população geral quanto a características pessoais, uma das hipóteses centrais deste estudo predizia que os grupos experimentais apresentariam escores significativamente superiores aos dos grupos controle em Neuroticismo, Abertura à Experiência e Busca de Sensações (cf. capítulos 6 e 10). Embora essa hipótese não cobrisse todas as possibilidades relativas à personalidade, os mencionados fatores e faceta poderiam, direta ou indiretamente, desempenhar papel relevante para ocasionar as experiências.

Contudo, os resultados apresentaram-se mais complexos. Há evidência de que os escores do grupo E1 são significativamente superiores aos do grupo C1 em Abertura à Experiência (O), Emoções Positivas (E6), Estética (O2), Ações Variadas (O4) e Valores (O6). Além disso, evidencia-se que os escores de E1 são significativamente inferiores a C1 em Esforço por realizações (C4) e Ponderação (C6). Finalmente, os escores do grupo E2 se evidenciam significativamente superiores aos do grupo C2 em Abertura à Experiência (O), Assertividade (E3), Atividade (E4), Estética (O2), Sentimentos (O3), Idéias (O5) e Valores (O6).

Partindo da premissa razoável quanto à equivalência das amostras experimentais e controle quanto às variáveis demográficas a princípio mais importantes (cf. capítulo 10),

é coerente discutir a possibilidade de as diferenças nos fatores e traços entre os grupos se associarem, de algum modo, à diferença inicialmente fundamental entre os grupos: presença/ausência de experiências óvni. As descrições das características básicas dos fatores e facetas derivam de Costa e McCrae (2007), como apresentado no capítulo 6, embora as implicações para os protagonistas das experiências óvni, salvo quando expresso em contrário, sejam de minha responsabilidade.

Inicialmente, as diferenças significantes entre os grupos experimentais e controle quanto à Abertura à Experiência (O) confirmam parte da primeira hipótese do estudo (cf. capítulo 10) e sugerem que os protagonistas de experiências óvni tendem, em termos simples, a ser menos convencionais, mais curiosos e abertos a possibilidades novas, sejam comportamentos, experiências etc. Ou seja, aproveitando uma expressão popular minimamente cabível, tendem a ser mais “mente aberta”. Lembrando McCrae (1987), os escores em Abertura são modestamente associados com níveis de educação e medidas de inteligência, especialmente pensamento divergente e criatividade.

Frequentemente, os escores elevados nesse fator também se associam à imaginação ativa, o que estava no seio da expectativa parcimoniosa em relação a experiências óvni. Contudo, a faceta Fantasia (O1), correspondente maior a essa expectativa, não apresentou diferença significativa em ambas as comparações (E1/C1 e E2/C2), ao contrário do ocorrido em diversas pesquisas que utilizaram medidas diretas para tendência à fantasia (e.g., French & cols., 2008) e em sintonia com Hough e Rogers (2007-2008), o que problematiza a confirmação mesmo parcial da primeira hipótese.

As facetas que destacam, dentro do fator Abertura, o grupo experimental E1 em relação a C1 sugerem evidência de que, enquanto grupo, os membros daquele se distinguem dos membros deste por tenderem a uma apreciação mais profunda pelo aspecto estético das artes e das demais áreas da vida em que a dimensão do belo e harmonioso se possa constatar (faceta O2). Além disso, tenderiam a uma maior

disposição para atividades diferentes, conhecer novos lugares e experimentar novas situações (faceta O4). Finalmente, tenderiam mais fortemente à independência de julgamento, dispendo-se mais facilmente ao reexame de normas e valores sociais, familiares, religiosos, políticos etc. (faceta O6), este último não devendo ser confundido com “falta de princípios” (Costa & McCrae, 2007, p. 81).

Assim, diferentemente do que ocorreria para os devaneios imaginativos potencializados pela faceta Fantasia (O1), a maior abertura dos protagonistas do grupo E1 parece residir em dimensões a princípio menos propensas a facilitar a explicação das experiências óvni enquanto tipicamente fantasias desenfreadas, como é difundido tipicamente na cultura e ficou evidente nas atribuições causais dos grupos controle. Contudo, emergem ao menos três possibilidades para verificação e refinamento em pesquisas futuras:

1. Elevados senso estético, gosto pela variação e pelo questionamento das convenções poderiam sugerir, especialmente se combinados com fatores e facetas de outros domínios ao menos razoavelmente presentes, uma tendência dos protagonistas ao deslumbramento, busca ou comoção diante de temas e experiências em algo divergentes do consenso cultural e científico, especialmente no campo dos valores (cf. capítulo 11 sobre valores *new age* de protagonistas), além de associados ao belo (e.g., estímulos celestes luminosos, seres angelicais, civilizações utópicas), como é o caso dos óvnis e alienígenas. Assim, poderiam se tratar, enquanto grupo, de pessoas tipicamente mais propensas a aceitar como fenômenos anômalos estímulos celestes em algo fascinantes, além de encontrar ali oportunidade para exercer uma tendência prévia ao questionamento das convenções.

2. Como sugeriu a pessoa⁷⁵ que coordenava a reunião de contatados e abduzidos de que participei e outrora mencionei, o oposto poderia ocorrer. Então, ao contrário de serem resultado dessas tendências prévias de personalidade, as experiências poderiam estimular a abertura ao novo e belo, além do questionamento a convenções. Embora as características de personalidade, dentro do Modelo Big Five, sejam consideradas razoavelmente estáveis (Costa & McCrae, 2007), existem precedentes para sugerir impactos transformadores de experiências anômalas sobre modos habituais de comportamento das pessoas (e.g., Menezes Júnior & Moreira-Almeida, 2009). Em suas obras dedicadas a enfoques clínicos, embora bastante controversos, de abduzidos e contatados, Mack (1994) e Moura (1996), sugerem serem as experiências uma espécie de rito de passagem, análogo à arquetípica jornada do herói, em favor de um amadurecimento psicológico que incluiria grandes mudanças de personalidade após conflitos psicológicos emergidos e solucionados no contexto dessas experiências discrepantes. Complementarmente, ao explorar as dimensões mitológicas das abduções, Bullard (1989) também sugere similares paralelismos entre as experiências e a jornada do herói.

3. Podemos também considerar a possibilidade de uma relação dialética, de mútua influência, entre disposições prévias de personalidade e experiências. Assim, pessoas em algo mais propensas a tomar como efetivamente anômalas experiências estranhas poderiam ter nessas um reforço para se abrirem ainda mais ao belo, novo e não-convencional. Um indício sugestivo dessa possibilidade emerge ao considerarmos os achados da Tabela 3, no capítulo 10, quando a maioria dos protagonistas procurou ativamente por maiores informações sobre óvnis e alienígenas, motivados por suas experiências. Em outros casos, as experiências ocorreram no seio de grupos esotéricos e/ou ufológicos, durante sua influência. Em ambos os casos, não raro os protagonistas

⁷⁵ Nome omitido destas considerações a pedido.

do grupo E1 progrediram do estudo dessa literatura ufológico-esotérica para o ingresso ou aprofundamento em grupos específicos, após o que novas experiências tenderam a ocorrer em vigílias, processos de alteração de consciência etc., concomitantes à progressão nos estudos desses temas, à ressignificação da vida e a alegadas mudanças de atitude.

Dentro do fator Extroversão, o grupo E1 se destacou quanto à faceta Emoções Positivas (E6). Assim, houve evidência de que os voluntários E1, enquanto grupo, tendem a experimentar mais frequentemente alegria, amor, boa disposição geral etc. Em termos cotidianos, seriam pessoas “mais animadas”, que riem com mais facilidade e se apresentam mais otimistas. Estudos têm demonstrado ser essa faceta a mais relevante para a predição da vivência subjetiva da felicidade (Costa & McCrae, 2007, p. 18).

Como, no dia a dia, os fatores e facetas da personalidade são um conjunto dinâmico, Costa e McCrae (2007) sugerem que os achados sejam entrelaçados na interpretação, embora devamos recordar a ausência de relações causais entre os fatores e facetas, dado serem construtos independentes. Assim, é possível sugerir que tal boa disposição geral se combina com a busca de novidade e questionamento, além da afetação pelo belo, para enriquecer as três possibilidades acima, talvez canalizando-as preferencialmente para engajamentos mais satisfatórios e atribuições positivas das experiências, como é o caso recorrente das interpretações esotéricas (cf. capítulo 12), ao contrário de tendências mais negativas que poderiam emergir, como alienígenas invasores, espões ou ladrões de recursos naturais. Mesmo quando essas últimas interpretações emergem, os voluntários tendem a contrabalanceá-las com a menção a alienígenas protetores e poderosos, atuando dentro de uma ótica maior positiva.

Finalmente, os escores do grupo E1 são significativamente menores que C1 em Esforço por Realizações (C4) e Ponderação (C6). Assim, há evidência de que os voluntários controle, enquanto grupo, aspiram níveis mais altos em suas atividades

diárias e se esforçam mais para isso, sendo mais diligentes, determinados e profissionalmente ambiciosos (C4). Por sua vez, seriam também mais cuidadosos e deliberativos antes de tomarem decisões (C6). Assim, surge como hipóteses para pesquisas futuras que protagonistas de experiências óvni, como um grupo, seriam menos esforçados ou preocupados com o sucesso tal como valorizado em nossa cultura, o que talvez componha um quadro maior com valores e ambições divergentes sugeridos pelos escores superiores em Valores (O6). Isso poderia em algo se associar ao discutido neste capítulo sobre a adesão à prática de terapias alternativas e demais ressignificações, ainda que tal decisão eventualmente cause queda na qualidade de vida. Assim, as atribuições teriam aqui outra repercussão, ao se relacionarem (de modo causal, consequente ou interdependente com a personalidade) ao bem-estar subjetivo também nesse ponto.

E a menor tendência à ponderação, antes da tomada de decisão, poderia sinalizar uma tendência talvez conflitante quanto ao que os achados qualitativos sugerem (cf. capítulo 12) em relação à ponderação crítica e cuidadosa dos protagonistas antes de concluírem que os objetos e entidades pretensamente vistos são anômalos. Assim, embora eles cogitem inicialmente fenômenos naturais ou artificiais prosaicos, tal ponderação talvez seja breve, se comparada à tendência de outras pessoas. Por outro lado, como hipótese alternativa ou complementar, a menor ponderação poderia refletir as possíveis mudanças de personalidade após as experiências, como o gradativo e laborioso abandono da assim chamada “racionalidade” em favor da espontaneidade e do “instinto” (cf. capítulo 12).

Quanto ao grupo E2, houve evidência de escores mais altos, em relação a seu respectivo grupo controle em Abertura (O), além de suas facetas Estética (O2), Sentimentos (O3), Idéias (O5) e Valores (O6). Somado ao anteriormente debatido para as diferenças entre os grupos E1 e C1 quanto a O, O2 e O6, além da ausência de diferenças para

Fantasia (O1), que também se aplicariam à comparação entre os grupos E2 e C2, é possível acrescentar as implicações das diferenças em O3 e O5. Então, os protagonistas do grupo E2 teriam maior tendência à receptividade em relação aos próprios sentimentos e emoções, considerando-os partes importantes da vida psicológica e experimentando-os de modo mais intenso (O3), além de evidenciarem maior curiosidade intelectual, gosto por desafios mentais e temas filosóficos, busca por aprendizado em áreas de interesse e abertura mental para idéias novas e mesmo não-convencionais (O5).

Esses achados não confirmam os internacionais prévios (e.g., Parnell, 1988) sobre abduzidos e contatados serem mais desconfiados, “fechados”, socialmente distantes e “deslocados” em seu ambiente. Todavia, cabe ressaltar que o arranjo subjetivo pode ser mais complexo que o inicialmente sugerido, ao menos quanto às amostras deste estudo. Os achados qualitativos sugeriram zelo, desconfiança e cuidado dos voluntários de ambos os grupos em relação a suas experiências e a mim, embora isso não tenha sido acompanhado de uma flagrante ausência de habilidades sociais ou de conforto nas interações, à exceção de um único caso de abdução. Assim, é possível conceber que o zelo, ao menos para os voluntários deste estudo, se enquadre mais como um cuidado naturalizado ao longo da história de vida, dadas as reações comuns na cultura diante de suas experiências altamente incomuns.

Ademais, as três possibilidades antes discutidas sobre Abertura seriam potencializadas em abduzidos e contatados pelos perfis mais atentos a dimensões psicológicas além do que é usualmente rotulado como “racionalidade”, o que encontra sintonia com os achados qualitativos sobre a busca ativa dessas pessoas pelo sentimento e a intuição (cf. capítulo 12). Além disso, o papel potencial do questionamento de valores sociais para as experiências seria expandido ao abarcar também idéias em geral, incluindo o interesse por concepções pouco convencionais, como é o caso dos referenciais esotérico-ufológicos.

Ademais, quanto à acima discutida hipótese da mútua influência entre as disposições de personalidade relativas à Abertura e as experiências, seu potencial parece superlativo no caso dos abduzidos e mais ainda dos contatados, marcados pela reincidência das experiências. Com eles, essa mútua influência poderia se dar em uma espiral ascendente, na forma de um mútuo reforço rumo a patamares progressivamente elevados ao longo de anos, com experiências e crenças mais e mais complexas. Eventuais pré-disposições psicopatológicas poderiam potencializar ainda mais a espiral (i.e., aqueles 72,7% de indícios discutíveis do capítulo 11), ao fornecer-lhe experiências precoces e um desenvolvimento saudável posterior que se superpõe à saliência perceptual do ocorrido nas fases anteriores de vida. O caráter progressivo da evolução do conjunto crença-experiência potencializaria uma assimilação mais “suave”, em algo comparável a uma “dessensibilização sistemática”⁷⁶, facilitando a absorção de episódios e idéias possivelmente rejeitáveis, caso emergissem sem tal gradatividade. Recuperando parte da citação da contatada E2.2 no capítulo 12, a título de exemplo,

Hoje eu entendo que é a manifestação de um ser que estava presente de alguma forma [na infância], eu acredito que já me preparando pra agora ter um entendimento maior [cabe lembrar que, entre as experiências imprecisas da infância e essa elaboração adulta, houve outras experiências e afinidade crescente com literatura esotérico-ufológica]. Então foi importante eu ter essa memória, pra não ser uma coisa assim agora. Se fosse agora, de repente, seria mais difícil pra mim.

⁷⁶ Dessensibilização sistemática é um termo usual na psicologia, especialmente no contexto terapêutico, para se referir, de modo cada vez mais amplo nos últimos anos, aos processos através dos quais elementos aversivos (e.g., estímulos fóbicos, memórias traumáticas, idéias ou experiências de difícil aceitação) são apresentados gradual e lentamente às pessoas, de modo a ocorrer uma perda progressiva de sua conotação aversiva e facilitar sua aceitação. O conjunto original de técnicas de dessensibilização foi desenvolvida por Wolpe (1958).

Essa evolução gradual de experiência-crença facilitaria a compreensão da naturalidade com que abduzidos e contatados relatam episódios altamente afrontosos ao que não-protagonistas podem considerar um bom-senso mínimo (cf. capítulo 11), como viagens espaciais, alunissagens, guerras entre raças alienígenas, fetos híbridos, caminhadas em Marte com trajes espaciais, comandantes estelares com atribuições tais como gerenciar milhares de naves e que ainda assim se dispõem a visitas constantes e demoradas na residência de contatados etc. Se for esse o caso, a noção culturalmente difundida de que relatos tão ou ainda mais afrontosos somente poderiam resultar de insanidade, mentira consciente e possibilidades afins encontra outra explicação razoável e ainda mais plausível quando consideramos a força de variáveis psicossociais favoráveis, como visto adiante.

Há evidência também de que os escores do grupo E2 são significativamente superiores aos do grupo C2 em Assertividade (E3) e Atividade (E4). Assim, os abduzidos e contatados teriam um perfil mais propenso à liderança, dominância e independência (E3), além de agilidade, vigor, dinamismo, prontidão e boa disposição, geralmente com rotinas movimentadas (E4). Dadas as interações dinâmicas entre fatores e facetas, como aquelas discutidas acima, os abduzidos e contatados tenderiam a exercer sua busca do novo e do não-convencional de forma ativa, pouco preocupada com convenções e opiniões alheias, confiantes principalmente em suas próprias impressões e demandas. Ademais, a propensão à liderança poderia se relacionar, de forma causal, correlata ou consequente, com a concepção de abduzidos e especialmente contatados quanto a seu papel diante da humanidade e dos alienígenas. Ademais, cabe lembrar que não raro os contatados edificam grupos esotéricos-ufológicos ao redor de si, assumindo o papel de liderança espiritual.

Retornando às hipóteses iniciais apresentadas no capítulo 10 para todos os grupos, a ausência de achados significativos no fator Neuroticismo (N) e na faceta Busca de Sensações (E5) também possuem implicações sobre as discussões tanto fenomenológicas quanto

ontológicas. Ao menos atualmente e talvez desde períodos anteriores (dada a estabilidade ao menos razoável das características de personalidade), as experiências não se inseririam em contextos de dificuldades emocionais associadas a idéias irracionais e formas pobres de enfrentamento que caracterizam os elevados escores em Neuroticismo. Contrariamente aos achados de Parnell (1988), tampouco os protagonistas seriam mais sensíveis a críticas e emocionalmente instáveis.

Contudo, retomando o antes referido, a noção disseminada entre protagonistas e ufólogos de que abduzidos seriam particularmente desconfiados e sensíveis poderia resultar não de propensões maiores de personalidade, como elevado Neuroticismo, mas do atrito específico, localizado, datado, entre experiências subjetivamente verdadeiras e a cultura amplamente desfavorável a tal realidade (cf. capítulos 11 e 12). Para adicionar um elemento e tornar as pesquisas futuras a esse respeito mais interessantes, é também comum, embora relativizada em sua dimensão aversiva pelas crenças esotéricas, a noção de que abduzidos sejam desconfiados e sobressaltados em função também das experiências em si, dado que, especificamente as abduções poderiam ocorrer de modo inesperado e invasivo, além do que os próprios abduzidos não raro dizem se sentir vigiados pelos alienígenas.

Por sua vez, perdem força e demandam novos estudos possibilidades psicológicas que ocasionariam ou acompanhariam as experiências óvni ligadas a E5, como a invenção ou exagero dos episódios baseados no anseio por estimulação e fuga da rotina entediante (noção popular que se fez presente enquanto atribuição pelos grupos controle), especialmente se ligadas às também ausentes características ligadas a Neuroticismo para tendência à fantasia (e.g., Sánchez-Bernardos & Avia, 2003), falsas memórias (e.g., Chan et al., 2007), idéias irracionais, dificuldades para lidar com os impulsos e com situações estressantes (Costa & McCrae, 2007), o que poderia ocasionar fugas psicológicas, especialmente se também a faceta Fantasia se destacasse, o que não ocorreu. Dadas as associação possíveis entre altos escores em N e transtornos psiquiátricos (Costa & McCrae, 2007, p. 81), os escores

equivalentes nesse fator entre os grupos experimentais e controle se somam aos achados demográficos e sobre transtornos mentais para problematizar a adequação de entidades nosológicas clássicas ou mesmo tendências patológicas enquanto explicações abrangentes para as experiências óvni nos grupos.

Finalmente, ao contrário dos achados de Hough e Rogers (2007-2008) para abduzidos, o fator Conscienciosidade (C) não destacou os voluntários do grupo E2, tampouco do grupo E1, em relação aos seus respectivos grupos controle. Assim, assumindo por um momento a razoabilidade da explicação sugerida pelos autores (i.e., de que abduzidos buscaram se mostrar testemunhas confiáveis através de respostas no teste NEO PI-R que sugerissem competência, organização, senso de dever, ponderação e outras características ligadas ao fator C), os protagonistas investigados pela presente pesquisa não pareceram se preocupar em transmitir forçosamente uma imagem de si mesmas enquanto confiáveis ou “moralmente corretas”. Da mesma forma, embora aqui em sintonia com os achados de Hough e Rogers, o fator Amabilidade (A) e suas facetas também não destacaram os grupos experimentais e controle, ao contrário do que poderia ser esperado, especialmente para contatados, caso desejassem transmitir a imagem de pessoas particularmente amorosas, gentis, empáticas e “espiritualmente evoluídas”.

Contudo, algo análogo poderia ter incidido sobre as questões do NEO PI-R referentes à faceta Fantasia (O1), de modo a talvez constituir uma preocupação dos protagonistas não parecerem pessoas dadas a devaneios imaginativos. Os testes de autorrelato, como o NEO PI-R, possuem esse ponto fraco, pela possibilidade de respostas voluntária ou involuntariamente desonestas. Contudo, ao menos três ressalvas devem ser feitas quanto à crítica de que os protagonistas tenham apresentado alguma tendência a mascarar propensões fantasistas nas respostas:

1. Caso desejassem parecer mais coerentes, confiáveis e sóbrios, parece razoável supor que os protagonistas, especialmente do grupo E2 (cujos membros não raro alardeiam

convicções sobre sua evolução espiritual e a predileção a eles pelos extraterrestres devida a isso), mascarariam resultados também relativos aos fatores Conscienciosidade e Amabilidade, o que não parece ter ocorrido, em função da similaridade em relação aos grupos controle.

2. Caso a crítica se estendesse sobremaneira e de forma inflexível, ela poderia assumir um caráter de não-falseabilidade. Assim, os achados seriam aceitos apenas quando amparassem perspectivas apriorísticas sobre o perfil dos protagonistas e seriam rejeitadas sob acusação de respostas enviesadas quando refutassem tais perspectivas. Embora o caráter de autorrelato seja um ponto fraco do NEO PI-R, o teste foi adaptado e validado para o Brasil, possuindo também consistência interna e estabilidade (Costa & McCrae, 2007, p. 70), o que limita, embora não elimine, o risco de mascaramento.

3. Sendo assim, até diante da ausência de estudos semelhantes no Brasil, novos estudos são necessários, considerando a hipótese de mascaramento das respostas e incluindo, se possível, outras ferramentas de pesquisa, embora isso não implique em considerar os achados derivados do NEO PI-R como inexpressivos e tampouco sugerir explicações não-falseáveis para achados intrigantes e contrários a expectativas a princípio mais parcimoniosas.

Outras observações possíveis se debruçam sobre os flagrantes desencontros e correspondências entre os achados e implicações acima e aqueles internacionais (cf. revisão em Hough & Rogers, 2007-2008). Ao menos quatro possibilidades podem ser elencadas para compreender as diferenças. Tais possibilidades, entre outras possíveis, longe de se afigurarem definitivas ou desabonadoras dos trabalhos realizados, sugerem a necessidade, natural no meio científico, de novos estudos para sua replicação e refinamento.

1. A grande maioria dos estudos internacionais se dedicou a investigar o perfil psicológico apenas de abduzidos e contatados, sem atentar para protagonistas de experiências óvni em geral. Embora o desafio explicativo e a riqueza de variáveis psicológicas em ação pareçam mais evidentes e interessantes em pretensos sequestros e

contatos amistosos com alienígenas, experiências de outras ordens também podem se apresentar complexas e desafiadoras, demandando investigação. Afinal, diante do conhecimento vigente sobre a psicologia humana e da busca inicial por explicações parcimoniosas, parece haver muito a investigar quando diante de numerosas pessoas que alegam “apenas” ter visto, não raro próximos, naves espaciais às vezes grandes e seres bizarros de conformações diversas, especialmente quando há indícios de que se encontram socialmente bem adaptadas e de que entidades nosológicas clássicas parecem não se adequar enquanto explicação abrangente (cf. capítulo 11).

2. Como mencionado no capítulo 3, virtualmente todos os achados a respeito dos perfis de protagonistas se deram com amostras de outros países. Assim, é concebível que variáveis específicas ao contexto brasileiro imprimam diferenças nos perfis dos protagonistas em relação àqueles de outros contextos.

3. Dentro de suas limitações, a presente pesquisa contou com uma amostra pequena no grupo E2. Embora uma amostra de 35 pessoas, como a do grupo E1, seja considerada razoável para fins estatísticos, maiores questões sobre representatividade podem ser erguidas também nesse caso (cf. seção 13.5). Em linha semelhante, as variáveis Valores (O6) para a comparação E1/C1 e Atividade (E4) para E2/C2 não apresentaram indícios de distribuição normal, o que ressalva a projeção dos achados para a população. Assim, os achados podem corresponder a vieses amostrais somente contornáveis com novas pesquisas.

4. Finalmente, o estudo psicológico dos protagonistas de experiências anômalas em geral e mais ainda de experiências óvni em particular se encontra em desenvolvimento, o que traz como corolário a ausência de respostas razoáveis para questões ainda básicas sobre o funcionamento psicológico humano envolvido (cf. capítulo 2) e divergências metodológicas importantes (e.g., Almeida & Lotufo, 2003). Assim, é temerário considerar os achados desses campos como expressões sólidas do

perfil psicológico dos protagonistas, o que imprime ressalvas sobre o caráter divergente de achados enquanto um enigma maior.

Por seu turno, semelhanças entre os achados nos diferentes contextos podem ocorrer por pelo menos três razões, que representam um complemento lógico das ressalvas acima para as diferenças. Inicialmente, podem se dever a enganos induzidos pelo corpo ainda pequeno de dados, tanto estrangeiros quanto mais ainda brasileiros, sobre experiências óvni, o que inclui as amostras pequenas deste estudo em E2 e C2. Possibilidade semelhante é permitida pelo atual estágio de desenvolvimento do estudo psicológico das experiências anômalas em geral. Por fim, ainda que concomitante às ressalvas acima, podemos estar diante de universalidades das experiências óvni e mesmo das experiências anômalas em geral, na forma de substratos psicológicos que lhes seriam causais, correlatos ou consequentes, e que independeriam ou sofreriam menor influência da cultura. Jung (1958/1988) pioneiramente sugerira substratos universais de ordem psicológica para as experiências óvni, ligadas ao caráter arquetípico de esferas, discos e cilindros celestes e de seres angelicais e animais. Bullard (1989) e Dewan (2006b) abordaram universalidades em termos mitológicos. Assim, os achados desta pesquisa e similares, além das vindouras, apontam outra via para o estudo de pretensos universalismos, a partir da psicometria e em associação com discussões qualitativas.

13.3. Saúde mental

Os achados desta pesquisa referentes a transtornos mentais possuem nuances complexas, ao que a confluência de enfoques quantitativos e qualitativos pode enriquecer a análise e delinear sugestões mais específicas para pesquisas futuras.

A princípio, a segunda hipótese deste estudo (cf. capítulo 10) não se confirma, pois as proporções não apenas de transtornos psicóticos, mas de quaisquer outros, foram evidenciados enquanto equivalentes entre os grupos experimentais e controle. Assim, quanto a entidades nosológicas, o perfil dos protagonistas de experiências óvni, tanto mais simples quanto mais complexas, equivaleria ao dos grupos controle, o que sugere a inadequação de causas psiquiátricas para as experiências. Para robustecer essa conclusão inicial, a proporção de portadores de transtornos mentais se apresentou idêntica entre os grupos E2 e C2, enquanto o grupo C1 evidenciou proporção significativamente superior em relação ao grupo E1. Ou seja, o grupo E1 se evidenciou psicologicamente mais saudável que C1 quanto a transtornos formalmente diagnosticados.

Aqui, uma possibilidade a ser considerada é que protagonistas de experiências óvni mais “simples”, de modo causal, correlato ou consequente, possam ser efetivamente mais saudáveis no âmbito psicológico. De modo mais específico, poderíamos considerar tanto a noção de que as experiências possam se associar a bem-estar subjetivo, ao redefinirem positivamente visão de mundo e auto-imagem, quanto derivar de tendências prévias de personalidade. Aqui, cabe resgatar que o grupo E1 se destacou de C1 quanto à faceta Emoções Positivas (E6). Contudo, a possibilidade de um viés amostral, a demandar estudos futuros para sua averiguação e correção, surge ao pensar que, ao indicarem participantes para os grupos controle, a pessoas tenham se preocupado, deliberada ou involuntariamente, em indicar voluntários que elas acreditavam necessitar de avaliação psicológica, de modo que a pesquisa poderia ajudá-los.

Como acréscimo qualitativo, em sintonia com os achados iniciais em Martins (2010b), as experiências pareceram assumir contornos saudáveis na vida (ao menos atual) dos protagonistas, ao atenderem de modo quase pleno os nove critérios sugeridos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009): ausência de sofrimento psicológico, ausência de prejuízos

sociais e ocupacionais, duração curta da experiência⁷⁷, atitude crítica preservada, compatibilidade com o grupo cultural ou religioso do protagonista⁷⁸, ausência típica de comorbidades, controle sobre a experiência⁷⁹, crescimento pessoal ao longo do tempo e atitude de ajuda aos outros.

Ainda que a relativamente rara consideração, feita pelos protagonistas, da possibilidade de causalidade interna para suas experiências sugira conflito com o critério de saúde mental de Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) referente à atitude crítica, sugiro que tal incompatibilidade não é definitiva. Dado que a saliência perceptual dos estímulos tende a sugerir uma realidade análoga à aparência, então as características aparentemente concretas dos óvnis permitiriam aos protagonistas o plausível exercício da atitude crítica através da tentativa inicial quase universal em enquadrar o fenômeno em causas externas conhecidas, como aviões, balões ou fenômenos naturais. Soma-se a isso a escolha cuidadosa de pessoas para reportar as experiências e as dúvidas automáticas sobre a própria condição mental. Adicionalmente, como sugeriram Marçolla e Mahfoud (2002), a frequente elaboração das experiências como sobrenaturais pode fornecer à razão o contexto para reconhecer plausibilidade nas experiências, quando a dimensão do sagrado se evidencia na visão de mundo dos protagonistas. Ademais, a hipótese da espiral ascendente de complexidade do binômio experiência-crença, referida na seção anterior, agrega possibilidades contrárias à noção de falta de senso crítico dos protagonistas, mesmo quando professam experiências altamente bizarras. Finalmente, como todos os voluntários possuíam conhecimentos prévios sobre óvnis e significativa parcela deles, especialmente para o grupo E2, buscou

⁷⁷ Quando a duração da experiência não é curta (i.e., de poucos minutos ou segundos), haveria compensatório preparo ou anuência para sua ocorrência. Ademais, a duração mais longa tende a não superar poucas horas (3 a 5), como no caso de abduções, o que sugiro significar curta duração, dado que a comparação de Menezes Junior e Moreira-Almeida (2009) é feita com a duração de episódios psicóticos, estes muito mais persistentes e duradores em seus quadros alucinatorios e delirantes.

⁷⁸ Ainda que se trate de grupos bastante específicos e mesmo socialmente marginalizados, eles fornecem suporte emocional e validação subjetiva para experiências e crenças associadas.

⁷⁹ Embora este critério seja em algo problematizado pelas abduções, mesmo que um tanto raras.

novas informações, suas convicções se inserem em um contexto maior de atribuições culturalmente balizadas que, de acordo com critérios diagnóstico reconhecidos (OMS, 1993), atenua ou anula possibilidades parcimoniosas de rotulação patológica.

Ademais, caso ainda assim estejamos lidando com experiências psicopatológicas (e.g., alucinações, ilusões, delírios), teremos de acrescentar às variáveis consideradas acima o amplo compartilhamento dos sintomas, para a elaboração de um quadro teórico explicativo abrangente (cf. Tabela 3, capítulo 11). Uma das maneiras mais naturais disso ocorrer, caso se avenge a hipótese de transtorno mental, seria via transtorno psicótico induzido (DSM-IV) ou transtorno delirante induzido (CID-10), o que aproximadamente corresponde à clássica *folie a deux*. Contudo, além de se tratar de um transtorno raro, ainda mais quando envolve além de duas pessoas (OMS, 1993, p. 103), não apurei quaisquer indicadores desse transtorno, principalmente um vínculo em algo simbiótico ou de dominação entre os protagonistas de um mesmo episódio, isolamento cultural ou sequer indicadores de psicose em um dos protagonistas. Finalmente, o transtorno se refere muito mais ao compartilhamento de delírios, o que torna a partilha de alucinações ainda mais rara (OMS, 1993, p. 103).

Mesmo no caso dos contatados, para os quais indicadores pré-mórbidos em fases anteriores da vida são adiante discutidos, quase metade dos episódios principais (45.5%) tiveram apenas um protagonista, sendo que os restantes 54,5% se deram com três ou mais protagonistas, número pouco provável de pessoas a compartilhar transtorno delirante induzido. Assim, ao que é possível sugerir até então, quaisquer tentativas de explicar as experiências enquanto originadas de transtornos mentais possui no compartilhamento das experiências um desafio adicional.

Contudo, cabe ressaltar que muitas vezes não foi possível, no presente trabalho, entrevistar e testar protagonistas do mesmo episódio para verificar sua pretensa experiência. Assim, em muitos casos, não há como asseverar que os demais protagonistas lembrados na entrevista dos voluntários de fato concordam com o caráter anômalo da experiência original

ou mesmo que presenciaram algo. Como indício não mais que sugestivo sobre esse ponto, dada a conhecida falibilidade dos testemunhos quanto a informações acuradas, as entrevistas abordaram com algum detalhe as reações dos demais presentes em cada episódio, sugerindo concordância entre os alegadamente presentes sobre a natureza insólita do que teriam testemunhado, como alguns trechos citados nesta dissertação, entre outros não mencionados, exemplificam. Ademais, alguns protagonistas efetivamente investigados alegam ter compartilhado a mesma experiência, quando então emergiram entrevistas mutuamente confirmatórias acerca desse ponto.

Como adição informal, os protagonistas do estudo exploratório que realizei (Martins, 2010b) a partir de entrevistas colhidas ao longo dos últimos catorze anos não forneceram indicadores robustos de transtornos mentais, o que diminui a possibilidade de transtornos induzidos também para esse universo maior. Muitos desses protagonistas alegam o compartilhamento do mesmo episódio, sendo que, não raro, pude entrevistar vários dos presentes àquela ocasião, incluindo famílias inteiras (adultos e crianças), empregados de fazendas, dezenas de pessoas que estavam em um evento social ou na rua etc. Assim, sugiro como típico o compartilhamento das experiências sem relação significativa com transtornos psicóticos induzidos ou semelhantes, embora recomende novos e mais rigorosos estudos a respeito.

Embora a literatura internacional seja quase unânime em indicar ausência de correlações com entidades nosológicas clássicas (e.g., Appelle et al., 2000; McLeod et al., 1996; Parnell, 1988), o impacto da conclusão sobre ausência de patologias em amostras brasileiras fornece elementos interessantes para discutir os papéis das mesmas no complexo arranjo vital dos protagonistas e seu meio social, além das origens possíveis das experiências. Isso porque, somado às nuances colocadas em jogo pelos achados internacionais, os episódios brasileiros se apresentam particularmente exóticos (e.g., Suenaga, 1999) e mesmo afrontosos. Assim, o enfraquecimento de hipóteses psicopatológicas para relatos claramente destoantes

do consenso dominante sobre a realidade e das experiências tanto usuais quanto anômalas conduz a desafios explicativos em outros patamares.

Contudo, não apenas a necessidade natural de novos estudos problematiza a conclusão quanto à ausência de relação entre transtornos mentais e experiências óvni, particularmente quando mais complexas. Os achados entre abduzidos e contatados sugeriram conotações ansiogênicas e intrusivas em grande parcela de suas experiências precoces, além de comportamentos bizarros e dificuldades de adequação social (72,7% dos voluntários) semelhantes a características pré-mórbidas que costumam preceder transtornos psicóticos formais na vida adulta. Mas, diferentemente desse prognóstico, todos os voluntários evidenciaram desenvolvimento psicológico posterior saudável similar ao do grupo controle.

Berenbaum et al. (2000) discutem quatro formas pelas quais experiências anômalas e transtornos mentais podem se relacionar: (1) sobreposição, quando compartilham características, tal como ouvir vozes; (2) o transtorno pode contribuir para a ocorrência de experiências anômalas, como quando causam alterações na consciência do eu; (3) as experiências anômalas contribuem para transtornos, como quando o protagonista desenvolve crenças delirantes para conferir sentido a experiências bizarras; e (4) outras variáveis, como diferenças individuais, contribuem tanto para a ocorrência de experiências anômalas quanto de transtornos mentais, como quando elevados níveis de Neuroticismo favorecem tanto estresse psíquico quanto perda de controle voluntário. Almeida e Lotufo (2003) acrescentam uma quinta relação que seria a coexistência casual e independente de experiências anômalas e transtornos mentais.

Dada a relação indefinida entre experiências óvni e transtornos mentais (senão entidades nosológicas formais, ao menos traços isolados), as cinco possibilidades acima devem ser cuidadosamente consideradas em estudos futuros, através da exploração de mediadores, moderadores, variáveis estranhas, limiáres e relações categóricas. Assim, ao momento, as cinco possibilidades acima sugerem as seguintes hipóteses:

1. A hipótese mais parcimoniosa, por recorrer a elementos conhecidos e menos numerosos para explicar o quadro precoce, sugere tratar-se de características pré-mórbidas na infância/adolescência/início da vida adulta dos protagonistas, i.e., tendências psicóticas em suas manifestações iniciais. Contudo, por força de variáveis intra e intersubjetivas poderosas, especialmente o encapsulamento dessas experiências precoces por referenciais religiosos/esotéricos/ufológicos maiores posteriormente acessados, o que inclui a espiral ascendente crença-experiência antes discutida, as pré-disposições a princípio patológicas teriam sido moldadas e então assumido contornos mais adaptativos, sendo então, inclusive, favoráveis à criatividade e abertura mental. Essa hipótese traria como corolário que não propriamente transtornos mentais formais, mas sim suas características pré-mórbidas estariam na origem de parcela significativa das experiências mais complexas, ao que variáveis culturais e a maturação individual tratariam de fornecer os elementos subsequentes do quadro então saudável.

Como elementos adicionais para reflexão diante dessa hipótese, McCreery e Claridge (2002) observaram haver um número razoável de pessoas mais pré-dispostas a alucinações e outras experiências incomuns associadas a transtornos mentais, mas que não apresentam anedonia, ansiedade social e outras características usualmente psicóticas. Para esse perfil, os autores utilizam o termo “healthy schizotype”⁸⁰ para se referir à condição normalmente bem adaptada, criativa e satisfatória dessas pessoas. Essa condição poderia ser, inclusive, adaptativa em suas vidas, perdendo, assim, a conotação patológica e se inserindo no rico conjunto de possibilidades de experiências humanas. McCreery e Claridge sugerem que as alucinações ligadas ao perfil “healthy schizotype” representam uma das poucas ligações entre essas pessoas saudáveis e esquizofrênicos, sendo que as primeiras teriam em suas experiências pretensamente alucinatórias um acréscimo em suas vidas e ajuda em períodos de crise, ao contrário da dimensão prejudicial para os esquizofrênicos. Sugerem também que

⁸⁰ Em uma tradução livre, “esquizotipo saudável”. Em trabalhos anteriores, os autores empregaram o termo “happy schizotype”, ou “esquizotipo feliz”.

novos estudos sobre essa distinção poderão elucidar aspectos da natureza da esquizofrenia, com impactos também clínicos.

Em sintonia, Berenbaum et al. (2000, p. 27-29) evocam o conceito de peculiaridade (*peculiarity*), uma variável multidimensional que diz, dentro de um continuum, da maior ou menor propensão das pessoas a ter experiências inusuais, mas sem relação obrigatória com patologia. Assim, embora altos níveis de peculiaridade tendam a ser considerados clinicamente significativos, poderiam coincidir também, em algumas ou muitas dimensões, com o perfil “healthy schizotype”, o que possibilita amplos estudos pela ótica da psicologia das diferenças individuais.

Então, tanto as experiências óvni quanto as crenças relacionadas parecem desempenhar um papel importante na organização psicológica de alguns protagonistas. Elas não apenas lhes sinalizariam realidades “maiores”, mas os inseriria nessas realidades, de modo egossintônico e reforçador de um autoconceito positivo. Recorrendo a um exemplo fornecido pela contatada E2.6 antes de sua entrevista formal, “*Eu nem podia acreditar, mas era o próprio Ashtar Sheran! Por que ele escolheu aparece logo pra mim? É muito merecimento!*”

Adicionalmente, Mathijssen (2009) discute o papel que crenças paranormais podem exercer enquanto provedoras de crivos para interpretação de realidades caóticas entre pessoas com tendências esquizotípicas, com decorrente ganho em controle mental e organização interna. Além disso, as crenças paranormais também poderiam prover mecanismos de *coping* (enfrentamento), auxiliando a lidar com quadros ansiosos. Assim, também as crenças paranormais teriam tal função adaptativa para o indivíduo.

2. Como os próprios abduzidos e contatados sugerem, experiências anômalas independentes de transtornos mentais ocorreriam em etapas anteriores de vida e, por falta de recursos intra e intersubjetivos para sua elaboração, desencadeariam dificuldades adaptativas posteriormente superáveis. Essa segunda hipótese é menos parcimoniosa que a primeira por, da parte dos protagonistas, partir da realidade ontológica de fenômenos cientificamente não

provados, e, por parte de uma reflexão científica, depender da causação de indicadores de transtornos mentais a partir de experiências anômalas independentes e de origem incerta.

3. Poderia haver sobreposição entre perfis mais propensamente psicopatológicos e experiências óvni, ao compartilharem características. Sobre sua adequação para os achados da presente pesquisa, a hipótese necessita de investigação que descortine processos pelos quais as duas variáveis se sobreporiam.

4. Há a possibilidade de outras variáveis subjazerem tanto sintomas psicopatológicos quanto experiências de abdução e contato. De forma semelhante à hipótese terceira, tais variáveis precisariam ser investigadas e evidenciadas em estudos futuros. Uma possibilidade a esse respeito seriam novos estudos sobre perfis de personalidade de abduzidos e contatados, replicando e ampliando a presente pesquisa.

5. Por fim, há a possibilidade de concomitância casual, em fases anteriores da vida dos protagonistas, entre experiências óvni e características pré-mórbidas. Contudo, essa hipótese perde parcialmente sua força diante dos achados desta pesquisa, pois, caso houvesse independência entre as variáveis, as pretensas características pré-mórbidas não deveriam ser evidenciadas de forma mais significativa no grupo E2 em relação a C2. Contudo, dada a reduzida amostra utilizada, a hipótese permanece enquanto passível de teste em pesquisas futuras.

Portanto, embora a hipótese de associação entre experiências óvni e transtornos mentais formais tenha sido inicialmente refutada, maior refinamento é necessário para investigar sutilezas da relação experiência-saúde psicológica, especialmente para as experiências mais complexas.

Embora o presente estudo se concentre nas experiências anômalas referentes a óvnis, a utilização dos nove critérios de Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) para distinção entre experiências anômalas saudáveis e transtornos mentais possibilita também comparações com experiências espirituais e mesmo outras categorias de anomalias em estudos futuros. Os

perfis psicopatológicos oriundos do estudo exploratório (Martins, 2010b), desta pesquisa e similares podem então ser comparados aos perfis de protagonistas de outras categorias de experiências anômalas. Contribuindo na compreensão de cada categoria de experiência, assim como das experiências anômalas enquanto um todo e mesmo dos transtornos mentais, podem ser discutidas regularidades e dissimetrias entre as diferentes formas de experiências em termos de seus eventuais componentes psicopatológicos causais, correlatos ou consequentes. Assim, aliado a pesquisas sobre anomalias, tais estudos podem fornecer elementos para a construção e testagem de modelos amplos das relações entre experiências anômalas e transtornos mentais, como recomendado em Berenbaum et al. (2000). Finalmente, tais possibilidades são reforçadas pela proporção significativamente maior de outras categorias de experiências anômalas entre protagonistas de experiências óvni em relação a seus respectivos grupos controle (cf. Tabela 3, capítulo 11), o que pode significar paralelos interessantes.

13.4. Atribuição de causalidade e outras questões psicossociais

E se este mundo for o inferno de outro planeta?

Aldous Huxley

Zangari e Maraldi (2009) expõem uma linha histórica na qual as tentativas iniciais de investigação científica acerca da mediunidade, que caracterizaram o século XIX e cujos ecos ainda são plenamente audíveis, primaram pela ênfase nas dimensões intrapsíquicas dos médiuns, em detrimento de variáveis psicossociais. Desse modo, fraudes, transtornos mentais, sugestionabilidade e congêneres dominaram e ainda protagonizam as hipóteses centrais de diversos estudos. Apenas em anos recentes, novas pesquisas começaram a equilibrar a compreensão das experiências, ao considerar com análoga ênfase as crenças compartilhadas

pelo grupo, as dinâmicas sócio-históricas, as relações afetivas entre os membros do grupo, entre tantas possibilidades de ordem coletiva.

Certamente as variáveis intrapsíquicas desempenham robusto papel na edificação e consolidação de experiências anômalas. Contudo, a complexidade das experiências convida imperativamente à busca por dimensões psicossociais que fundem, complementem e/ou contextualizem os achados nas dimensões ditas internas. Assim, este estudo prima por uma dupla ênfase, que abrange o intrapsíquico (personalidade e saúde mental) e o psicossocial (atribuição de causalidade, causos, lendas urbanas e outras), reconhecendo que ambas as instâncias se relacionam interdependentemente. Certamente, há diversas outras variáveis em jogo e enfoques possíveis. Ainda assim, o presente recorte pretende permitir investigações futuras mais complexas, além de possuir valor em si mesmo.

De início, como sugerido por Lewis (1995) a respeito dos contatados, os referenciais utilizados pelos protagonistas de ambos os grupos para compor e elaborar as experiências aqui investigadas parecem refletir arraigados valores pessoais e culturais. Desse modo, ciência (ou representações sociais dela), religiões tradicionais (tanto orientais quanto ocidentais) e tópicos da Nova Era constituem referenciais destacados no cenário pós-moderno, ainda mais quando combinados das mais diversas formas. Os arranjos peculiares que daí emergem em combinações incontáveis acabam por compor a visão de mundo dos protagonistas, servindo de referencial para elaboração não apenas de suas experiências óvni, mas do quadro maior de realidade em que essas se inserem e sobre a qual também exercem influência.

A maior proporção de experiências anômalas nos grupos experimentais em relação a seus respectivos grupos controle agrega elementos a esse cenário, como mediunidade, curas espirituais, intuições e sinestésias, ao que se somam outras experiências óvni para 48,6% do grupo E1 e 90,9% do grupo E2. Assim, a realidade maior sinalizada pelas experiências passa a harmonizar alienígenas, espíritos, aptidões humanas excepcionais e toda sorte de realidades sutis a facilitar o questionamento de valores e crenças convencionais da cultura mais ampla.

Interessante notar que, tanto para depreciação quanto para corroboração, a vinculação entre experiências óvni e outras categorias de experiências anômalas é feita não apenas pelos protagonistas, mas pela população em geral, como sugerem as indicações de protagonistas destas últimas enquanto eu procurava pelas primeiras.

E como não apenas os protagonistas preenchem esse cenário multifacetado, os não-protagonistas também adentram ao jogo de influências, de modo a enriquecer ainda mais o quadro, seja na macroesfera, quando influenciam e são influenciados pela cultura como um todo, seja na microesfera das experiências óvni. As respostas dos voluntários controle, ainda mais quando pensadas em sua representatividade na cultura, exemplificam esse interjogo, tanto quando elaboram sob os mesmos referenciais esotéricos/ufológicos o ícone óvni como quando consideram as experiências enquanto fruto de insanidade, mentira, exibicionismo etc. Nesse último caso, as atribuições parecem tanto se nutrir da tendência de nossa cultura para efetuar atribuições internas quanto prestar contribuição ativa para as atribuições esotéricas e/ou ufológicas ao lhes oferecer um contraponto contra o qual os protagonistas reagem. E as opções mais imediatamente disponíveis para a elaboração alternativa parecem ser justamente as esotéricas e/ou ufológicas.

Por sua vez, as ciências (ou respectivas representações sociais) também compõem o mosaico de influências, mas de modo ambíguo, em que os protagonistas ora se apóiam, quando lhes são em algo favoráveis, ora as utilizam como contraponto para reação semelhante àquela acima contra as atribuições internas da cultura. Assim, referenciais esotéricos e religiosos tradicionalmente assentados na Terra e em uma dimensão sobrenatural um tanto distante têm seus domínios multiplicados ao incluir, de modo aparentemente concreto e visualizável pela ciência ou suas representações, bilhões de galáxias, com bilhões de planetas cada, dimensões paralelas e épocas distantes entre os quais se poderia viajar. Ao mesmo tempo, a ciência acaba como representante do que há de mais terreno e limitado, quando

defende o ceticismo e levanta ressalvas contra viagens espaciais a longas distâncias, usos indiscriminados de conceitos da mecânica quântica, falibilidades do testemunho humano etc.

Portanto, enquanto a esfera cultural maior oscila entre considerar os protagonistas como mentirosos, iludidos, transtornados, sortudos (“estavam no lugar e hora certos”), azarados (“lugar e hora errados”, como no caso de penosas abduções) ou escolhidos por critérios misteriosos, eles próprios acabam por ora compartilhar desses referenciais (como quando questionam a própria sanidade ou consideram a experiência fruto do acaso ou de arbitrariedade dos alienígenas), ora por se reconhecerem, egossintonicamente, enquanto parte ativa de um plano maior de ordem divina, mística, superior. Tende a incluir-se aqui a construção de um autoconceito totalizador, que resgata mesmo passagens obscuras da história de vida e as integra positivamente enquanto expiação e preparação para um destino maior.

Embora a última opção tenda muito mais facilmente a afetar a auto-estima dos protagonistas, as primeiras também podem fazê-lo, tanto ao permitirem uma ressignificação da realidade (e.g., pensar em outros planos ou níveis de existência) quanto, em um sentido negativo (de acordo com os próprios), ao fornecerem contexto para desconfiança, sobressalto e insegurança de abduzidos que se reconhecem como talvez insanos ou então desprotegidos diante de forças maiores que podem vigiá-los, raptá-los e maltratá-los a qualquer momento. Em caso de autoconceito positivo, não raro os protagonistas se apresentam dispostos a defendê-lo não apenas diante do questionamento cético, mas mesmo de outros testemunhos que poderiam banalizar as suas próprias experiências, como parecem sugerir algumas reações adversas (e.g., descrédito, depreciação) quando descobrem outros relatos semelhantes. Como ilustração adicional, a contatada E2.7 chegou a admitir, entre risos, ter experimentado um período em que sentia “ciúmes” (sic) quando alguém relatava ter contatado determinado alienígena.

Tal combinação pós-moderna de influências parece decisiva também para permitir uma das poucas mudanças nos padrões das experiências, se comparadas àquelas da literatura

informal e, principalmente, internacional. Enquanto os contatados do início da Era Moderna dos Discos Voadores (cf. capítulo 5) alegavam se encontrar fisicamente com naves e extraterrestres benevolentes, num paradigma iniciado por George Adamski, na Califórnia (Lewis, 1995; Suenaga, 1999), os contatados atuais alegam uma combinação entre encontros físicos e as largamente predominantes experiências sutis, ocorridas em estados alterados de consciência, experiências fora do corpo, sonhos e situações assemelhadas. Há de se notar a semelhança, talvez em tom de retomada, entre os contatos sutis atuais e aqueles anteriores à década de 1940 resgatados por Melton (1995), quando naves não eram mencionadas e os contatos aconteciam por meios igualmente sutis. Esse movimento de integração dos paradigmas anterior e posterior à década de 1940 parece não apenas permitido, mas potencializado pela ampla mescla de referenciais a compor a elaboração das experiências óvni que abrange desde tradições orientais arcanas até prováveis representações sociais da física moderna, não sem antes passar por influências como os mestres ascensos de Helena Blavatsky. Assim, uma pluralidade propriamente pós-moderna acaba por permitir incontáveis arranjos intra e intersubjetivamente validáveis para descrever e elaborar experiências. Isso inclui a distinção antes usual e agora problematizada entre contatados e abduzidos, pois as fronteiras entre diferentes sistemas interpretativos, ao gosto da pós-modernidade, parecem se afrouxar.

Contudo, tal relação entre referenciais e experiências não parece vertical daqueles em relação a estas, mas de mútua influência, pois tanto as experiências são traduzidas pelos crivos interpretativos historicamente datados quanto validam, ampliam, inspiram e transformam esses crivos. Assim, afigurar-se-ia uma relação dialética entre as experiências e os referenciais, possivelmente na espiral ascendente que permite experiências e relatos progressivamente destoantes dos referenciais culturais partilhados pela maioria. As noções científicas, esotéricas e religiosas encontram nas experiências exemplos confirmadores e ampliadores, ao retratar a pluralidade de vida no universo, possibilidades tecnológicas de

naves espaciais, interfaces entre consciência e matéria, capacidades paranormais de alienígenas e seus contatados terrestres, além de profecias apocalípticas e de salvação da alma. Em contrapartida, as experiências são consolidadas e ampliadas graças aos referenciais, de modo que luzes não identificadas são descritas e lembradas como naves espaciais pilotadas por inteligências complexas e que não raro possuem nomes e histórico pessoal, sonhos ambíguos se tornam contatos frontais com alienígenas, episódios de vida aparentemente anômalos ganham significado robusto, atribuições pessoais se tornam provações preparatórias para os contatos, entre outras tantas possibilidades.

Como exemplares adicionais das relações entre cultura e experiência óvni, os protagonistas parecem repetir o que Melton (1995) constatou ao analisar historicamente os contatados: embora aleguem que suas experiências reflitam realidades muito destoantes do que seria conhecido pelo cidadão comum (e.g., como funcionam os óvnis, como seria o planeta natal dos alienígenas), as informações que fornecem em apoio a tal transcendentalismo se adéquam em grande parte ou mesmo totalmente ao que já circula na cultura previamente às experiências em si. Resgatando os exemplos clássicos, Emanuel Swedenborg, Helene Smith e diversos outros contatados forneceram riquíssimas descrições dos planetas que teriam visitado, de seus hábitos e formas de vida. Mas, de modo representativo, restringiram suas informações ao que a cultura de cada um já dispunha. Assim, enquanto Swedenborg visitou apenas os planetas do sistema solar conhecidos no século XVIII, Smith se mostrou fluente em uma língua marciana basicamente similar ao francês, o idioma nativo da contatada (cf. capítulo 5).

De modo semelhante, muitos óvnis descritos hoje parecem funcionar com motores à combustão ou que, de outra forma também imaginável hoje, geram calor que deixa vegetações chamuscadas, apresentam escadas, rampas, trens de pouso de aparência hidráulica e painéis com alavancas, botões ou cristais. Mesmo quando em forma alegadamente mais avançada, tal progresso é descrito em termos coerentes com noções científicas (incluindo

representações sociais) presentes na cultura sobre diferentes estados da matéria, possibilidades de dimensões paralelas, frequências e outros temas previamente existentes em outros domínios que não os alegados contatos com alienígenas. Analogamente, os descritos planetas dos alienígenas possuem ruas, prédios, trânsito. A morfologia dos seres é antropomórfica em medida plena ou quase, entre outras referências possíveis de se estabelecer para com o cotidiano terrestre. Como um exemplo adicional interessante, a entrevistada E1.32 relatou um “sonho” que crê ter sido uma experiência fora do corpo, na qual ela visitou um planeta estranho com três luas e participou de uma conferência (“*era igual à ONU*”, sic) com representantes de diversas civilizações alienígenas; ela representava a Terra. Entre os muitos detalhes familiares está a longa fila em que a protagonista relatou ter aguardado até entrar no auditório.

Evidentemente, a constatação dos paralelismos experiência-cultura deve ser considerada cuidadosamente, em proporções adequadas que evitem ou reduzam a chance de equívocos argumentativos, falsos problemas e conclusões apressadas. Embora o incentivo cultural seja reconhecível em tantos casos, cabe lembrar a possibilidade, seja geral, seja específica a um ou outro aspecto, de relações dialéticas, em que experiências também contribuam para a renovação de ícones culturais ao inserirem elementos novos ou ressignificados. Talvez um exemplo resida na morfologia dos alienígenas que ainda domina os relatos de abdução e motiva estranhamento em Sagan (1996):

O extraterrestre moderno típico, conforme relatado na América do Norte nos anos 80 e início dos 90, é pequeno, com olhos e cabeça desproporcionalmente grandes, feições pouco desenvolvidas, sem sobrancelhas ou genitália, e com uma pele cinzenta lisa. Estranhamente, ele me lembra um feto mais ou menos na duodécima semana de gravidez ou uma criança faminta. Por que tantos de nós estariam obcecados por

fetos ou crianças mal nutridas e imaginando que eles nos atacam e manipulam sexualmente, é uma questão interessante (p.139).

Como elemento adicional a complexificar a relação experiência-cultura, seria natural que experiências altamente bizarras, independentemente de sua origem, fossem descritas em termos com que os protagonistas pudessem lidar, sem que houvesse, necessariamente, uma correspondência literal entre descrição e experiência original. Desse modo, a expressão “*é como se*” surge frequentemente nos relatos, sugerindo que a analogia não é exata e que um grau de estranheza permanece. Não raro, as analogias surgem após algum tempo e esforço para se encontrar as melhores palavras. Silêncios, titubeios e gestos para apoiar a descrição verbal tendem a compor o momento. A título de exemplo, extraído de uma das entrevistas com a contatada E2.6, “*é como se fosse o controle remoto do objeto [o óvni] nas mãos dele [do alienígena]*”. Recorrendo ao participante E1.21, “[o óvni] *lembrava, curiosamente, uma bola de basquete.*”

A dificuldade descritiva e a tendência ao uso de analogias para descrever experiências óvni estranhas, mas pessoalmente reais, encontram fortes paralelos na literatura internacional, o que sugere uma tendência universal na elaboração das mesmas. Apenas como fagulhas ilustrativas e informais, extraídas de um universo muito maior de exemplos possíveis, recorro a dois autores que, a despeito das críticas que sofrem (significativa parcela das quais pertinentes), acumularam décadas de registro de experiências óvni em primeira mão em outros países. Um motivo adicional para a escolha de ambos reside em sua relativa antiguidade, aproximadamente quarenta anos, e, ainda assim, adequação à aparente tendência atualmente verificada.

A experiência tem a "realidade " de um evento físico tangível, tal como, por exemplo, a percepção de um acidente de automóvel ou de um elefante

atuando em um circo, exceto por uma coisa; enquanto as testemunhas têm um vocabulário adequado para descrever os automóveis e os elefantes, quase sempre se encontram sob uma embaraçosa falta de palavras para descrever a sua experiência óvni (Hynek, 1972, p. 28)⁸¹.

“Ele era como dois pães de hambúrguer, um em cima do outro, com um pedaço de carne no meio e saindo ao redor”. Aqui temos uma tentativa genuinamente honesta de descrever um evento inexplicável, mas muito real, dentro do contexto do vocabulário comum da testemunha e da experiência cotidiana (Fowler, 1974, p. 6)⁸².

Portanto, é possível que uma relação dialética cultura-experiência explique mais facilmente as dinâmicas transformações que os relatos sofreram desde a década de 1940 (e.g., a virtual extinção dos antes fartos relatos de extraterrestres coletando amostras no solo), ao mesmo tempo em que alguns elementos essenciais persistem amplamente (e.g., os formatos esférico, cilíndrico e discóide da ampla maioria dos óvnis descritos).

Por sua vez, embora a ufologia esteja disseminada, e embora a mídia veicule informações sobre o tema de modo intermitente e haja a mencionada proliferação de *websites* relacionados, o que permitiria ao cidadão comum dispor facilmente de noções sobre o tema, as onipresentes reações negativas (na perspectiva dos protagonistas) em seu círculo social imediato evidenciam um descrédito significativo e automático, a despeito da curiosidade pública que motiva constantemente novas produções midiáticas. Ao que a revisão de literatura

⁸¹ Livre tradução a partir de: “The experience has the ‘reality’ of a tangible physical event, on a par with, for example, the perception of an automobile accident or of an elephant performing in a circus, except for one thing; whereas reporters have an adequate vocabulary to describe automobiles and elephants, they are almost always at an embarrassing loss for words to describe their UFO experience”.

⁸² Livre tradução a partir de: “It was like two hamburger buns, one on top of the other, with a sandwiched piece of meat sticking out all around’. Here was a genuinely honest attempt to describe an inexplicable but very real event within the context of the witness’s common vocabulary and everyday experience”.

apuro, o Brasil não possui pesquisas de amplo alcance sobre a crença e o conhecimento sobre óvnis entre a população, de modo que as presentes possibilidades e ressalvas se nutrem basicamente das respostas dos voluntários aqui investigados.

Acerca das noções do cidadão comum sobre óvnis e da reflexão sobre o binômio experiência-cultura, as entrevistas, incluindo aquelas realizadas ao longo dos últimos catorze anos, evidenciam que tanto os protagonistas quanto os membros de seu círculo social imediato tendem a assumir uma de duas possibilidades: (1) ora possuem conhecimento esotérico-ufológico resultante de buscas ao longo dos anos, o que seria típico para contatados, (2) ora possuem noções bastante vagas sobre o tema, baseadas em fontes como cinema e reportagens superficiais, tendência dos não-protagonistas e de parcela não-desprezível de protagonistas de experiências mais “simples”. A esse respeito, algumas vezes pude me deparar com a surpresa (e mesmo comoção) que protagonistas apresentaram ao descobrir, após me perguntarem a respeito, que sua experiência não era única no gênero. Por seu turno, as reações coletivas, por seu teor patologizante e seu estranhamento diante de experiências padronizadas e sua prevalência, também evidenciam um significativo desconhecimento do tema.

Assim, para as experiências mais “simples” e mesmo para as mais “complexas” antes das buscas laboriosas feitas pelos protagonistas, sugiro que tais noções mais facilmente disponíveis na cultura sobre óvnis sejam tênues ou frouxas para justificar, solitariamente ao menos, a complexidade e precisão das narrativas apuradas. Jung (1958/1988) se deparou cedo com essa constatação e a compreendeu em termos arquetípicos, enquanto tendências aculturais, afloradas do inconsciente coletivo, para símbolos recorrentes nas experiências óvni. Dada a pluralidade de enfoques psicológicos e das ciências humanas em geral, outras perspectivas teóricas são bem-vindas para compreender como e até onde a cultura abarca, e o que a transcenderia.

Por seu turno, não pretendo argumentar que o estranhamento de protagonistas e da cultura seja constitutivo do meio brasileiro com um todo ou de forma homogênea. Sugiro que a cultura abraça melhor essas experiências em regiões interioranas, de modo que a amostra deste estudo, tipicamente urbana, não dispõe de tantos recursos socialmente partilhados e facilmente acessíveis para sua elaboração. Apesar de a minha experiência evidenciar que regiões interioranas possuem recursos culturais fartos para a elaboração de episódios análogos (como folclore esmerado e prontamente disponível, que descreve comportamentos, intenções e origens de luzes e seres anômalos como Mãe do Ouro, João Galafuz, Moto Fantasma, Aparelho, Moema, entre tantos), esses recursos parecem circunscritos a tais contextos culturais, de modo a não beneficiarem populações de regiões altamente urbanizadas, justamente essas de onde deriva a maioria dos participantes desta pesquisa. Alguns voluntários chegaram a referendar os ícones interioranos, mas, com grande desconfiança (como em Marçolla & Mahfoud, 2002).

Diante da complexidade do tema cultura-experiência, devemos cuidar para não assumir argumentos tautológicos, através dos quais aprendizados subliminares inverificáveis poderiam explicar os elementos de todas as experiências. Com análogo cuidado, sugiro como hipótese que um embasamento cultural normatizador de experiências óvni em geral, ou de um tipo particular, requeira um reforço mais explícito para ser amplamente eficaz, tal como ocorre com médiuns densamente doutrinados (e.g., Zangari, 2007). Mas, ao contrário desse cenário, as informações sobre óvnis e extraterrestres, a despeito de sua aludida disponibilidade, parecem circular em subgrupos específicos e muito menores dentro da cultura, sendo amplamente ignorados e, mais ainda, rejeitados por uma ampla parcela da população. Assim, o papel normatizador dessas informações pode ser problematizado, o que convida a pesquisas futuras sobre o impacto psicossocial do ícone óvni.

Em relação a interfaces entre o senso crítico preservado dos protagonistas e a cultura, flertando com o discutido sobre o universal e o histórico, é útil recorrer a Paiva (2007), que

evoca o conceito das contra-intuições. Essas remetem à aptidão universal da espécie humana para reconhecer a pretensa violação de princípios naturais como permanência do objeto, gravidade e outras noções que nas etapas iniciais do desenvolvimento do organismo se tornam naturalizadas. Nos campos de tensão entre intuições e contra-intuições, somados à tendência natural em atribuir agentes causais, emergiriam as crenças e experiências religiosas. Ainda de acordo com Paiva, a emoção, como organizadora dos demais módulos cognitivos, confere firmeza à adesão a noções contra-intuitivas.

Assim, mecanismos inatos favoráveis à emergência de experiências religiosas (e potencialmente de experiências anômalas) encontrariam na cultura vias para sua elaboração, através da atribuição de agentes causais ao menos moderadamente conhecidos e situados entre o mundo material e o sutil, como parecem ser os extraterrestres. Isso remete à discussão de Marçolla e Mahfoud (2002) sobre luzes anômalas relatadas em Caeté, Minas Gerais, a partir de Taylor⁸³, quando os autores argumentam que a dimensão do sagrado fornece à razão contexto para reconhecer plausibilidade nas experiências.

Em suma, portanto, as experiências e protagonistas abarcados na presente pesquisa frequentemente evocariam o sobrenatural, muitas vezes sacralizado (e.g., mestres ascensos que trabalham para o próprio Jesus Cristo), para conferir sentido e lidar com o caráter contra-intuitivo de suas experiências. Isso não contradiria o mencionado antes sobre o problematizável papel da cultura nas experiências, mas sim apoiaria o também exposto sobre uma possível relação dialética entre experiência e cultura, quando ambas não poderiam ser reconhecidas como responsáveis isoladas pelo cenário final, mas estabelecem uma relação de interdependência.

⁸³ Taylor, C. (1997) *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola.

Especialmente diante da complexa dinâmica que inclui sagrado, elaboração das contra-intuições, referenciais diversos assimilados ao longo dos anos, espiral ascendente de complexidade, validação intra/intersubjetiva e intensa emoção, outro desdobramento possível da interdependência entre cultura e experiência é a rapidez e a aparente facilidade com que são aceitas noções altamente contrastantes com o consenso cultural maior. Assim, a despeito de explicações outras que poderiam ser consideradas mais parcimoniosas, torna-se compreensível o quão prontamente são aceitas, mesmo diante do mais tênue indício, explicações como a presença de espaçonaves às vezes gigantescas, aparições cotidianas de um comandante estelar como Ashtar Sheran e minha identidade como abduzido/híbrido/extraterrestre reencarnado.

Finalmente, ao incluir também os demais achados sobre personalidade e saúde psicológica aqui apresentados, os quais ao mínimo problematizam explicações simples e generalistas para as experiências e crenças relacionadas, todo o cenário depõe contra uma noção que parece permear tanto atribuições do grupo controle quanto da esfera cultural maior, incluindo possivelmente a maioria dos assim denominados cétricos: a linearidade do razoável. Embora as contra-intuições sinalizem universalidades da espécie quanto ao que é ou não esperado, as possibilidades culturais incidem sobre elas e sobre os demais domínios da vida humana, organizando o caótico e o comum. Assim, mesmo quando diante de crenças altamente afrontosas ao consenso usualmente partilhado, essas mesmas que usualmente sugerem ao crivo da maioria a completa falta de bom-senso daqueles que as professam, devemos recordar que os consensos, ainda que fundados em uma matriz biológica comum, são também geográfica e historicamente situados. Assim, mesmo para os casos mais radicais, não haveria uma razoabilidade linear, absoluta e acultural que distinguisse certo e errado, o bom e o mau senso, mas complexos jogos de influência compostos por valores, experiências, crenças, emoções, *Zeitgeist*, pressões sociais e outras variáveis da qual a psicologia dos grupos e campos de estudo afins se ocupam.

Isso não significa propor um relativismo desenfreado, pois isso incorreria no extremismo oposto: do razoável universal à completa e caótica relatividade. Sugiro que uma perspectiva útil e construtiva para esse e outros casos análogos se situe na posição intermediária do continuum. Interessante seria, portanto, considerar as universalidades da espécie, lembrando que também possuem uma história (i.e., evolutiva), e superpor-lhes variáveis situacionais também decisivas, de ordem intra e intersubjetiva. Embora me escape a autoria da frase, “nem tudo é psicológico, mas o psicológico está em tudo”. O mesmo poderia ser dito sobre a história, a biologia e os demais campos que se entrecruzam para edificar a complexa experiência humana. E as experiências anômalas se encontram nesse sistema de forças, carregando consigo uma série de desafios explicativos. Assim, reduzir as crenças e experiências óvni à insanidade, falta de bom senso e hipóteses afins que partem da premissa de uma única razoabilidade, ainda mais quando feito com a costumeira convicção, parece exemplificar magistralmente o que Ross (1977) chamou de erro fundamental de atribuição (cf. capítulo 8), pois ignora diversas variáveis em jogo ao executar uma atribuição interna.

Ainda contra a noção de um relativismo absoluto, é correto dizer, em termos gerais, que a grande maioria das experiências óvni pode ser parcimoniosamente explicada como farsas e erros de interpretação de fenômenos conhecidos pela ciência, como balões, astros observados em condições incomuns, fenômenos do sono etc. (e.g., Saliba, 1995). E muitos dos argumentos de ufólogos e protagonistas em geral se sustentam em pilares que violam princípios elementares da argumentação sistemática, pois incorrem em falácias lógicas⁸⁴ e outras falhas comprometedoras das suas conclusões.

⁸⁴ Falácias lógicas são argumentos que “parecem” corretos, mas ocultam sob tal aparência inconsistências lógicas que comprometem suas conclusões. Entre os exemplos mais comuns de falácias cometidas em favor da realidade extraordinária de experiências óvni estão a falácia de apelo à autoridade (quando a respeitabilidade de alguém é evocada como prova definitiva da realidade de uma impressão subjetiva sua – e.g., pilotos que alegam experiências óvni –, como se tais autoridades não estivessem sujeitas à falibilidade humana) e a falácia *ad hominem* (quando, em um embate, um argumento é desmerecido atacando-se atributos reais ou imaginados de seus defensores, como a “mente limitada e provinciana” dos cientistas céticos).

Contudo, uma porcentagem minoritária e difícil de determinar dos episódios parece portar desafio explicativo maior, ao que a psicologia anomalística tem papel superlativo a desempenhar diante do elemento unificador desses casos, que lhe confere grande potencial elucidativo: o fator humano.

Ademais, mesmo os episódios parcimoniosamente explicáveis, assim como os argumentos enviesados que permeiam o tema, são de interesse científico, ao permitir estudar aspectos sutis de percepções, crenças, valores etc., tendo como contraponto referências objetivas sobre os estímulos sensoriais originais dos episódios e mesmo os aspectos lógicos da retórica. E para que experiências e crenças óvni intrincadas emirjam de estrelas ou outros estímulos e ocasiões “simples”, assim como para que a lógica argumentativa seja aplicada em uma série de contextos diários, mas não diante de experiências e crenças óvni, precisam atuar variáveis intra e intersubjetivas complexas e interessantes ao estudo, como dito anteriormente. Portanto, em episódios mais simples e mais complexos, diante de percepções, crenças e argumentos, podemos evitar erros fundamentais de atribuição e edificar novos estudos fenomenológicos e ontológicos sobre hipóteses coerentes com a complexidade tanto das experiências quanto do dinamismo biológico-psicológico-social do ser humano.

Retomando os alienígenas, os achados brasileiros, referentes tanto aos protagonistas quanto aos grupos controle, também os colocam na condição de “anjos tecnológicos” apresentada por Lewis (1995, p. XIII), pois representam e desempenham funções outrora e concomitantemente divinas. Assim, apresentam-se como um ponto de convergência entre tradição e modernidade, resgatando funções e ícones religiosos, mitológicos e folclóricos, e conferindo-lhes roupagens modernas, como discutido por Bullard (1989) e Dewan (2006b).

Já as sete características apontadas por Saliba (1995, p. 41-48) para aproximar as experiências óvni do campo religioso se evidenciam presentes: os alienígenas tendem fortemente a ser misteriosos, transcendentais, sobrenaturais, perfeitos, salvadores,

redefinidores da visão de mundo e fomentadores de evolução espiritual. Contudo, vale destacar que a convicção acerca de origens e objetivos dos alienígenas não se apresenta tão robusta quanto sobre a realidade da experiência em si. Assim, talvez a dimensão do mistério seja a mais presente dentre as sete.

A despeito dessa constatação transcultural, o contexto brasileiro possui especificidades evidenciadas pelos achados. Assim, as experiências dos voluntários apresentam ampla variedade de alienígenas, incluindo conformações diversas e até raras, mesmo na literatura informal estrangeira, como seres de um único olho e à semelhança de monstros. Dado o papel aparentemente universal do folclore enquanto parte das experiências, aquelas brasileiras se distinguem também ao incluírem ampla diversidade dessa ordem, com seus respectivos objetivos e trejeitos regionais, como Mãe do Ouro, Moema, Fogo Corredor, Boitatá, Alamoia, Mboi-guaçu, Alma Penada, Chupa-chupa, João Galafuz, Carro-fantasma, Moto-fantasma, lobisomem, entre tantos a emergir mesmo em relatos urbanos. Assim, as experiências óvni brasileiras representam pontes não apenas entre a tradição e a modernidade, mas entre universalismos e regionalismos, nos eixos estrangeiro/brasileiro e rural/urbano.

Aproveitando a menção a personagens folclóricos, as experiências aqui investigadas repetem as ressalvas de Bullard (1989) em relação ao plano geral das lendas e pensadas sobre experiências óvni estrangeiras, pois, enquanto narrativas, não apresentariam o elemento emocionante necessário para ocasionar suspense, esperança e apreciação estética do ouvinte. Ao contrário, os relatos, tipicamente alvo de reserva por parte dos protagonistas, não parecem construídos enquanto peça de arte ou entretenimento, sendo, ao contrário, ora decepcionantes, ora sem sentido, ora entediantes, ora breves. Já as classificações propostas por Dewan (2006b) das experiências óvni enquanto “narrativas de experiência pessoal” e, mais especificamente, “memorados” (cf. capítulo 9) parecem se adequar, pois sinalizam as distinções em

relação a outros gêneros de histórias extraordinárias, ao mesmo tempo em que estabelece com elas conexões temáticas e sublinha o aspecto de realidade vivida.

Por sua vez, a potencial aproximação entre experiências óvni e os causos e lendas urbanas se evidenciou moderada. Uma ponte começa a surgir pela menção à Mãe do Ouro e outros personagens folclóricos que protagonizam várias das requisitadas narrativas interioranas. De fato, experiências óvni e causos remetem a entidades sobrenaturais, feitos sobre-humanos, aberrações da natureza e acasos extremos, entre outras possibilidades fantásticas relatadas enquanto fatos reais localizados no tempo e no espaço, além de terem autoria determinada. Ademais, tanto nas experiências óvni quanto nos causos, o extraordinário desempenha seu papel na elaboração de questões intra e intersubjetivas importantes, além de resgatar e presentificar a tradição. Mas as semelhanças parecem findar nesse ponto. O caráter tipicamente reservado do protagonista em relação à divulgação do relato, a pouca ou nula importância explícita dada à aceitação ou reação do ouvinte, o caráter urbano dos relatos deste estudo, a ausência do componente estético/narrativo atraente dos causos e a ligação não raro frouxa e desconfiada em relação a referenciais culturais maiores problematiza a aproximação com os causos. Como outra distinção importante, os relatos óvni, especialmente quando “simples”, tendem a constituir narrativas apartadas de qualquer contexto maior, ao contrário dos causos. Citando Batista (2007),

Um caso quase nunca vem sozinho, ele se insere numa rede viva e nunca repetida de histórias: na contação. É importante observar, no entanto, que na maior parte das vezes, os causos contados não compõem somente uma contação, entendida como sequências de narrativas encadeadas pelos temas ou personagens: em geral, os causos fazem parte de uma conversa demorada, ligam-se aos assuntos

tratados na interlocução, a título de exemplo ou ilustração, servindo como argumento, corroboração, exercício de memória. Assim, são os assuntos conversados que ensejam a contação dos causos, que estão sempre entremeados na conversação (p. 101).

Contudo, amostras rurais tornariam essa aproximação com experiências óvni certamente mais viável, rica e interessante para estudos futuros.

Por seu turno, o caráter central do protagonista em primeira mão problematiza fundamentalmente a associação das experiências óvni e as lendas urbanas, estas últimas caracteristicamente anônimas e vagas em sua origem. Ademais, embora a conotação de modernidade dos enredos, suas funções intra e intersubjetivas e os meios de difusão de ambos possam se assemelhar, o típico teor negativo das lendas urbanas pouco se evidenciou nas experiências óvni que compuseram este estudo. Mesmo as abduções, das quais se poderia esperar maior conotação negativa, foram elaboradas enquanto fundamentalmente positivas. E ainda que as experiências óvni mais complexas sugerissem uma conotação moral, especialmente quando o aprendizado ocorria em paralelismo com a jornada arquetípica do herói, sua forma se diferencia do usual para lendas urbanas, em que o protagonista ou o ouvinte devem aprender tragicamente com o erro e não com o acerto em sua conduta, como é o caso das experiências óvni aqui investigadas. Adicionalmente, as lendas urbanas costumam ter ritmo narrativo atrativo e finais surpreendentes, o que usualmente não ocorre nas narrativas em primeira mão sobre óvnis e alienígenas.

Assim, parece razoável dizer que, enquanto as dinâmicas características dos causos e lendas urbanas não eclipsam as experiências óvni, atribuições causais feitas por membros dos grupos controle e pela população em geral parecem se nutrir também desses gêneros narrativos, ao pegar de empréstimo seus temas, padrões e razões para

tentar compreender e rotular as experiências óvni enquanto histórias do interior contadas por idosos, paranóias modernas, boatos de internet etc.

Por sua vez, os protagonistas parecem flertar com os gêneros narrativos em suas atribuições, mas de forma relutante, ao estabelecer conexões possíveis (e.g., a Mãe do Ouro seria um óvni), mas não tão certas quanto a dimensão “bruta”, “sensorial”, de suas experiências pessoais. Nesses casos, como sugeriu Dewan (2006b), o referencial lendário maior pode ser útil para significar o vivido, estabelecendo-se, então, relações de interdependência entre crenças, experiências, memórias individuais e coletivas. Mas isso não permite ignorar as assimetrias importantes entre experiências óvni e os gêneros narrativos.

Acerca de outro tópico, céticos e ufólogos (alteregos um do outro, segundo Bullard, 1989; em algo semelhantes aos paranormofóbicos e paranormófilos; cf. capítulo 1) parecem constituir outro ponto interessante para pesquisas futuras. Complementarmente ao discutido brevemente neste capítulo sobre atribuições céticas, cabe comentar algo acerca de ufólogos. É comum que eles mesmos tenham protagonizado experiências óvni, e suas atividades e crenças (veiculadas pela mídia e em contato direto com protagonistas entrevistados) atuam como forças em algo normatizadoras das experiências. Nesse sentido, Cowlshaw (2004) apontou que a literatura popular sobre óvnis tende a selecionar episódios em primeira mão com determinadas características, em detrimento daqueles discrepantes, ainda que estes também pudessem ser numerosos. Assim, os episódios narrados tendem progressivamente a se conformar ao modelo (consciente ou inconscientemente) imposto pelos ufólogos, que atuam como uma pressão social.

Por sua vez, Reis e Rodrigues (2009) discutem, a partir de sua experiência pessoal de décadas no meio ufológico, o quanto vieses dos ufólogos como crenças, interesses e demandas psicológicas diversas afetam as experiências tal qual são conhecidas na cultura. Portanto, embora os ufólogos também estejam sob influência de variáveis universais e locais

que alcançam os protagonistas e não-protagonistas, suas contribuições para o cenário se delineiam bastante específicas e demandam compreensão. Diante de sua influência e dos achados relativos a eles, emergem questões que dizem não apenas desse estrato particular de pessoas, mas da compreensão das experiências óvni em geral, entre as quais: Os ufólogos possuem perfis típicos de personalidade? Até que ponto esses eventuais perfis influenciam as narrativas óvni? Como e por que eles tendem a professar maior grau de convicção acerca das experiências que os próprios protagonistas de cada caso e acerca do fenômeno como um todo? Que funções as experiências e crenças desempenham na organização psicológica dos ufólogos enquanto grupo?

Em sintonia com Reis e Rodrigues (2009), os achados qualitativos acerca dos ufólogos e minha própria convivência com eles ao longo dos anos sugerem algumas respostas provisórias e interessantes de serem tomadas como hipóteses. Embora não se possa afirmar acerca da prevalência dessas características na população maior de ufólogos sem a devida pesquisa, e embora exceções não constituam surpresa, uma proporção ao menos razoável daqueles que conheci se apresenta desconfiada e persecutória, especialmente em relação a figuras de autoridade, além de bastante familiarizada com a literatura esotérico-ufológica. Isso tenderia a atuar como viés nas experiências que privilegiam ou ignoram, sendo que tal viés inadvertidamente seria absorvido, ao menos em parte, pelo grande público, que receberia informações sob esse prisma. É possível conceber que não apenas as experiências ocupem lugar privilegiado em sua organização psicológica, mas também a própria qualidade de ufólogo, o que se associaria à condição excepcional daquele que conhece verdades importantes e largamente ignoradas pela população. Assim, não constitui surpresa o zelo e proteção que exercem sobre “seus casos”, como se protegessem a si mesmos e a própria autoestima, além da convicção maior sobre origem, objetivos e outros aspectos menos evidentes das experiências, se comparamos àquilo que os protagonistas comuns estão dispostos a aceitar robustamente. Aqui, novamente as pesquisas futuras podem descortinar até que ponto as

características pessoais desempenham papel causal, conseqüente ou de interdependência em relação às crenças e experiências óvni.

Em síntese, as experiências óvni, especialmente quando mais complexas, possuem um caráter afrontoso e mesmo caótico, assustador, inacessível, transcendente, numinoso. Sua atipicidade os torna alvos naturais para atribuições causais, pelas quais protagonistas e o meio social maior buscam conferir sentido, controle e previsibilidade a tais eventos e à realidade maior, diminuir a ambigüidade e a insegurança, possibilitar inferências e fortalecer a auto-imagem. E as atribuições acabam por desempenhar esse papel, pois eventos ambíguos, de aparência extraordinária e potencialmente ansiogênicos acabam por ter diversas de suas nuances significadas e harmonizadas diante das expectativas, conhecimentos prévios, sistemas de crença-significado descobertos nas longas buscas, memórias e valores das pessoas. Em outros termos, resgatando o modelo de Spilka et al. (1985) discutido no capítulo 8, a escolha das atribuições se dá pelo encontro de características do próprio atribuidor, das experiências a serem elaboradas e do contexto em que ambos estão situados.

Tomando de empréstimo referenciais antigos e recentes, bem ao gosto da permissiva e plural pós-modernidade, e também de acordo com a necessidade diante de experiências estranhas e desafiadoras para um ou outro referencial cultural isolado, emergem, pois, explicações de alguma forma coerentes sobre abduções, contatos amistosos e visões simples de alienígenas. Eles seriam tecnológica e moralmente avançados para vir ao nosso planeta, serem vistos ocasionalmente ou por arbítrio de seu poder maior, tantas vezes com a intenção de resgatar a humanidade do caminho errado que tomou em direção à solidão e à destruição enquanto indivíduos e espécie, para então começar a inseri-la no plano de confederações cósmicas e planos divinos. Quando alienígenas malignos entram em cena, os benignos tendem a surgir como nossos protetores. Embora a literatura mencione também elaborações negativas acerca da

presença de raças alienígenas apenas contrárias aos interesses humanos (e.g., Hopkins, 1995; Jacobs, 1998, 2002), tal possibilidade não ocorre nas amostras desta pesquisa.

Por sua vez, as atribuições internas se apresentam fortes entre os protagonistas e na cultura geral, que predominantemente explicam as experiências óvni enquanto idiosincrasias dos primeiros (tanto ao não acreditar na realidade “objetiva” das experiências quanto ao considerá-los pessoas mais atentas ou sintonizadas com os alienígenas). As atribuições externas (especialmente o acaso) também ocorrem. E o modelo de covariação de Kelley (1967; cf. capítulo 8) permite refinar a questão diante dos diferentes arranjos entre consenso, distintividade e consistência. As atribuições internas tendem a ser feitas quando o consenso e a distintividade são baixos, enquanto é alta a consistência. Assim, é comum as pessoas (grupos controle e cultura) considerarem a ampla disseminação do ícone óvni contrastante com o que pensam ser uma baixa proporção de relatos na cultura (baixo consenso), além de entenderem que os protagonistas são pessoas usualmente estranhas, talvez apenas por ousarem professar tais bizarrices (baixa distintividade, facilitada pela “saliência perceptual”) e se interessar sempre pelo assunto (alta consistência).

Raciocínio semelhante, tanto entre protagonistas quanto para não-protagonistas, poderia abarcar os casos em que o mérito dos primeiros é considerado diante do fenômeno tido como real, pois os protagonistas estariam mais sintonizados ou evoluídos que as demais pessoas que tiveram a mesma oportunidade na Terra (baixo consenso), seriam pessoas especialmente benevolentes e evoluídas em diversas situações (baixa distintividade) e enxergariam a presença extraterrestre em toda sorte de eventos sutis, incluindo outras formas de experiências anômalas professadas (alta consistência).

Por seu turno, a atribuição externa (e.g., arbitrariedade dos alienígenas) ocorre (ao se julgar os protagonistas) pelo equilíbrio das três fontes de informação, como quando se considera que qualquer pessoa que tivesse experienciado um contato reagiria de

forma intensa e transformadora, ao mesmo tempo em que tal afetação não ocorreria antes, mas somente nesse contexto. Finalmente, o acaso enquanto atribuição situacional ocorreria diante da consideração de baixa consistência (e.g., os alienígenas estariam se manifestando com grande frequência, mas o protagonista os notou poucas vezes) e indefinição quanto às demais fontes (e.g., cada protagonista se comporta de um jeito; alguns acreditam, outros não).

Ademais, para aqueles que concluíram pela natureza extraordinária dos óvnis, os comportamentos dos alienígenas também passam a ser objeto de atribuições. Note-se que, como as atribuições demandam comparações, antropomorfismos acabam se tornando recorrentes ou mesmo inescapáveis⁸⁵. Assim, os alienígenas se apresentariam furtivos e escolheriam cada pessoa para contato devido a: (1) critérios que lhes são próprios ou que dominam, constituindo uma atribuição interna, para os que consideram que o “natural” seria revelarem-se publicamente (consenso baixo), ao invés de permanecerem décadas ou séculos furtivos entre nós (consistência alta), a despeito do quanto as sociedades terrestres teriam mudado desde então, a ponto de já poderem aceitar mais facilmente a revelação da presença alienígena (distintividade baixa).

Por sua vez, (2) outros consideram que os alienígenas não se apresentam abertamente e seguem com discrição seus planos por razões externas a eles, como a condição “pouco evoluída” da humanidade. Assim, coerente com referenciais esotérico-ufológicos com os quais estabeleceriam relações dialéticas, as atribuições tendem a pregar que todas as civilizações alienígenas aqui presentes têm conosco semelhante cuidado e distanciamento (consenso alto), agindo assim por décadas ou séculos (consistência alta), ao contrário de como eles devem agir em relação a outras civilizações ou entre eles próprios (distintividade alta). Por fim, (3) em sintonia com

⁸⁵ A usual consideração da conduta de presumíveis alienígenas a partir de crivos antropomórficos torna questionáveis as conclusões daí advindas, inclusive para ciências autênticas como a astrobiologia, pois é temerário (embora necessário) considerar como alienígenas deveriam ou não se comportar, dadas as civilizações terráneas como as únicas referências existentes.

Marçolla e Mahfoud (2002), algumas atribuições situam as experiências óvni no campo do mistério insondável, de modo a faltar palavras e explicações refinadas por parte dos atribuidores. Assim, desenha-se uma atribuição situacional, diante da aparente ausência de padrões claros (consistência baixa) e ausência de convicções razoáveis sobre os demais parâmetros.

Complementarmente ao acima mencionado sobre o erro fundamental de atribuição (Ross, 1977) entre aqueles que rotulam apressadamente os protagonistas de experiências óvni, a faceta complementar do erro parece incidir sobre protagonistas e ufólogos, tanto ao julgarem os céticos como pessoas de “mente fechada”, incapazes de reconhecer verdades “auto-evidentes” sobre a presença extraterrena quanto ao considerarem, diante da própria experiência óvni que tiveram e dos próprios comportamentos que dali decorreram, apenas o que apresenta “saliência perceptual”, i.e., o caráter situacional da experiência, a intenção dos alienígenas obviamente manifesta naquele evento inegavelmente extraordinário ou mesmo as características pessoais egossintônicas que despertaram o interesse dos alienígenas. Nesse caso, todo um corpo de possibilidades internas não é considerado ou o é rapidamente, o que também lembra os escores inferiores do grupo E1 em Ponderação (C6), de modo que, diante de expectativas, desejos e vieses diversos, aquela maioria de eventos prosaicos mal-interpretados acaba tomada solidamente como experiências anômalas legítimas.

Isso não contradiz o antes exposto sobre o bom-senso dos protagonistas ao inicialmente examinar possibilidades alternativas como aviões, fenômenos naturais etc., mas sim destaca que o salto dado da não-identificação do fenômeno à conclusão de se tratarem de naves extraterrestres deixa de considerar uma série de variáveis intra e intersubjetivas cruciais. O erro estaria na falta de consideração crítica sobre a própria falibilidade (ainda que saudável), de modo que a percepção (própria e dos outros, que fornecem validações subjetivas diversas) é considerada suficiente em si mesma.

13.5. Ressalvas, críticas e sugestões

É natural que pesquisas possuam limitações, as quais, para o bem da correta contextualização dos achados e das investigações futuras, devem ser comentadas. Contudo, esse resgate crítico não se pretende completo, em parte pelas minhas próprias limitações em detectar as falhas. Ademais, outras limitações foram citadas ao longo do texto em momentos mais pertinentes.

De início, os dois instrumentos psicológicos usados, NEO PI-R e MINI PLUS, têm como elemento comum o autorrelato. Isso introduz limitações mesmo óbvias, como diante da possibilidade de vieses conscientes e inconscientes nas respostas, o que também se aplica às entrevistas. Hough e Rogers (2007-2008) chegam a sugerir que esse fator foi decisivo na única variável que apresentou diferença em seu estudo comparativo sobre personalidade entre abduzidos e um grupo controle. Ademais, ao longo da história da psicologia, o autorrelato sempre esteve no epicentro de dificuldades metodológicas, como nos estudos que utilizavam a introspecção. Contudo, o impacto da ressalva é reduzido pela sofisticação dos instrumentos, pelos copiosos estudos a se apoiarem mutuamente em vários níveis e pelas instruções explícitas e reiteradas dadas durante a aplicação para que as respostas fossem as mais honestas.

Quanto à mentira durante as entrevistas, tanto nesta pesquisa quanto na literatura acadêmica, o exame detalhado das mesmas fornece tipicamente alguns indícios de coerência, como emoções apropriadas, ausência de contradições etc. Assim, tornou-se lugar comum considerar as experiências enquanto realidades vividas, reais sob crivos subjetivos. Contudo, ainda que isso pareça correto para a maioria dos casos, e ainda que mentiras mais ou menos inconscientes possam assumir contornos de verdades subjetivas, pesquisas aguardam ser feitas sobre o papel das mentiras, especialmente aquelas conscientes, no cenário dos óvnis e das experiências anômalas em geral.

Ainda quanto às medidas e até onde pude verificar, o Brasil não possui instrumentos psicológicos adaptados e validados que permitam o estudo de diversas variáveis presentes em estudos internacionais, como tendência à fantasia (*fantasy proneness*), tendência a alucinar, entre outras. Assim, as referências feitas aqui a tais variáveis são indiretas, por associação teórica presente na literatura científica com variáveis diretamente medidas neste estudo. Assim, o desenvolvimento de novos instrumentos psicológicos para amostras brasileiras permitirá estudos mais precisos e complexos.

Por seu turno, a reduzida amostra de abduzidos e contatados implica também cuidados para interpretação e generalização dos resultados. Embora uma amostra maior tivesse sido buscada, dificuldades práticas exerceram um papel importante para sua obtenção, entre as quais:

1) Publicações não-acadêmicas sobre óvnis coincidem com minha experiência informal ao verificar um fenômeno cultural típico dos últimos anos, mas cujos efeitos negativos na presente pesquisa foram inicialmente subestimados: os grupos ufológicos, entendidos como associações informais que buscam e registram relatos sobre óvnis e temas afins, parecem estar em rápido processo de extinção. Desse modo, a ampla maioria dos meus conhecidos na área não pôde ser localizada, enquanto outros não possuem mais seus acervos de telefones e endereços de protagonistas. Ao que parece, a extinção de grupos antigos não tem sido compensada pelo surgimento proporcional de novos. Isso ocorre em detrimento do que vem sendo informalmente chamado de “ufólogos de internet”, pessoas que publicam textos sobre o assunto e realizam suas atividades unicamente em *websites*, abrindo mão de buscar testemunhos de primeira mão⁸⁶.

⁸⁶ Não são de meu conhecimento razões pelas quais se possa suspeitar que o decréscimo de grupos ufológicos se deva, em alguma medida, a um decréscimo no número de experiências óvni na cultura. Ao contrário, minhas recentes experiências em campo sugerem que os episódios ainda são constatáveis de modo numericamente expressivo.

2) Alguns ufólogos, aparentemente por razões pessoais, pareceram nutrir resistência em colaborar. Desse modo, tentativas feitas de contato e pedidos de auxílio direcionadas a eles e seus grupos não produziram resultados nas proporções inicialmente esperadas.

3) A maioria dos protagonistas de experiências óvni localizados por mim ou de meu conhecimento prévio não preencheram as condições de idade e escolaridade impostas pelo instrumento NEO PI-R. Embora tais restrições fossem conhecidas desde o início do planejamento da pesquisa, o efeito combinado dessas com as demais restrições mencionadas neste tópico, essas sim de efeitos um tanto inesperados, reduziram significativamente a extensão de participantes imediatamente disponíveis.

Ademais, os escores de uma proporção reduzida das variáveis de personalidade (cf. capítulo 11) não apresentou evidências de distribuição normal, o que limita a generalização de seus resultados. A maioria de variáveis evidenciou escores normalmente distribuídos, incluindo aqueles referentes a abduzidos e contatados, embora os testes estatísticos a esse respeito tenham sua confiabilidade reduzida quando a amostra é menor que trinta pessoas, como é o caso dos grupos E2 e C2. Como parte dos esforços por contornar essa limitação amostral, dado meu interesse pelo tema, pretendo continuar a coleta de dados com os instrumentos desta pesquisa, de modo a construir amostras progressivamente maiores nos próximos meses ou anos.

Este estudo não realizou comparações dos voluntários em recortes diferentes do inicialmente pensado (e.g., distinguindo grupos por sexo ou por grau de adesão a crenças esotéricas) em função do tamanho das amostras, especialmente do grupo E2. Assim, como o NEO PI-R também emite escores por sexo, comparações mais específicas podem ser promissoras e aguardam ocasião para serem realizados, dado meu interesse em continuar a coletar dados a respeito.

Embora o recorte deste estudo incida sobre experiências óvni ocorridas em idade adulta, quando as características de personalidade e os transtornos mentais mais interessantes

para a análise já estariam evidenciados e se poderia, portanto, discutir possíveis influências de tais características pessoais sobre as experiências, é notório e também verificado nos grupos experimentais desta pesquisa que experiências também ocorrem na infância, com destaque para abduções e contatos amistosos. Assim, as investigações futuras que desejem investigar influências da personalidade e saúde psicológica sobre os episódios ganham em considerar amostras de crianças, quando tal pretensa influência partiria, portanto, de características de temperamento e pré-mórbidas.

Hough e Rogers (2007-2008) alertam para um erro metodológico que teria imposto um viés comprometedor em diversos estudos estrangeiros anteriores: as amostras que unificam abduzidos e contatados. De forma compreensível, sugerem que processos psicológicos (ao menos parcialmente) distintos poderiam atuar em cada tipo de experiência, pois abduções e contatos amistosos tendem a se apresentar muito distintos na literatura tradicional estrangeira. A crítica dos autores chegou a inspirar a separação inicial de abduzidos e contatados para este estudo. Contudo, pelas dificuldades mencionadas acima para a obtenção de participantes e pelo comentado no capítulo 12 sobre a concomitância das condições de abduzido e contatado para o mesmo protagonista no Brasil, optei por unificar ambos os tipos. Mas isso pode, ainda assim, ter imposto vieses aos achados, inclusive comprometendo as comparações feitas com o estudo de Hough e Rogers.

Na verdade, mesmo as distinções entre as experiências “simples” e “complexas” no contexto multicultural brasileiro podem ser problematizadas, em vista de interseções entre os episódios, da ocorrência de mais de uma categoria de experiência para a mesma pessoa e do caráter inevitavelmente arbitrário da confecção de uma hierarquia de complexidade das experiências. Ademais, o privilégio dado às experiências “de olhos abertos” enquanto organizadoras da hierarquia de complexidade significa também um recorte arbitrário.

Ainda no campo das arbitrariedades, o método experimental, em que se baseia boa parte desta pesquisa, é objeto de críticas diversas (e.g., Valsiner, 2006). Uma das mais

recorrentes diz da artificialidade dos recortes experimentais, cuja arbitrariedade acabaria por impor aos dados um artificialismo que não corresponderia ao que é encontrado em condições naturais, como na efervescência das dinâmicas culturais. Por concordar parcialmente com essa crítica, tentei amenizar seus efeitos pelo uso de enfoque qualitativo dinamizador e contextualizador dos achados. Contudo, o método experimental também possui suas vantagens e seu valor heurístico, como ao descortinar papéis de determinadas variáveis em tal dinâmica, papel esse, acredito, facilitado quando a pesquisa assume um caráter quanti-quali.

Todo estudo possui recortes, o que é especialmente necessário quando há muitas variáveis em jogo, como ocorre com as experiências óvni. Assim, muitas variáveis importantes não foram abordadas neste estudo. Entre elas, uma evocada em discussões sociológicas e especialmente em comentários céticos informais é a influência da ficção científica sobre os relatos, com ênfase naqueles norte-americanos que, por poder midiático, atingiram outros países. Apenas para que um tópico tão instigante não seja lançado sem qualquer comentário, aguardo oportunidade para sugerir com detalhes que, embora reflexões céticas tenham elencado paralelos muito interessantes e relevantes, o estabelecimento das relações causais pretendidas da ficção sobre os relatos precisa considerar ao menos cinco questões:

1) A dimensão arquetípica pode servir de alicerce comum tanto para obras de ficção quanto para relatos, de forma que uma proporção incerta das evocadas semelhanças pode ser devida a esse terceiro e anterior elemento.

2) O reconhecimento de paralelos entre relatos e ícones ficcionais requer um decisivo elemento interpretativo por parte do examinador, o que levanta uma série de problemas clássicos sobre hermenêutica virtualmente desconsiderados nessas discussões sociológicas.

3) A influência da ficção prévia sobre relatos pode ser mais complexa que o inicialmente cogitado (causação direta), pois, como discutido neste capítulo, é natural que

experiências estranhas sejam elaboradas pelo uso de referenciais culturalmente disponíveis, entre os quais a ficção.

4) Ainda que a causação direta de relatos por obras de ficção ocorra em ampla escala, cumpre investigar como tal influência seria operacionalizada, i.e., como atuariam as numerosas variáveis psicossociológicas que intermediariam o processo.

5) A sugestão de precedentes ficcionais para os relatos esbarra no risco da *falácia da seleção de observações*, quando se ressaltam os dados que corroboram a hipótese prévia (no caso, precedentes ficcionais para relatos) e se ignora os que a negam. Não considerar seriamente essa última possibilidade implica em risco da hipótese ficcional se tornar não-falseável, comprometendo sua cientificidade.

Por seu turno, os nove critérios para diagnóstico diferencial entre transtornos mentais de conteúdo religioso e experiências espirituais propostos por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009), frequentemente referendados aqui, constituem um modelo teórico que requer estudos para ser verificado. Assim, esta pesquisa pretende compor parte dos esforços em construção para testar e robustecer o modelo, o que compõe parte da justificativa para seu uso.

Diante tanto das limitações e ressalvas aqui descritas e quanto das constatadas pelos leitores futuros, vale resgatar um clichê científico que persiste justamente por ser um dos pilares do método. Novos estudos são necessários, pois é através de replicações e novas reflexões que a ciência robustece seus achados e exerce seus mecanismos de autocorreção.

Capítulo 14 – Conclusões

*Decifra-me, mas não conclua.
Eu posso te surpreender.*

Clarice Lispector

Esta pesquisa de mestrado em psicologia investigou, sob enfoque quantitativo e qualitativo, experiências anômalas centradas em pretensos objetos voadores não-identificados (óvnis) e entidades alienígenas (extraterrestres, ultraterrestres, intraterrestres e congêneres). Considerando as experiências como no mínimo subjetivas e atentando para os desafios explicativos inerentes, aspectos qualitativos das narrativas em primeira mão que pretendem espelhá-las e dos contextos em que emergem foram investigados, em concomitância a características qualitativas e quantitativas de protagonistas adultos que residem em centros urbanos.

Assim, comparei protagonistas e não-protagonistas (grupos controle) quanto aos fatores e facetas da personalidade que compõem o Modelo Big Five (Costa & McCrae, 2007), além de indicadores de transtornos mentais descritos pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-IV) e pela *Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID-10). Foram abordadas também dimensões psicossociais como crenças, valores, percepções, memórias, comportamentos e outras variáveis intra e intersubjetivas que afetam e são afetadas pelas atribuições de causalidade (Dela-Coleta & Dela-Coleta, 2006) que protagonistas e a cultura fazem em relação às experiências. Finalmente, enquanto apoio às discussões sobre atribuição de causalidade e atendendo a interesses prévios meus, as narrativas em primeira mão foram confrontadas com os gêneros narrativos caso (Câmara, 2007; Dantas, 2005; Hartmann, 2000, 2005) e lenda urbana (Dion, 255

2008; Lopes, 2008). Foram utilizados os instrumentos NEO PI-R (Costa & McCrae, 2007), para personalidade, e MINI PLUS (Amorim, 2000), para indicadores de transtornos mentais, além de roteiros de entrevista semi-estruturada e gravações em áudio.

Foi possível também comparar os achados com aqueles oriundos de outros países, permitindo vislumbrar nuances propriamente brasileiras das experiências, além de outras que sugerem universalidades. Assim, hipóteses popularmente difundidas e às vezes simplistas (por desconsiderarem variáveis diversas) não foram confirmadas.

As experiências óvni investigadas não parecem atribuíveis, ao menos não de modo facilmente visualizável, a transtornos mentais ou características de personalidade como propensões fantasistas, dificuldades em lidar com o cotidiano e busca por excitação e estimulação. Ademais, embora haja também conexões, as narrativas em primeira mão que veiculam as experiências óvni assumem características significativamente díspares em relação aos causos e lendas urbanas, de modo a não poderem, a princípio, ser consideradas como parte desses gêneros narrativos.

Por seu turno, em um nível mais sutil que o reconhecimento de entidades nosológicas clássicas, a relação entre experiências mais complexas e nuances psicopatológicas é incerta diante de discutíveis indicadores pré-mórbidos de transtornos em fases pregressas de vida, como infância e adolescência. Ademais, outros achados em personalidade sugerem possibilidades antes impensadas para explicar, ao menos em parte, as experiências. E amostras rurais poderiam aproximar de modo desafiador narrativas sobre óvnis e causos.

Já as atribuições de causalidade descortinam um complexo arranjo de variáveis intra e intersubjetivas que costura personalidade, saúde psicológica, crenças, fontes de informação disponíveis, religiões tradicionais, cultura *New Age*, ciência, mitologia, valores, auto-estima, segurança, mistério, validação subjetiva, universalidades da espécie humana e toda sorte de variáveis psicossociais cotidianamente influentes. Assim, as experiências óvni somente

poderiam ser compreendidas quando tal dinamismo é levado em conta e elas são situadas em realidades maiores que perfazem a vida dos protagonistas e de seu meio cultural.

Os achados qualitativos complexos e a refutação ao menos parcial das hipóteses quantitativas, além das limitações deste estudo e de vislumbráveis possibilidades multi e interdisciplinares, sinalizam diversos caminhos para pesquisas futuras, de modo a mergulhar não apenas em aspectos fenomenológicos e ontológicos progressivamente intrincados das experiências óvni, interessantes por si mesmas, mas também compor parte do esforço cumulativo e cientificamente relevante de compreensão das experiências anômalas em geral. Adicionalmente, tais estudos prometem auxiliar na compreensão de temas próximos, como percepção, memória, valores, religião, processos grupais, tomadas de decisão, fronteiras entre o saudável e o patológico, entre tantos outros a compor a rica tapeçaria da experiência humana.

Finalmente, novos estudos e discussões atendem também a necessidades de cunho clínico, dado o despreparo de profissionais de saúde para lidar com experiências anômalas, e de ordem social na esfera maior, pois as experiências anômalas em geral e as referentes a óvnis em particular são parte importante da vida de muitos. Aqui ocorrem brechas para ações de conscientização social sobre diferentes formas de conhecimento e seus respectivos papéis, iniciativas de popularização da ciência e de combate ao charlatanismo, entre outros temas e empreendimentos com largo potencial para afetar direta e indiretamente o cotidiano das pessoas. Muito já foi feito nesse sentido, mas o trabalho está apenas começando.

Referências⁸⁷

- Almeida, A. M., & Lotufo Neto, F. (2003). Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 30 (1), 21-28.
- Alvarado, C. S.; Machado, F. R.; Zangari, W.; & Zingrone, N. L. (2007). Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 42-53.
- Amadou, R. (1966). *Parapsicologia: Ensaio Histórico e Crítico*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- American Psychiatric Association [APA] (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Fourth edition (DSM-IV). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Amorim, P. (2000). Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(3), 106-115.
- Appelle, S., Lyinn, S. J. & Newman, L. (2000). Alien abduction experiences. In E. Cardeña, S. J. Lyinn, & S. Krippner (Eds.), *Varieties of anomalous experience: Examining the scientific evidence* (pp. 253-282). Washington, DC: American Psychological Association.
- Ashton, M. C., Lee, K., Perugini, M., Szarota, P., Vries, R. E., Blas, L. D., Boies, K. & Raad, B. (2004). A Six-Factor structure of personality-descriptive adjectives: solutions from psycholexical studies in seven languages. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86 (2), 356-366.
- Balch, R. W. (1995). Waiting for the ships: Disillusionment and the revitalization of faith in Bo and Peep's UFO cult. In J. R. Lewis (Org.), *The gods have landed: New religions from other worlds* (pp. 137-166). Albany, NY: State University of New York Press.
- Barret, K. W. (1996). *A phenomenological study of channeling: The experience of transmitting information from a source perceived as paranormal*. 180f. Tese (Doutorado). Institute of Transpersonal Psychology, Palo Alto, California.
- Bartholomew, R. E., Howard, G. S. & Basterfield, K. (1991). UFO abductees and contactees: psychopathology or fantasy proneness? *Professional Psychology: Research and Practice*, 22 (3), 215-222.
- Batista, G. A. (2007). *Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular*. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Taubaté, Taubaté, São Paulo.

⁸⁷ De acordo com estilo APA – American Psychological Association

- Bem, D. J. (1972). Self-perception theory. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, 6 (pp.1-62). New York: Academic Press.
- Bentall, R.P. (2000). Hallucinatory Experiences. In: E. Cardeña, S. J. Lynn, & S. Krippner (Eds.) *Varieties of anomalous experience: Examining the scientific evidence* (p. 85-120). Washington, DC, American Psychological Association.
- Berenbaum, H., Kerns, K., & Raghavan, C. (2000). Anomalous experiences, peculiarity and psychopathology. In E. Cardeña, S. J. Lynn, & S. Krippner (Eds.), *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence* (pp. 25-46). Washington DC: American Psychological Association.
- Berrios, G. E. (1996). *The History of Mental Symptoms*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Block, J. (1995). A contrarian view of the five-factor approach to personality description. *Psychological Bulletin*, 117 (2), 187-215.
- Bullard, T. E. (1989). UFO abduction reports: The supernatural kidnap narrative returns in technological guise. *Journal of American Folklore*, 102(404), 147-170.
- Câmara, R. P. (2007). *Os Casos: Uma Poética Pantaneira*. Tese (Doutorado em Humanidades). Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, Espanha.
- Cardeña, E., Lynn, S.J., & Krippner, S. (Eds.) (2000). *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence*. Washington DC: American Psychological Association.
- Carlos, D. P. (2007). *Extraterrestres: ciência e pensamento mítico no mundo moderno*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Cattell, R. B., Eber, H. W., & Tatsuoka, M. M. (1970). *Handbook for the Sixteen Personality Factor questionnaire (16PF)*. Champaign, IL: Institute for Personality and Ability Testing.
- Chan, S., Goodwin, G., & Harmer, C. (2007). Highly neurotic never-depressed students have negative biases in information processing. *Psychological Medicine*, 37, 1281-1291.
- Clancy, S. A., McNally, R. J. Schacter, D. L., Lenzenweger, M. F., & Pitman, R. K. (2002). Memory distortion in people reporting abduction by aliens. *Journal of Abnormal Psychology*, 111 (3), 455-461.
- Costa Pereira, M. (1998). Formulando uma psicopatologia fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1 (1), 60-76.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (2007). *NEO PI-R: Inventário de Personalidade NEO Revisado e Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado NEO-FFI-R [versão curta]*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica.

- Cowlshaw, B. R. (2004). Aliens in academy: a paradisciplinary discourse. *The Journal of Popular Culture*, 37 (4), 593-610.
- Dantas, M. P. M. (2005). Desvendando o saber popular: histórias e crendices contadas pelos carnaubenses. *Mneme – Revista de Humanidades [Dossiê Cultura, Tradição e Patrimônio Imaterial, org. Helder Alexandre Medeiros de Macedo]*. Caicó (RN), 7(18), 297-316. Recuperado em 22 de fevereiro de 2010 de <http://www.seol.com.br/mneme>.
- Dela-Coleta, J. A., & Dela-Coleta, M. (2006). *Atribuição de causalidade: teoria, pesquisa e aplicações*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.
- Dewan, W. J. (2006a). Anomalous experiences in North Carolina: A survey. *Journal of Popular Culture*, 39 (1), 29-43.
- Dewan, W. J. (2006b). “A Saucerful of secrets”: An interdisciplinary analysis of UFO experiences. *Journal of American Folklore*, 119(472), 184-202.
- Dion, S. (2008). A Lenda urbana: Um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. *Boitatá –Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*, 6, ago-dez. Recuperado em 27 de julho de 2010 de http://www2.uel.br/revistas/boitata/volume_6_2008/lenda%20urbana%20Sylvie%20Dion%20ok.pdf.
- Domingos, P. (1999). The role of Occam’s razor in knowledge discovery. *Data Mining and Knowledge Discovery*, 3(4), 409-425.
- Don, N. S.; & Moura, G. (1997). Topographic brain mapping of UFO experiencers. *Journal of Scientific Exploration*, 11 (4), 435-453.
- Ferreira Neto, J. (1984). *A Ciência dos mitos e o mito da Ciência*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília.
- Festinger, L.; Riecken, H.; Schachter S. (1956). *When Prophecy Fails: A Social and Psychological Study of a Modern Group that Predicted the Destruction of the World*. University of Minnesota Press.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Fowler, R. E. (1974). *UFOs: Interplanetary Visitors*. Jericho, New York: Exposition Press.
- French, C. (2001). Why I study... anomalistic psychology. *The Psychologist*, 14(7), p. 356-357. Recuperado em 19 de setembro de 2011 de http://www.thepsychologist.org.uk/archive/archive_home.cfm?volumeID=14&editionID=58&ArticleID=236
- French, C. C., Santomauro, J., Hamilton, V., Fox, R. & Thalbourne, M. A. (2008). Psychological aspects of the alien contact experience. *Cortex*, 44, 1387-1395.
- Giaconetti, M. J. (2009). *As luzes no céu e a Guerra Fria: Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945-1953)*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- Gow, K., Lurie, J., Coppin, S., Popper, A., Powell, A., & Basterfield, K. (2001). *Fantasy proneness and other psychological correlates of UFO experiences*. Queensland University of Technology, Brisbane, Queensland, Australia. Recuperado em 16 de setembro de 2010 de <http://anomalistik.de/gow.pdf>.
- Gow, K., Lang, T., & Chant, D. (2006). Fantasy proneness, paranormal beliefs and personality features in out-of-body experiences. *Contemporary Hypnosis*, 21 (3), 107-125.
- Greene, R. L. (1991). *The MMPI-2/MMPI: An interpretive manual*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Hartmann, L. (2000). *Oralidades, corpos, memória: Performances de contadores e contadoras de "causos" da Campanha do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS/UFSC, Florianópolis.
- Hartmann, L. (2005). Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*, 11 (24), 125-153.
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Holden, K. J., French, C. C. (2002). Alien abduction experiences: Some clues from neuropsychology and neuropsychiatry. *Cognitive Neuropsychiatry*, 7(3), 163-178.
- Hopkins, B. (1995). *Intrusos* (R. Guarany, Trad.) (2ª ed.). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1987. Título original: Intruders).
- Hough, P., & Rogers, P. (2007-2008). Individuals who report being abducted by aliens: investigating the differences in fantasy proneness, emotional intelligence and the big five personality factors. *Imagination, Cognition and Personality*, 27(2), 139-161.
- Hufford, D. (1977). Ambiguity and the rhetoric of belief. *Keystone Folklore*, 21, 11-24.
- Hufford, D. (1982). *The terror that comes in the night: An experience-centered study of supernatural assault traditions*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.
- Hynek, J. A. (1972). *The UFO Experience: A Scientific Enquiry*. Chicago: Henry Regnery.
- Jacobs, D. M. (1998). *A Vida Secreta*. (C. Araújo, Trad.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. (Original publicado em 1992)
- Jacobs, D. M. (2002). *A Ameaça*. (C. Araújo, Trad.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. (Original publicado em 1998).
- Jaspers, K. (1979). *Psicopatologia geral*. Rio de Janeiro: Atheneu (original publicado em 1913).
- Jung, C. G. (1988). *Um Mito Moderno sobre Coisas Vistas no Céu*. Petrópolis: Vozes (original publicado em 1958).
- Jung, C. G. (1991). *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes (original publicado em 1971).

- Jung, C. G. (2008). *Os tipos psicológicos*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes (original publicado em 1921).
- Keeley, J. P. (2002). *"The coping stone in psycho-analysis": Freud, psychoanalysis and the Society for Psychical Research*. Tese (Doutorado). Graduate School of Arts and Sciences, Columbia University.
- Kelley, H. H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation* (Volume 15, pp. 192-238). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Kuhn, A. (1990). *Alien Zone: Cultural Theory and Contemporary Science Fiction Cinema*. London/New York: Verso.
- Lewis, J. R. (Org.) (1995). *The gods have landed: New religions from other worlds*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Lynn, P., Häder, S., Gabler, S., & Laaksonen, S. (2004). Methods for achieving equivalence of samples in cross-national surveys: the european social survey experience. *Working Papers of the Institute for Social and Economic Research*, paper 2004-09. Colchester, UK: University of Essex.
- Lopes, C. R. (2008). Em busca do gênero lenda urbana. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, 8 (2), 373-393.
- Lucanio, P. (1987). *Them or us: archetypal interpretations of fifties alien invasion films*. Indianapolis/Bloomington: Indiana University Press.
- Machado, F. R. (1996). *A Causa dos espíritos: Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*. 249 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Machado, F. R. (2009). *Experiências anômalas na vida cotidiana: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crença, atitudes e bem-estar subjetivo*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mack, J. E. (1994). *Abduction*. New York: Macmillan Publishing Company.
- Marçolla, B., & Mahfoud, M. (2002). A luz verde do Morro Vermelho: a elaboração da experiência do sobrenatural em uma tradicional comunidade mineira. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 8(12), 83-94.
- Martins, L. B. (2010a). Falando sobre experiências anômalas: algumas diretrizes metodológicas para a condução de entrevistas. In VI *Encontro Psi: pesquisa psi e neurociências – Livro de registro dos trabalhos apresentados* (p. 41-47). Curitiba: Projeto Unibem, 6.
- Martins, L. B. (2010b). Um estudo exploratório das relações entre experiências anômalas modernas, transtornos mentais de conteúdo anômalo e experiências

- espirituais. In *VI Encontro Psi: Pesquisa Psi e Neurociências - Livro de registro dos trabalhos apresentados*. (p. 119-129). Curitiba: Projeto Unibem, 6.
- Martins, L. B. (2011). Imaginário, mito e o Hades tecnológico. *Revista Junguiana*, 29(2), 7-15.
- Mathijssen, E. P. (2009). Empirical research and paranormal beliefs: Going beyond the epistemological debate in favour of individual. *Archive for the Psychology of Religion*, 31, 319-333.
- McAdams, D. P. (1992). The Five-Factor model in personality: A critical appraisal. *Journal of Personality*, 60 (2), 328-361.
- McCrae, R. R. (1982). Consensual validation of personality traits: Evidence from self-reports and ratings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 239-303.
- McCrae, R. R. (1987). Creativity, divergent thinking and openness to experience. *Journal of Personality and Social psychology*, 52, 1258-1265.
- McCrae, R. R. (2006). O que é personalidade? In C. Flores-Mendonza, R. Colom (Orgs.). *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais*. Porto Alegre, Artmed.
- McCreery, C., & Claridge, G. (2002). Healthy schizotyp: The case of out-of-body experiences. *Personality and Individual Differences*, 32, 141-154.
- McLeod, C., Corbisier, B., Mack, J. E. (1996). A more parsimonious explanation for UFO abduction. *Psychological Inquiry*, 7(2), 156-167.
- McNally, R. J., Lasko, N. B., Clancy, S. A., Macklin, M. L., Pitman, R. K., & Orr, S. P. (2004). Psychophysiological responding during script-driven imagery in people reporting abduction by space aliens. *Psychological Science*, 15 (7), 493-497.
- McNally, R. J.; & Clancy, S. A. (2005). Sleep paralysis, sexual abuse and space alien abduction. *Transcultural Psychiatry*, 42 (1), 113-122.
- Melton, J. G. (1995). The contactees: a survey. In J. R. Lewis (Org.). *The gods have landed: New religions from other worlds* (p. 1-14). Albany, NY: State University of New York Press.
- Menezes Júnior, A., Moreira-Almeida, A. (2009). O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36(2), 75-82.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J.P. Forgas (Org.), *Social cognition. Perspectives on everyday understanding* (p.181-209). New York: Academic Press.
- Moura, G. (1996). *Transformadores de Consciência*. Rio de Janeiro: Editora Nova Era.
- Neubern, M. (2009). *Psicologia, Hipnose e Subjetividade – Revisitando a História*. Belo Horizonte: Editora Diamante.

- Organização Mundial da Saúde [OMS] (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Otgaar, H., Candel, I., Merckelbach, H., & Wade, K. (2009). Abducted by a UFO: Prevalence information affects young children's false memories for an implausible event. *Applied Cognitive Psychology*, 23, 115–125.
- Paiva, G. J. (2007). Psicologia Cognitiva e Religião. *Revista de Estudos da Religião*, 1, 183-191.
- Paley, John (1997). Satanist abuse and alien abduction: A comparative analysis theorizing temporal lobe activity as a possible connection between anomalous memories. *The British Journal of Social Work*, 27, 43-70.
- Parnell, J. O. (1988). Measured personality characteristics of persons claiming UFO experiences. *Psychotherapy in Private Practice*, 6 (3), 159-165.
- Pereira, M. E., Silva, J. F., Silva, B. (2006). Investigações psicológicas no ciberespaço: o impacto do interesse, filiação grupal e conhecimento na adesão às crenças ufológicas. *Interação em Psicologia*, 10(2), 375-384.
- Pereira, M. E. (2007). Investigações psicológicas no ciberespaço: Desenvolvendo modelos preditivos sobre a adesão às crenças ufológicas. *Interação em Psicologia*, 11(1), 123-135.
- Persinger, M. A. (1992). Neuropsychological profiles of adults who report “sudden remembering” of early childhood memories: implications for claims of sex abuse and alien visitation/abduction experiences. *Perceptual and Motor Skills*, 75, 259-266.
- Piedmont, R. L. (1999). Does spirituality represent the sixth factor of personality? Spiritual transcendence and the Five-Factor model. *Journal of Personality*, 67 (6), 985-1013.
- Powers, S. M. (1991). Fantasy proneness, amnesia and the UFO abduction phenomenon. *Dissociation*, 4 (1), 46-54.
- Powers, S. M. (1994). Dissociation in alleged extraterrestrials abductees. *Dissociation*, 7 (1), 44-50.
- Raaij, F. (1978). Cross-cultural research methodology as a case of construct validity. *Advances in Consumer Research*, 5, 693-701.
- Reis, C., & Rodrigues, U. (2009). *A Desconstrução de um Mito*. Juiz de Fora, MG: Livro Pronto.
- Ribeiro, R. J (2003). *A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes*. Rio de Janeiro: Campus.

- Rodrigues, A. C. T. (2005). Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 7 (4), 754-768.
- Ross, L. (1977). The intuitive psychologist and his shortcomings: Distortions in the attribution process. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (volume 10, pp. 173-240), Orlando, FL: Academic Press.
- Sagan, C. (1996). *O Mundo Assombrado pelos Demônios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saliba, J. A. (1995). Religious Dimensions of UFO Phenomena. In: Lewis, J. R. (Ed.) *The gods have landed: new religions from other worlds* (p. 15-64). Albany, NY: State University of New York Press.
- Sánchez-Bernardos, M. L., & Avia, M. D. (2004). Personality correlates of fantasy proneness among adolescents. *Personality and Individual Differences*, 37, 1067-1079.
- Santos, R. G. C. (2009). *A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- Schachter, S. (1971). *Emotion, obesity and crime*. New York: Academic Press.
- Schnabel, J. (1994). Chronic claims of alien abduction and some other traumas as self-victimization syndromes. *Dissociation*, 11(1), 51-62.
- Schuessler, J. F. (2000). *Public opinion surveys and unidentified flying objects*. Morrison: Mutual UFO Network.
- Spilka, B., Shaver, P. & Kirkpatrick, L. A. (1985). A general attribution theory for the psychology of religion. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 24 (1), 1-20.
- Suenaga, C. T. (1999). *A dialética do real e do imaginário: Uma proposta de interpretação do Fenômeno OVNI*. Dissertação (Mestrado em História). Assis, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.
- Valsiner, J. (2006). Dangerous Curves in Knowledge Construction within Psychology: Fragmentation of Methodology. *Theory Psychology*, 16(5), 597-612.
- Veronese, M. M. (2006). *Deuses de outros mundos: o culto a discos voadores e extraterrestres*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Weiner, B. (1972). *Theories of motivation: From mechanism to cognition*. Chicago: Rand McNally.
- Wolpe J. (1958). *Psychoterapy by reciprocal inhibition*. Stanford: Standford University.
- Zangari, W. (2007). Experiências anômalas em médiuns de umbanda: Uma avaliação fenomenológica e ontológica. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 27, 67-86.

Zangari, W. & Maraldi, E. (2009). Psicologia da mediunidade: Do intrapsíquico ao psicossocial. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 77(2), 233-252.

Apêndices e Anexos

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semi-aberto sobre características demográficas

(Não aborda questões referentes aos detalhes da experiência e atribuições causais)

1. Iniciais
2. Idade
3. Data de nascimento
4. Naturalidade
5. Sexo: () M () F
6. Escolaridade
7. Profissão
8. Religião ou crença
9. Conhecimentos sobre óvnis:
 - 8.1. Anteriores ao episódio
 - 8.2. Posteriores ao episódio
 - 8.3. Principais fontes de informação
10. Número e identificação de protagonistas do episódio principal
11. Duração total da experiência principal
12. Nível de consciência: D- dormindo; S- sonolência; V- vigília; H- hipervigília; O- outro
 - 11.1. Imediatamente antes da experiência
 - 11.2. Durante a experiência
 - 11.3. Imediatamente após a experiência
13. Comorbidades conhecidas:
 - 12.1. Na época da experiência
 - 12.2. Atualmente
14. Protagonizou outras experiências anômalas () Sim () Não
Descrição breve
15. Reações dos familiares, amigos e conhecidos diante da experiência óvni:
16. Que grau de certeza possui sobre a estranheza da experiência óvni?

0 - Nenhuma chance de ser algo incomum. Com certeza era algo conhecido.

1- Pouquíssima chance de ser algo incomum. Quase certeza de que era algo conhecido.

2- Pouca chance de ser algo incomum. Provavelmente era algo conhecido.

3- 50% de chance de ser algo incomum e 50% de ser algo conhecido.

4- Grande chance de ser algo incomum. Improvável que fosse algo conhecido.

5- Quase certeza de ser algo incomum. Pouquíssima chance de ser algo conhecido.

6- Com certeza era algo incomum. Nenhuma chance de ser algo conhecido.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(Informações pessoais omitidas desta cópia. Linguagem do texto acessível, em favor da clareza. O título anterior da pesquisa, “*O impacto psicossocial das experiências anômalas: implicações dos cinco grandes fatores da personalidade e indícios de psicopatologia*”, somente foi alterado após o Exame de Qualificação, por sugestão da Banca Examinadora, quando este TCLE já havia sido feito e a maioria dos voluntários já testada. Assim, optamos pela manutenção do TCLE original, elucidando cada voluntário sobre a possibilidade de mudança do título, esclarecimento esse anterior mesmo à Qualificação).



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

USP

Aceito participar como voluntário(a) na pesquisa **O IMPACTO PSICOSSOCIAL DAS EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS: IMPLICAÇÕES DOS CINCO GRANDES FATORES DA PERSONALIDADE E INDÍCIOS DE PSICOPATOLOGIA**. Após ler e me esclarecer sobre as informações a seguir, no caso de fazer parte do estudo, assinarei este documento que está em duas vias; uma delas é minha e a outra do pesquisador. Minha participação nesta pesquisa, porém, não é obrigatória. A qualquer momento posso desistir de participar e retirar meu consentimento. Minha recusa não trará nenhum prejuízo em minha relação com o pesquisador ou com a instituição. Em caso de dúvida, posso procurar o pesquisador Leonardo Breno Martins, telefone: . Endereço . Posso procurar também o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP.

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Prezado Participante,

Este é um convite para você participar voluntariamente em uma pesquisa para conhecermos as características de pessoas que contam experiências com luzes e objetos estranhos no céu, às vezes chamados de nomes como óvnis, discos voadores e vários outros. A pesquisa inclui também pessoas que contam experiências com seres estranhos, às vezes chamados de ETs, alienígenas e vários outros.

Estamos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas em relação à pesquisa antes e durante a sua participação nela.

Leia as informações abaixo antes de concordar ou não em participar da pesquisa.

1. Para quê serve a pesquisa?

A pesquisa serve para descobrir se as pessoas que tiveram experiências com luzes ou seres estranhos são ou não parecidas entre si, e também se são ou não parecidas com pessoas que nunca tiveram essas experiências. Assim, poderemos saber se essas experiências acontecem mais dependendo das características da pessoa, ou se as características da pessoa não fazem diferença para a experiência acontecer. Você está sendo convidado(a) para participar porque soubemos que você já teve uma experiência com luzes ou seres estranhos, ou então porque você nunca teve uma experiência assim e poderá nos ajudar a comparar seus resultados com os resultados de quem já teve uma experiência desse tipo. Acreditamos que suas respostas e as dos outros participantes podem contribuir para conhecermos algumas características pessoais de cada um, para depois podermos comparar. O resultado da pesquisa ajudará a nós e a outros pesquisadores a entender o que são essas experiências com luzes e seres estranhos, além de ajudar também as pessoas que tiveram essas experiências e gostariam de entendê-las.

2. Como será a pesquisa?

Caso você tenha tido uma experiência com luzes ou seres estranhos, será convidado a contar como foi a experiência em uma entrevista gravada em áudio. Depois da entrevista, você será convidado(a) a fazer dois testes com aproximadamente quarenta minutos cada. O primeiro teste serve para saber as características de personalidade da pessoa, ou seja, saber como é o jeito de ser dela. O segundo teste serve para saber como está a saúde psicológica da pessoa. Caso você não tenha tido uma experiência

com luzes ou seres estranhos, você fará apenas os testes, sem precisar da entrevista. Caso você não deseje, não será obrigado(a) a participar.

3. Quem está fazendo esta pesquisa?

A pesquisa está sendo feita por um pesquisador (mestrando) e um professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP). Os testes serão aplicados pelo mestrando, que os conhece bem.

4. Onde será feita a pesquisa?

A pesquisa será feita na casa ou no local de trabalho de cada participante, em um dia e hora combinados com cada um. Caso a pesquisa seja feita em seu local de trabalho, o pesquisador conseguirá uma autorização de seu chefe ou responsável pelo seu setor antes de começarmos.

5. Participação voluntária e sem pagamento

Como você quis participar voluntariamente para contribuir com a pesquisa, você não recebe nenhum pagamento do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP, nem do professor e nem do pesquisador envolvidos na pesquisa. Não há pagamento pela sua participação na pesquisa.

6. Você pode não participar ou desistir durante os testes?

Como sua participação é voluntária, você poderá desistir de fazer os testes antes ou depois de começar, sem qualquer problema para você ou para a empresa em que você trabalha.

7. Quem fica sabendo quantos pontos você fez?

Somente você e a pessoa que aplicou os testes saberão quantos pontos você fez. As entrevistas, as histórias que forem contadas e os resultados de todos os participantes, incluindo os seus, vão ser usados em trabalhos científicos, apresentados em palestras e revistas sem dizer o seu nome e sem dar qualquer informação que revele quem você é. O segredo é totalmente garantido.

8. Quais as vantagens em você participar da pesquisa?

No final da pesquisa, o pesquisador que aplicou os testes em você poderá informar seus pontos e o que achou dos seus testes por escrito ou apenas falando. A escolha é sua. Se for possível ajudar você a desenvolver alguma habilidade ou resolver alguma dificuldade que aparecer nos testes, você, se quiser, receberá as explicações sobre como obter essa ajuda na cidade onde você mora ou em uma cidade próxima. Quando os resultados gerais dos testes forem comparados e publicados, as pessoas em geral, incluindo você, poderão entender melhor como são as experiências com luzes e seres estranhos, entender se as pessoas têm experiências parecidas ou diferentes entre si e como cada pessoa fica depois das experiências. Além disso, psicólogos e médicos poderão entender melhor como ajudar pessoas que ficaram abaladas emocionalmente depois dessas experiências, inclusive você, se for o caso.

Obrigado por colaborar!

Atenciosamente,

Prof. Dr. Wellington Zangari
Coordenador da Pesquisa
Professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo
XXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Leonardo Breno Martins
Pesquisador, Mestrando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo
XXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Eu,.....CPF ou RG
assinando esta folha, declaro ter sido informado sobre os procedimentos e objetivos da pesquisa "**O impacto psicossocial das experiências anômalas: implicações dos cinco grandes fatores da personalidade e indícios de psicopatologia**" e concordo em participar voluntariamente na mesma, após receber todos os esclarecimentos sobre a pesquisa e seus procedimentos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou prejuízo.

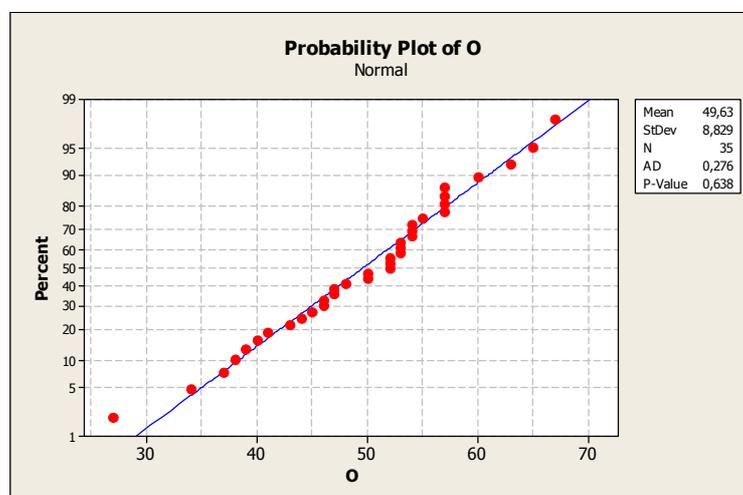
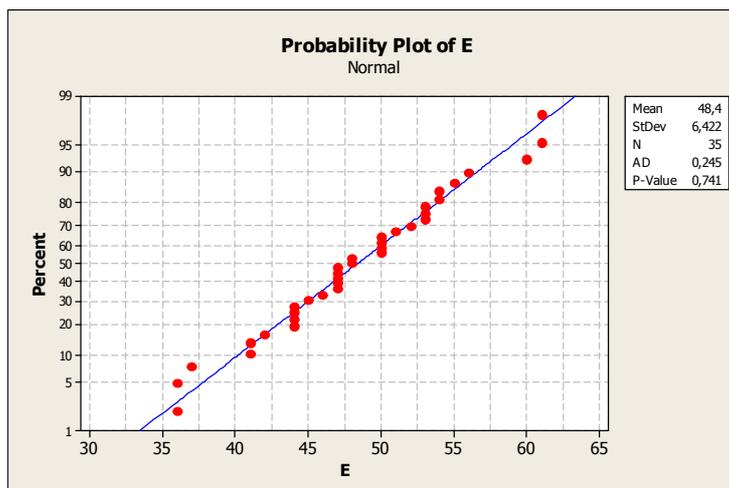
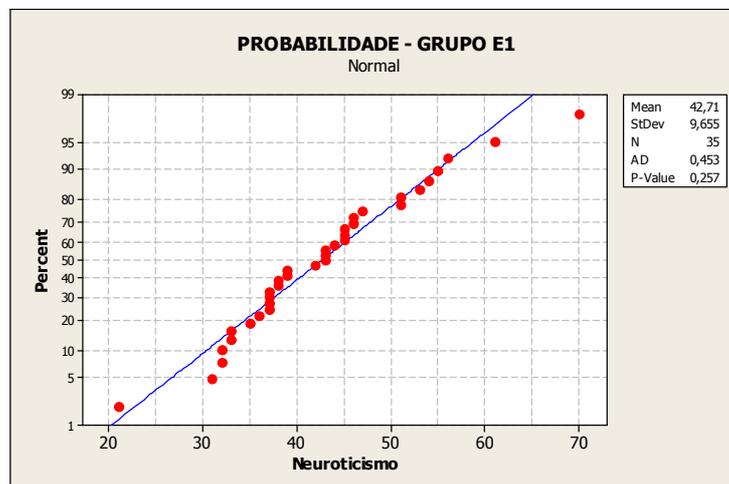
....., de de

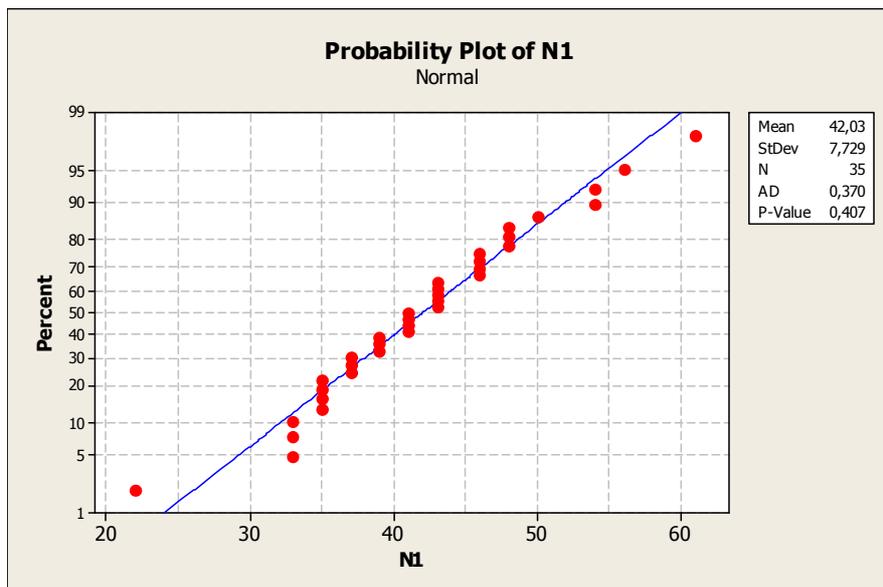
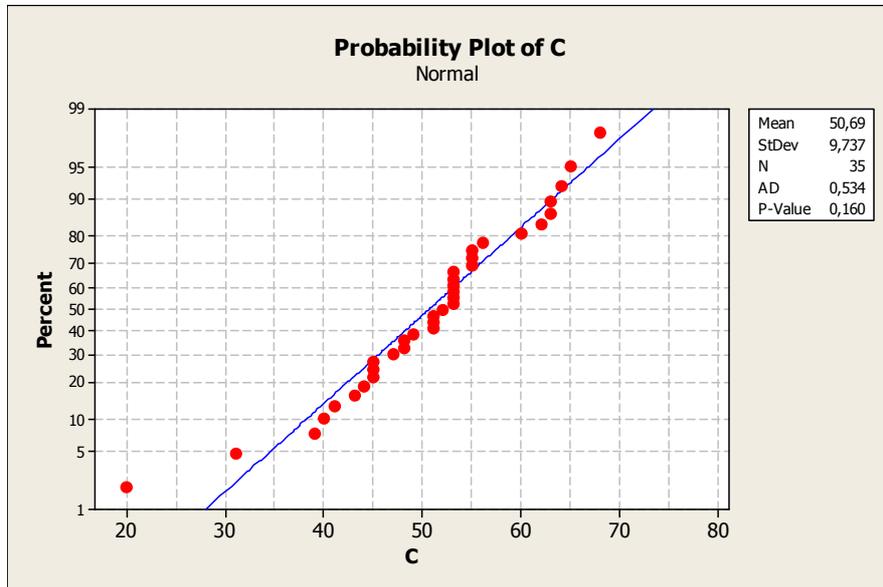
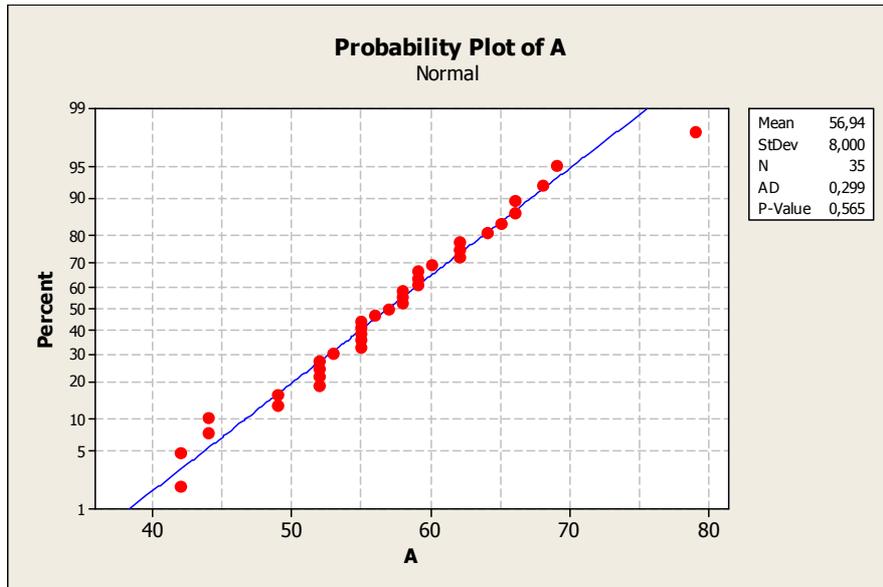
Assinatura

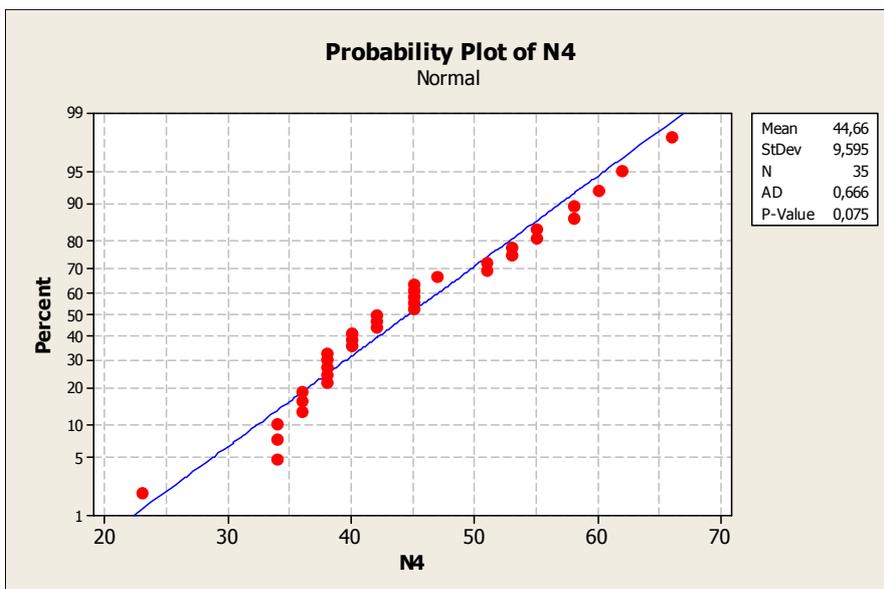
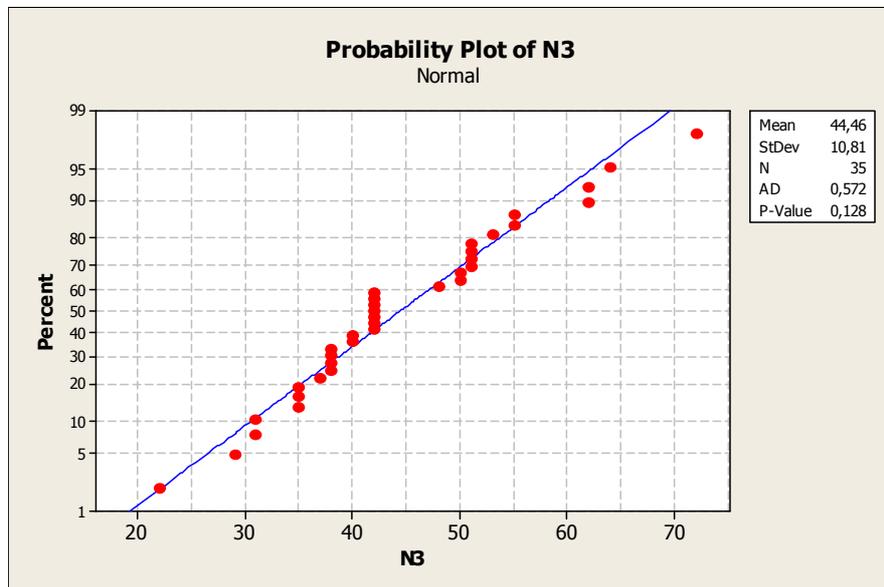
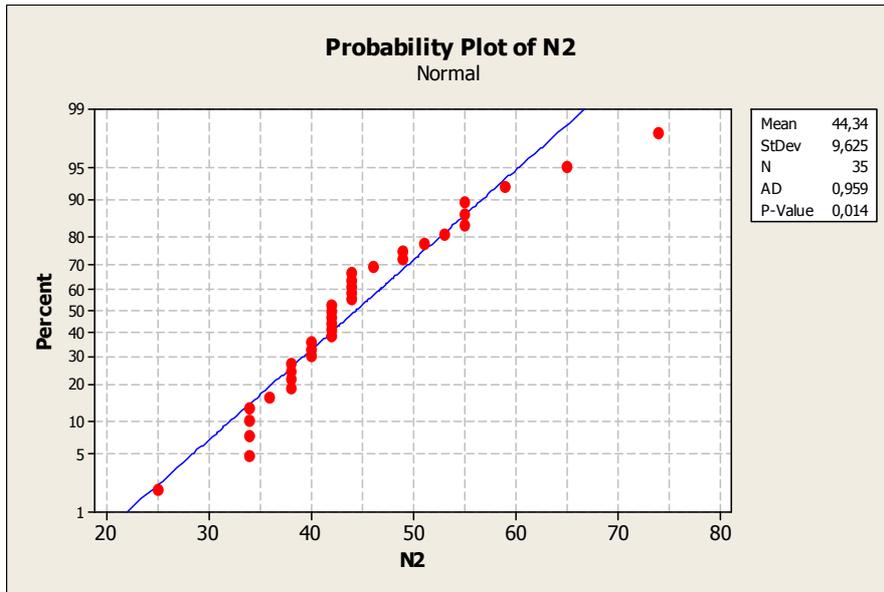
APÊNDICE C – Gráficos gerados nos testes de normalidade para os fatores e facetas da personalidade

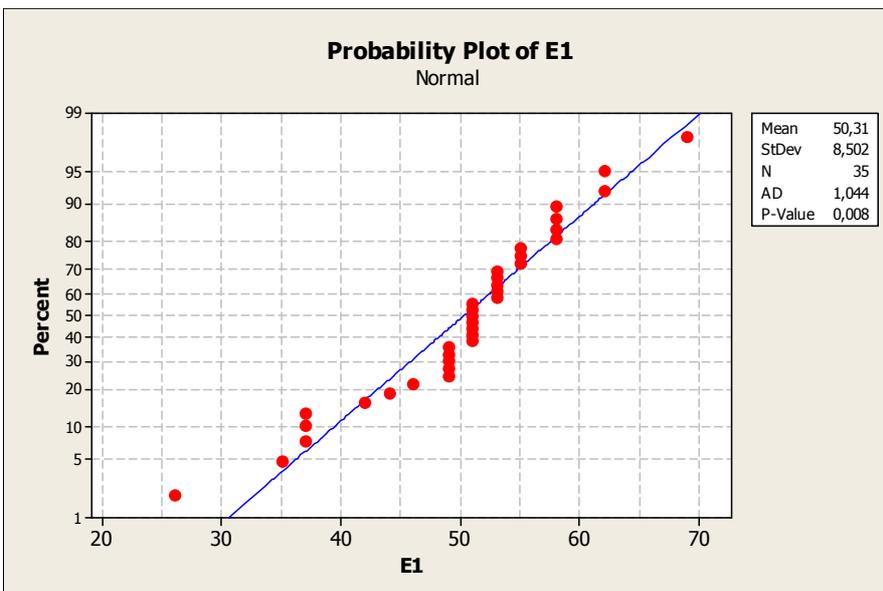
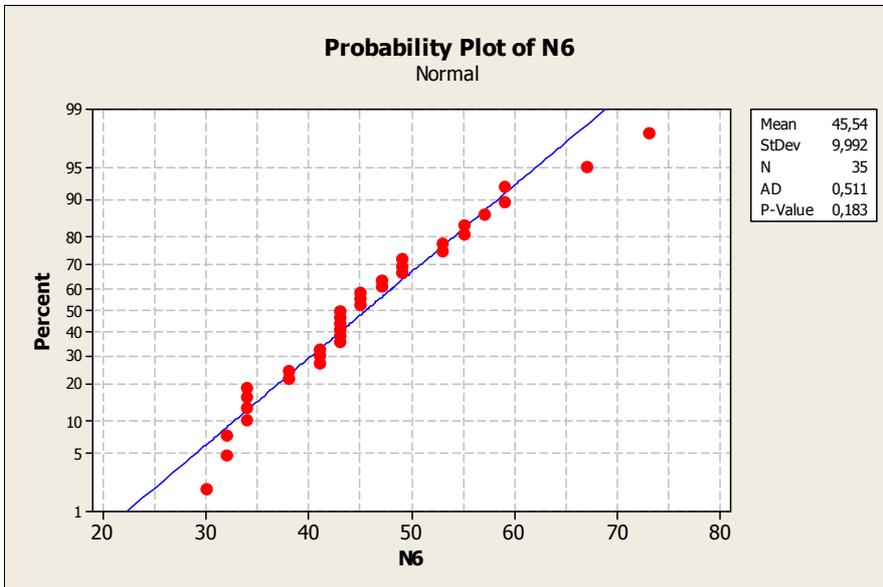
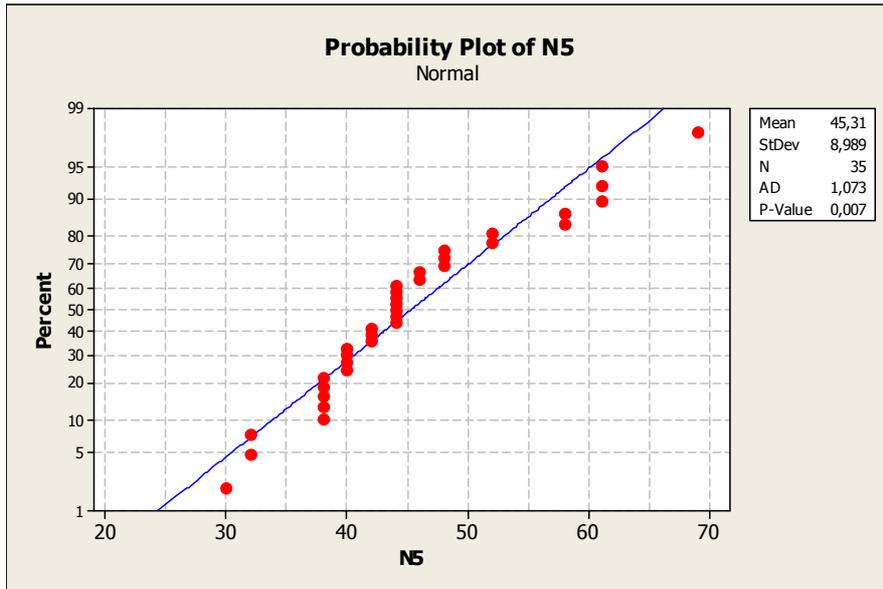
Os títulos dos gráficos indicam os fatores e facetas aos quais se referem (e.g, E, O, A2).

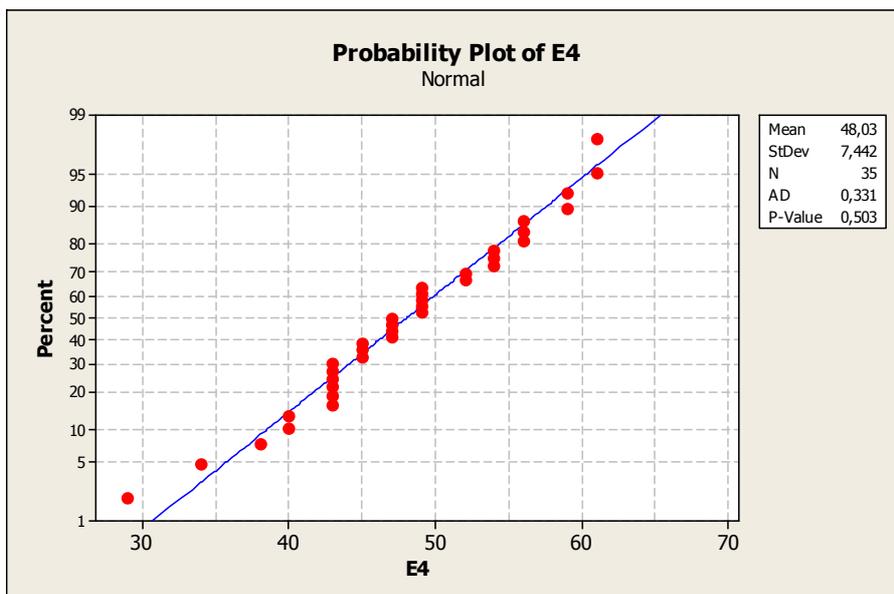
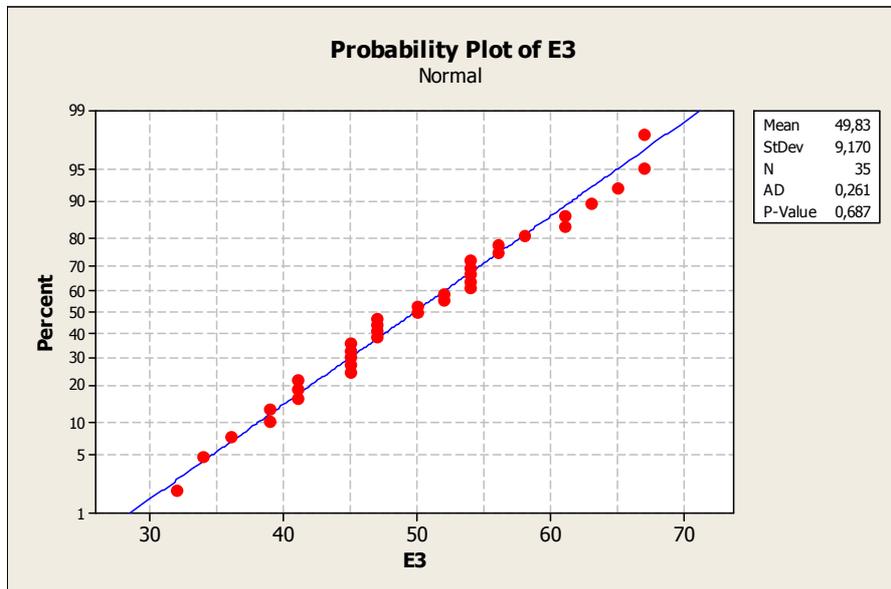
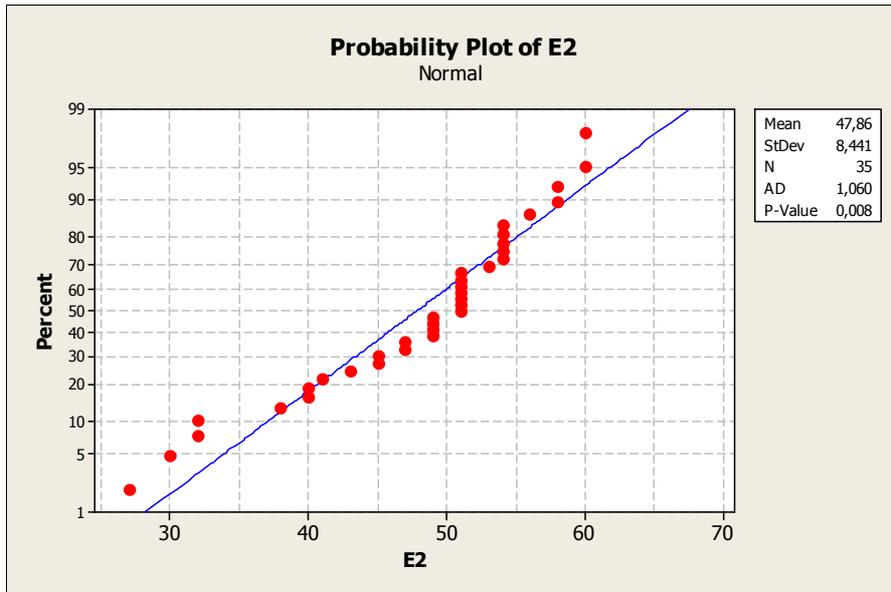
GRUPO E1

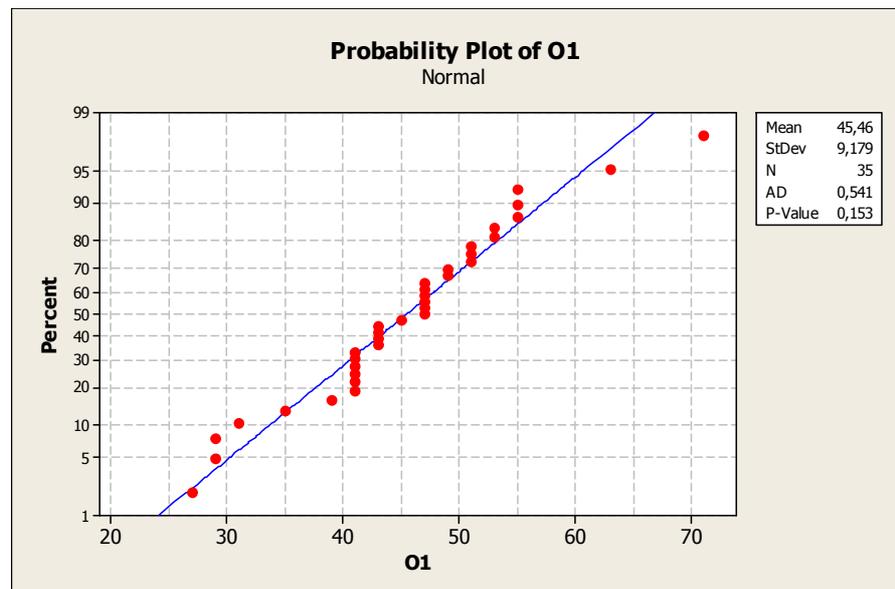
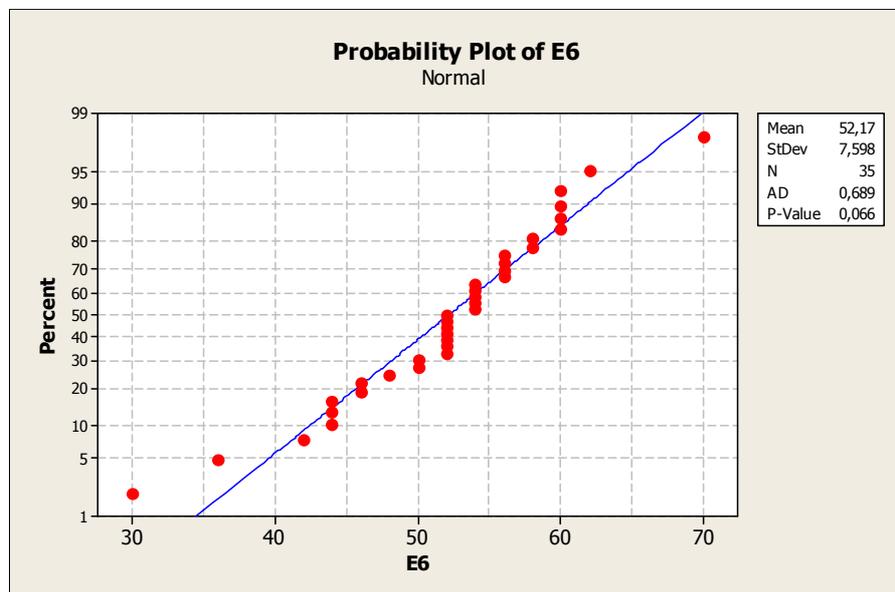
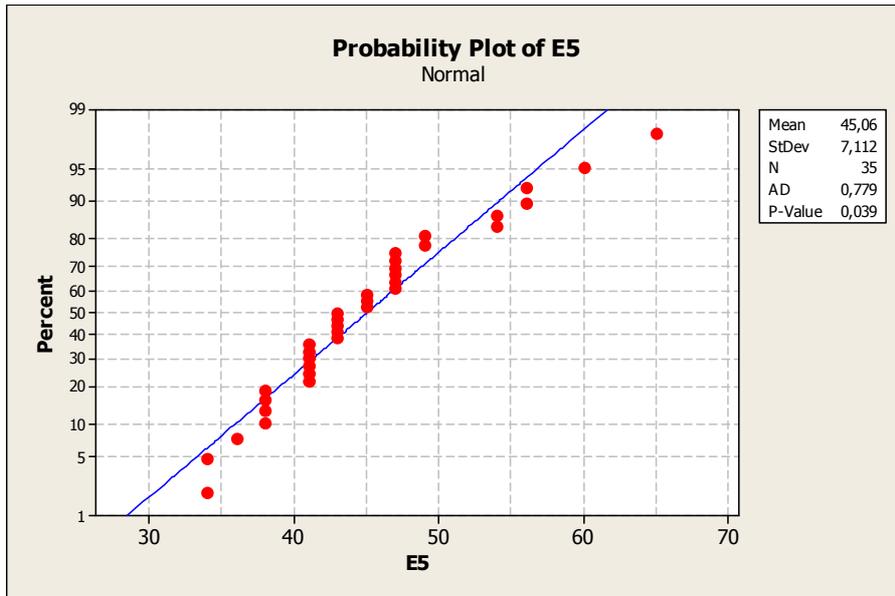


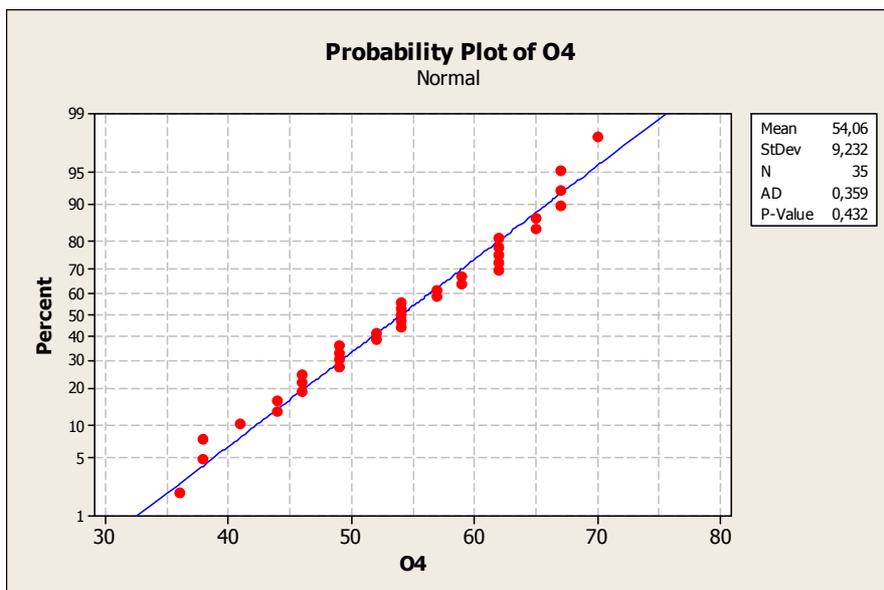
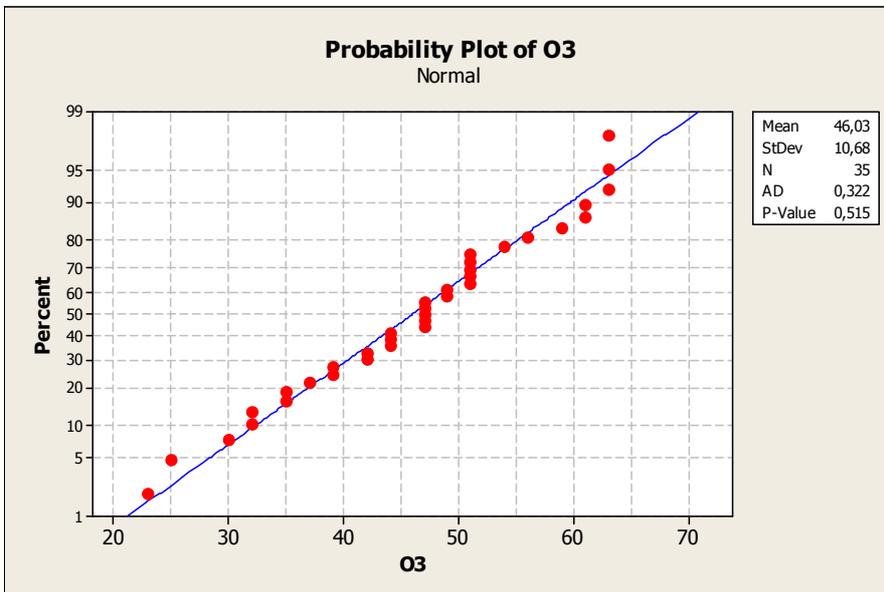
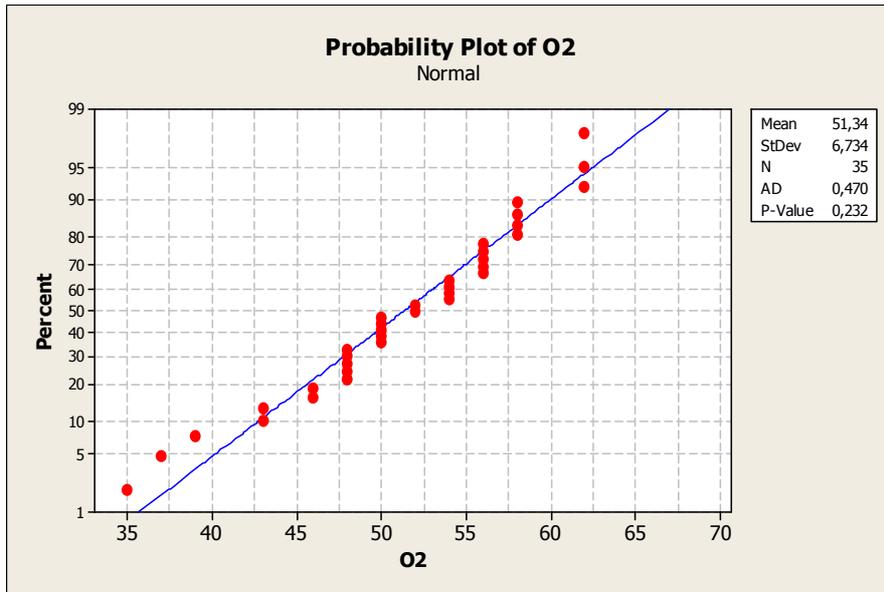


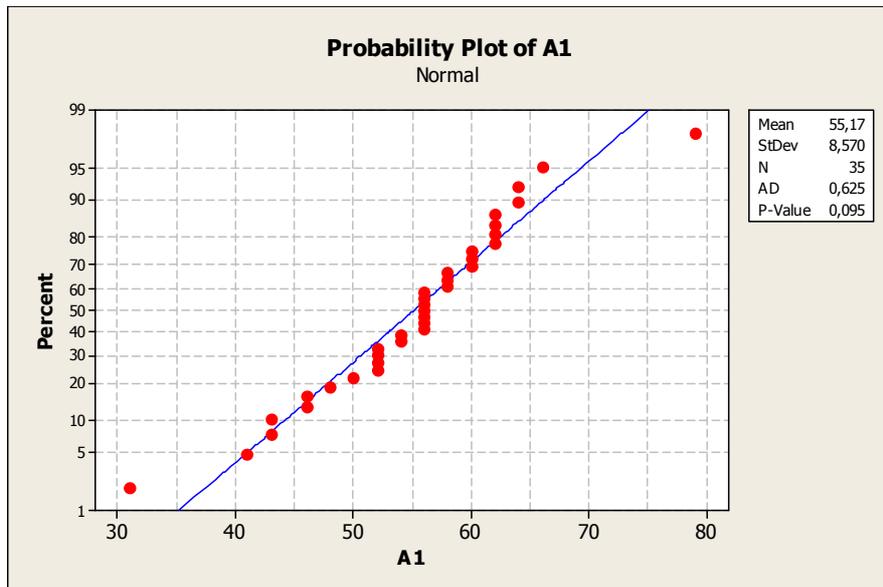
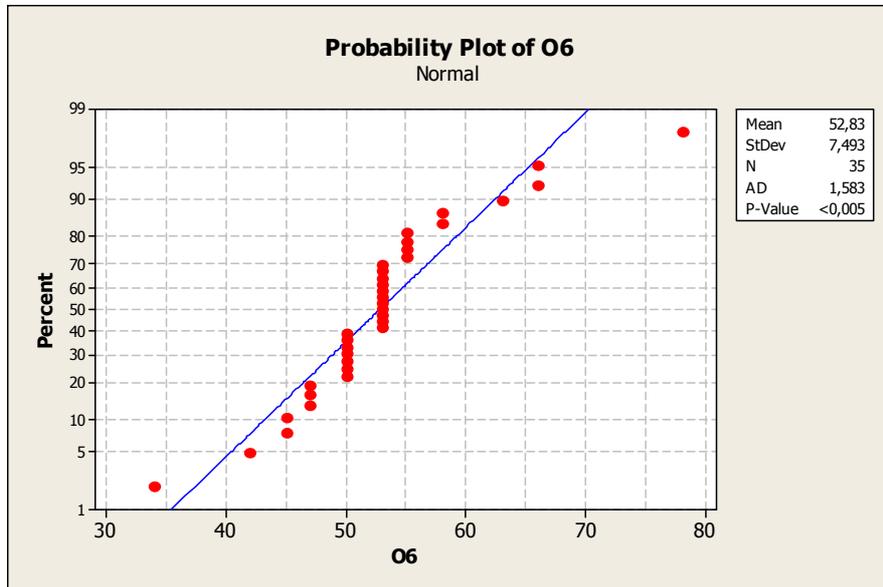
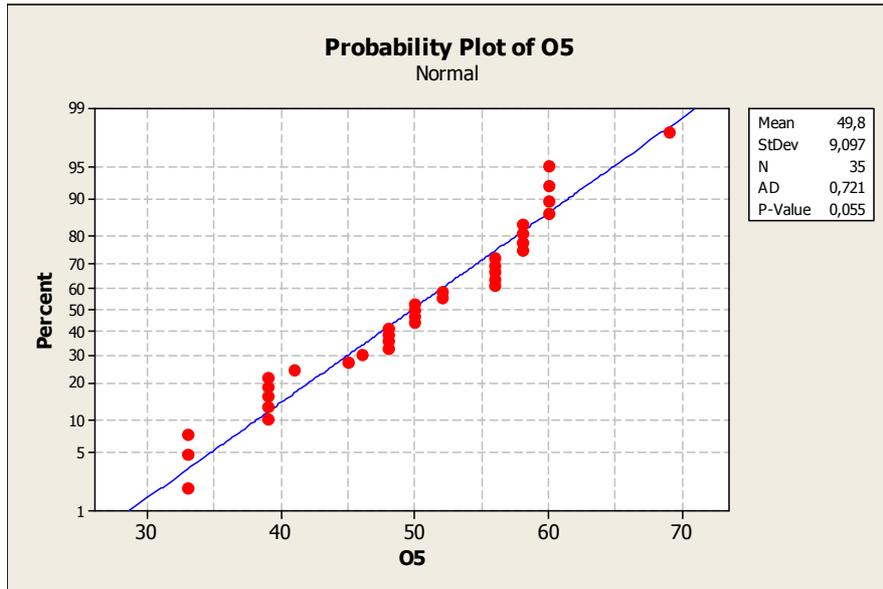


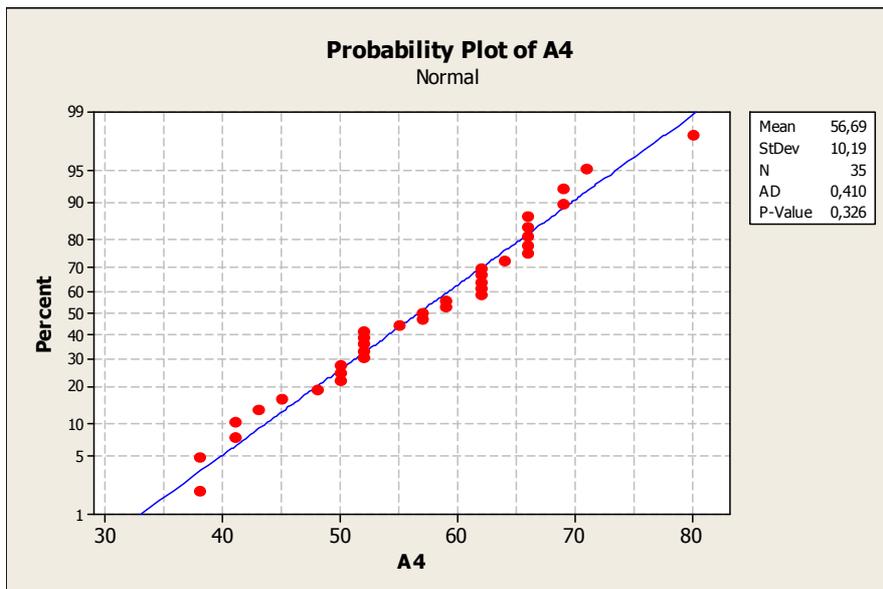
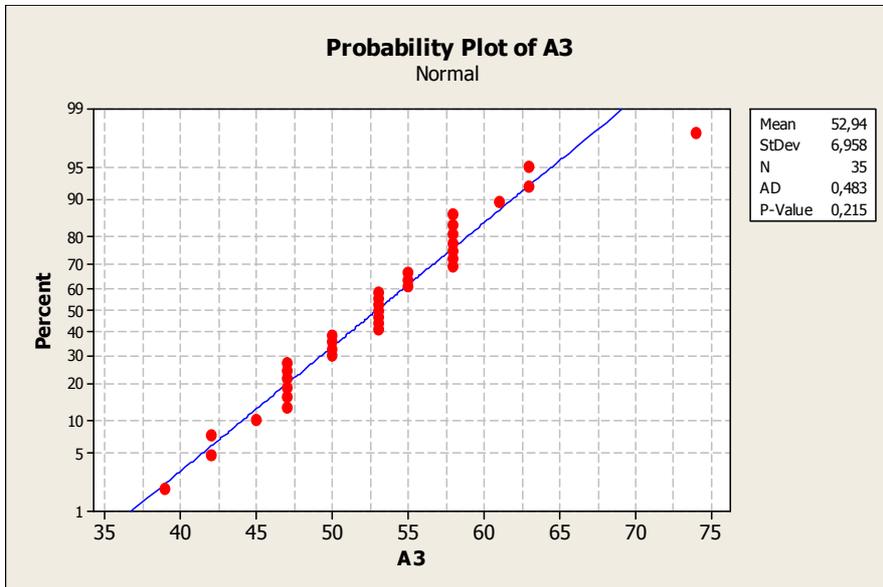
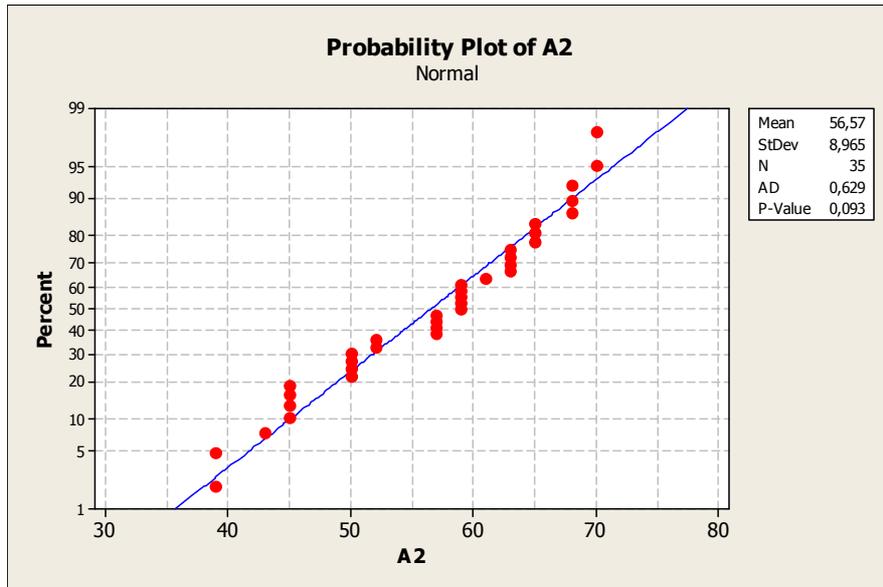


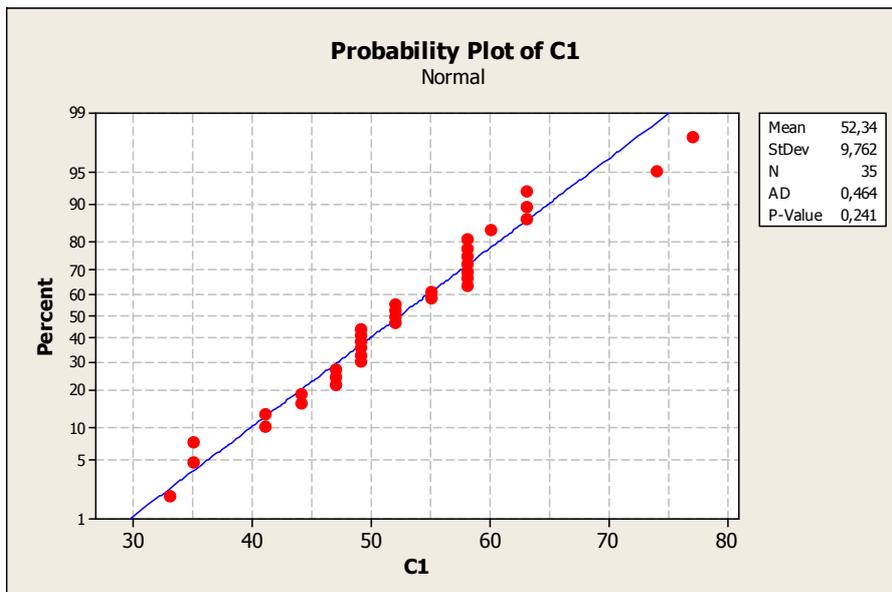
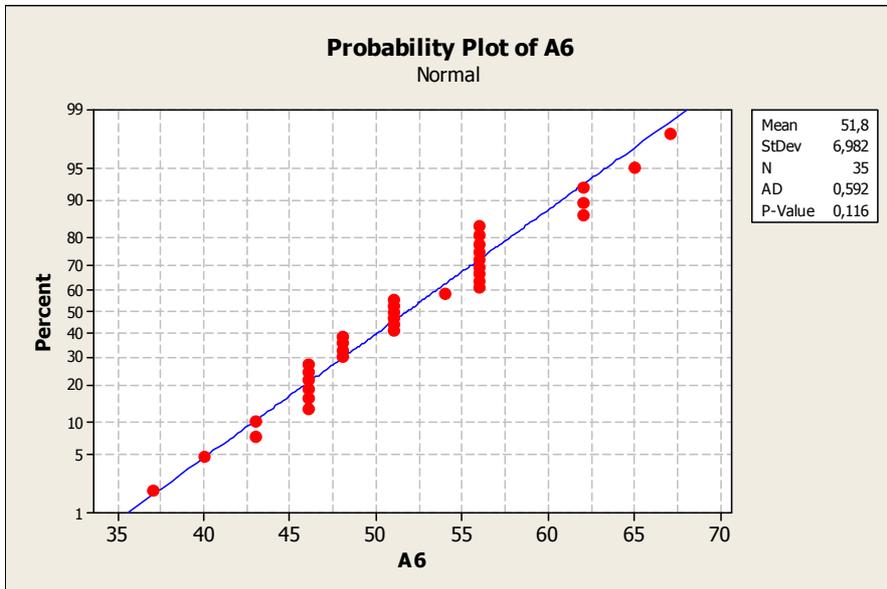
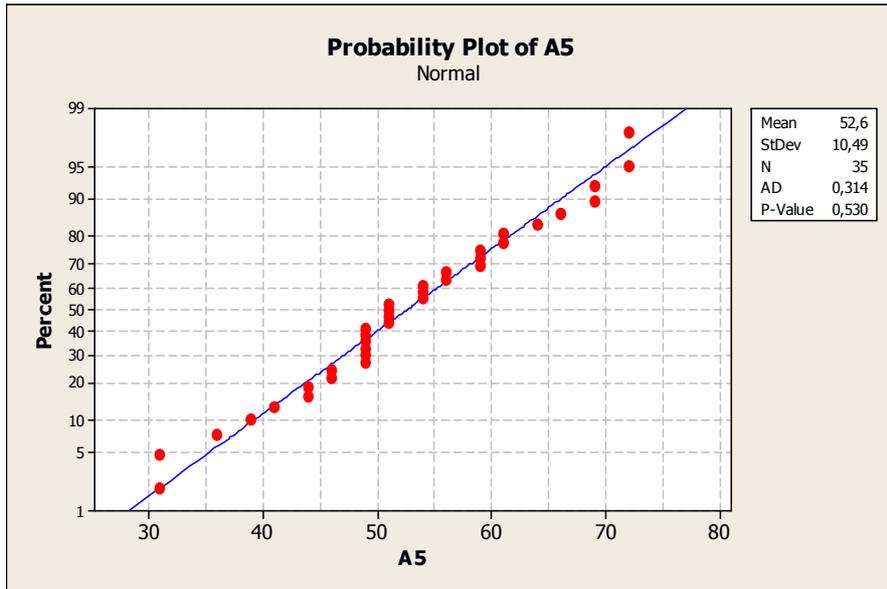


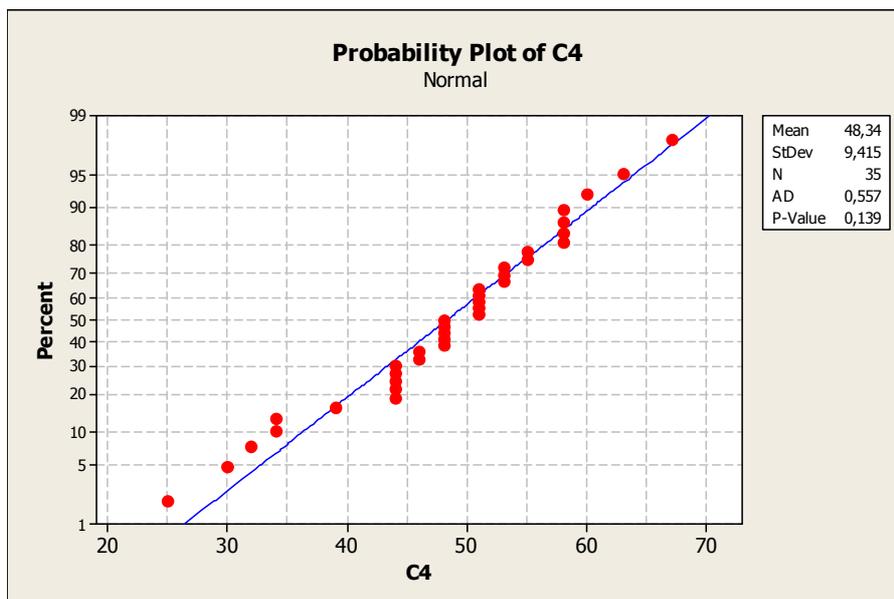
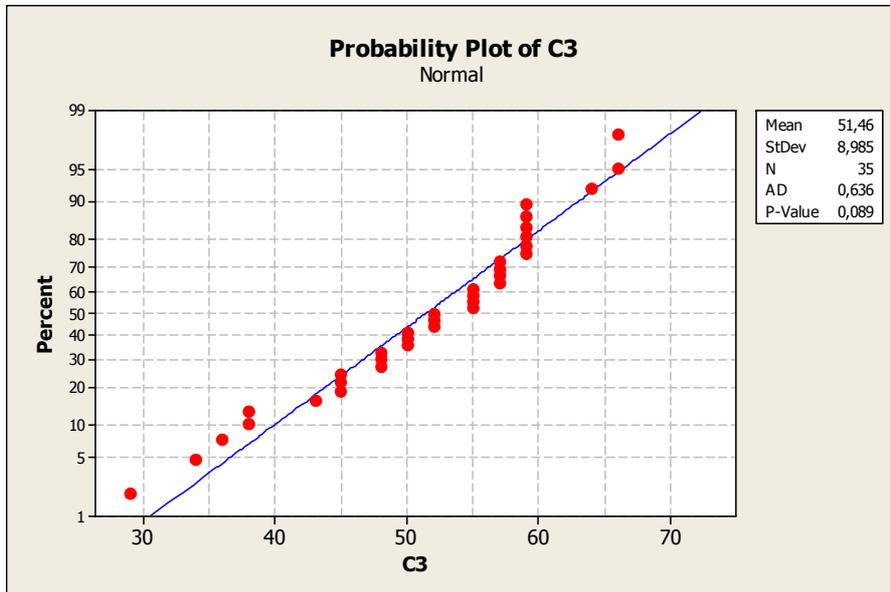
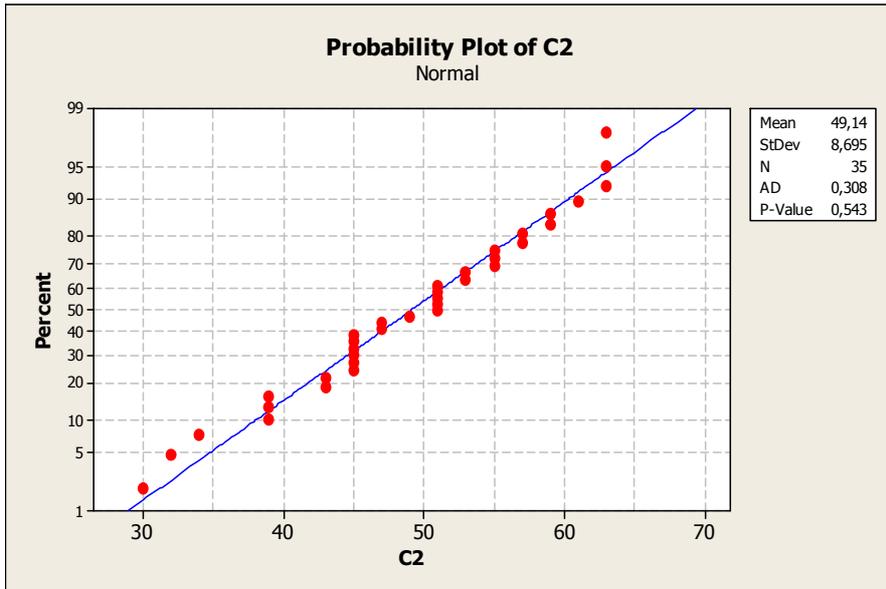


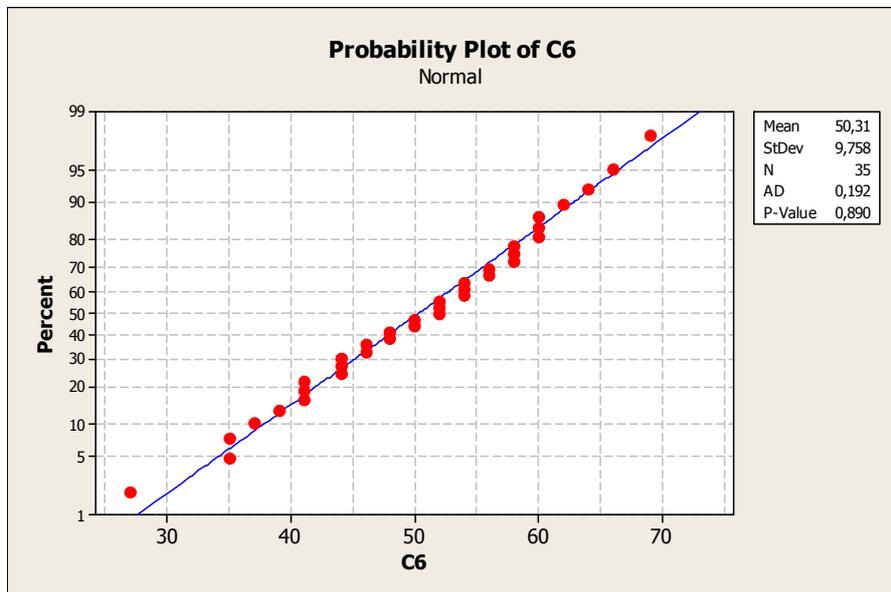
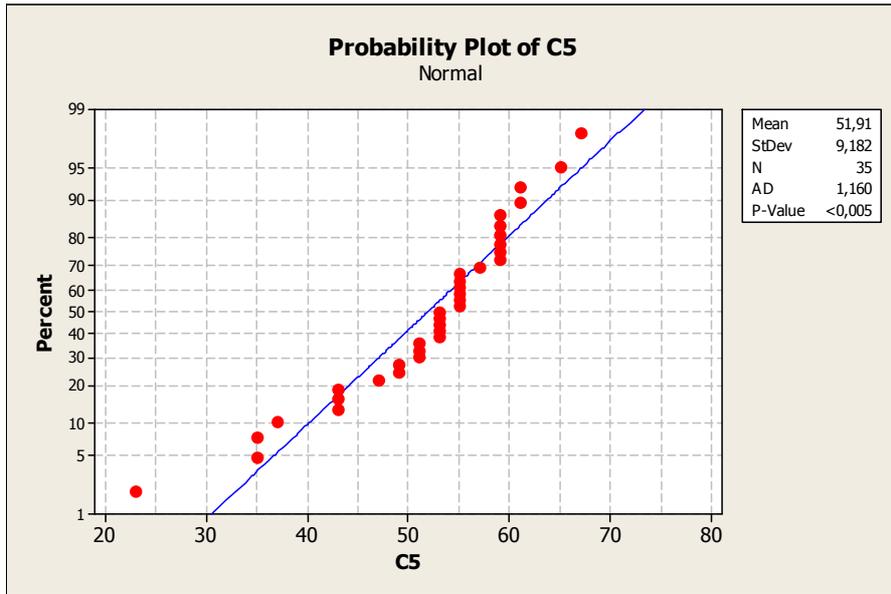




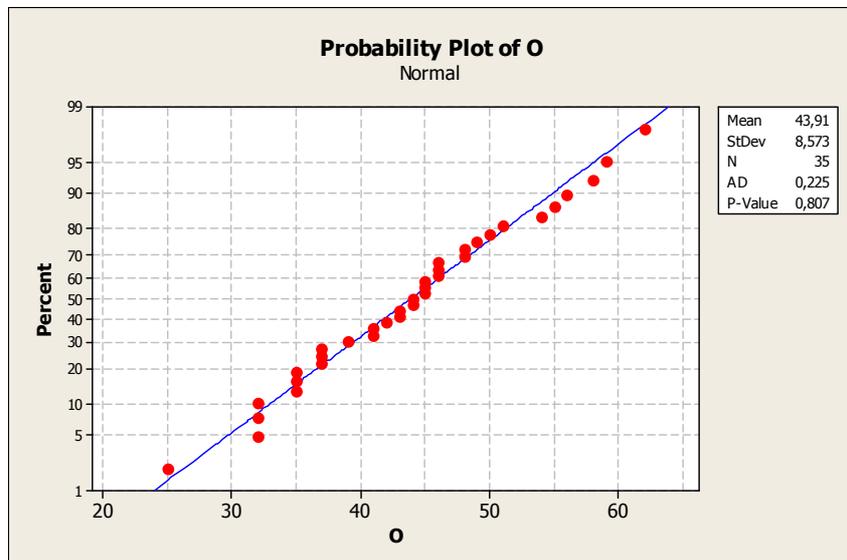
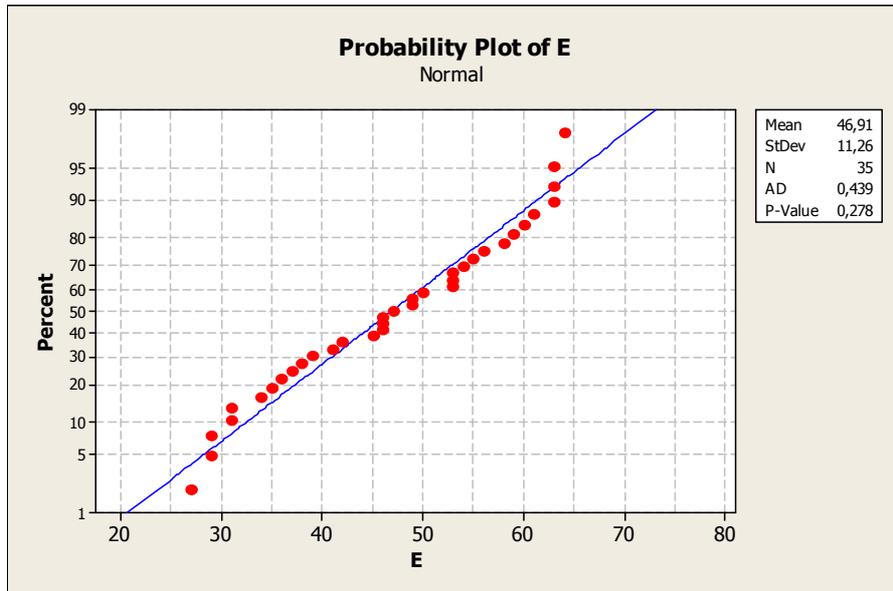
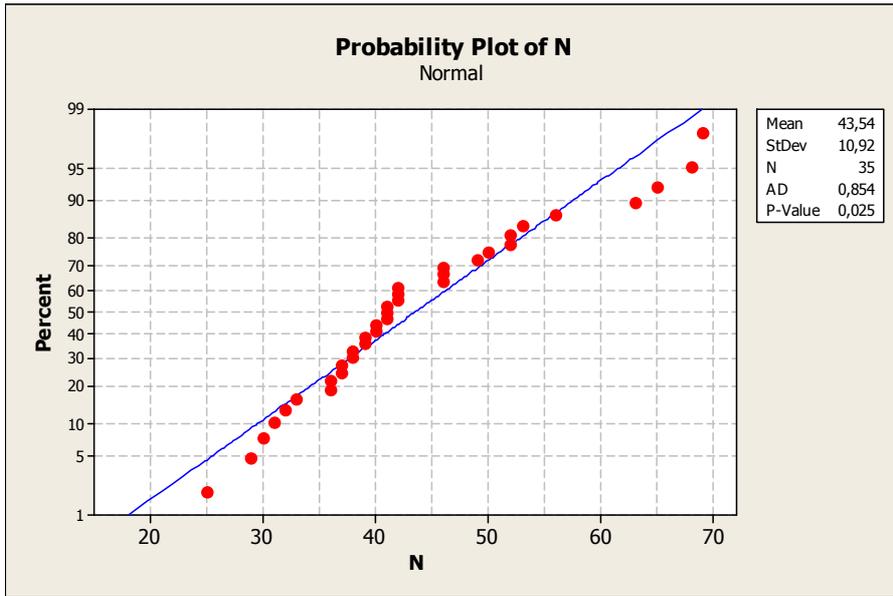


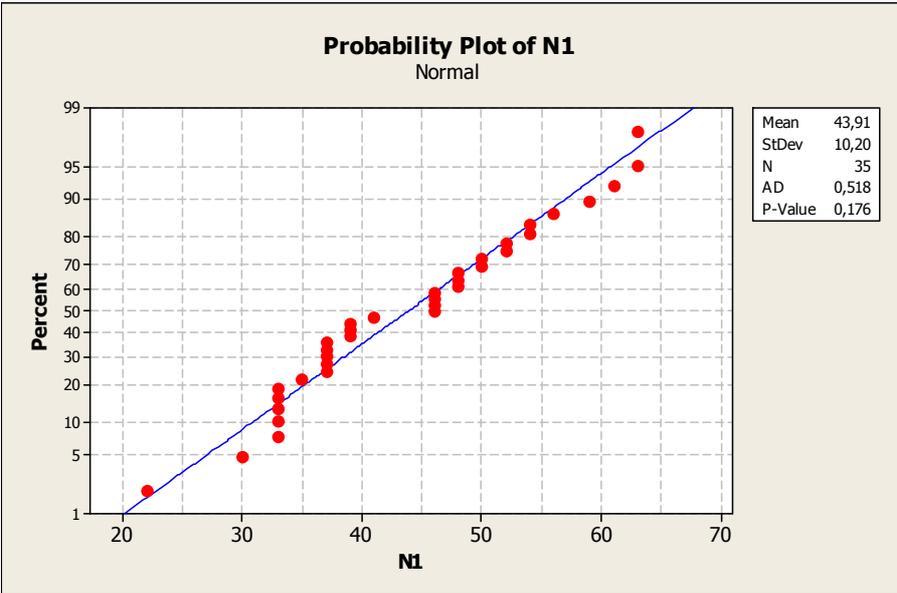
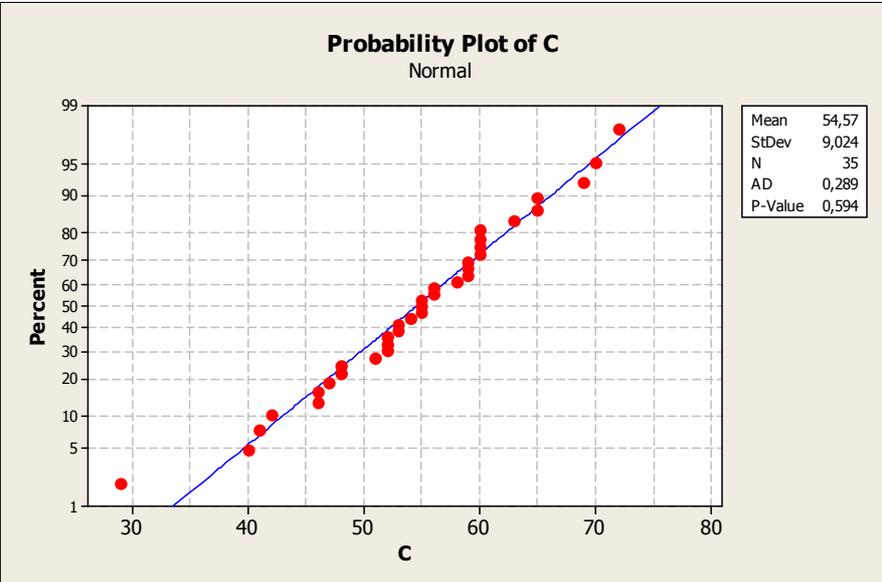
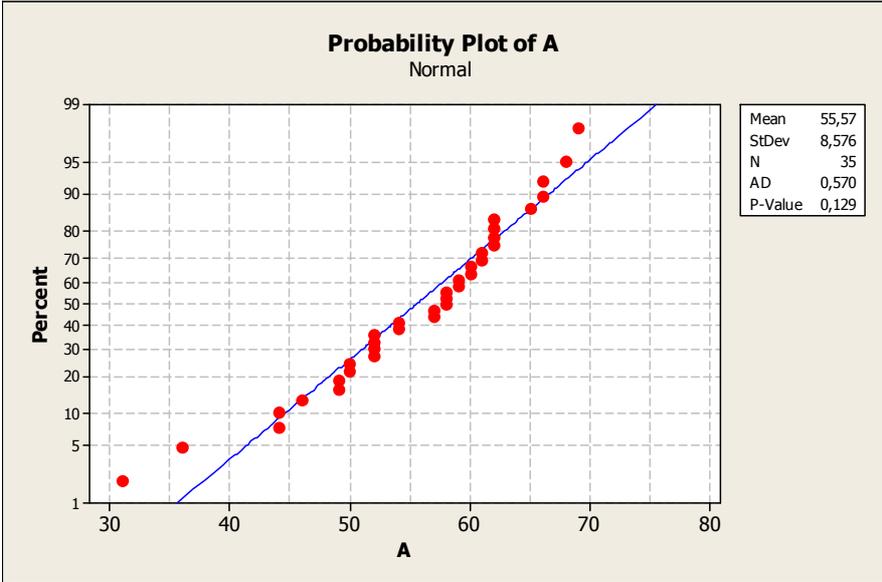


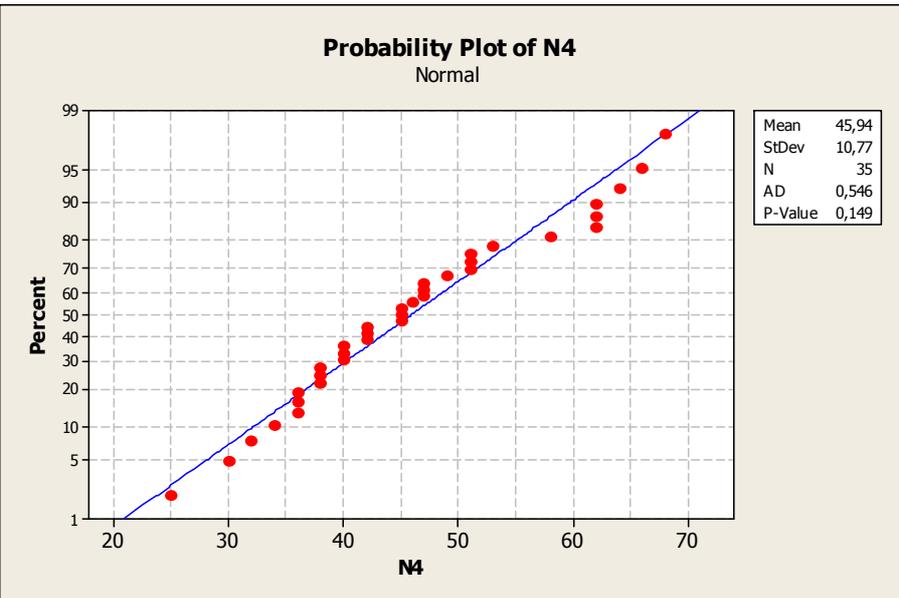
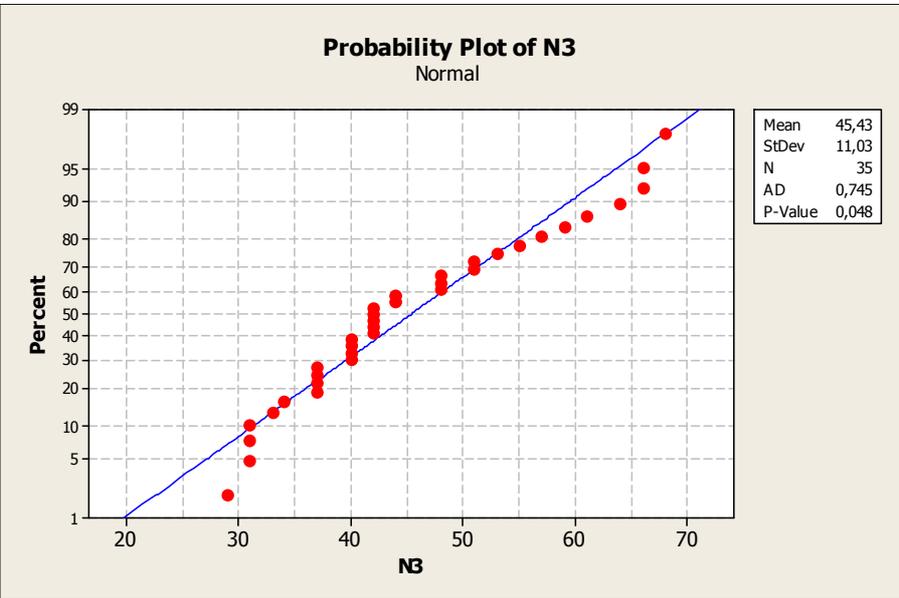
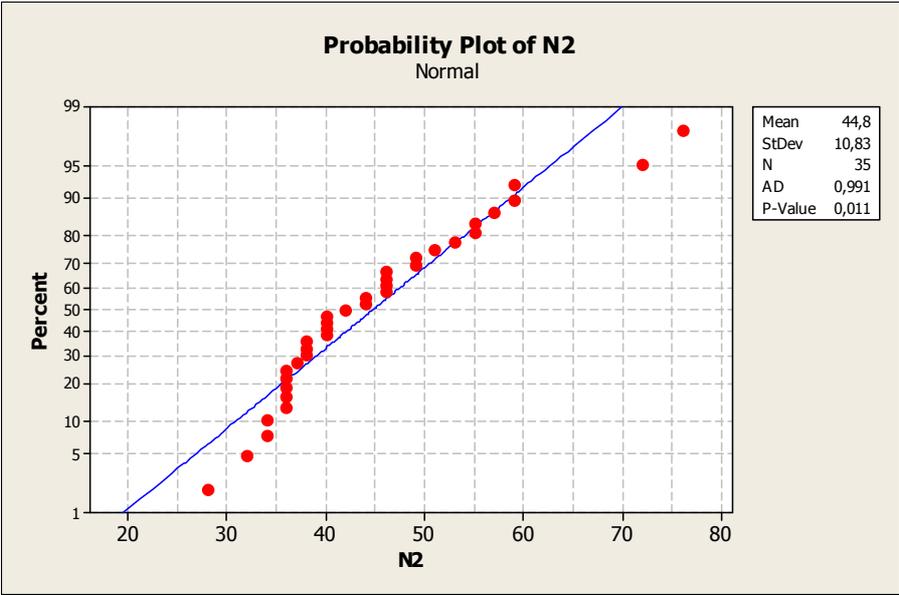


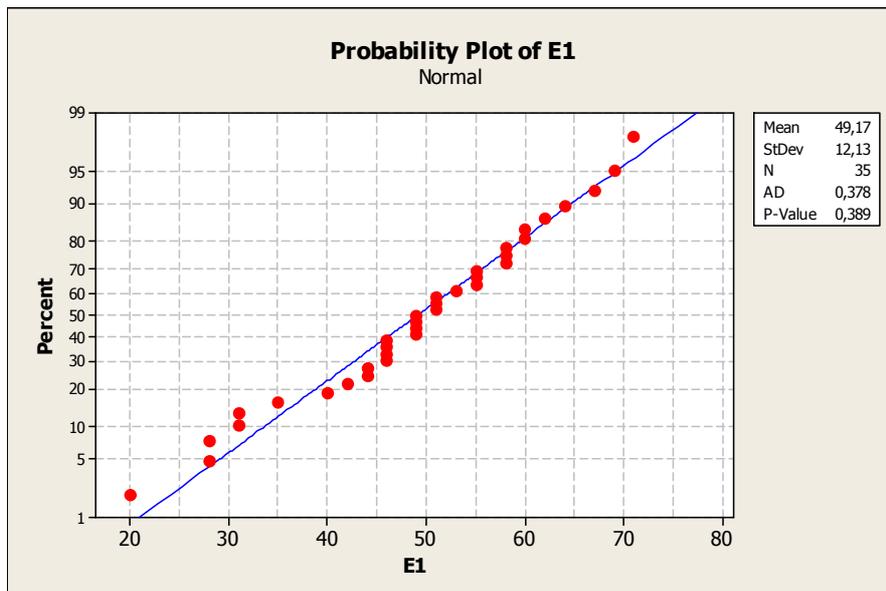
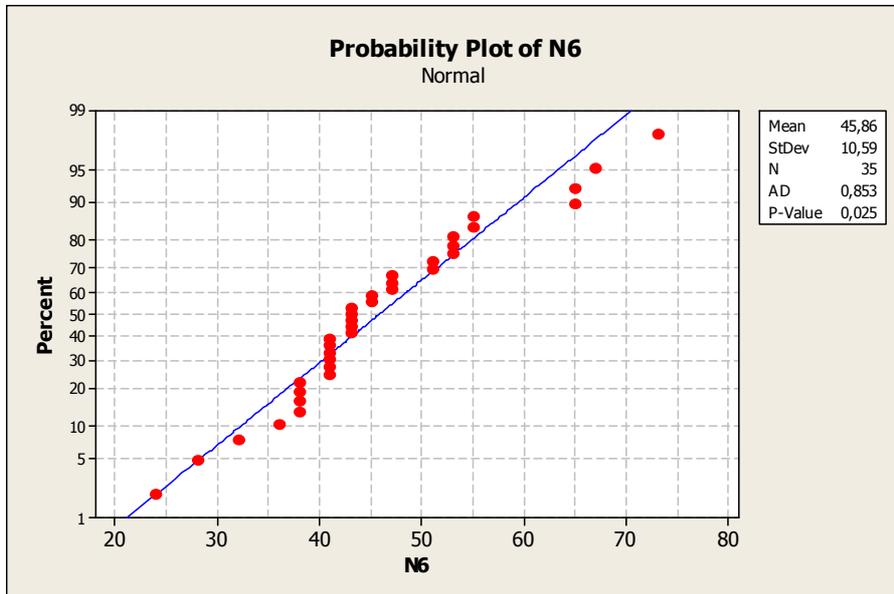
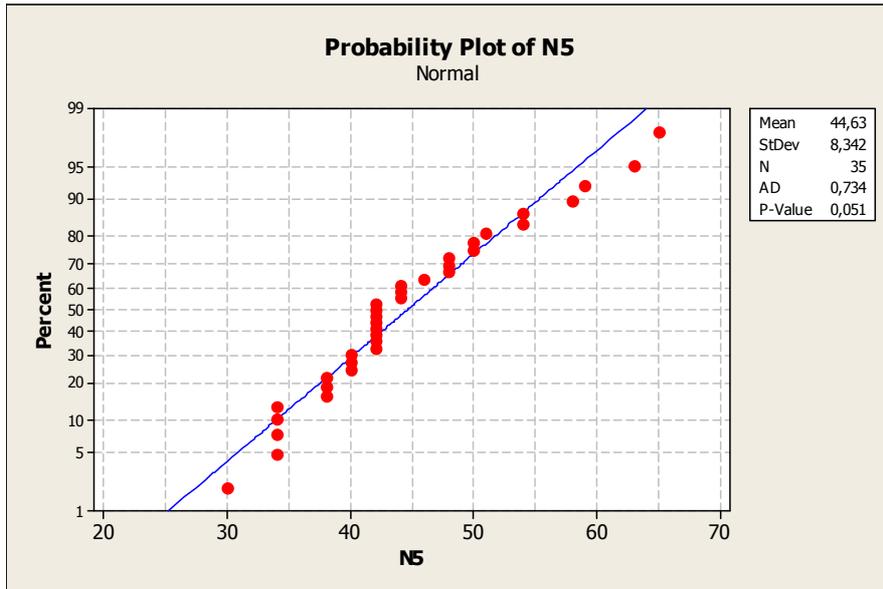


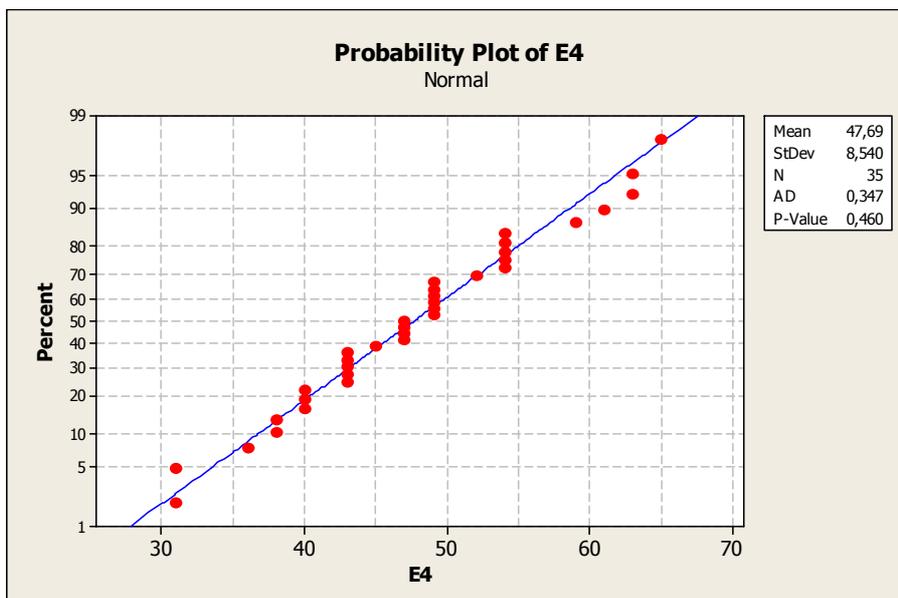
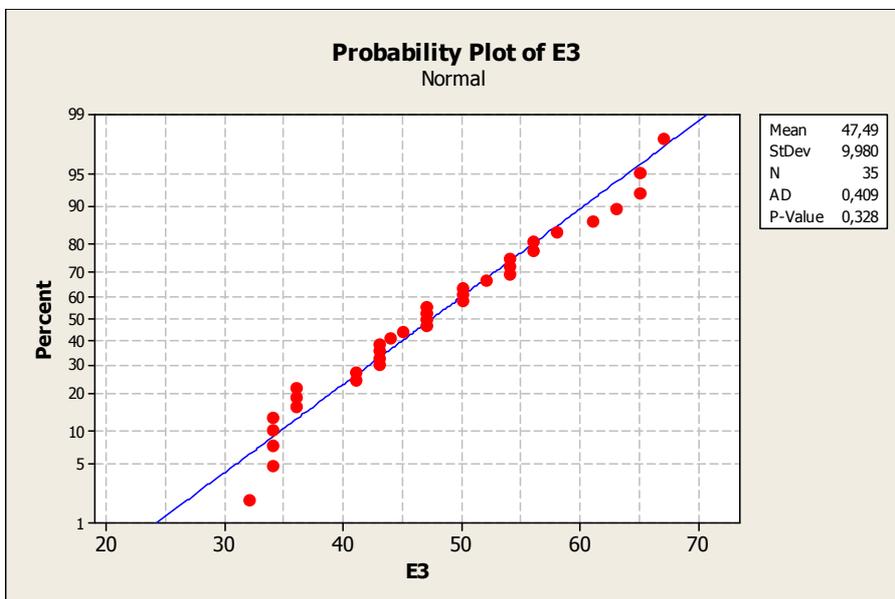
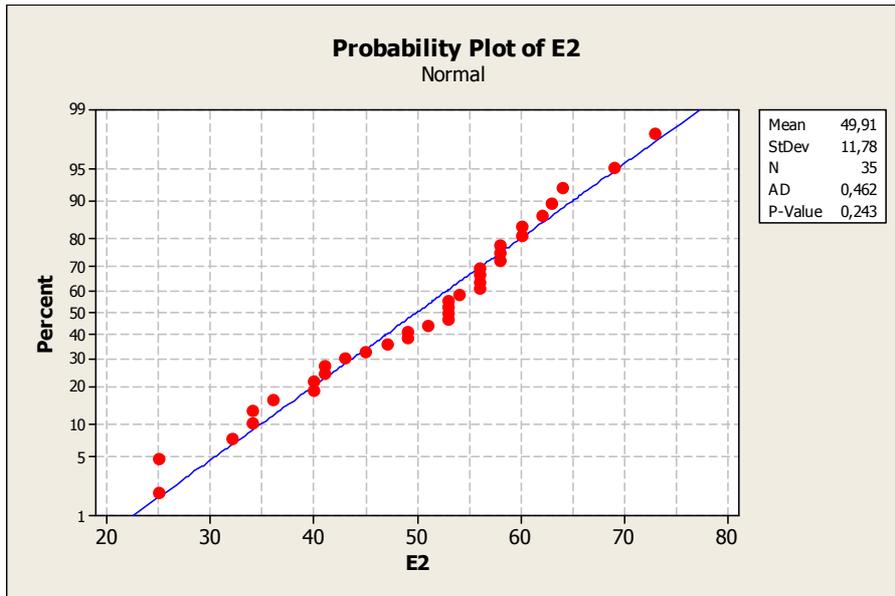
GRUPO C1

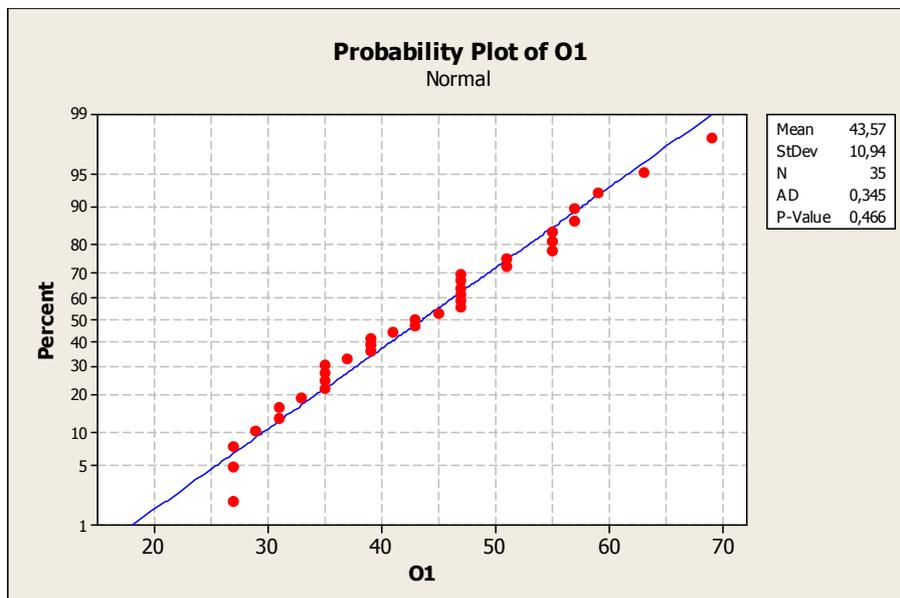
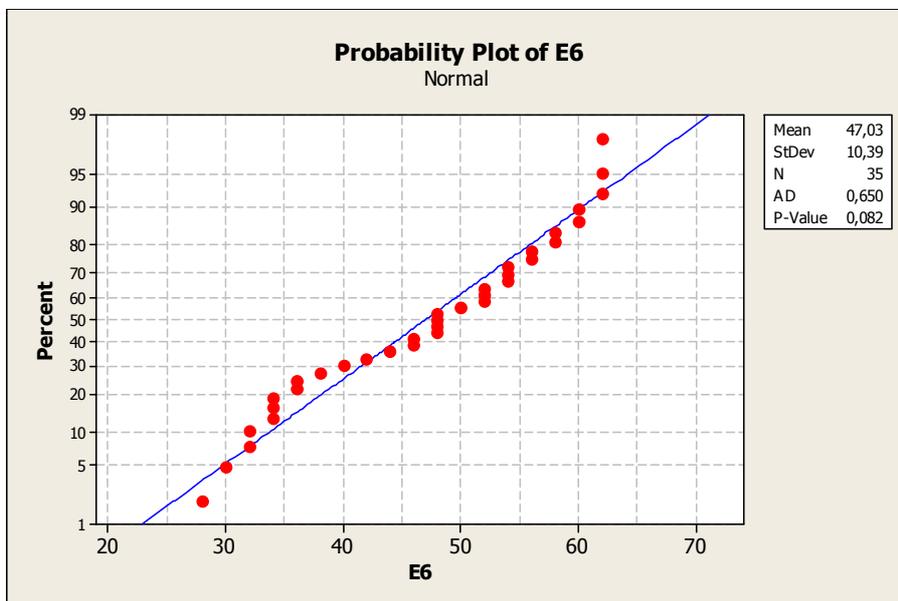
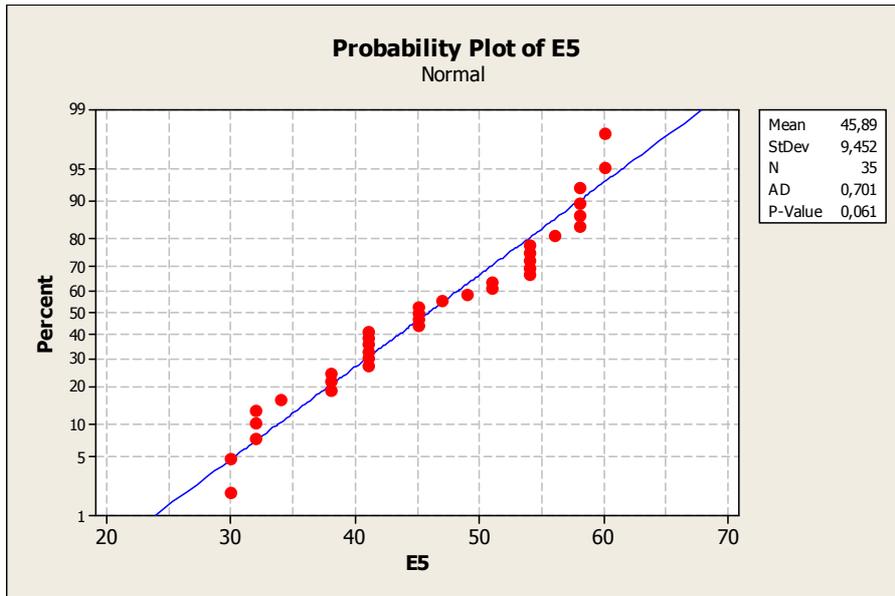


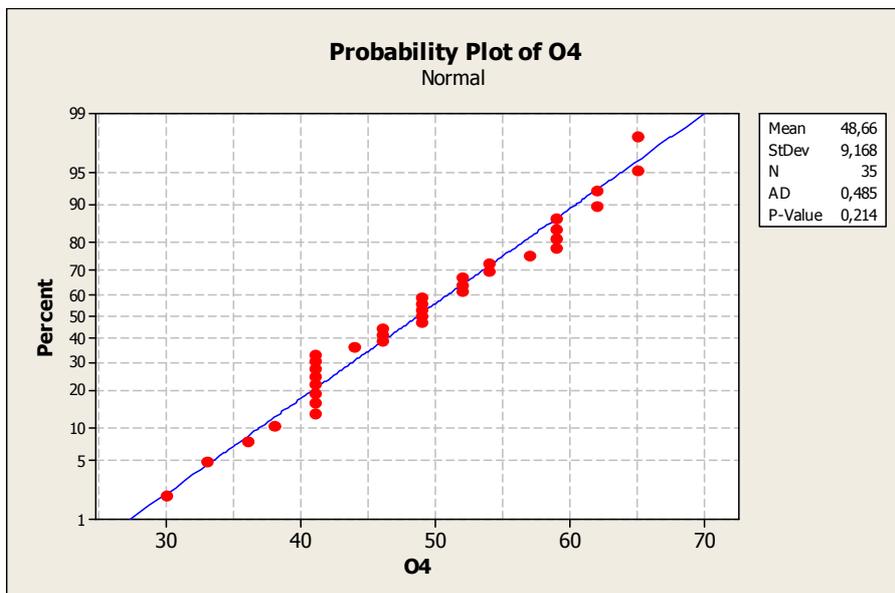
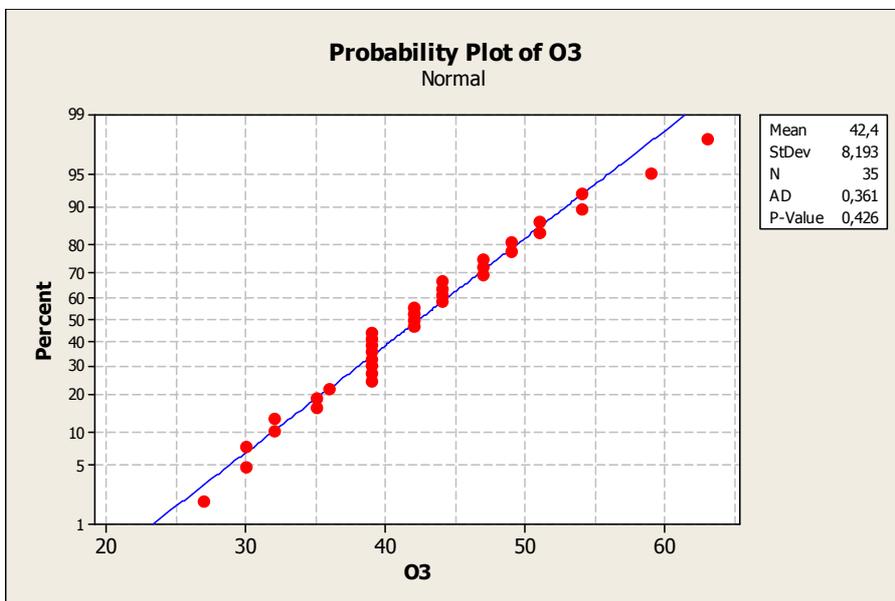
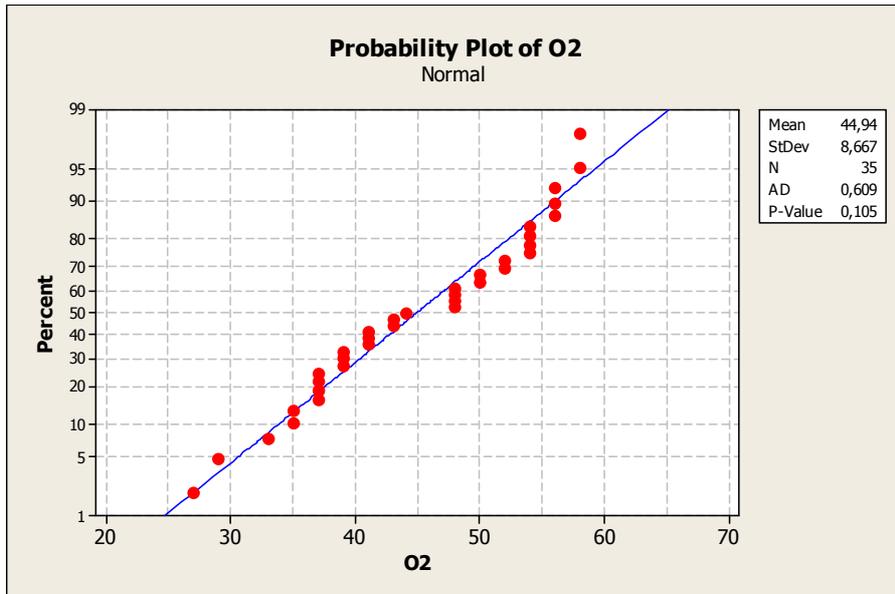


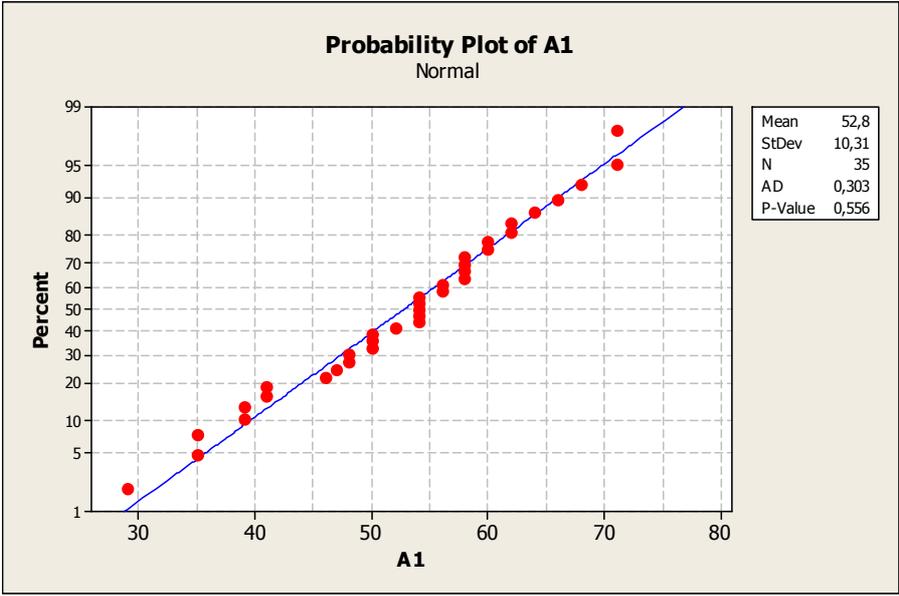
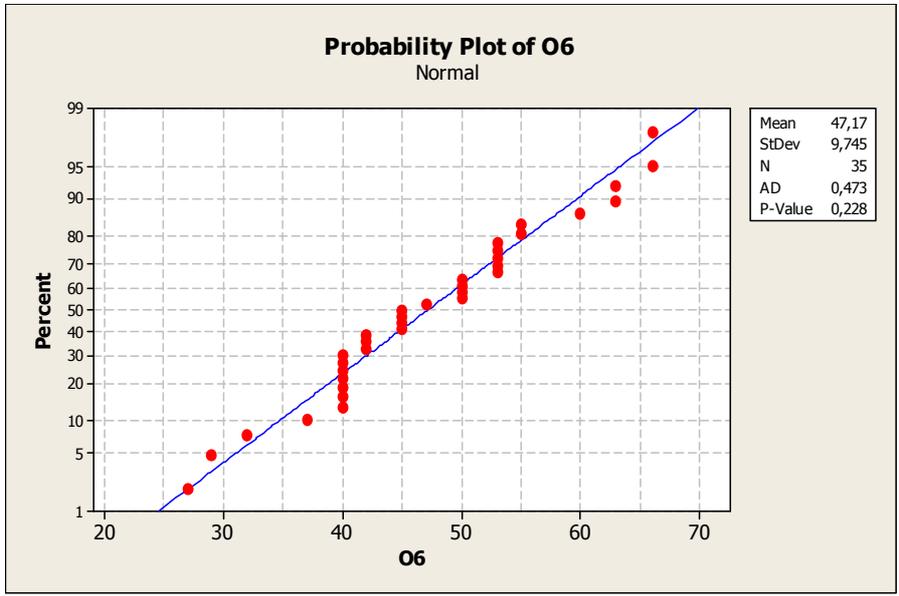
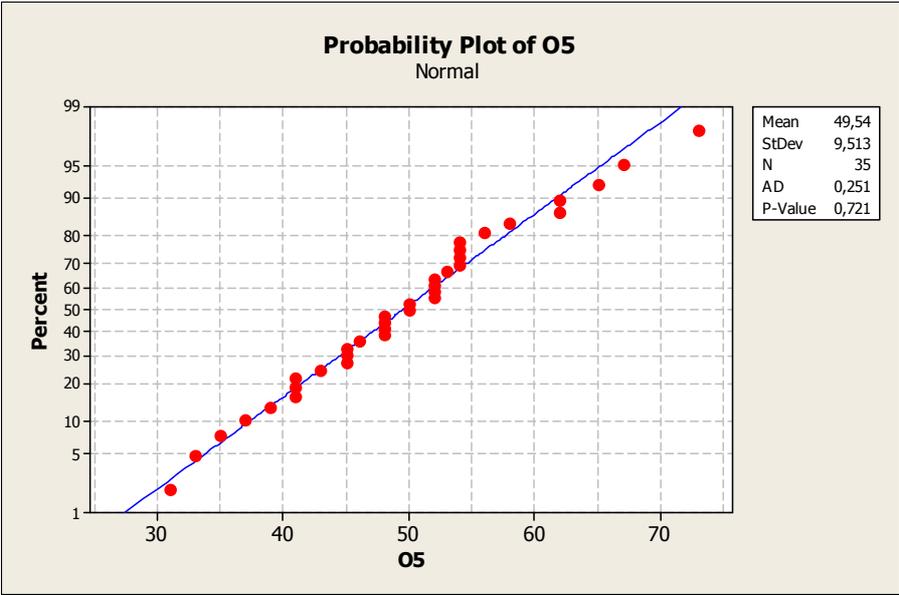


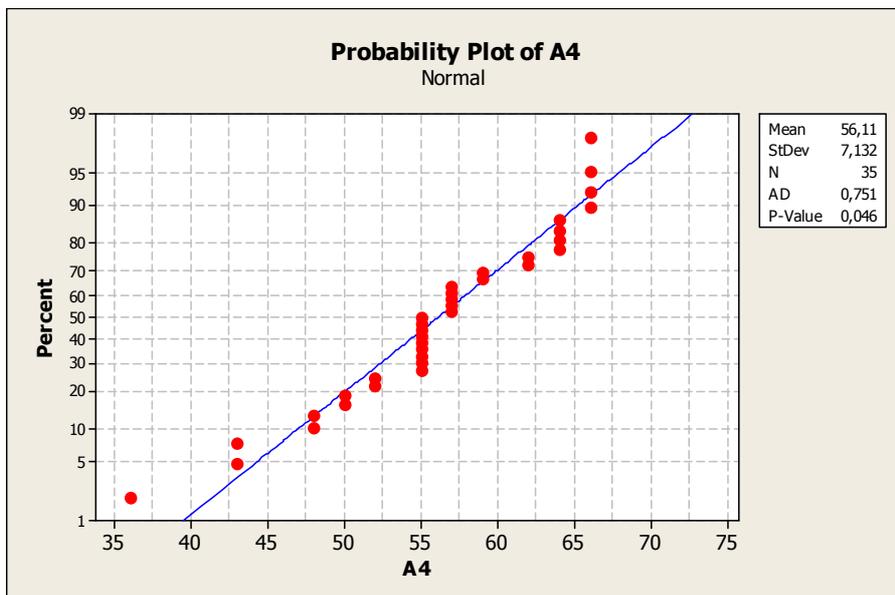
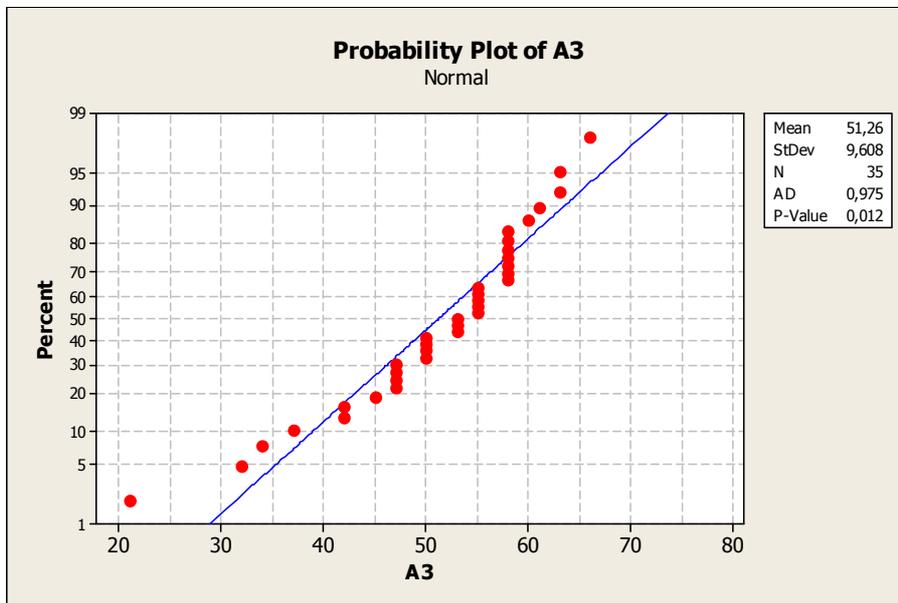
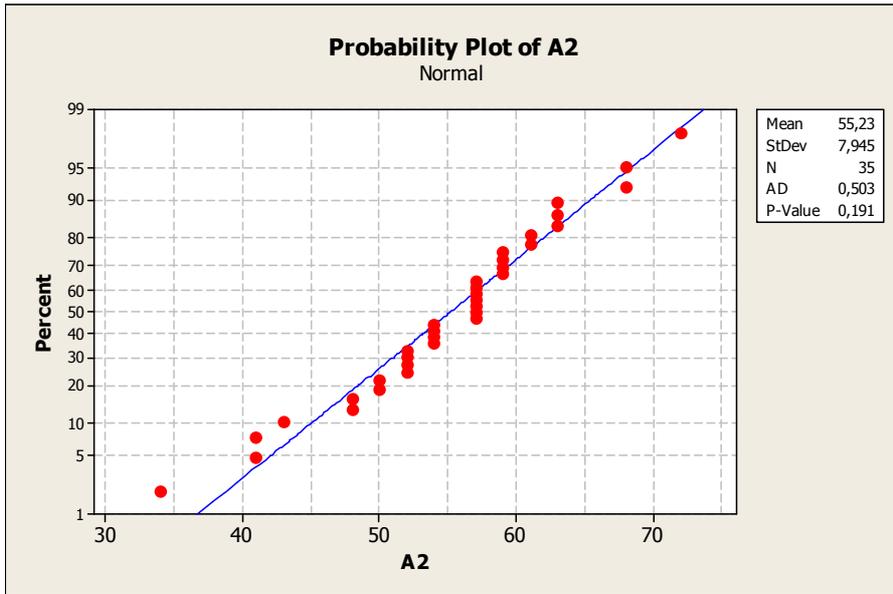


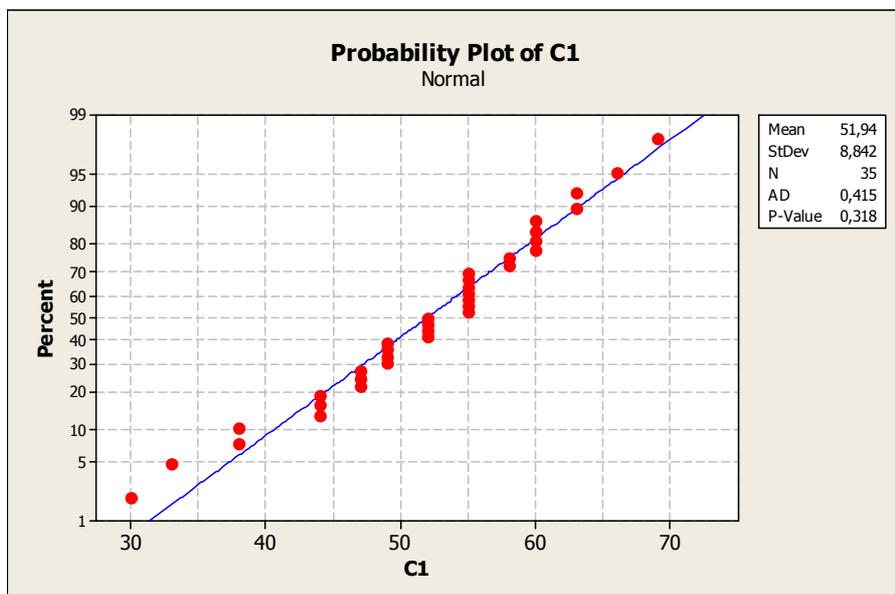
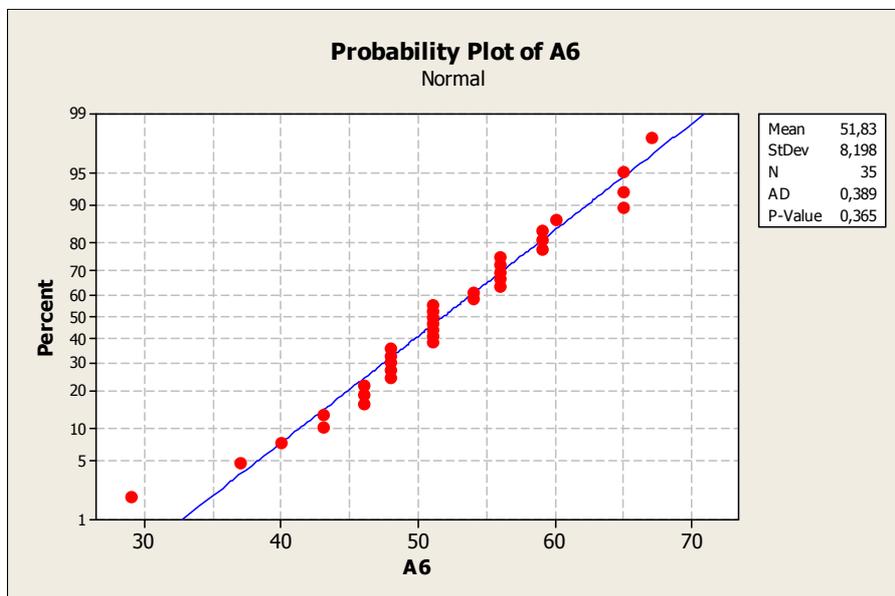
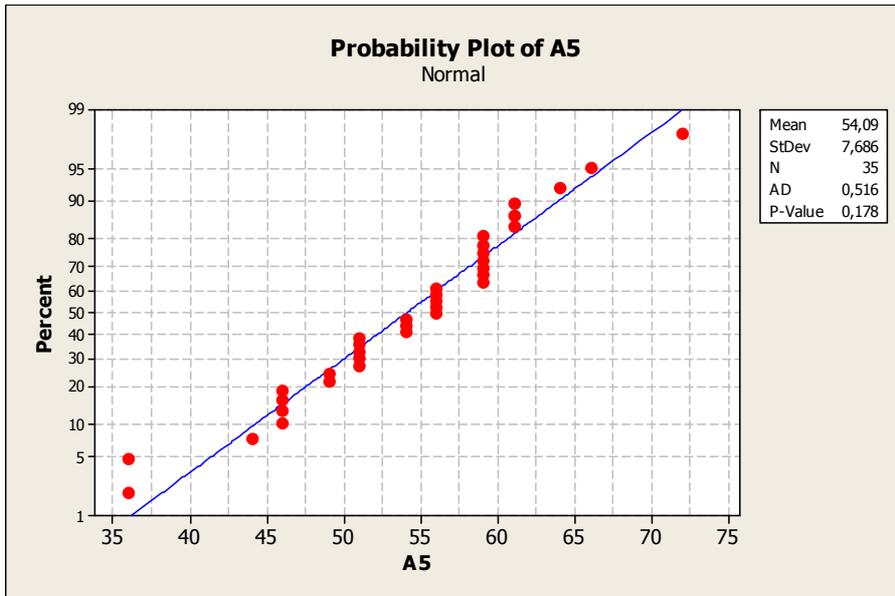


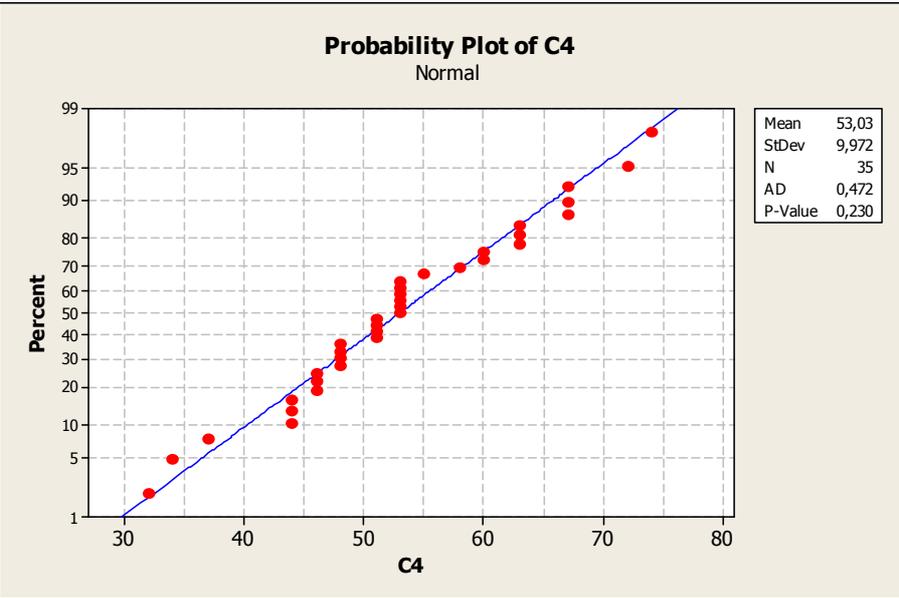
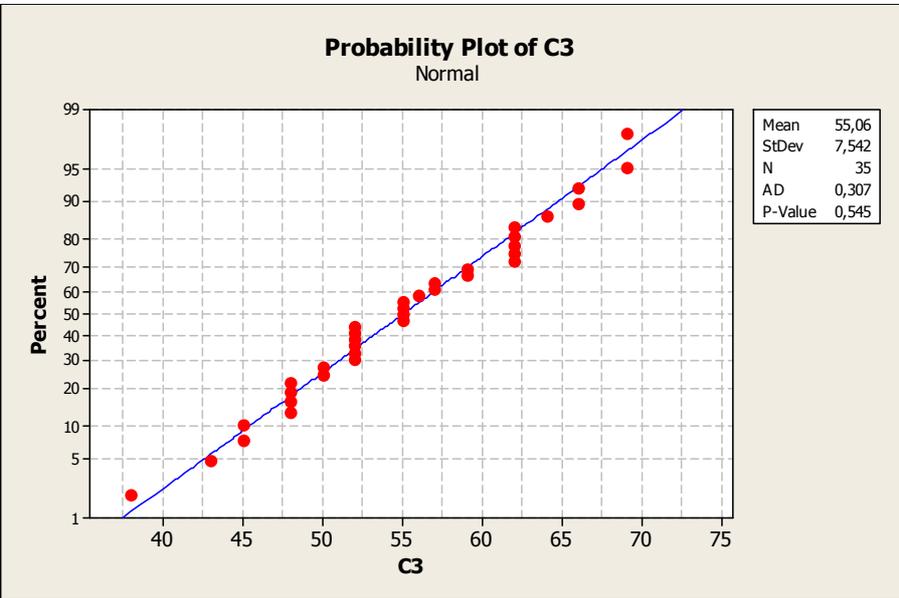
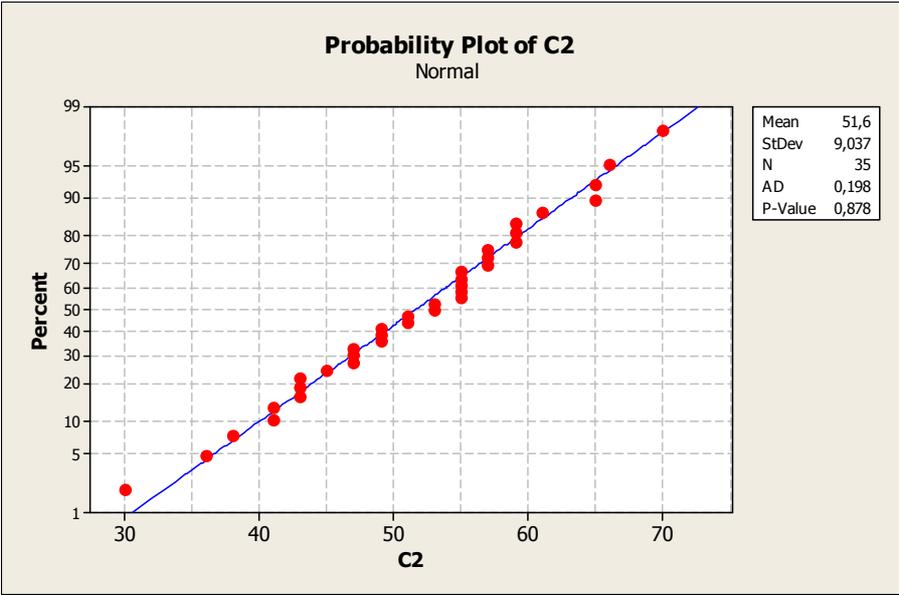


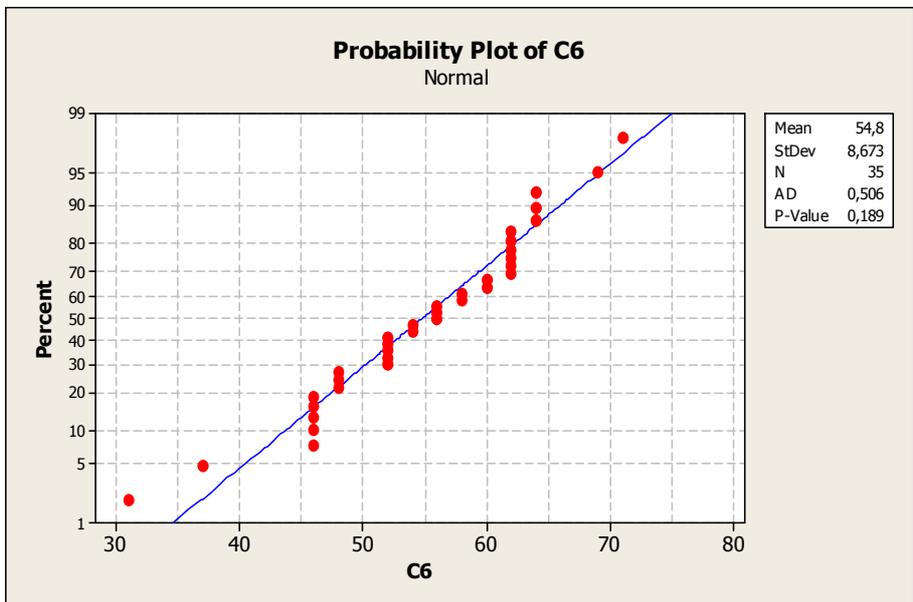
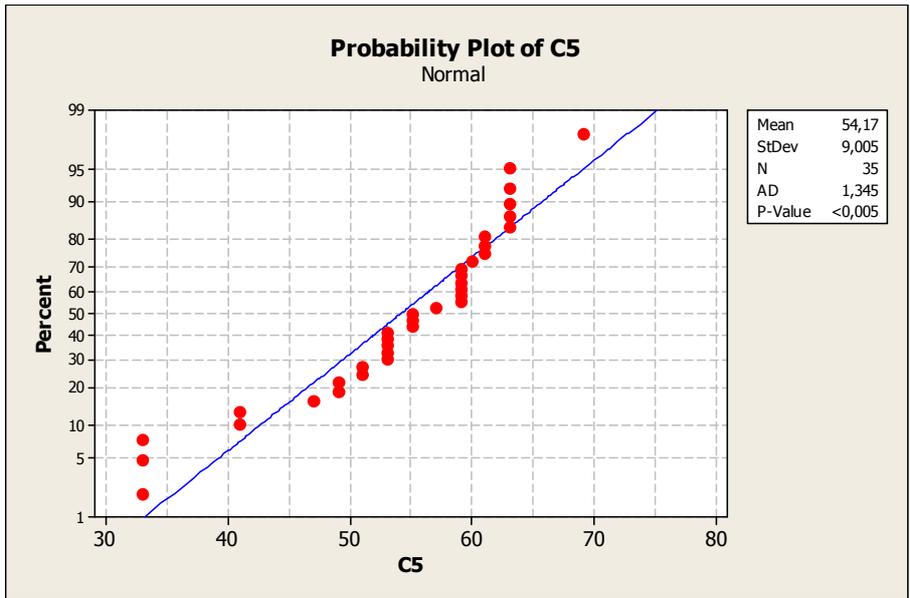




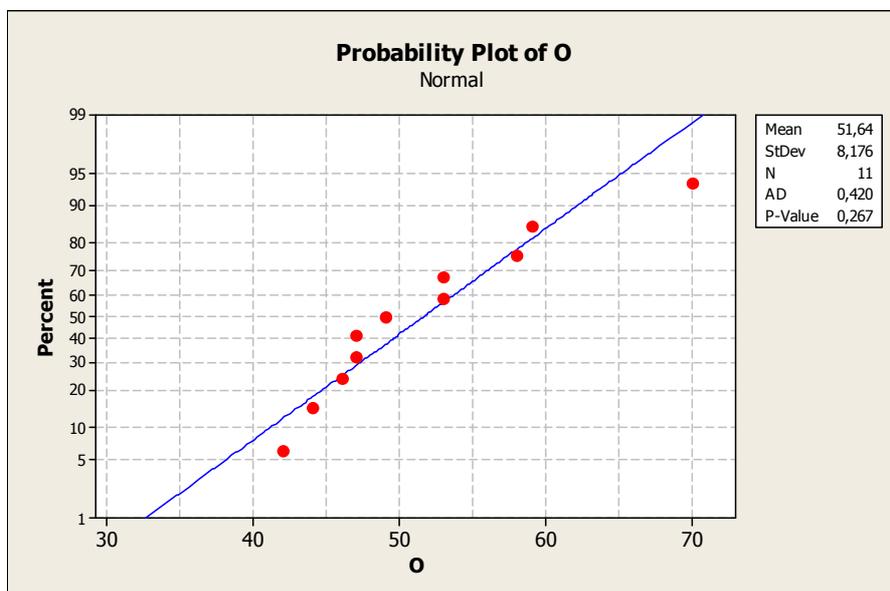
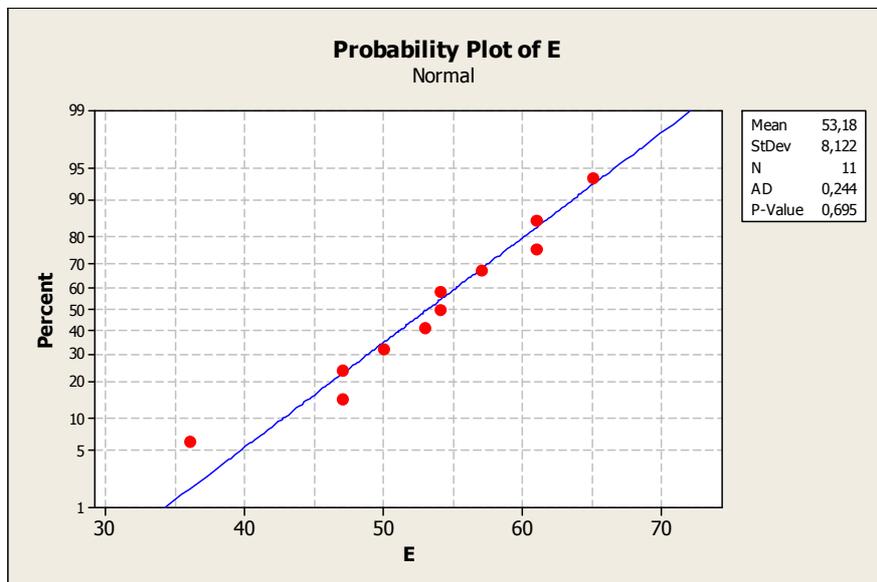
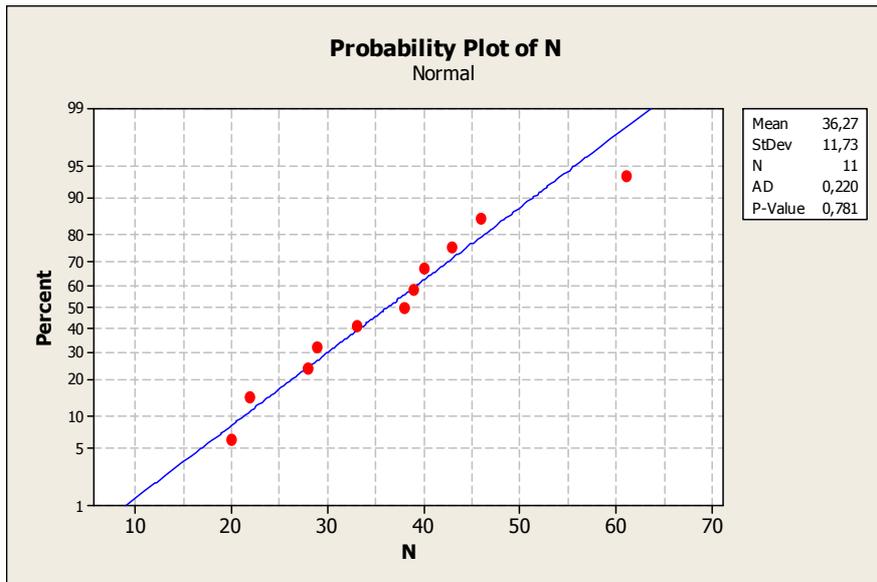


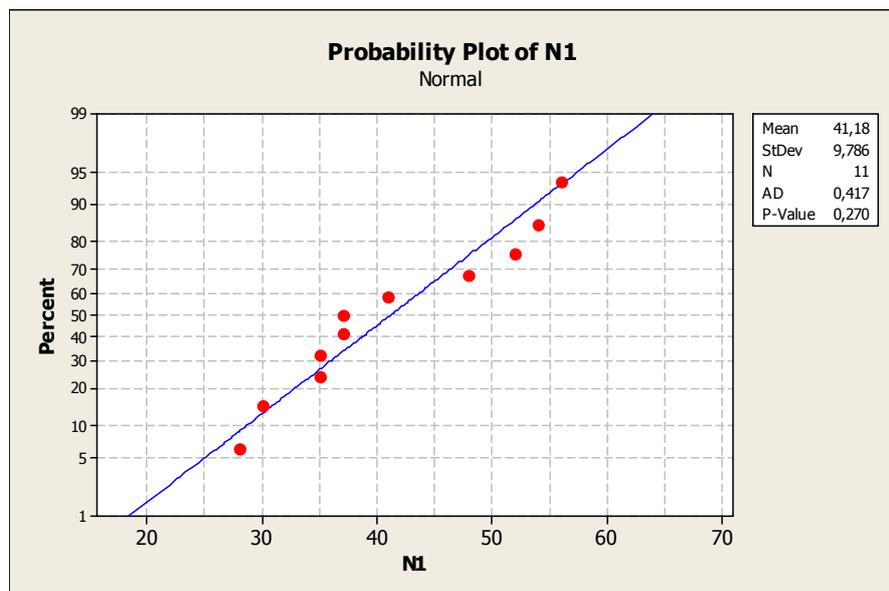
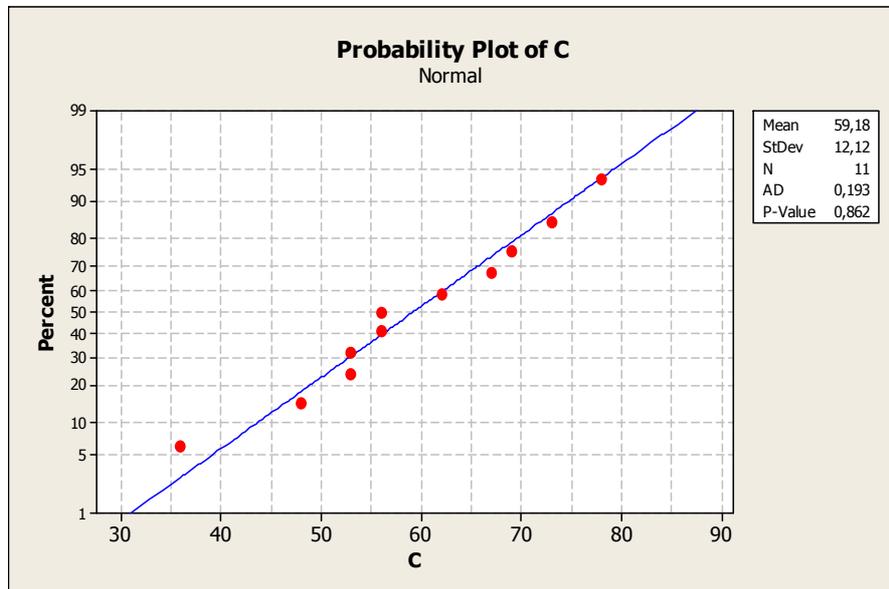
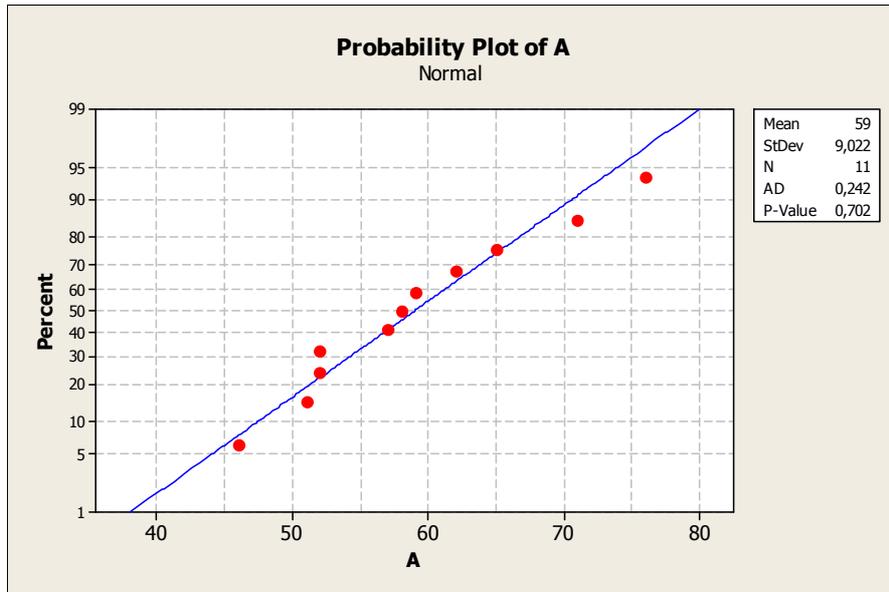


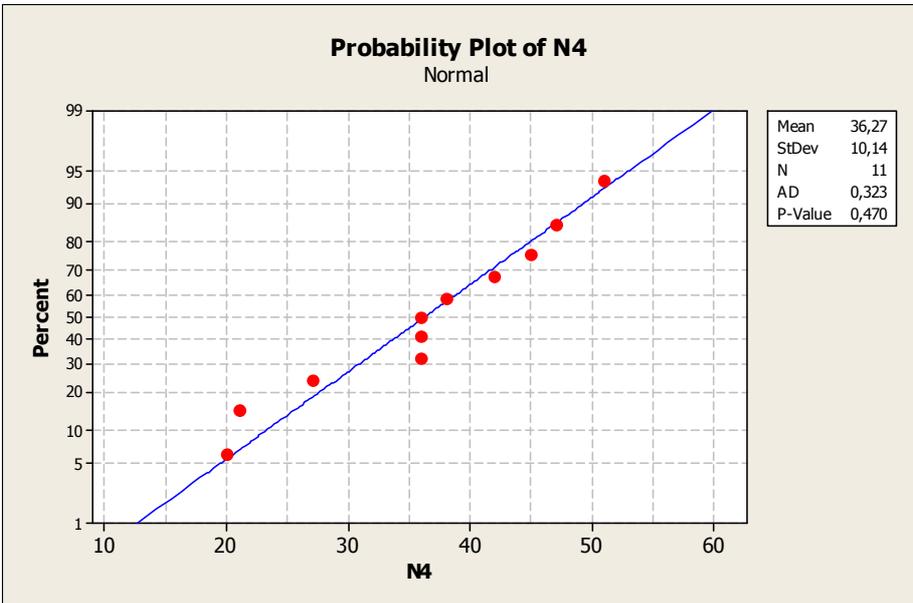
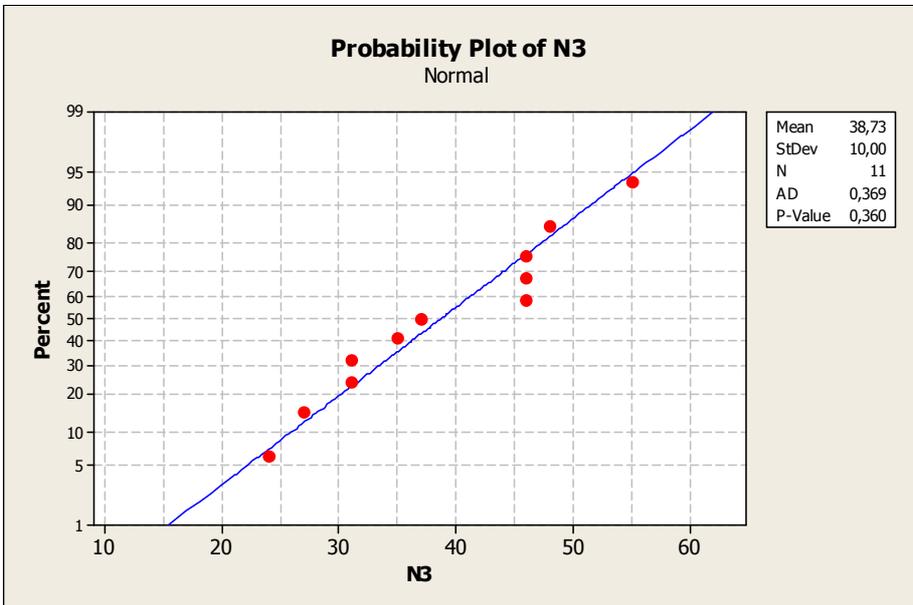
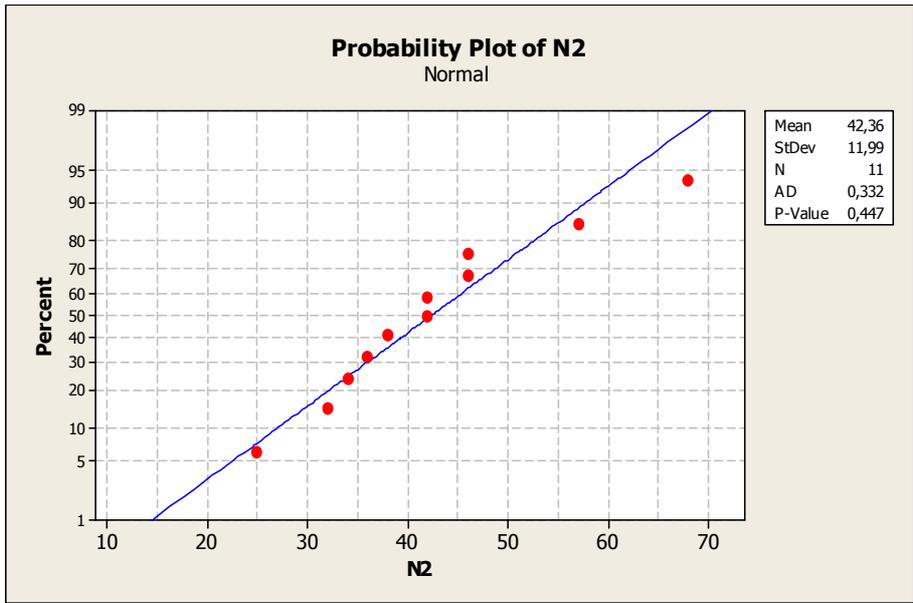


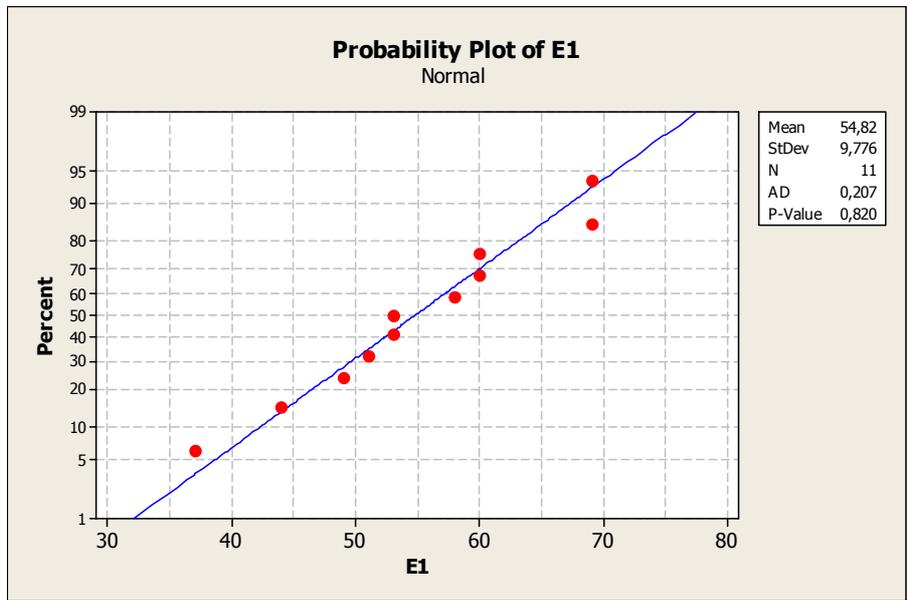
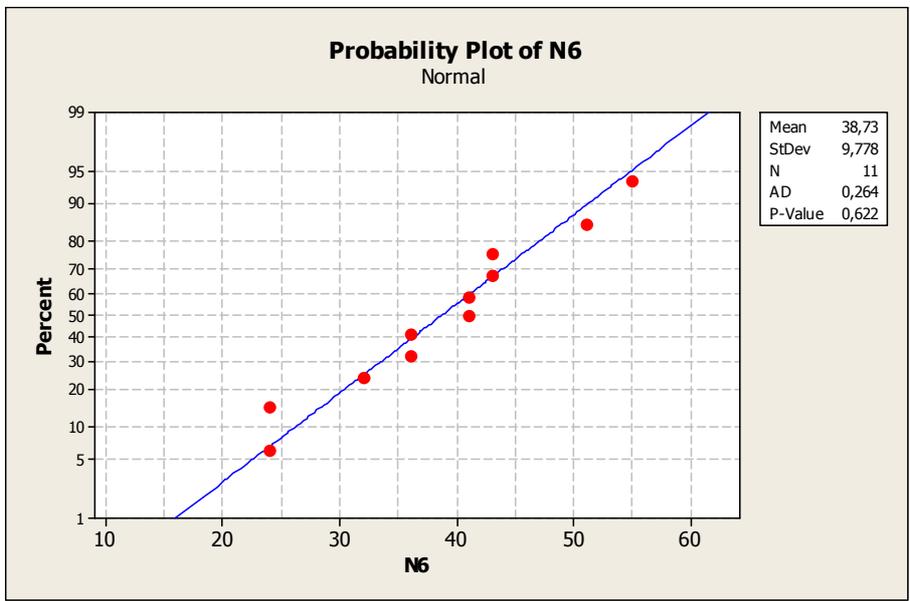
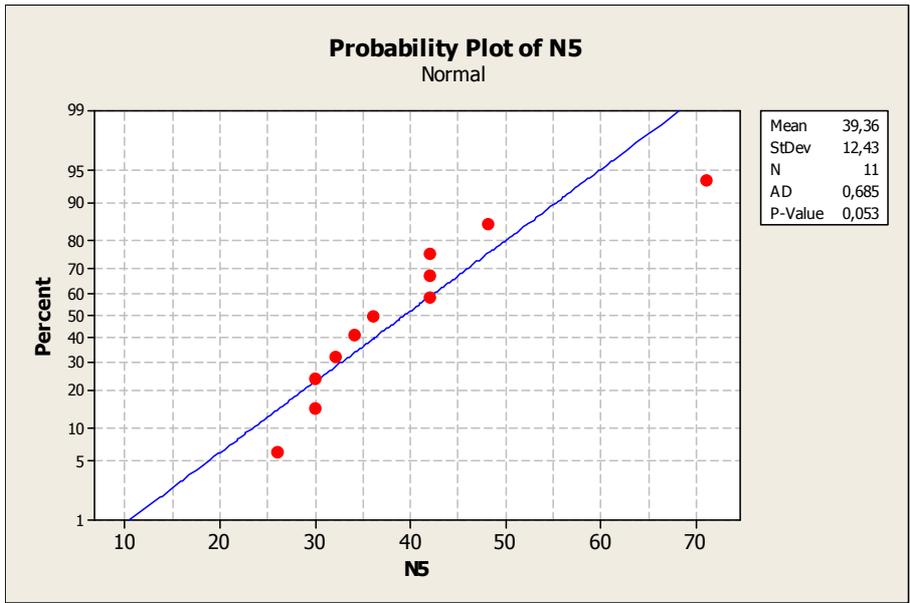


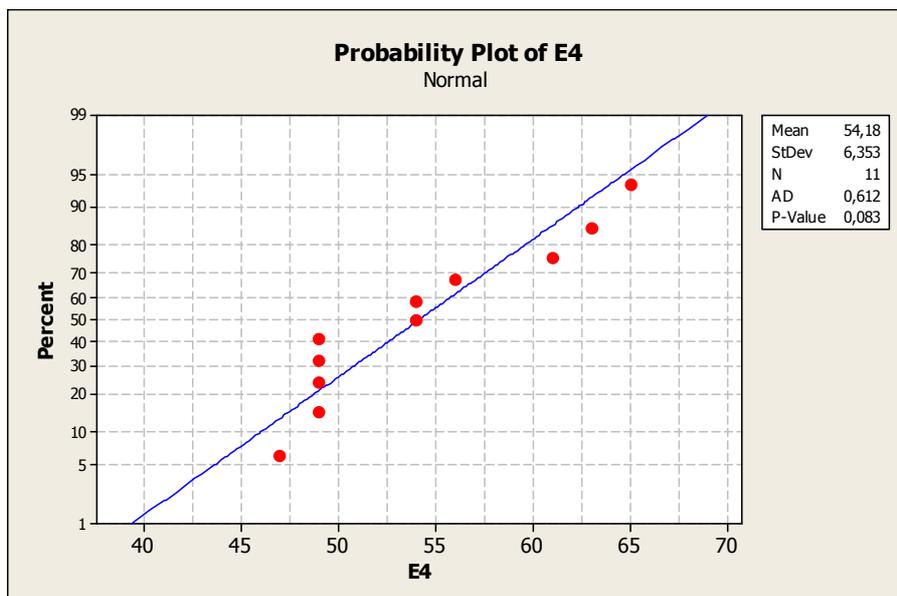
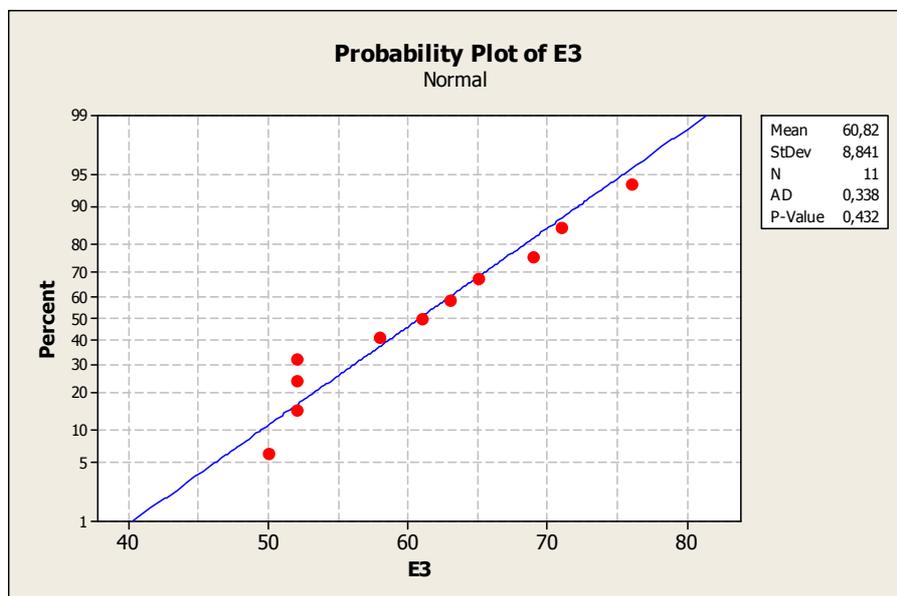
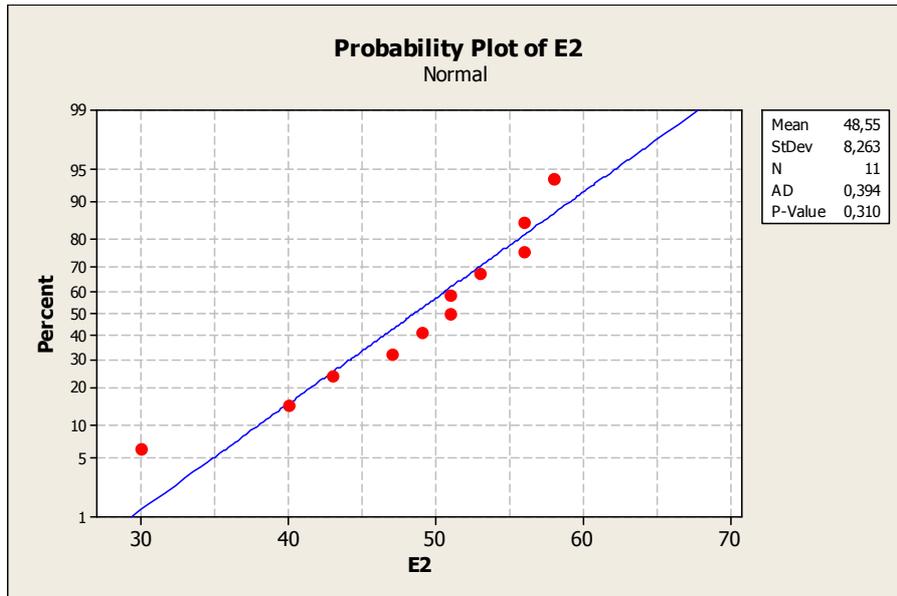
GRUPO E2

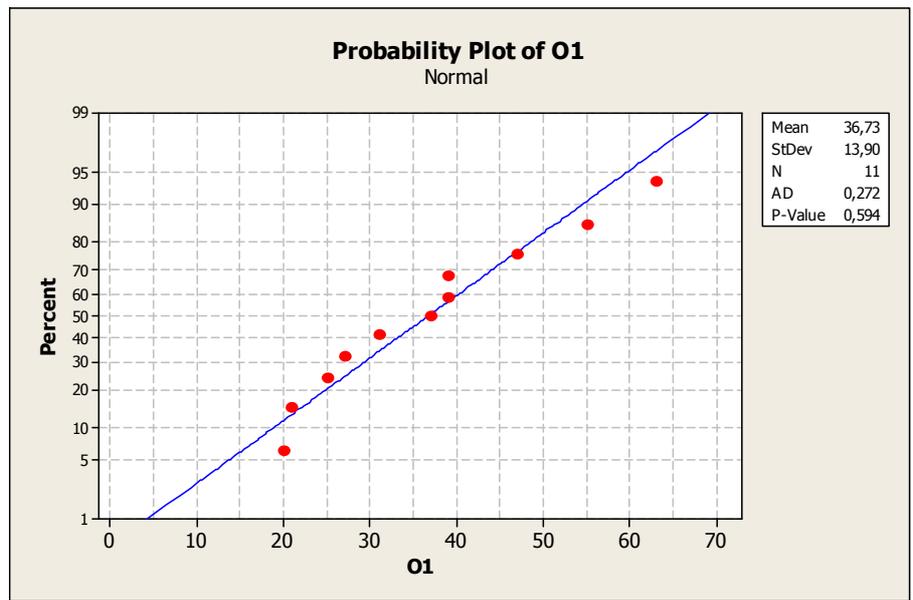
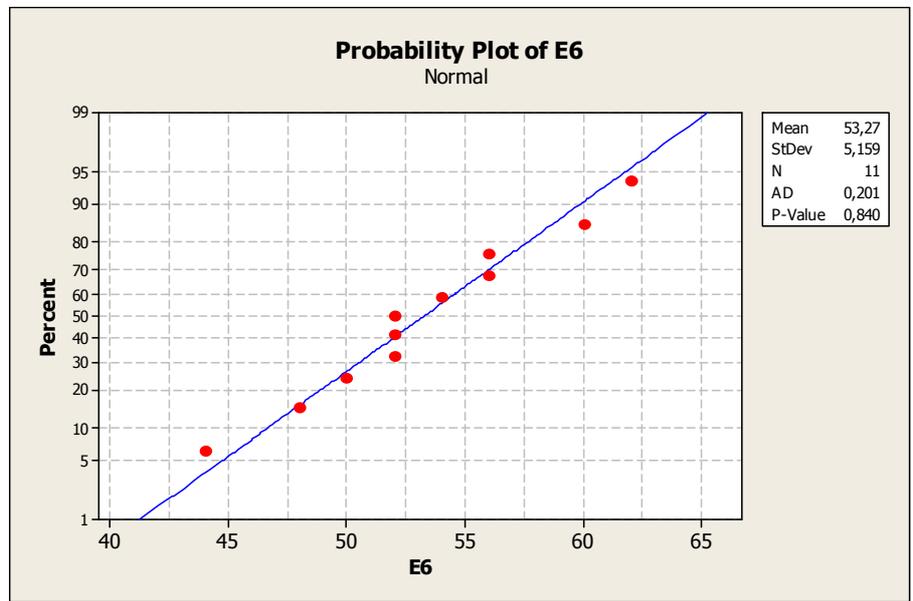
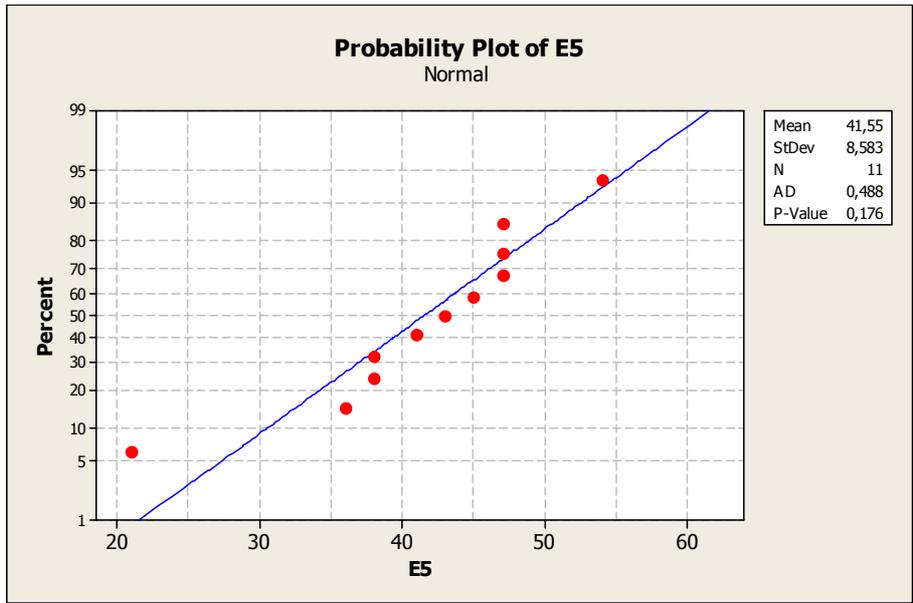


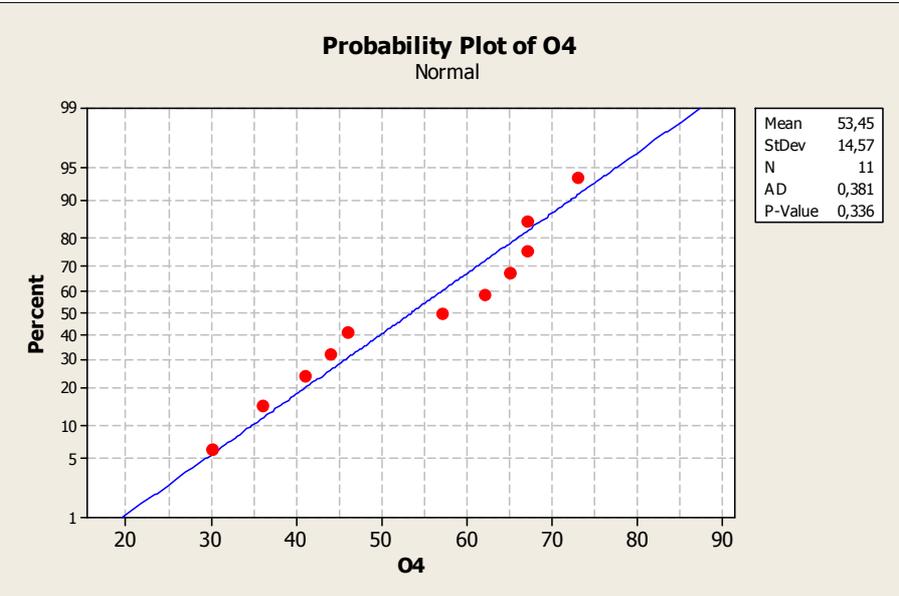
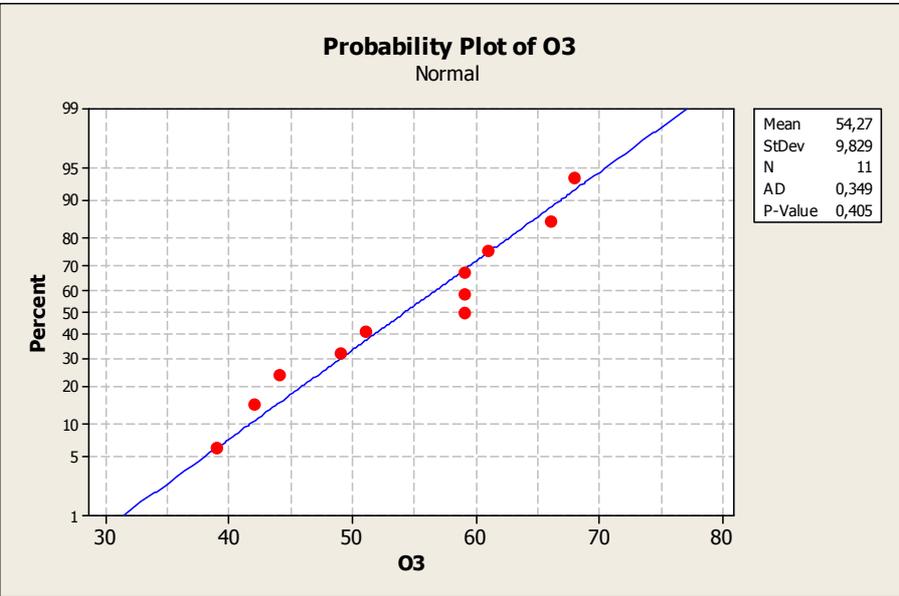
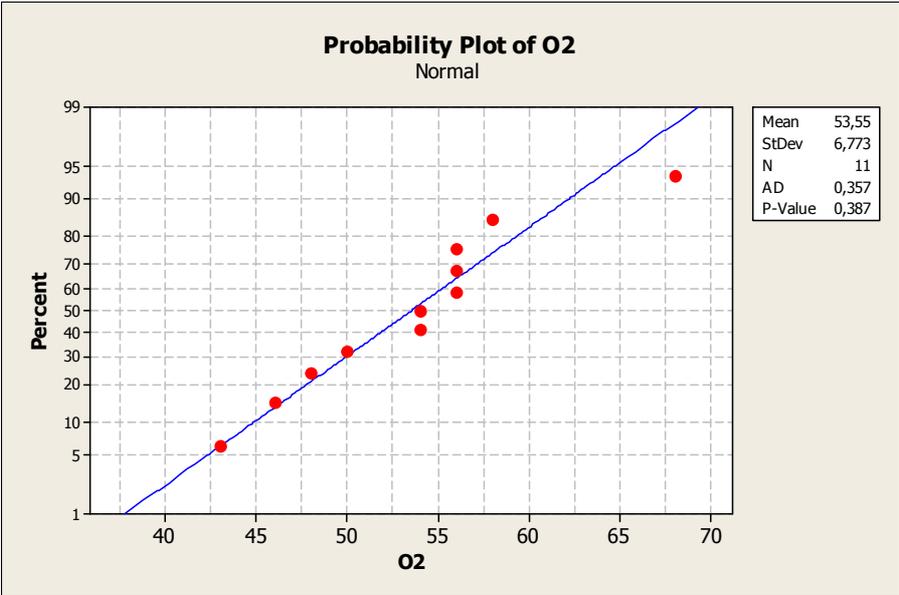


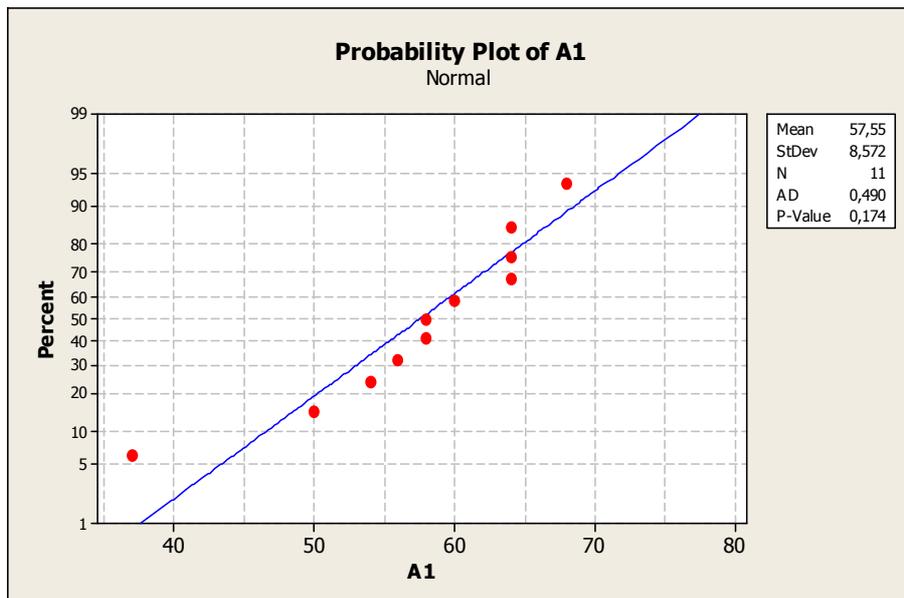
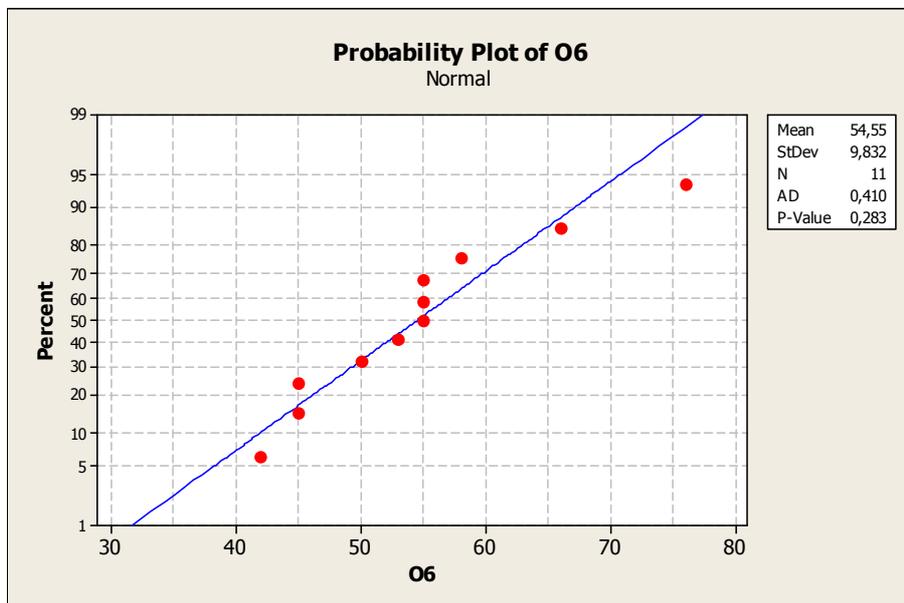
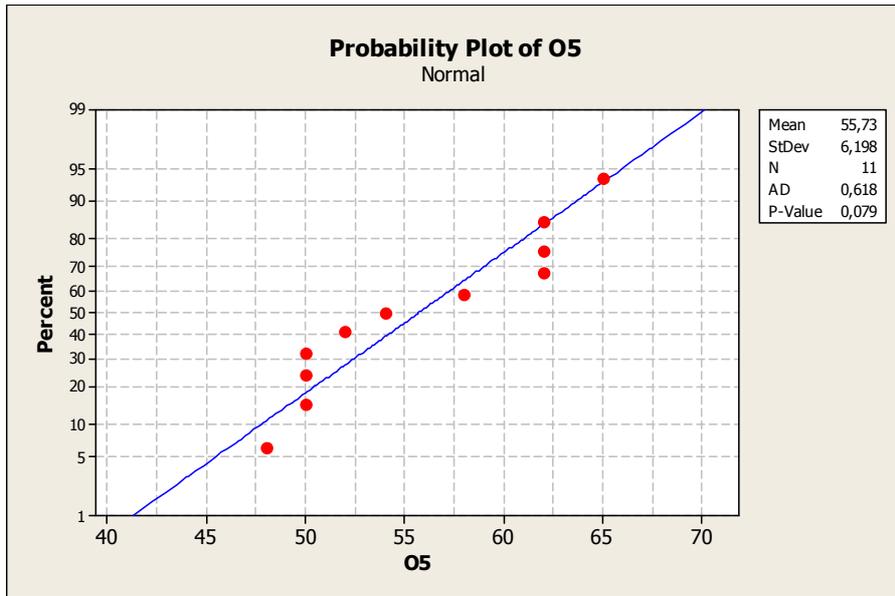


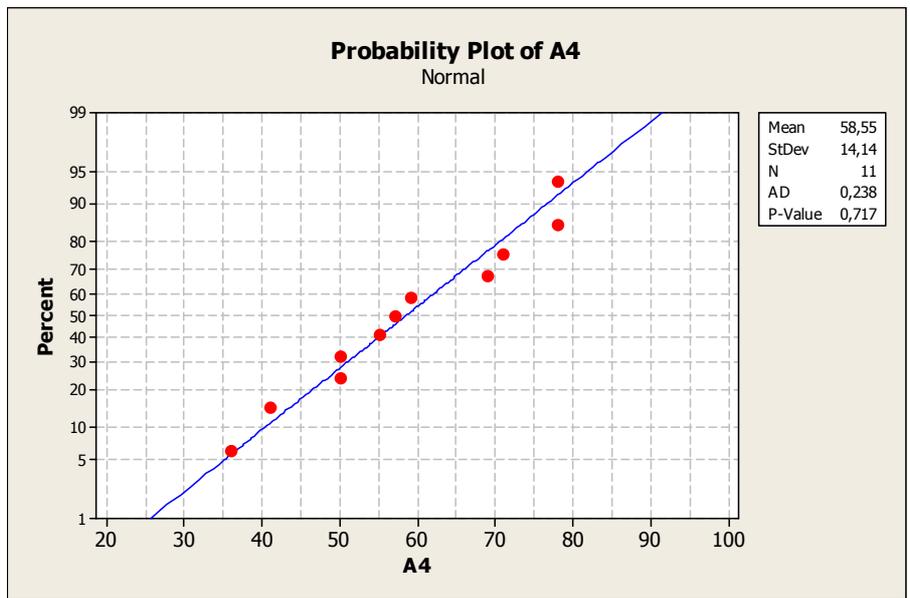
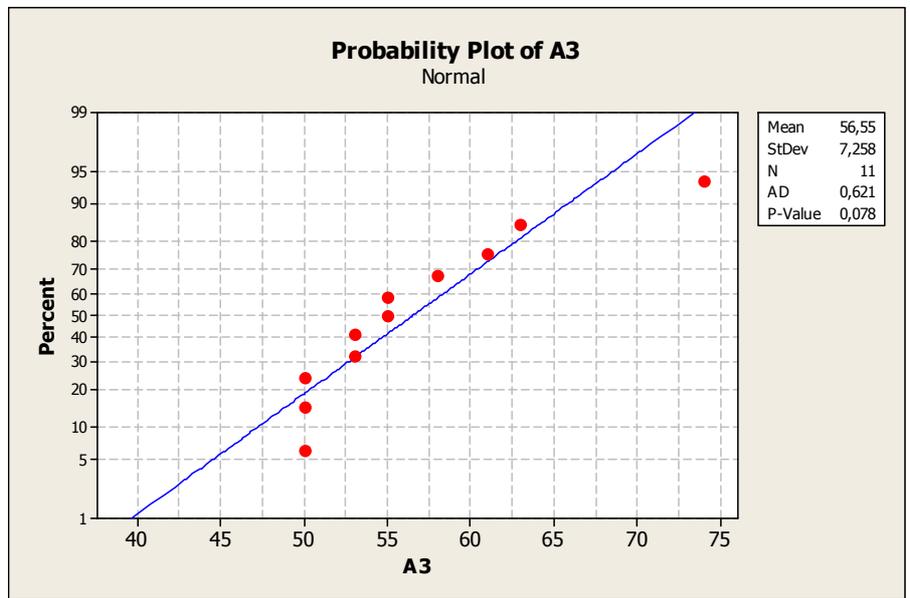
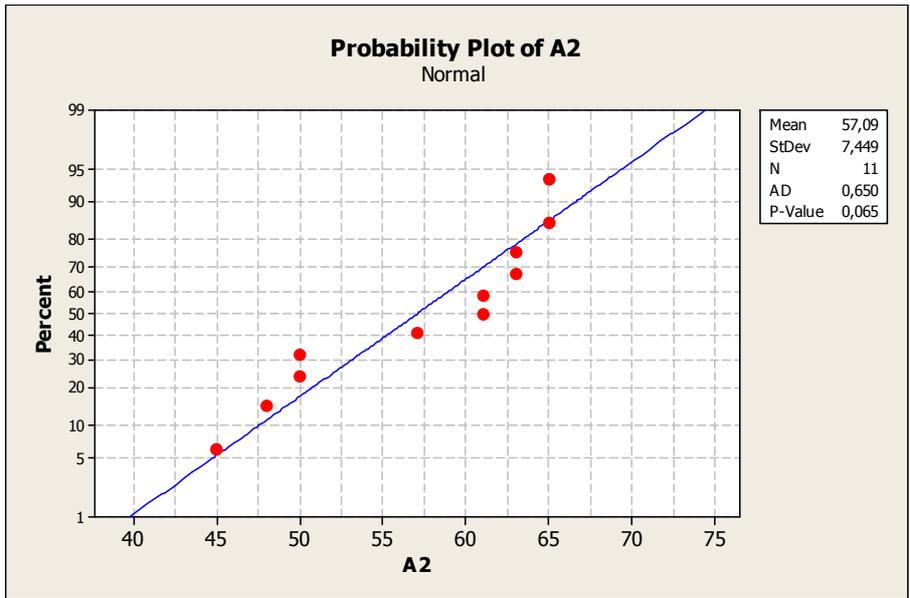


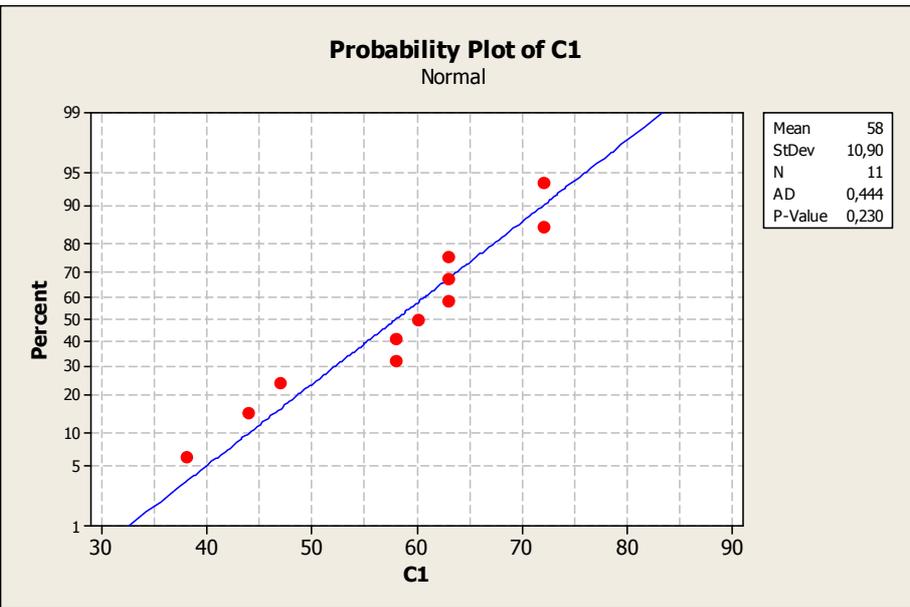
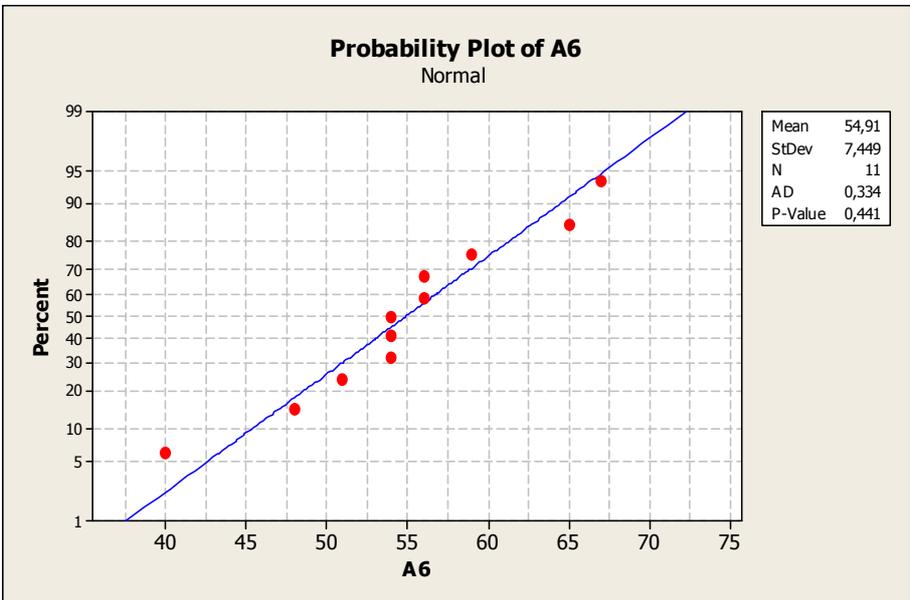
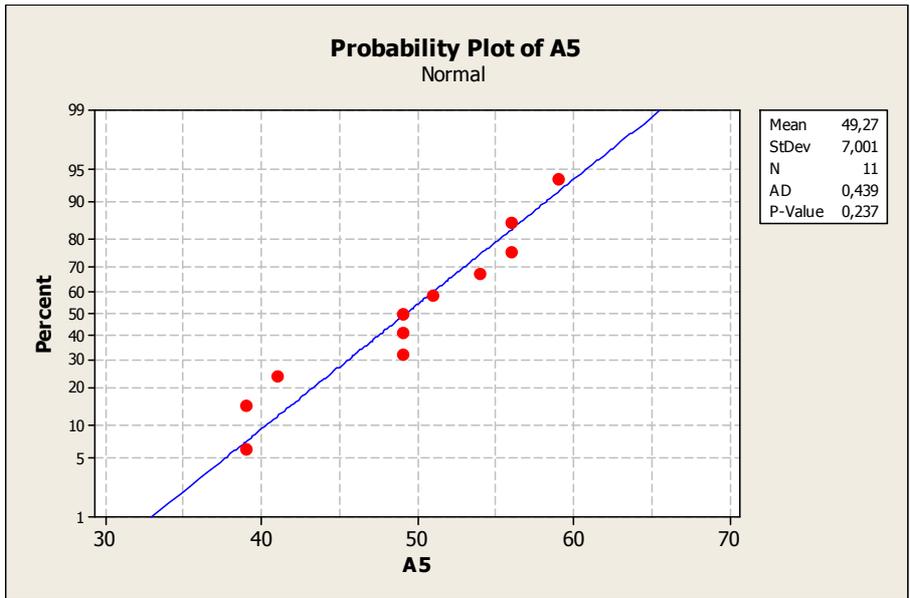


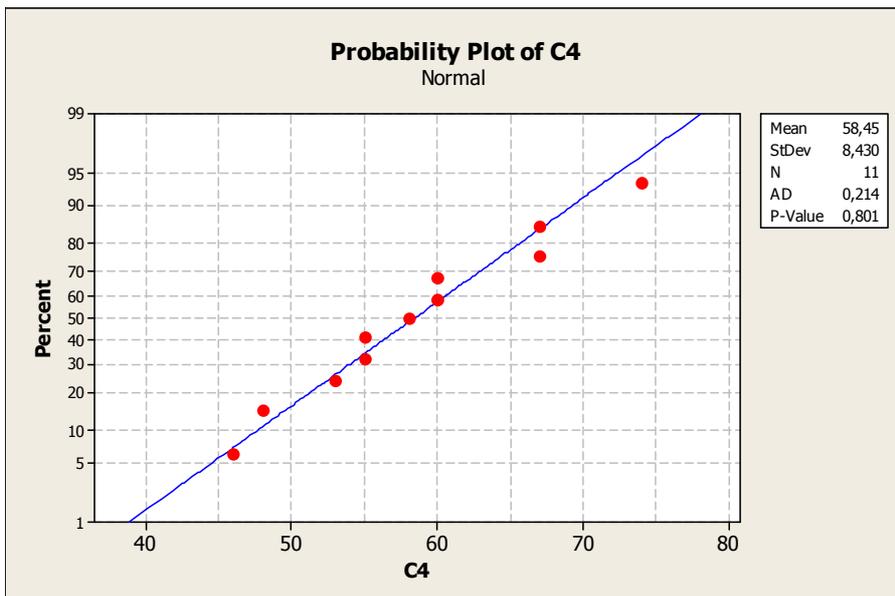
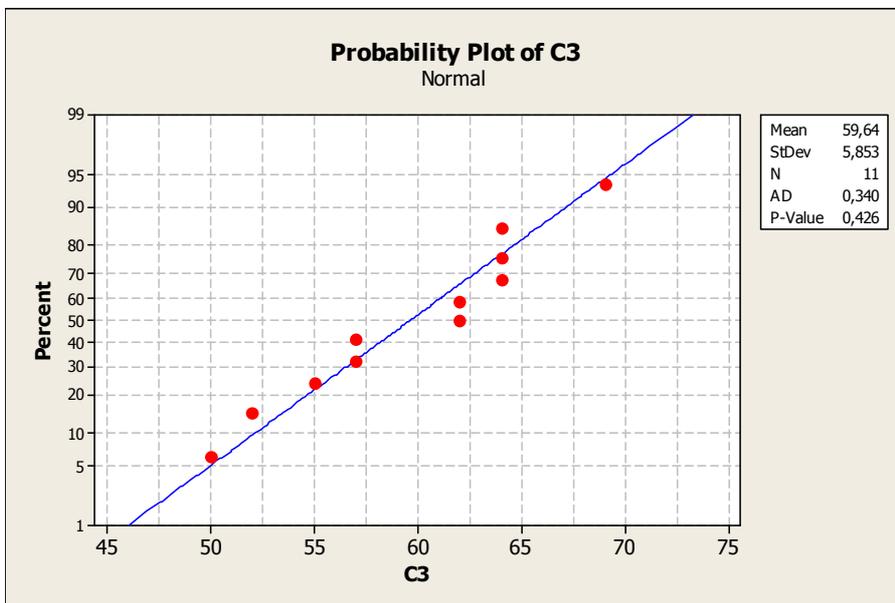
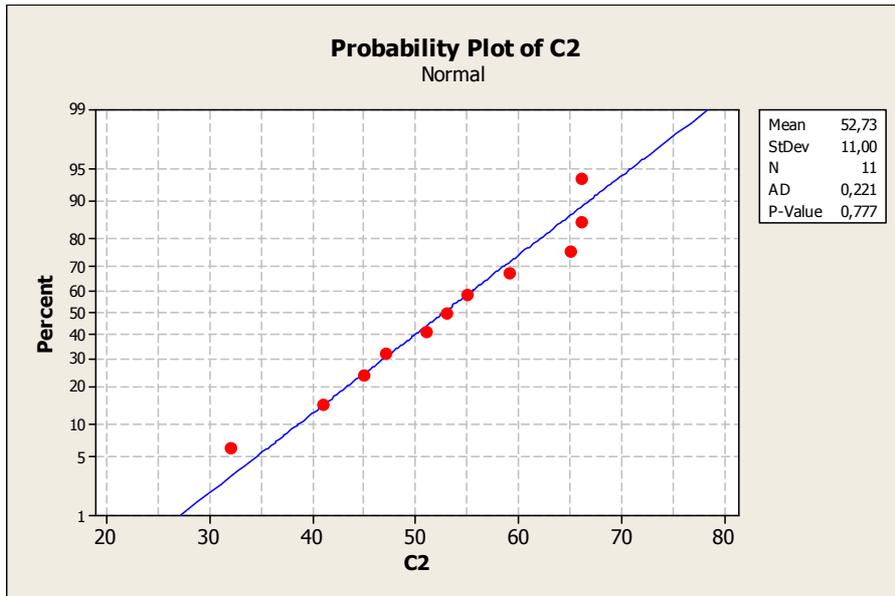


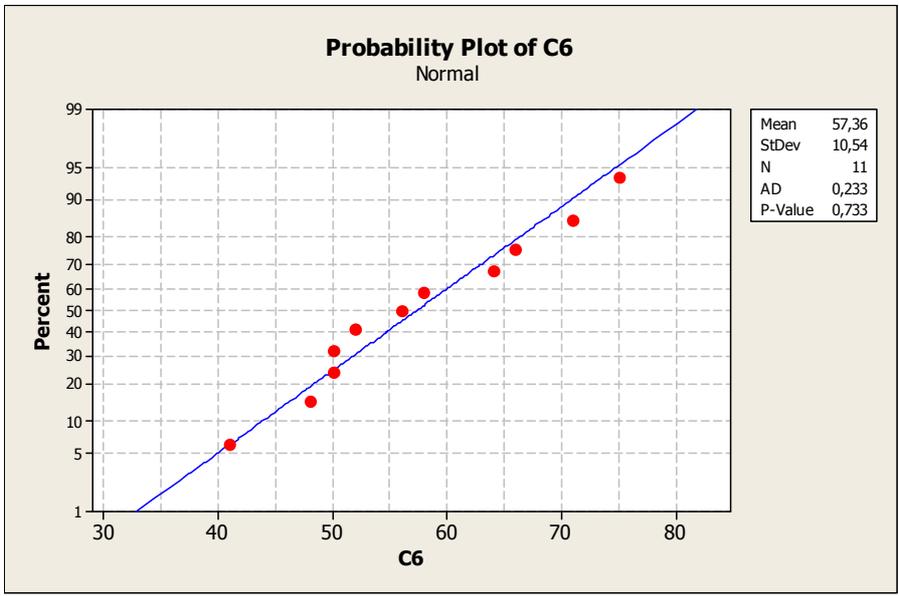
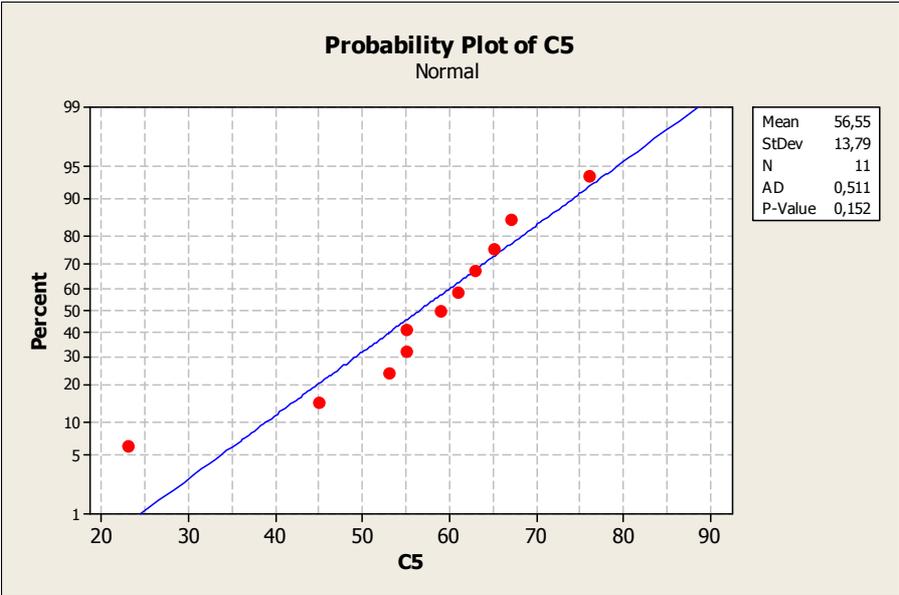




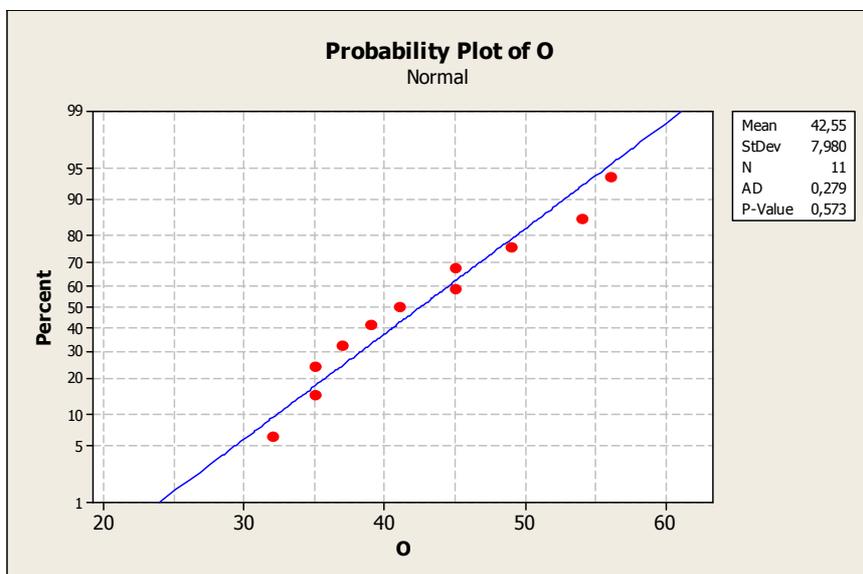
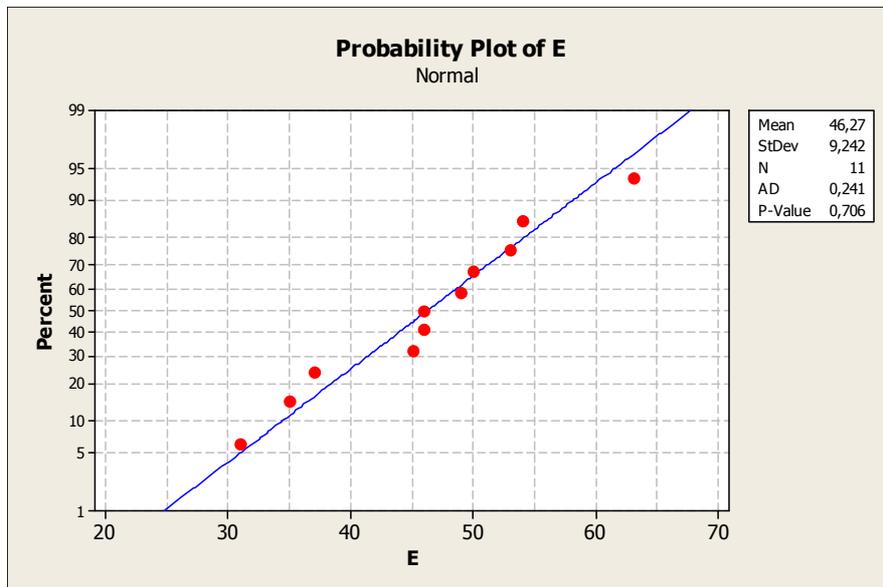
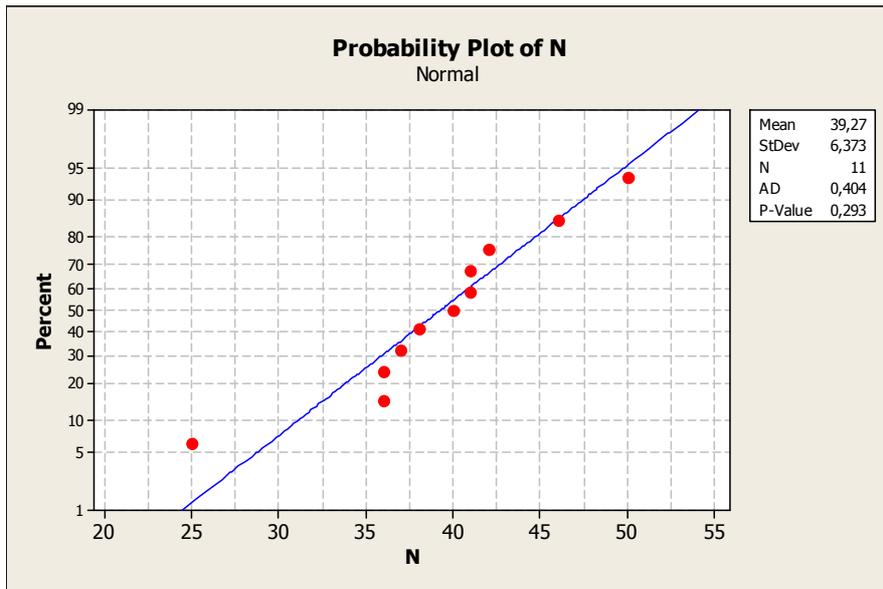


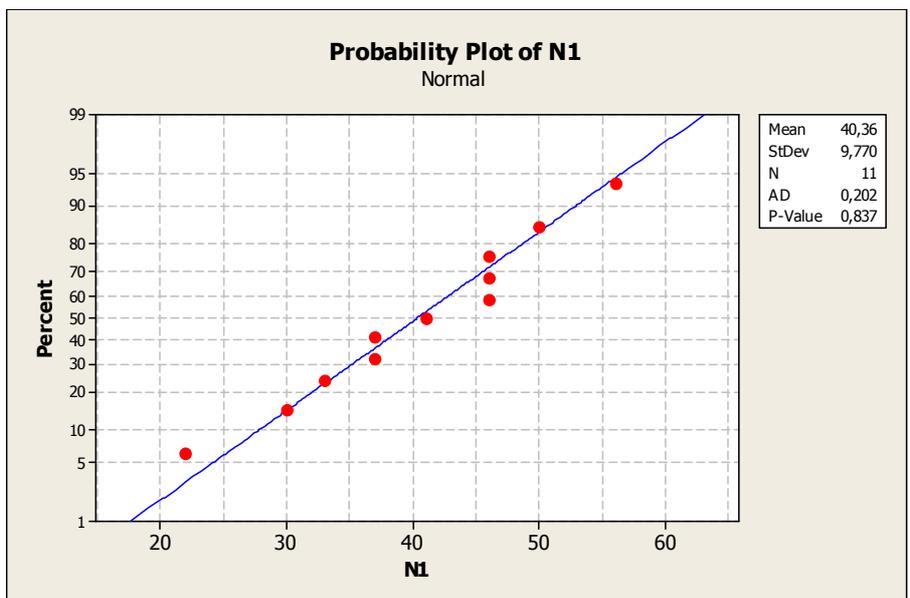
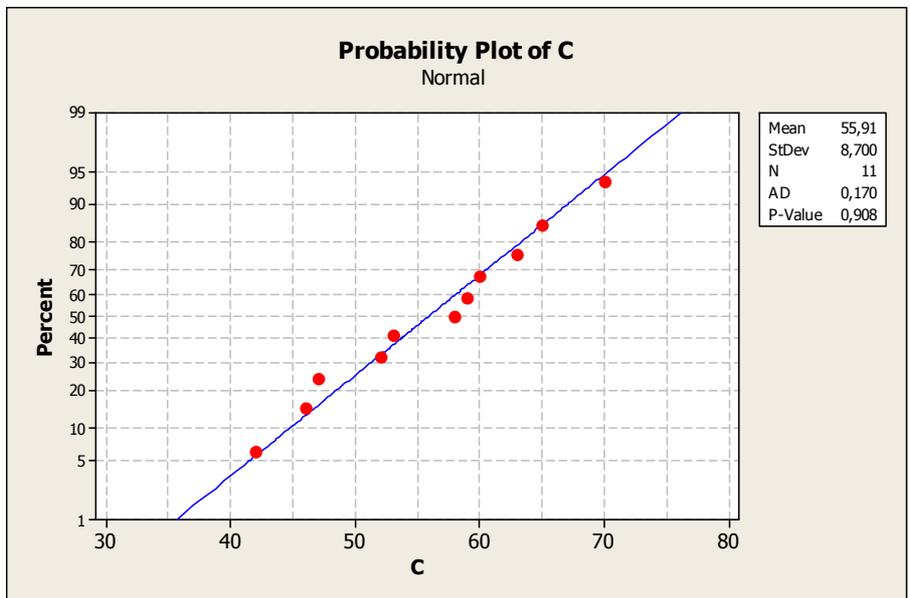
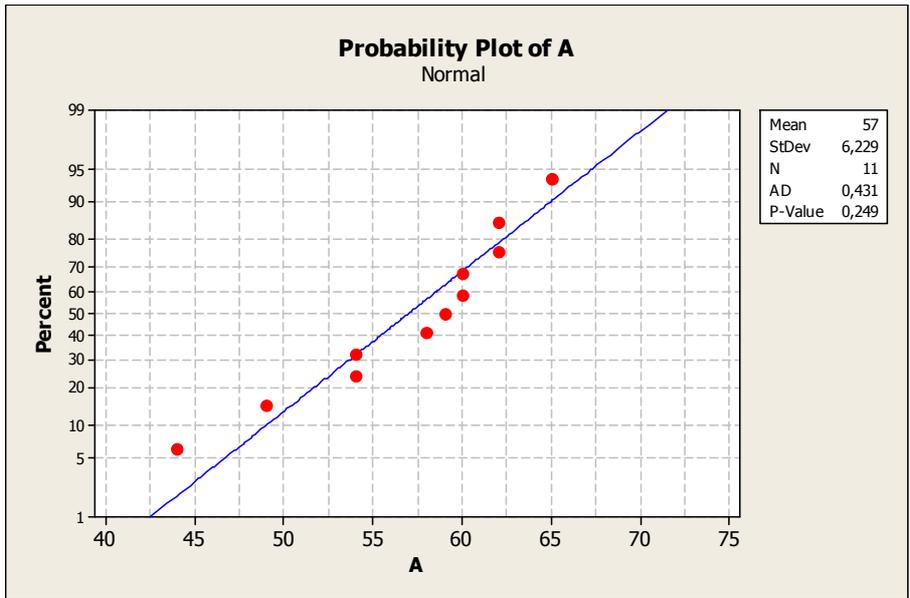


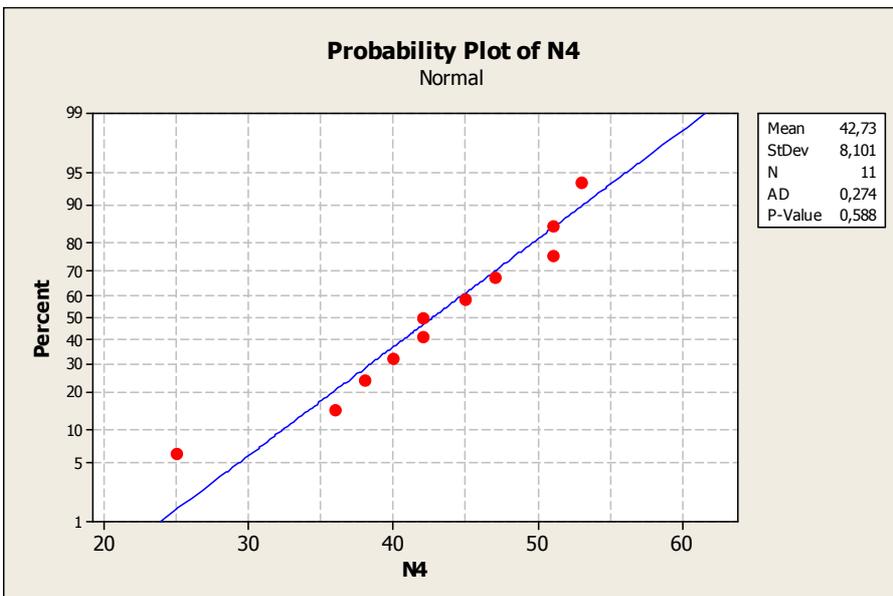
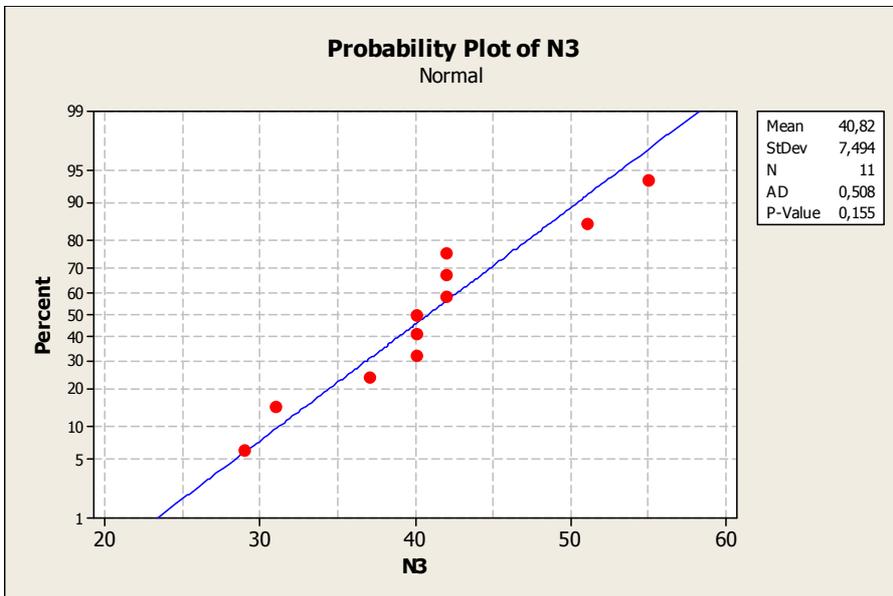
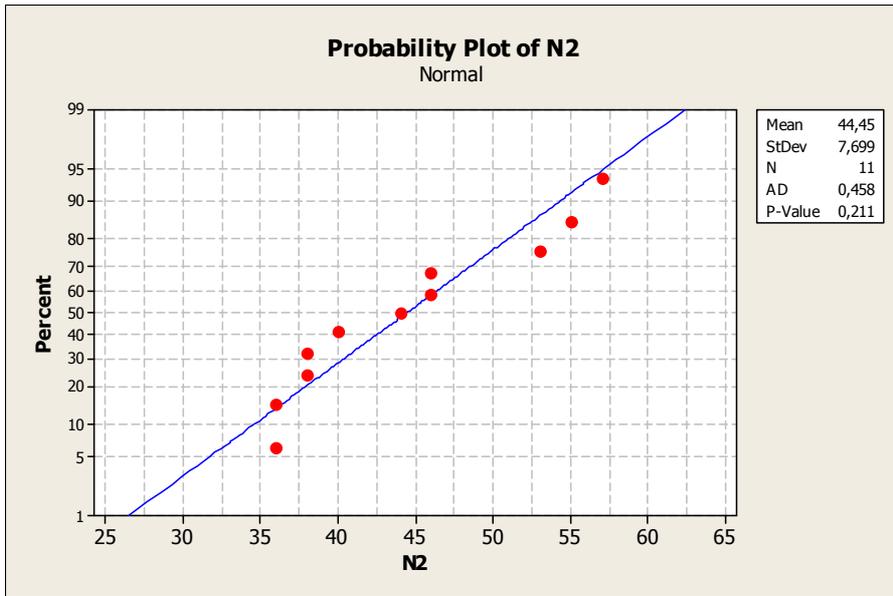


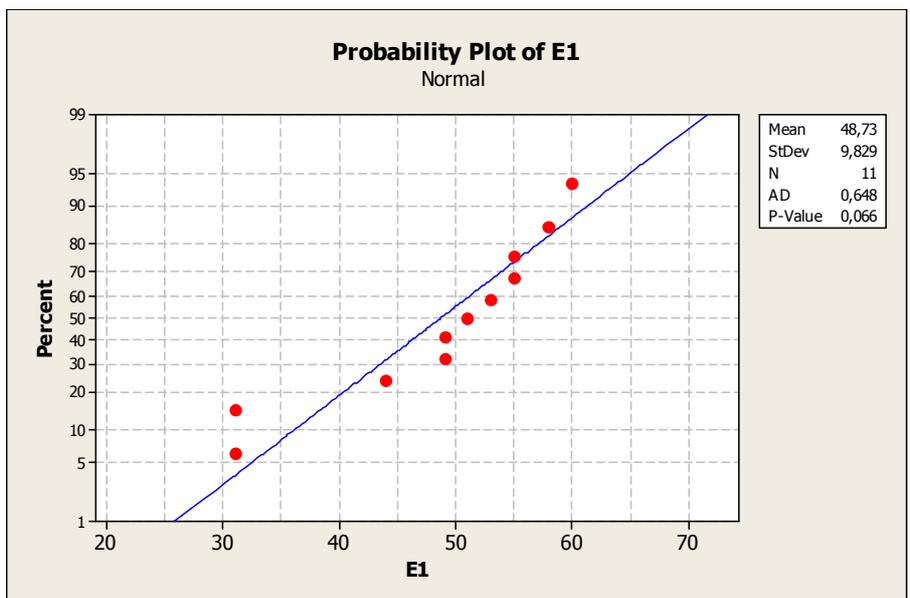
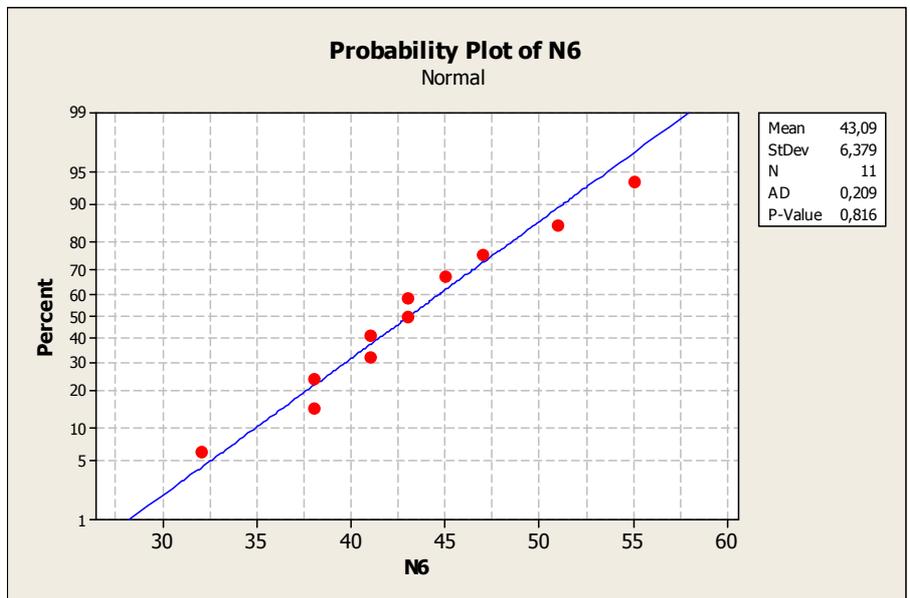
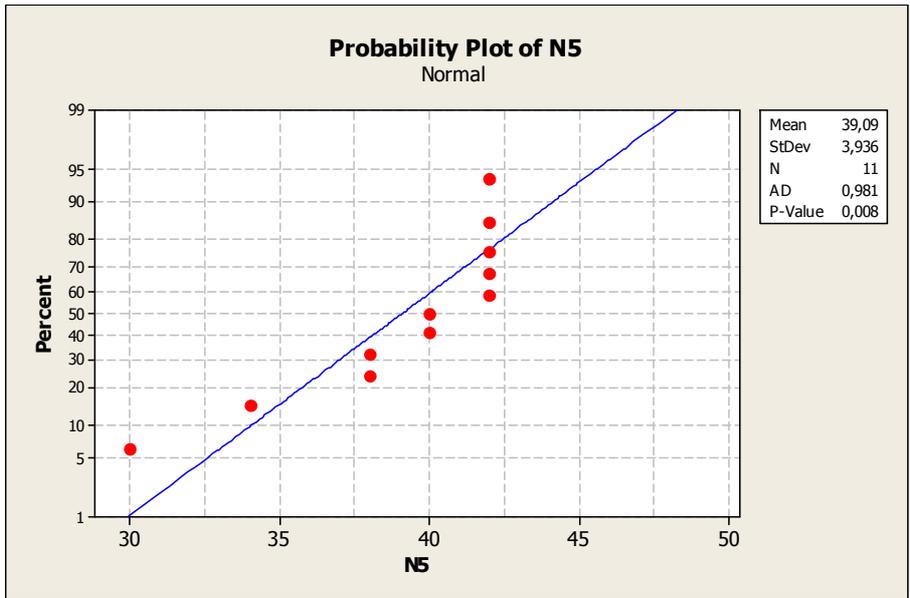


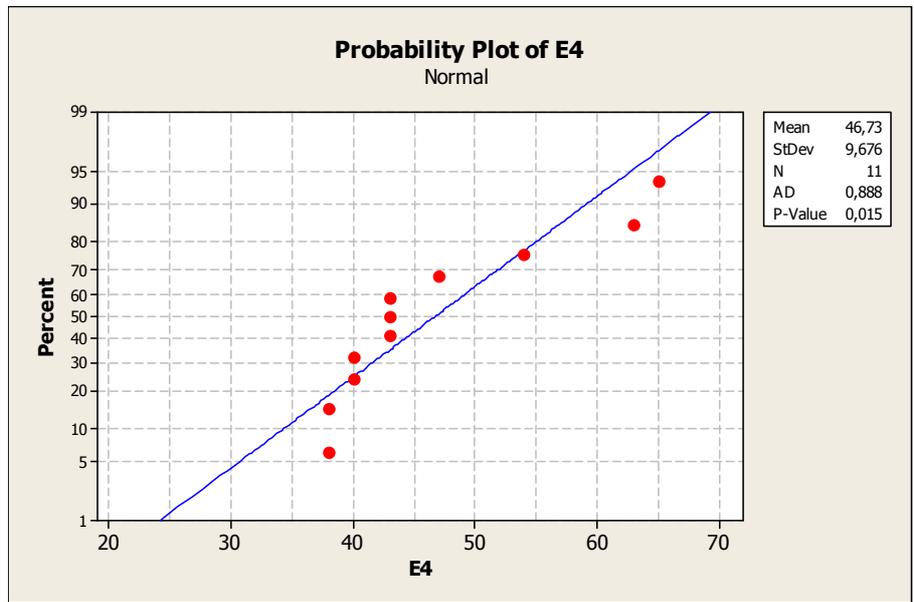
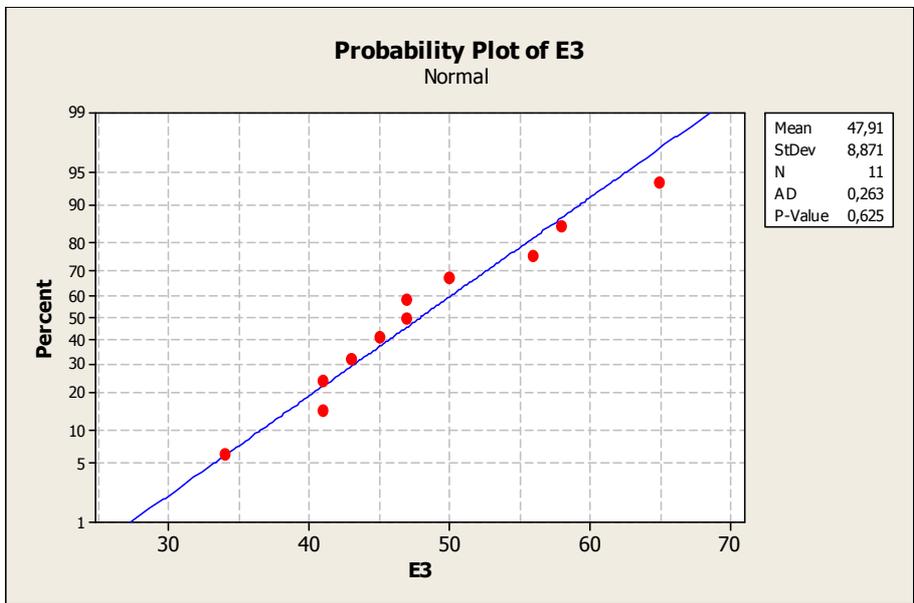
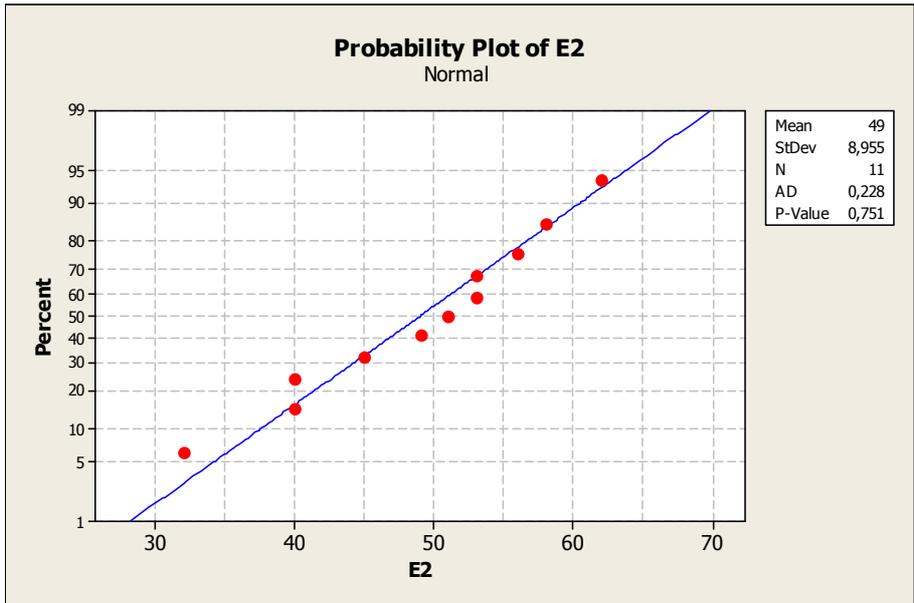
GRUPO C2

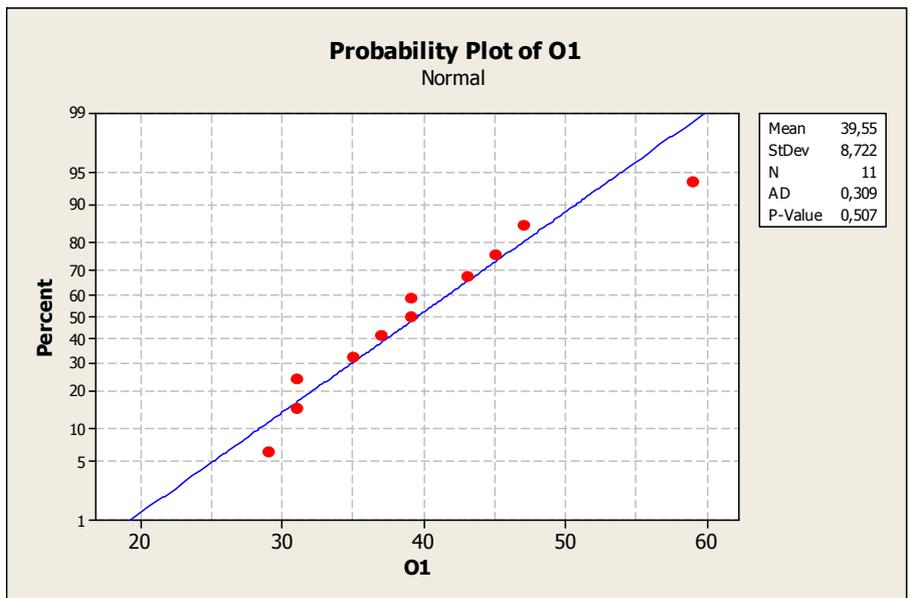
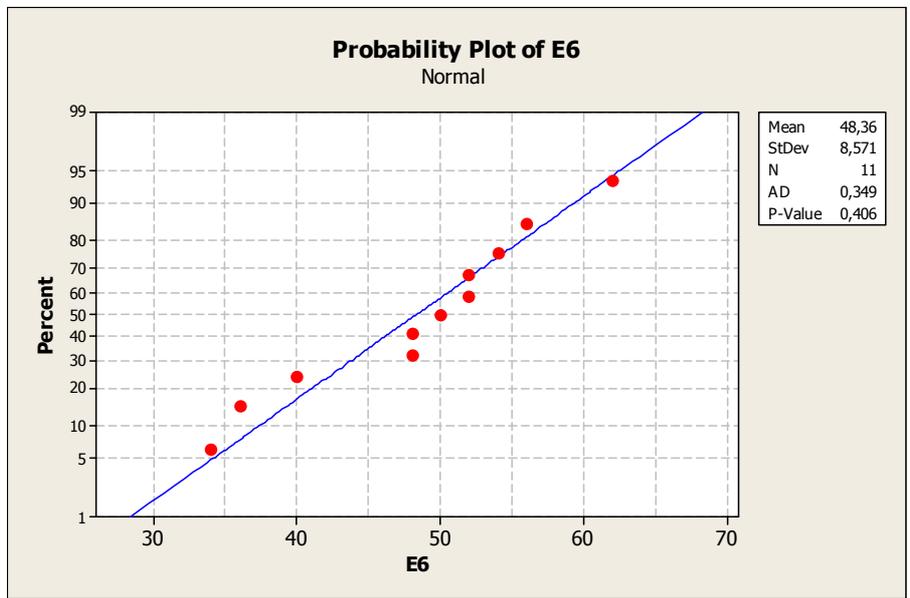
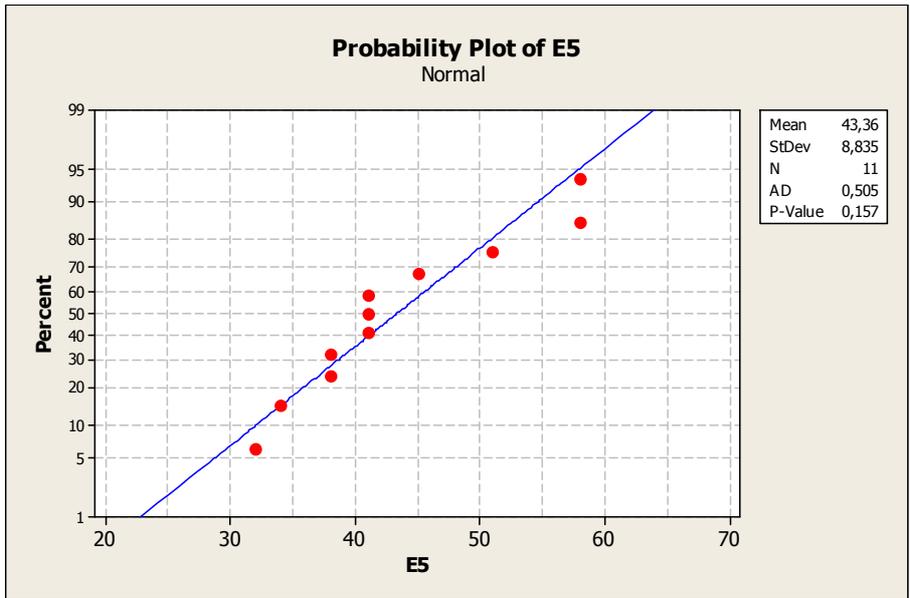


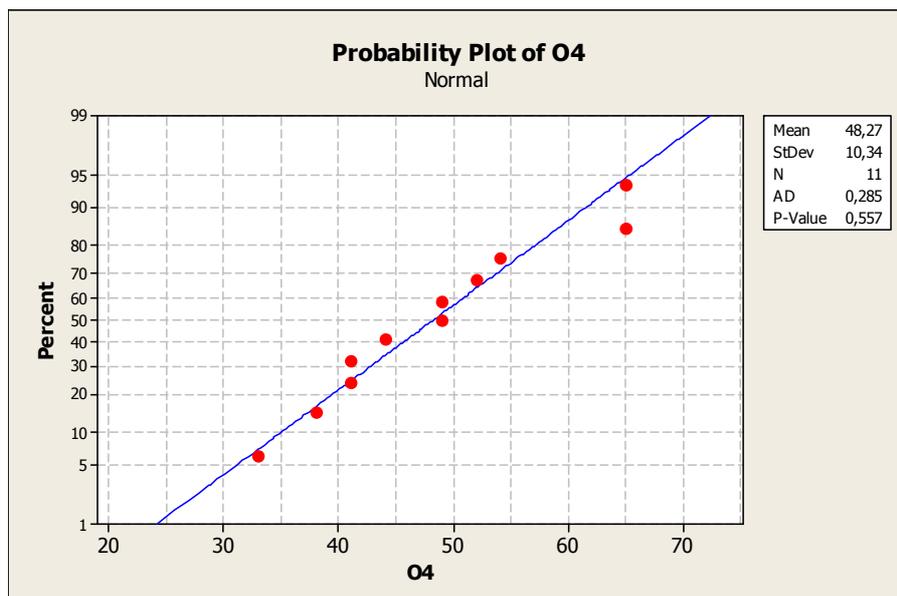
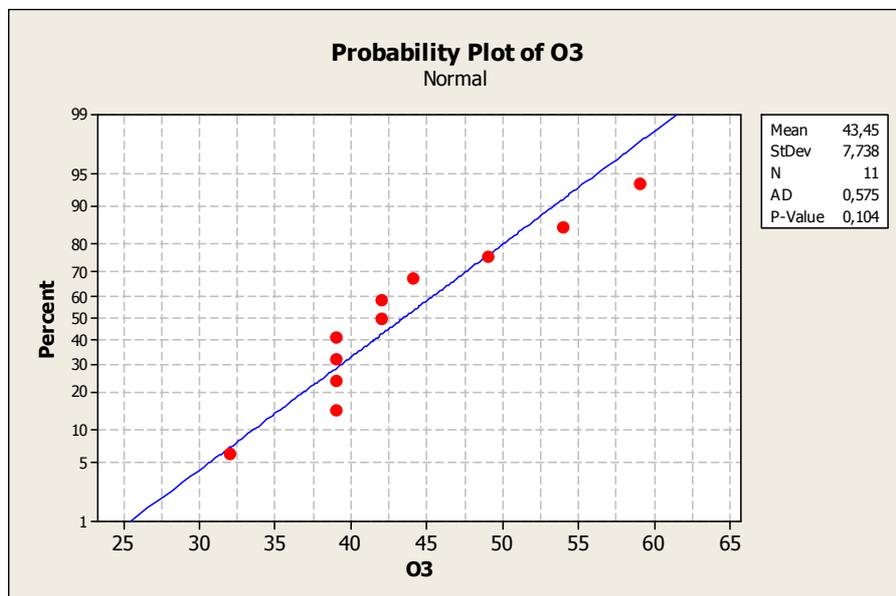
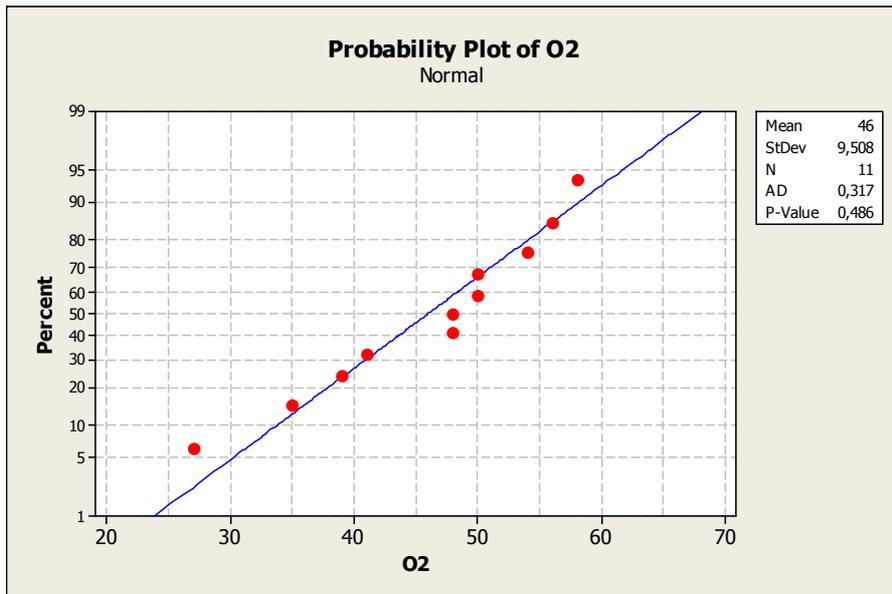


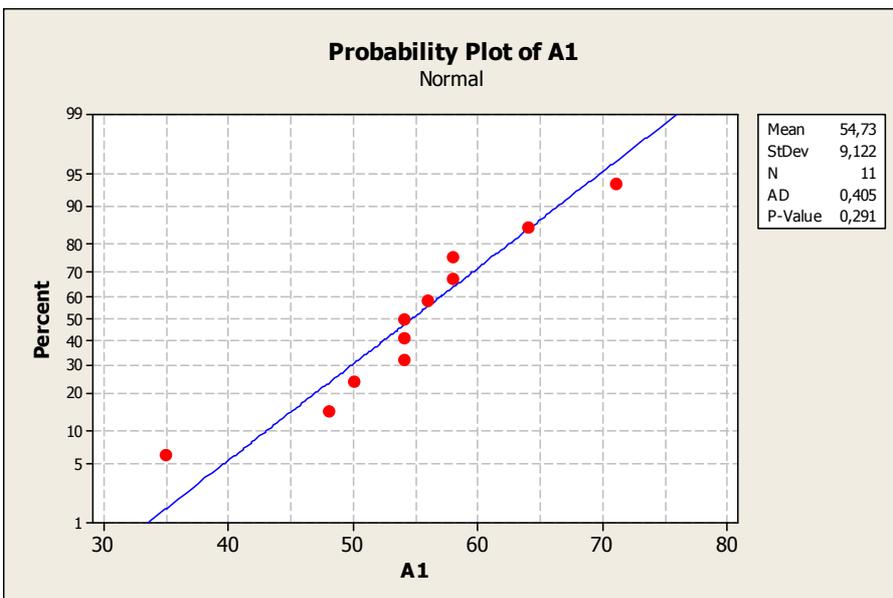
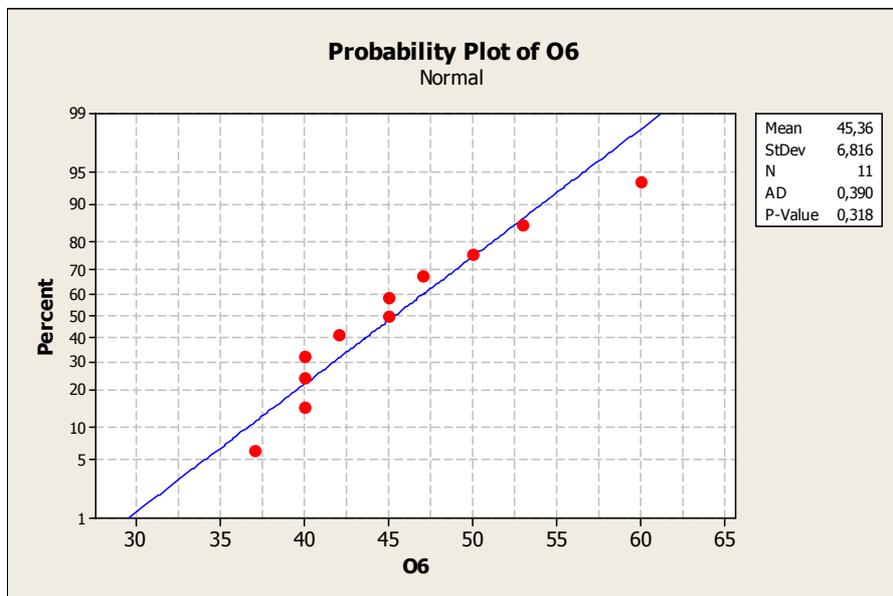
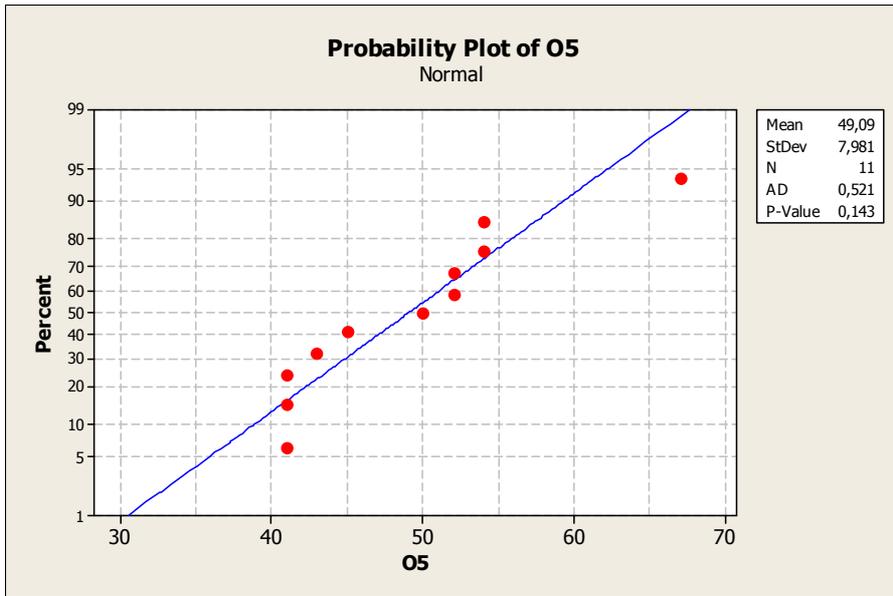


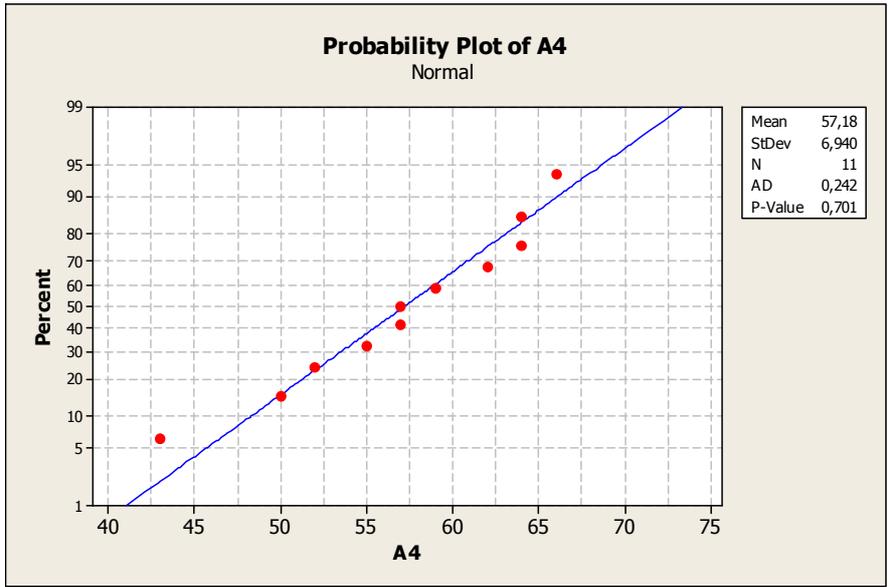
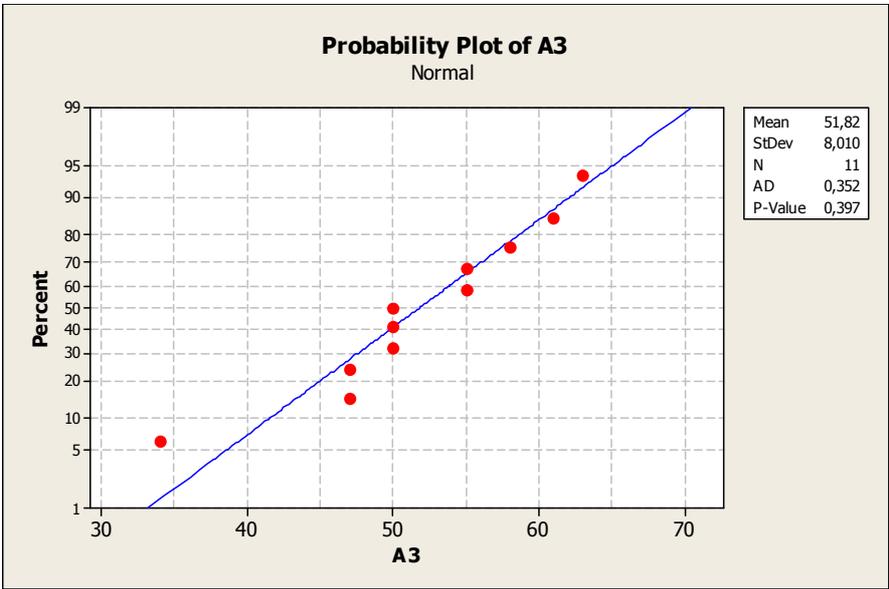
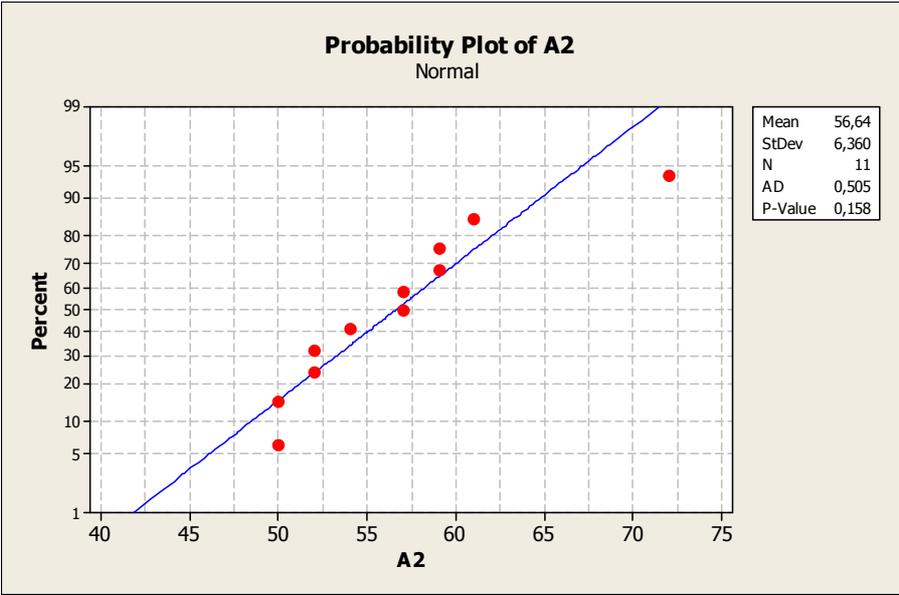


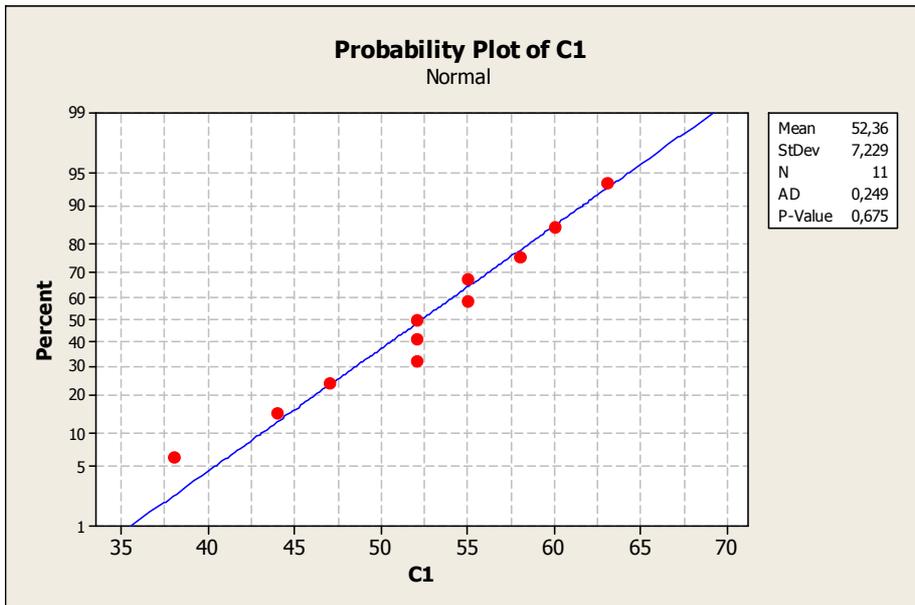
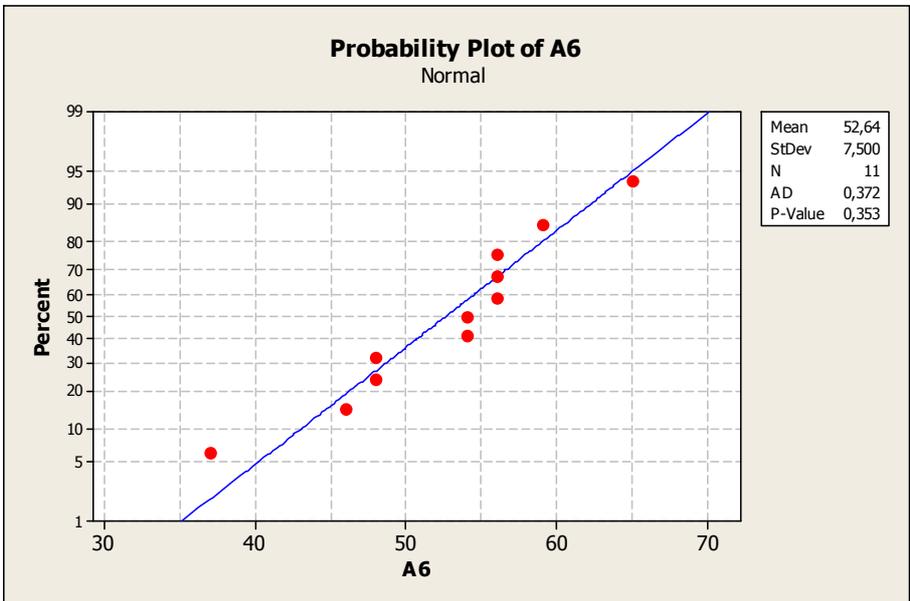
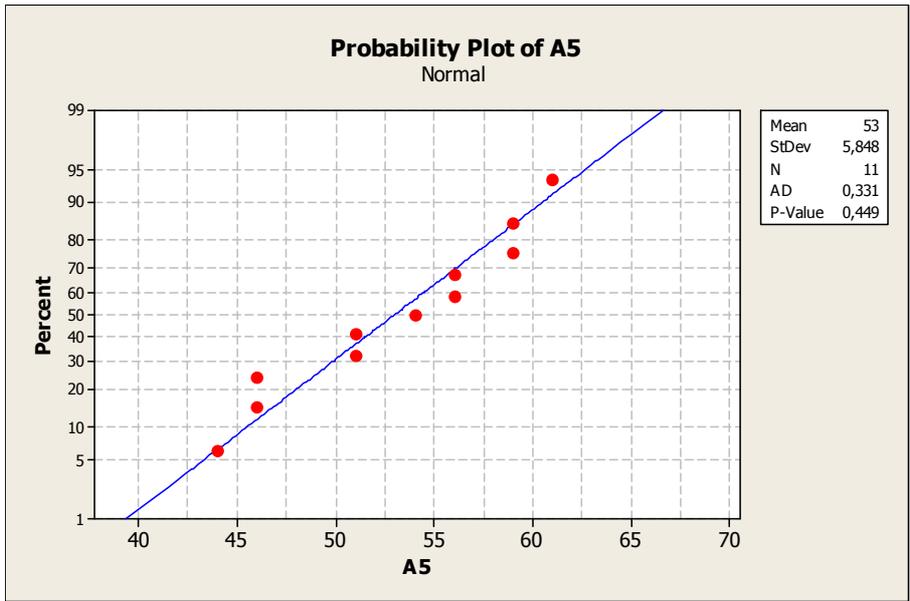


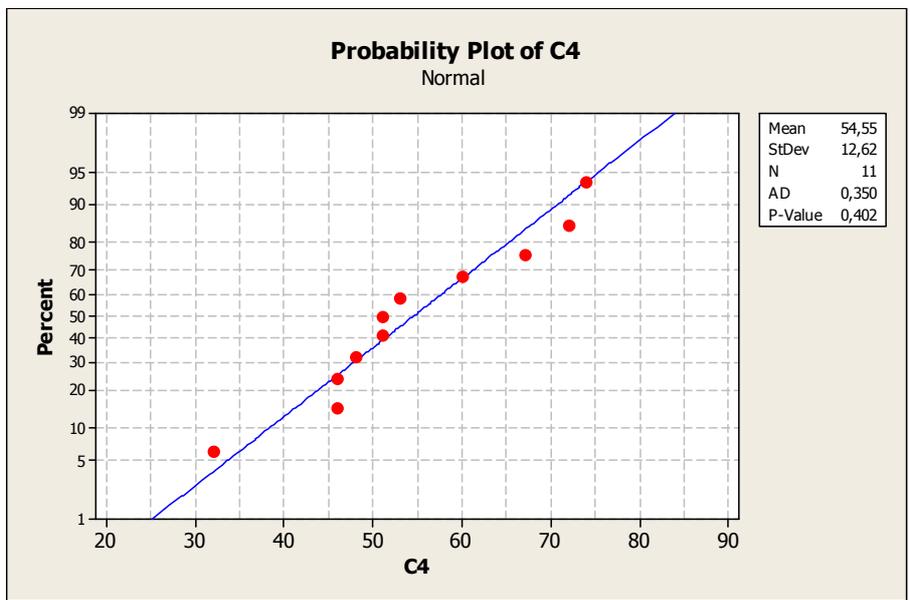
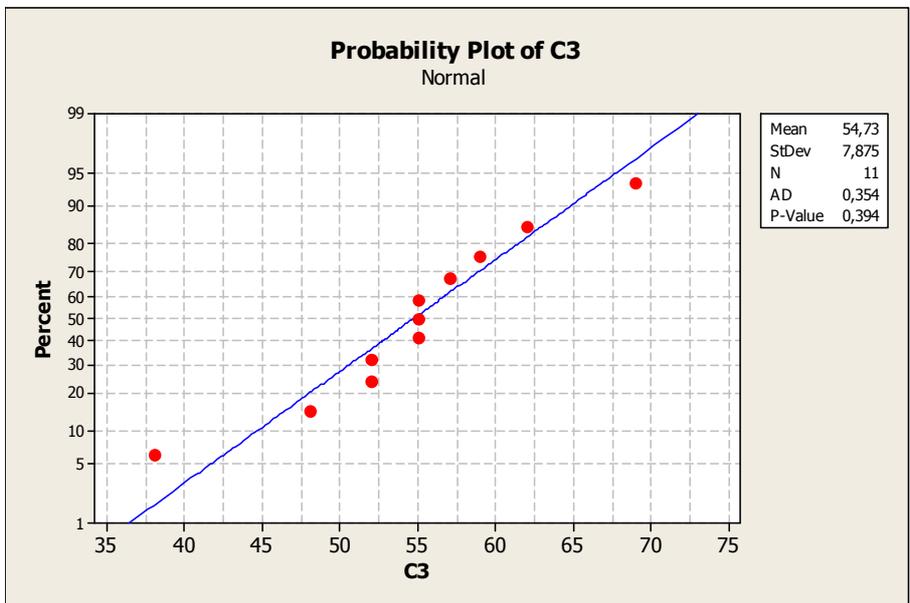
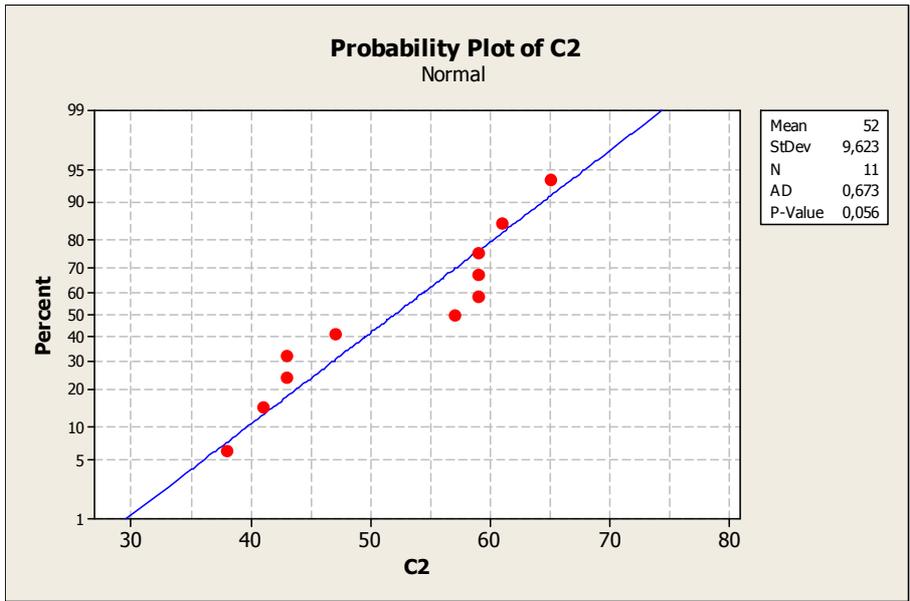


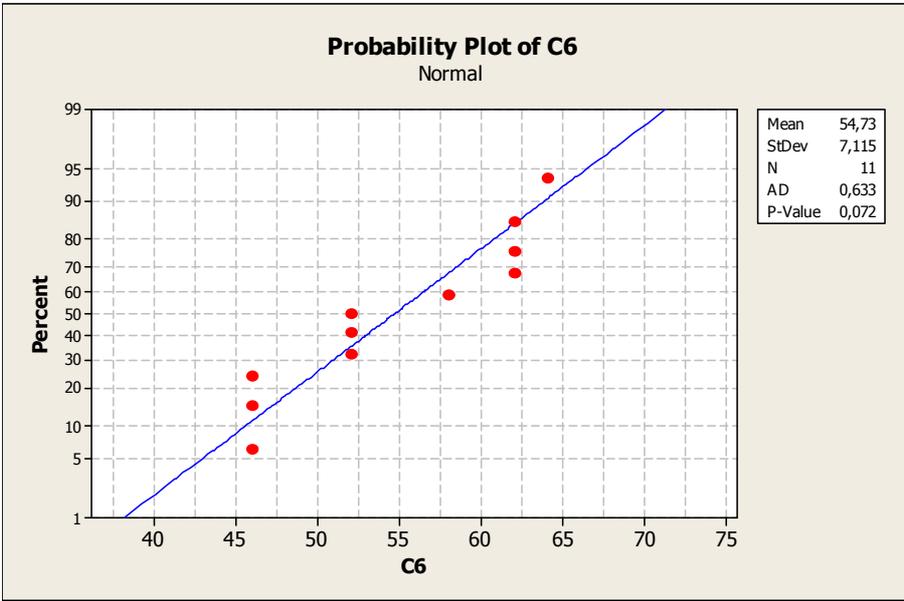
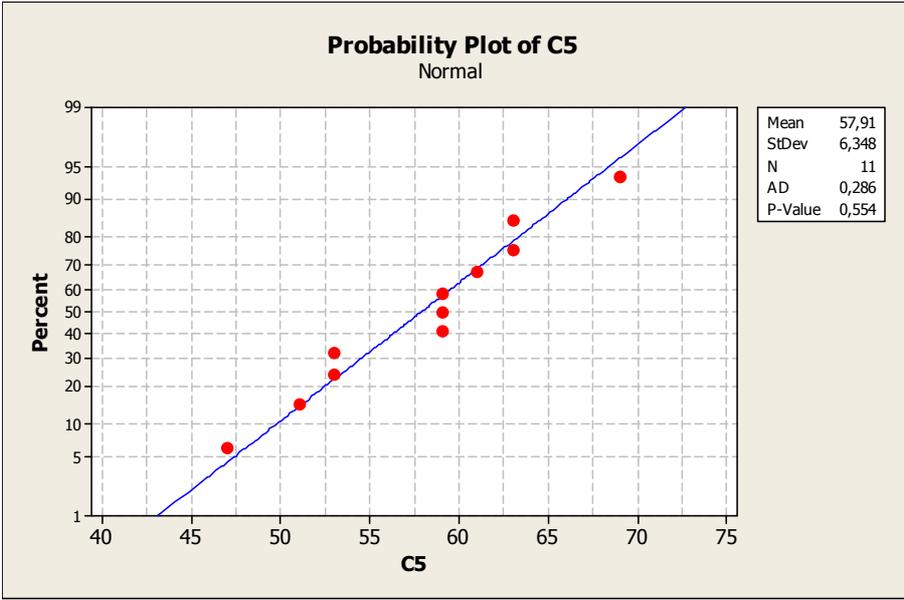




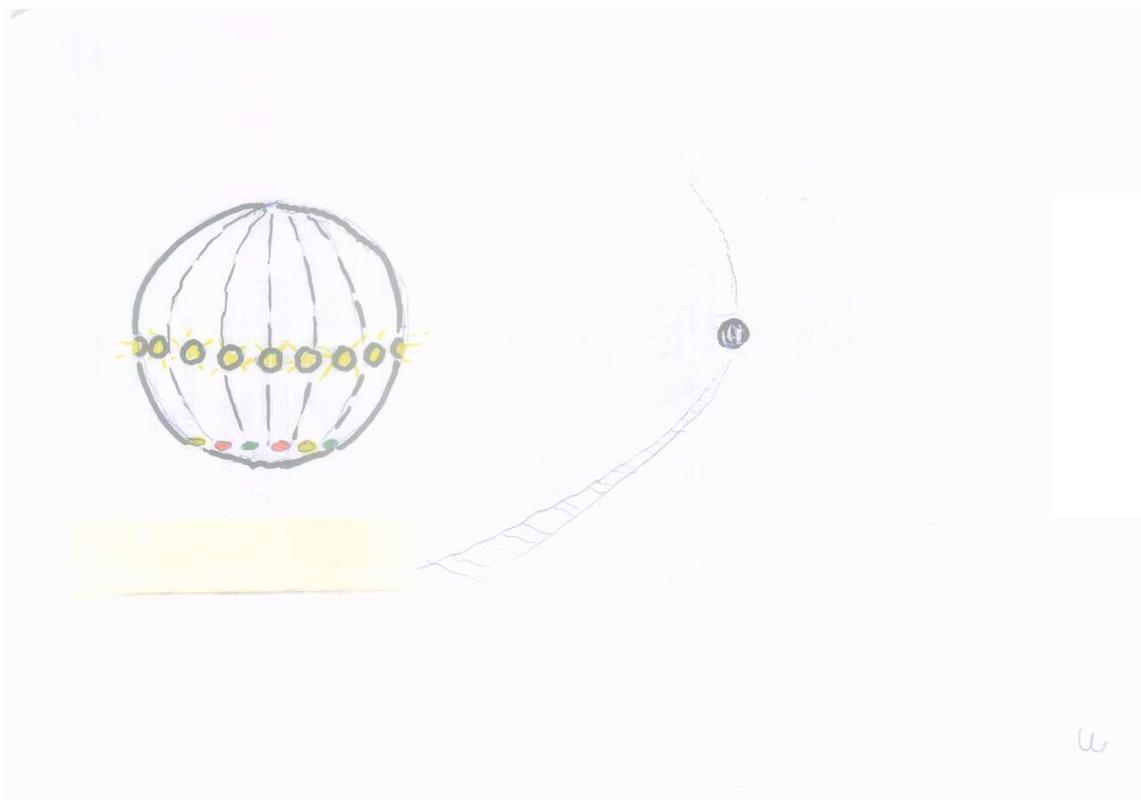




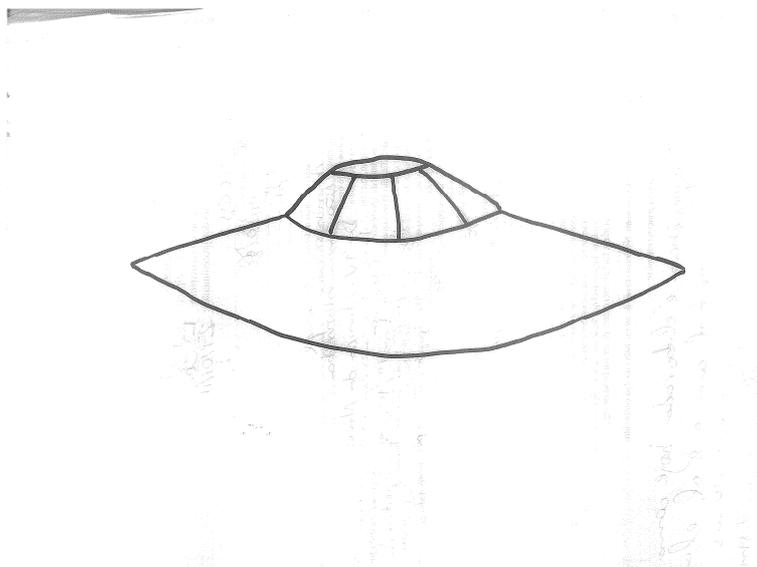




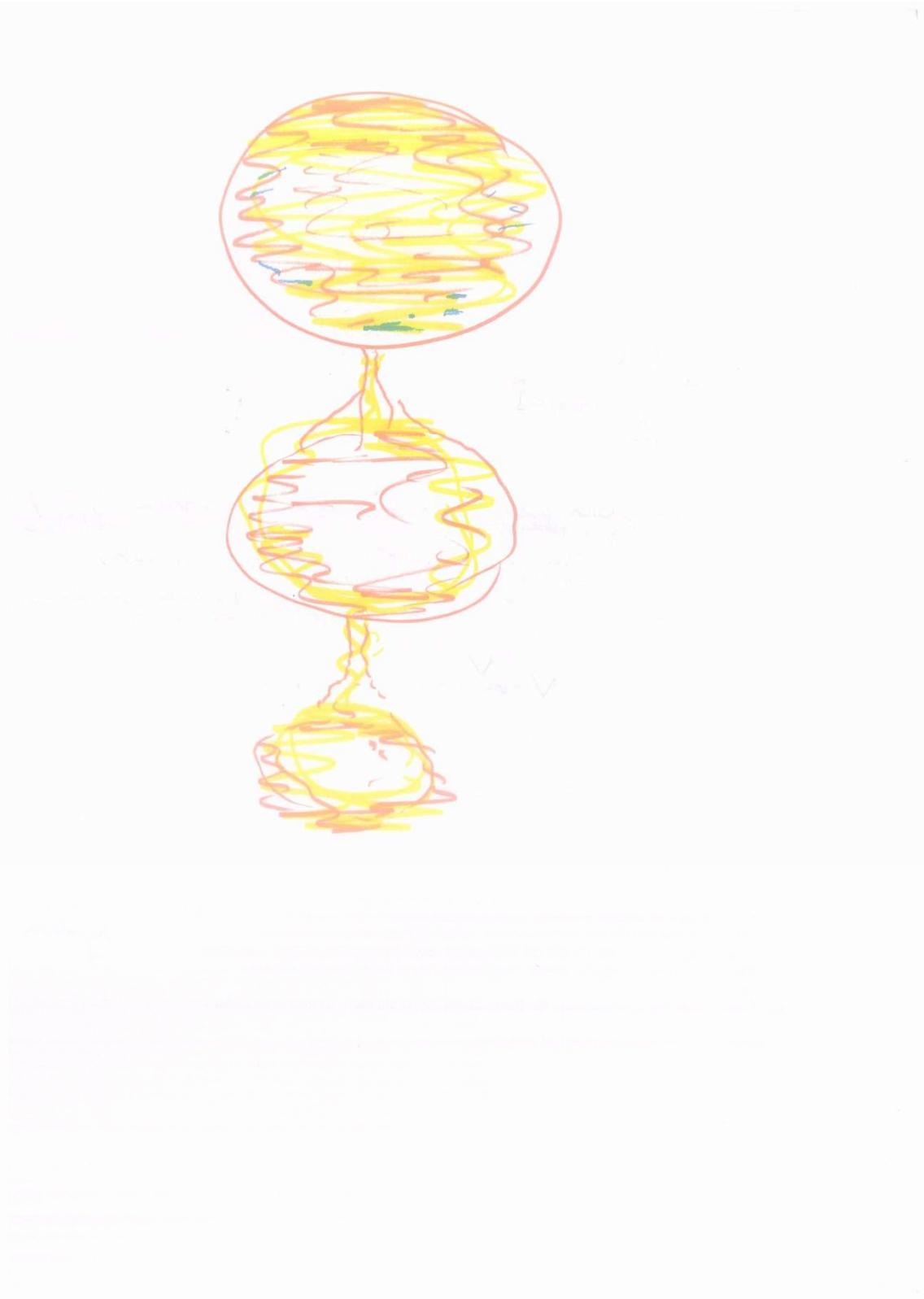
ANEXO A – Alguns desenhos feitos pelos voluntários para ilustrar seus relatos



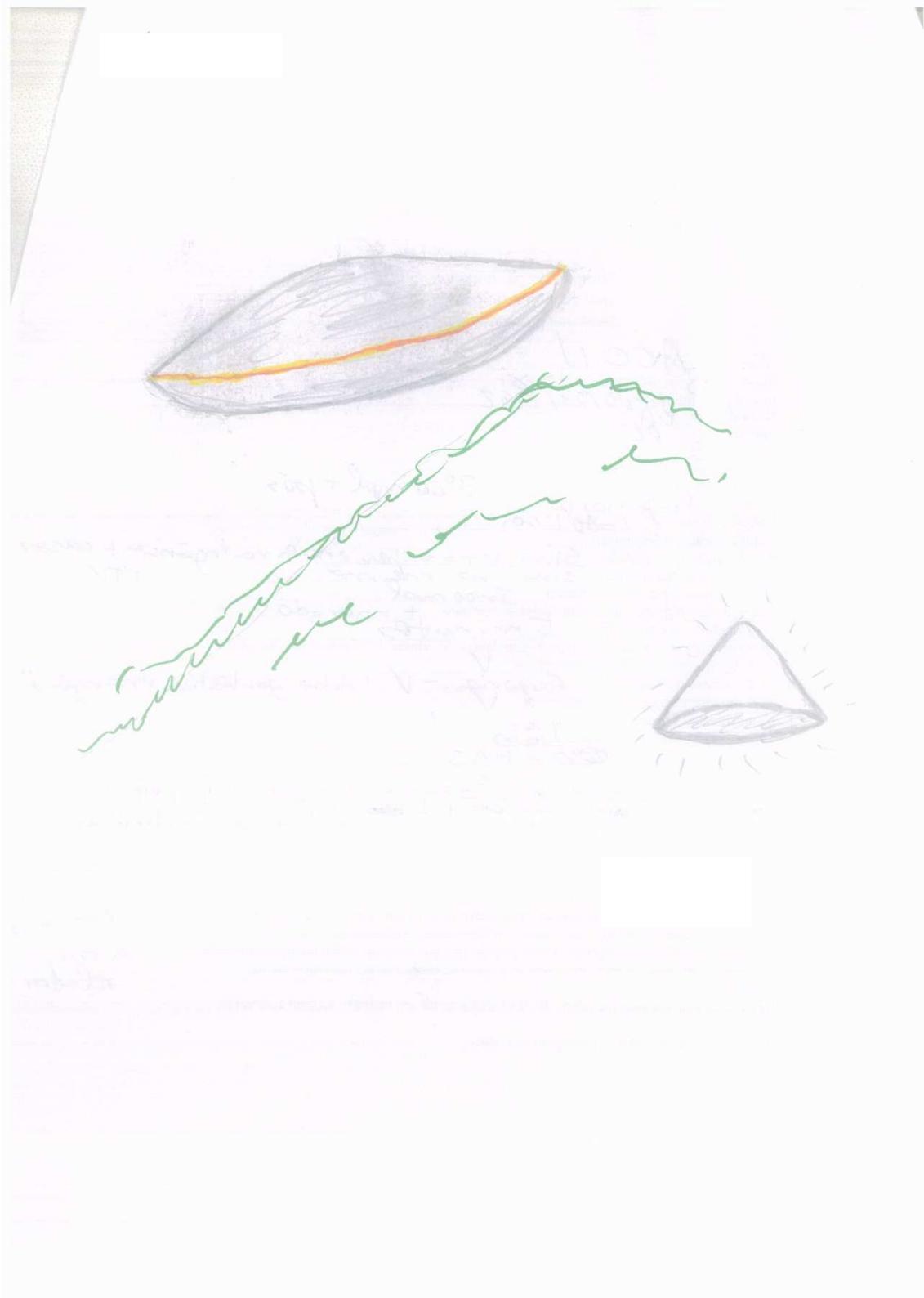
ANEXO B - Alguns desenhos feitos pelos voluntários para ilustrar seus relatos



ANEXO C – Um desenho feito por voluntária para ilustrar seu relatos



ANEXO D – Alguns desenhos feitos pelos voluntários para ilustrar seus relatos



ANEXO E – Um desenho feito por voluntária para ilustrar seu relato

